

LIVRO DO
PROFESSOR

VEM DESCOBRIR!

ARTE

Renato de Carvalho Cardoso (coord.)

Aline Nunes

Brunna Pinheiro Cardoso

Mariana Gomes Maziero

Taís Ferreira

1^o
ano



Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Arte

 **Editora
do Brasil**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

VEM DESCOBRIR!

ARTE

Renato de Carvalho Cardoso (coord.)

- Bacharel, Mestre e Doutor em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp)
- Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Autor de livros didáticos de Arte para o Ensino Fundamental (Anos Finais) e o Ensino Médio
- Autor de livros e artigos acadêmicos na área de Música
- Experiência em projetos sociais; atuação no Ensino Superior e na formação de professores em Música

Aline Nunes

- Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Doutora em Arte e Cultura Visual (PPGACV) pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
- Professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Artes (Pibid Arte) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Autora de artigos acadêmicos na área de Artes Visuais
- Professora e formadora de professores da Educação Básica, em Artes Visuais e Educação, na rede pública de ensino

Bruna Pinheiro Cardoso

- Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Especialista em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Coordenadora editorial com experiência nos componentes Arte, Língua Portuguesa e Linguagens
- Autora de suplementos literários e livros para a educação de jovens e adultos

Mariana Gomes Maziero

- Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
- Licenciada em Música pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)
- Especialista em Educação Musical pela Faculdade Cantareira (FC)
- Mestre em Música pelo Instituto de Artes da Unesp
- Doutoranda em Música pelo Instituto de Artes da Unesp
- Autora de artigos acadêmicos na área de Música
- Experiência em musicalização, projetos sociais e instituições de ensino de Música

Taís Ferreira

- Bacharel em Artes Cênicas – Interpretação Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Doutora em Arti Visive, Performative e Mediali pela Università di Bologna (Itália)
- Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
- Professora na área de Artes – Teatro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Pesquisadora e autora de livros, capítulos, material didático e artigos acadêmicos na área de Pedagogia das Artes Cênicas, Infâncias e Formação de Professores

1^o
ano

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

“Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada”

1ª edição
São Paulo, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vem descobrir! : arte : 1º ano : ensino fundamental : anos iniciais / Aline Nunes...[et al.] ; Renato de Carvalho Cardoso (coord.). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2025. -- (Vem descobrir!)

Outros autores: Brunna Pinheiro Cardoso, Mariana Gomes Maziero, Taís Ferreira
ISBN 978-85-10-10759-4 (aluno)
ISBN 978-85-10-10758-7 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Nunes, Aline. II. Cardoso, Brunna Pinheiro. III. Maziero, Mariana Gomes. IV. Ferreira, Taís. V. Cardoso, Renato de Carvalho. VI. Série.

25-293106.0

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5
Cibebe Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2025
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Paulo Serino de Souza

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Tatiany Telles Renó

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de design: Catherine Saori Ishihara

Supervisão de arte: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Cristina da Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle e planejamento editorial: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Luciana Sposito

Supervisão editorial: Nathalia Cristine Folli Simões

Consultoria técnico-pedagógica: Paloma Franca Amorim

Produção editorial: Transforma Editorial

Tratamento de imagens: Estúdio M Imagens

Projeto gráfico: Estúdio M Imagens

Capa: Talita Lima

Imagem de capa: Jaqueline de Oliveira

Edição de arte: Ricardo Brito

Ilustrações: Ana Barbosa, Andréa Martau, Bi Aguiart, João Arenhart, Kézia Trentini e Rodrigo Faccio

Editoração eletrônica: Abel Design

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Marianna Moretti, Solange Rodrigues e Tainá Esposto

Controle e planejamento editorial: Bianca Gomes, Isabel Ferreira, Julia Narvas, Juliana Gonçalves, Larissa Facco, Liliam Gagliardi, Maria Trofino, Renata Vieira e Valéria Alves

1ª edição / 1ª impressão, 2025
Impresso no parque gráfico da...

As capas desta coleção reúnem o talento vibrante de ilustradores de todas as regiões do Brasil, oferecendo um mosaico visual da cultura e da criatividade brasileira.



Avenida das Nações Unidas, 12901
Torre Oeste, 20º andar
São Paulo, SP - CEP: 04578-910
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

QUERIDA CRIANÇA,

VOCÊ JÁ DANÇOU, CANTOU, BRINCOU DE FAZ DE CONTA, IMITOU ALGUÉM, DESENHOU, OBSERVOU FORMAS NAS NUVENS OU BATUCOU PARA FAZER SOM?

TUDO ISSO (E MUITO MAIS!) É A ARTE PRESENTE NO DIA A DIA. ESSES GESTOS FAZEM PARTE DA VIDA, NOS AJUDANDO A PERCEBER E A CONHECER O MUNDO DE JEITOS DIFERENTES.

NESTA COLEÇÃO, VOCÊ VAI APRENDER SOBRE ARTES VISUAIS, DANÇA, MÚSICA E TEATRO, SENDO PROTAGONISTA EM JOGOS E BRINCADEIRAS E DESENVOLVENDO A PERCEPÇÃO E A IMAGINAÇÃO.

PARA ISSO, CONVIDAMOS VOCÊ A SE MOVIMENTAR, CANTAR, TOCAR, ENCENAR, IMITAR, PINTAR, FOTOGRAFAR, MONTAR, IMPROVISAR E SE DIVERTIR!

ENTÃO, PREPARE-SE PARA CONHECER E USUFRUIR AS ARTES EM SUAS DIFERENTES LINGUAGENS, LEVANDO ESSAS EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA PARA TODA A VIDA!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
AS AUTORAS, O AUTOR E A EQUIPE EDITORIAL
DA EDITORA DO BRASIL

CONHEÇA SEU LIVRO

AS SEÇÕES DE SEU LIVRO SÃO INTERESSANTES, VARIADAS E LÚDICAS. SAIBA MAIS SOBRE ELAS A SEGUIR.



ABERTURA DE UNIDADE

TRAZ DUAS IMAGENS QUE SÃO O PONTO DE PARTIDA PARA INICIAR UMA CONVERSA SOBRE O TEMA DA UNIDADE.



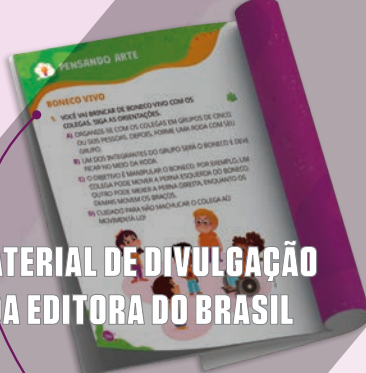
CONHECENDO ARTE

APRESENTA TEXTOS, IMAGENS E ÁUDIOS SOBRE OBRAS DE ARTE, ALÉM DE CURIOSIDADES SOBRE OS MAIS DIVERSOS ARTISTAS.



AQUECENDO

OFERECE ATIVIDADES INTERESSANTES E DIVERTIDAS PARA PREPARAR VOCÊ PARA O ESTUDO DA UNIDADE.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

PENSANDO ARTE

PROPÕE ATIVIDADES DE REFLEXÃO E DE EXPERIMENTAÇÃO QUE AJUDAM NA APRENDIZAGEM.



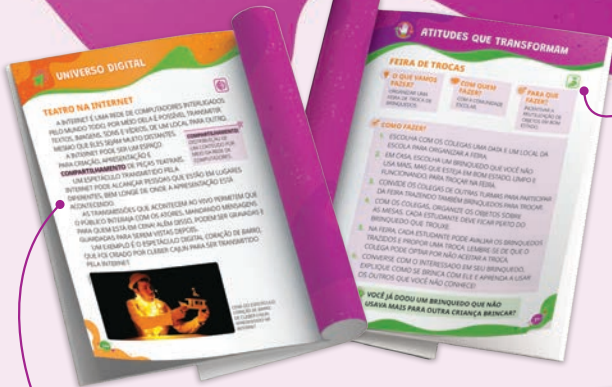
MALETA DE ARTISTA

TRAZ DIFERENTES MATERIAIS E TÉCNICAS QUE OS ARTISTAS UTILIZAM PARA CRIAR ARTE.



EXPRESSIONE DE ARTISTA

MOSTRA COMO OS ARTISTAS SE EXPRESSAM CADA UM A SUA MANEIRA.



UNIVERSO DIGITAL

ABORDA O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, SEUS BENEFÍCIOS E OS CUIDADOS PARA EXPLORÁ-LAS.

ATITUDES QUE TRANSFORMAM

CONTÉM ATIVIDADES QUE INCENTIVAM A PRÁTICA DE VALORES COMO ÉTICA, CIDADANIA, CULTURA DE PAZ, SUSTENTABILIDADE, ENTRE OUTROS.

O MUNDO QUE NOS CERCA

PROPÕE QUESTÕES SOBRE TEMAS IMPORTANTES PARA REFLEXÃO.



NESTA UNIDADE, VIMOS

RETOMA OS PRINCIPAIS CONCEITOS E PROCEDIMENTOS TRABALHADOS NA UNIDADE.



FAZENDO ARTE

TRAZ UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA QUE RETOMA OS CONCEITOS APRESENTADOS NA UNIDADE.



ARTES INTEGRADAS

APRESENTA MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS QUE INTEGRAM DIFERENTES ARTES, COMO ARTES VISUAIS E MÚSICA, TEATRO E DANÇA.



MAPA DA ARTE

APRESENTA UM MAPA MENTAL QUE TEM COMO OBJETIVO A SÍNTESE E A AVALIAÇÃO DO QUE FOI ESTUDADO.

NESTE LIVRO, VOCÊ ENCONTRARÁ

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL



ATIVIDADE ORAL



ATIVIDADE EM DUPLA



ATIVIDADE EM GRUPO



IMAGENS FORA DE PROPORÇÃO



ÁUDIO



INFOGRÁFICO CLICÁVEL

TEMAS CONTEMPORÂNEOS TRANSVERSAIS (TCTS):



MEIO AMBIENTE



ECONOMIA



CIDADANIA E CIVISMO



SAÚDE



CIÊNCIA E TECNOLOGIA



MULTI-CULTURALISMO

SUMÁRIO

UNIDADE 1: O QUE TOCA SUA VIDA? 8

AQUECENDO	10
CONHECENDO ARTE	12
ÁUDIO 1	12
INFOGRÁFICO CLICÁVEL	13
EXPRESSÃO DE ARTISTA	14
ÁUDIO 1	14
MALETA DE ARTISTA	15
ÁUDIO 1	15
PENSANDO ARTE	16
ÁUDIO 1	17
FAZENDO ARTE	18
NESTA UNIDADE, VIMOS	20
MAPA DA ARTE	21

UNIDADE 2: O QUE MEU CORPO EXPRESSA? 22

AQUECENDO	24
CONHECENDO ARTE	26
INFOGRÁFICO CLICÁVEL	26
PENSANDO ARTE	28
CONHECENDO MAIS ARTE	30
EXPRESSÃO DE ARTISTA	30
MALETA DE ARTISTA	32
FAZENDO ARTE	34
ÁUDIO 3	35
NESTA UNIDADE, VIMOS	36
MAPA DA ARTE	37

UNIDADE 3: COMO CONTAR HISTÓRIAS? 38

AQUECENDO	40
CONHECENDO ARTE	42
PENSANDO ARTE	44
CONHECENDO MAIS ARTE	46
MALETA DE ARTISTA	46
FAZENDO ARTE	48
NESTA UNIDADE, VIMOS	50
MAPA DA ARTE	51

UNIDADE 4: COMO SE EXPRESSAR POR MEIO DO DESENHO? 52


AQUECENDO	54
CONHECENDO ARTE	56
PENSANDO ARTE	59
CONHECENDO MAIS ARTE	60
MALETA DE ARTISTA	60
EXPRESSÃO DE ARTISTA	63
FAZENDO ARTE	64
INFOGRÁFICO CLICÁVEL	64
NESTA UNIDADE, VIMOS	66
MAPA DA ARTE	67

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL






Andréa Marrau


UNIDADE 5: QUAL É O SOM DA FALA? 68

AQUECENDO	70
CONHECENDO ARTE	72
 INFOGRÁFICO CLICÁVEL	72
 ÁUDIO 3	72
 ÁUDIO 4	72
 ÁUDIO 5	73
EXPRESSÃO DE ARTISTA	74
 ÁUDIO 5	74
MALETA DE ARTISTA	74
 ÁUDIO 6	74
 ÁUDIO 7	74
PENSANDO ARTE	75
ARTES INTEGRADAS	76
FAZENDO ARTE	78
NESTA UNIDADE, VIMOS	80
MAPA DA ARTE	81


UNIDADE 6: DANÇAR TAMBÉM É BRINCAR 82

AQUECENDO	84
 ÁUDIO 8	84
CONHECENDO ARTE	86
 INFOGRÁFICO CLICÁVEL	86
EXPRESSÃO DE ARTISTA	87
MALETA DE ARTISTA	88
PENSANDO ARTE	89
O MUNDO QUE NOS CERCA	90
ATITUDES QUE TRANSFORMAM	91
FAZENDO ARTE	92
 ÁUDIO 9	93
NESTA UNIDADE, VIMOS	94
MAPA DA ARTE	95

UNIDADE 7: EXISTE TEATRO NO DIA A DIA? 96

AQUECENDO	98
CONHECENDO ARTE	100
 INFOGRÁFICO CLICÁVEL	100
PENSANDO ARTE	102
UNIVERSO DIGITAL	104
CONHECENDO MAIS ARTE	106
MALETA DE ARTISTA	106
EXPRESSÃO DE ARTISTA	107
FAZENDO ARTE	108
NESTA UNIDADE, VIMOS	110
MAPA DA ARTE	111

UNIDADE 8: É POSSÍVEL DESENHAR COM O CORPO? 112

AQUECENDO	114
CONHECENDO ARTE	116
EXPRESSÃO DE ARTISTA	117
PENSANDO ARTE	118
ARTES INTEGRADAS	120
MALETA DE ARTISTA	121
FAZENDO ARTE	122
 ÁUDIO 10	122
NESTA UNIDADE, VIMOS	124
MAPA DA ARTE	125

REFERÊNCIAS COMENTADAS 126

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos da unidade

- Conhecer referências de tradição narrativa na música.
- Explorar as possibilidades lúdicas de músicas e das letras de canções.
- Conhecer e explorar a cantiga popular.
- Conhecer e praticar a técnica do canto responsório.
- Criar e praticar música em grupo.

Dicas de organização

- Reserve um equipamento para reprodução de música.
- Organize a sala de modo que a turma forme um círculo ou semicírculo.

Orientações

Por meio da comparação entre as fotografias, pode-se introduzir conceitualmente duas dimensões da prática musical: fazer e escutar. Ambas têm sua importância e permitem o acesso a uma experiência única com a música. Fazer música inclui tocar, cantar, compor, reger, entre outras possibilidades. Já escutar música é uma ação voltada para a percepção, a apreciação e a fruição. Nas aulas de música, é importante reservar momentos para que a escuta musical seja atenta e intencional, a fim de que os estudantes desenvolvam conhecimentos e habilidades específicas relacionadas a essa experiência com os sons.

Sabemos que fazer e escutar música são ações interligadas, que dependem uma da outra e incluem aspectos atitudinais. É possível promover esses aspectos por meio da escuta atenta enquanto um colega de turma toca ou canta ou por meio da participação empática durante a apresentação de outro colega. Converse com a turma sobre a relevância de experimentar as atividades musicais ativas em sala de aula, em especial se observar que há estudantes que evitam se expor ou ficar em evidência, que demonstrem um comportamento mais tímido que os impeça de vivenciar as práticas artísticas propostas em sala de aula.

O trabalho com imagens de diferentes contextos que são apresentados exemplos que envolvem a linguagem da música mobiliza o desenvolvimento do TCT **Multiculturalismo**.

UNIDADE

1

O QUE TOCA SUA VIDA?



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL GRUPO BATUQUE REICLADO DURANTE A FESTA DE CULTURA AFRO EM HOMENAGEM AO DIA DA CONSCIÊNCIA (ARUAMA (RJ), 2015).

8

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4 e 6.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17.

O **Tema Contemporâneo Transversal (TCT)** abordado nesta unidade é **Multiculturalismo**.



1. O QUE AS FOTOGRAFIAS TÊM EM COMUM?
2. VOCÊ RECONHECE OS INSTRUMENTOS RETRATADOS NELAS?
3. O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO EM CADA FOTOGRAFIA?



Edson Saito/Pulsar Imagens



HOMEM DA ETNIA MANDU'ARA, NA ALDEIA AMAMBA, PARAGUAIA ENQUANTO CRIANÇA APRECIA A AUDIÇÃO, MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL



NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- CONHECER MÚSICAS QUE CONTAM UMA HISTÓRIA.
- PRATICAR MÚSICA EM GRUPO.
- BRINCAR COM SONS E LETRAS DE MÚSICA.



Sobre a avaliação

Apreciar as imagens comparativamente no início da unidade oferece ao professor uma oportunidade de avaliação diagnóstica do repertório dos estudantes. É possível perceber pela reação deles às imagens quanto estão familiarizados com os instrumentos e com as situações musicais apresentadas. Nessa faixa etária, é fundamental abarcar uma apreciação de imagens mais ativa, em que os estudantes se manifestem corporalmente, com expressões soltas, mas que têm um significado valioso para a avaliação. Por exemplo, é possível que um estudante se expresse corporalmente fazendo gestos percussivos, que vão evidenciar sua familiaridade com a percussão. Outro estudante pode exclamar “uma harpa” ou mesmo “um violão deitado” ou “só tem as cordas do violão”, o que vai indicar o nível de familiaridade que ele tem com diversos instrumentos musicais. É preciso considerar também que os estudantes podem se conectar às figuras das crianças representadas nas fotografias e na sua relação com os adultos, permitindo um olhar pedagógico de como é a relação de aprendizagem das crianças com essas figuras que se manifestam não apenas na figura do professor, como também nas de familiares e membros da comunidade. É possível ouvir expressões como “eu escuto meu avô tocando sanfona sempre” ou “meu pai tentou me ensinar viola outro dia”, que sinalizam experiências prévias dos estudantes com o aprendizado musical em família.

Respostas

1. As duas fotografias são compostas de crianças e adultos em uma situação musical.
2. Espera-se que os estudantes respondam de modo aproximado, indicando tambores ou instrumentos percussivos para a primeira fotografia e uma harpa ou instrumento de corda para a segunda. É desejável que o exercício de reconhecimento venha acompanhado do compartilhamento oral de vivências anteriores com as práticas musicais instrumentais, seja na Educação Infantil, seja na vida comunitária e familiar.
3. Na primeira fotografia as crianças estão segurando instrumentos de percussão feitos de materiais recicláveis. Na segunda, a criança está posando para a foto enquanto escuta/aprecia um adulto tocar harpa.

Orientações

O objetivo desta seção é começar o trabalho com a unidade temática com uma atividade prática, que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. Suas atividades são compostas de forma a permitir que os estudantes tenham uma vivência corporalizada logo no início do trabalho com a unidade, levando-os a ficar ativamente envolvidos e engajados.

Na proposta apresentada, parte-se do nome da criança e dos sons representados pelas vogais para criar um jogo musical coletivo. Isso gera um senso de pertencimento, pois cada pessoa adiciona algo único à experiência coletiva, ao mesmo tempo que busca entrar em sintonia com o outro, na marcação rítmica proposta.

Convide os estudantes para uma brincadeira musical em roda. Explique a atividade de forma animada, como se fosse um jogo: "Vamos descobrir as vogais que compõem nosso nome e criar um ritmo juntos!". Demonstre com o próprio nome ou com a maneira como o chamam (por exemplo: "PRO-FES-SO-R = O-E-O"; "PRO-FES-SO-RA = O-E-O-A"), batendo palmas ou pés para marcar as sílabas. Use as imagens do Livro do Estudante e os comandos escritos como apoio visual para dúvidas – por exemplo, se alguém perguntar como separar "Yago" ou "Wesley". Aos poucos, conduza os estudantes para os passos da atividade, garantindo que todos participem com naturalidade.

Como as crianças estão no início de processo de alfabetização, pode ser necessário reforçar que as vogais compreendem os sons representados por A, E, I, O, U.

Para nomes longos ou com sílabas peça à turma que enuncie as vogais em coro. Isso pode ajudar a reduzir a pressão sobre estudantes tímidos e a reforçar o trabalho em grupo.

As respostas destas atividades são pessoais e, com exceção da resposta da **atividade 5**, devem ser oralizadas.

Para as **atividades 1 e 2**, que dizem respeito ao nome das crianças, considere, quando for o caso, a representação da letra W com sonoridade de U, de Y com sonoridade de I, e de L com sonoridade de U. Auxilie os estudantes a identificar essas letras que podem apresentar sons representados por vogais e a sequenciá-las. Nomes com AM ou AN devem ser pronunciados de forma anasalada, com a sonoridade de ã.



AQUECENDO

VOGAIS RITMADAS

1. EM RODA COM OS COLEGAS, QUANDO CHEGAR SUA VEZ, FALE SEU NOME EM VOZ ALTA E PRESTE ATENÇÃO NO SOM REPRESENTADO PELAS VOGAIS.
2. QUAIS SÃO AS VOGAIS QUE APARECEM EM SEU NOME?
2. Resposta pessoal.
3. AINDA EM RODA, NA SUA VEZ, FALE SEU NOME USANDO APENAS AS VOGAIS QUE APARECEM NELE. ANTES, LEIA COM O PROFESSOR ALGUNS EXEMPLOS:



Jobo Aremhart

- LUCAS = U + A = UA
- JÚLIA = U + I + A = UIA
- ISABEL = I + A + E + U = IAEU
- KAWAN = A + U + ã = AUã

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

10

Sobre a avaliação

As seções de abertura e **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da avaliação diagnóstica. Essa avaliação tem o objetivo de mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas.

A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade.

Nesta seção, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

4. PARA ADICIONAR RITMO, SIGA AS INSTRUÇÕES.



- A) DE MÃOS DADAS, BATA COM O PÉ DIREITO NO CHÃO, MARCANDO UM TEMPO FORTE.
- B) DEPOIS, DÊ TRÊS PASSOS NO MESMO LUGAR.
- C) EM SINTONIA COM A TURMA, CONTE EM VOZ ALTA CADA BATIDA (1, 2, 3, 4), SENDO "1" A BATIDA MAIS FORTE.



- D) QUANDO A TURMA TODA ENTRAR NO RITMO, ESPERE SUA VEZ E FALE AS VOGAIS DE SEU NOME EM INTENSIDADE BAIXA.
- E) DEPOIS, CONTINUE REPETINDO SEM PARAR.
- F) AO SINAL DO PROFESSOR, ENCERRE A VOCALIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS CORPORAIS.

5. PARA FINALIZAR, ESCREVA AS VOGAIS DE SEU NOME, NA SEQUÊNCIA QUE VOCÊ QUISER.

5. Resposta pessoal.

DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na **atividade 4**, considere que o ritmo é regular e que os estudantes vão entrar em sincronia com base no exemplo que você der a eles. Esse tipo de marcação e essa movimentação corporal são típicos de danças indígenas circulares brasileiras. A especificidade desta proposta em relação a elas é que não há o deslocamento lateral, característica atribuída comumente a tais danças. Não é necessária a utilização de nenhum instrumento para acompanhar ou marcar o ritmo, pois o ideal é que todos estejam em roda, de mãos dadas, incluindo você.

A sonoridade resultante desta atividade é a criação de uma massa sonora, que produz um efeito bastante impactante na percepção das crianças. O resultado pretendido se aproxima de um canto/dança indígena, evitando, entretanto, estereótipos e imitações desnecessárias. Indique, pelo exemplo, que a intensidade sonora do grupo vai ficando mais forte ou mais fraca, a fim de manter o interesse na atividade e a concentração dos estudantes.

A **atividade 5** envolve o registro escrito por parte dos estudantes. Como eles estão no início do processo de alfabetização, pode ser necessário que você os ajude, escrevendo na lousa as vogais para que eles possam transcrevê-las.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR14 e **EF15AR15** As propostas de vocalização das vogais do nome, associadas a movimentos corporais, batida de pés e marcação rítmica, levam os estudantes a experimentar variações de altura, intensidade e ritmo de forma lúdica. Ao mesmo tempo, a exploração do corpo como fonte sonora evidencia que a musicalidade pode surgir de sons cotidianos e corporais, favorecendo o reconhecimento dos elementos constitutivos da música. Isso amplia a compreensão da diversidade sonora para além da produzida por instrumentos musicais tradicionais.

Orientações

A seção introduz o conteúdo principal da unidade, podendo ter como eixo uma manifestação artística, uma expressão cultural, um artista específico ou uma obra de arte. No caso, privilegiou-se a canção “Marinheiro só”. As imagens, o áudio e a letra da música compõem, com o texto expositivo, uma experiência típica da apreciação e da fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com sua realidade. A seção pode ser conduzida como uma narrativa ou uma contação de histórias por você, que poderá escolher palavras ou expressões do texto para reforçar conteúdos de alfabetização já trabalhados. Nesse sentido, a oralidade e o modo poético de conduzir o conteúdo vão aproximar os estudantes do tema também pela via afetiva, criando laços mais profundos entre você e a turma.

Durante a leitura, faça pausas para verificar a compreensão dos estudantes e para explicar algum aspecto. Após a audição da canção, que menciona “São Salvador”, comente com os estudantes que essa é uma referência à cidade de Salvador, capital da Bahia, e, se possível, utilize um mapa do Brasil para contextualizar geograficamente essa cidade e esse estado em comparação com a localização da escola e com a localização de Brasília, a capital do país.

A fim de mediar a apreciação da cantiga popular pela turma, aprenda a cantá-la antecipadamente. Logo na primeira audição dos estudantes, cante a canção inteira, mesmo que em voz baixa, para não perder a faixa de áudio e não impedir a apreciação. Isso vai auxiliá-los a se conectarem com a música e a assimilarem aos poucos a ideia de que eles vão cantá-la também. Em uma segunda audição, proponha que eles cantem a parte do coro enquanto você fica com a do solista. Utilize a ideia de responsório, com pergunta e resposta, para que a vivência musical seja sempre participativa.

Após a audição da canção, apresente aos estudantes as informações oferecidas pela fonte de onde ela foi retirada.

CONHECENDO ARTE

ELEMENTOS DA CANÇÃO

VOCÊ CONHECE ALGUMA MÚSICA QUE CONTA UMA HISTÓRIA? ALGUNS ARTISTAS CRIAM MÚSICAS PARA CONTAR HISTÓRIAS DE GENTE, DE LUGARES E DE COISAS QUE ACONTECERAM. PARA ISSO, MUITAS VEZES, ELES SE INSPIRAM NA PAISAGEM DOS LUGARES QUE CONHECEM E NAS PESSOAS QUE ENCONTRAM NO DIA A DIA.

QUANDO ALGUÉM FAZ UMA MÚSICA CANTADA, COM LETRA, ACOMPANHADA DE INSTRUMENTOS OU NÃO, ELA É CHAMADA DE **CANÇÃO**.

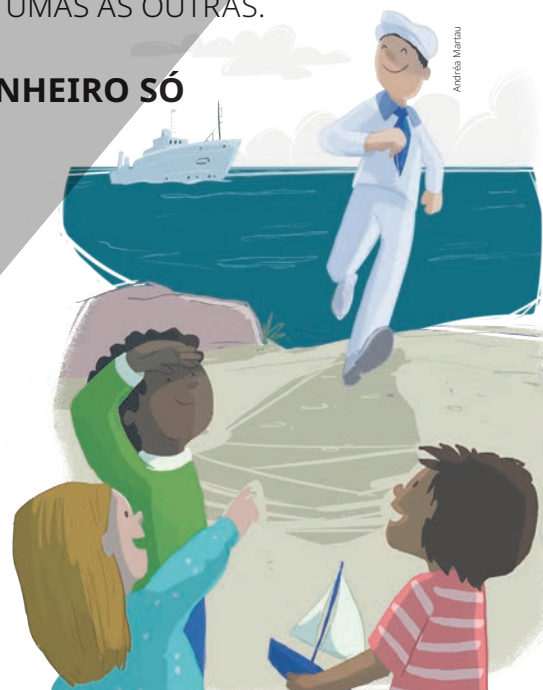
VAMOS OUVIR JUNTOS UMA CANÇÃO QUE FOI FEITA PARA UM MARINHEIRO. ELA NASCEU EM COMUNIDADES DE PESCADORES E FAZ PARTE DE UMA TRADIÇÃO EM QUE AS PESSOAS CANTAM E ENSINAM UMAS ÀS OUTRAS.



ÁUDIO 1

MARINHEIRO SÓ

EU NÃO SOU DAQUI
MARINHEIRO SÓ
EU NÃO TENHO AMOR
MARINHEIRO SÓ
EU SOU DA BAHIA
MARINHEIRO SÓ
DE SÃO SALVADOR
MARINHEIRO SÓ



Andréa Marau

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

12

A canção “Marinheiro só” reúne elementos que serão desdobrados ao longo da progressão didática apresentada. O primeiro aspecto a chamar a atenção dos estudantes é o fato de a letra da música ter repetição de palavras e de versos. Outro aspecto a ser enfatizado é a alternância entre solista e coro. Em termos musicais, essa alternância pode ser trabalhada como um responsório, técnica em que uma pessoa canta um trecho principal e o grupo todo “responde” logo em seguida.

Objeto digital

Para promover o estudo da linguagem Música nesta unidade, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 1** disponível no Livro Digital do Estudante.



Ô, MARINHEIRO, MARINHEIRO
MARINHEIRO SÓ
QUEM TE ENSINOU A NAVEGAR
MARINHEIRO SÓ
OU FOI O TOMBO DO NAVIO
MARINHEIRO SÓ
OU FOI O BALANÇO DO MAR
MARINHEIRO SÓ

LÁ VEM, LÁ VEM
MARINHEIRO SÓ
COMO ELE VEM **FACEIRO**
MARINHEIRO SÓ
TODO DE BRANCO
MARINHEIRO SÓ
COM SEU BONEZINHO
MARINHEIRO SÓ

JAMES MISSE. MARINHEIRO SÓ. CANTIGA DE RODA.
COTIA: PÉ DA LETRA, 2019.



FACEIRO: ELEGANTE,
CONTENTE.

1. CIRCULE COM A COR LARANJA AS PALAVRAS QUE SE REPETEM EM UMA MESMA LINHA. 1. Marinheiro, marinheiro; lá vem, lá vem.
2. CIRCULE COM A COR ROXA AS PALAVRAS QUE SE REPETEM EM LINHAS DIFERENTES. 2. Eu; não; sou, marinheiro; só; ou; foi; o.
3. VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NA CANÇÃO:
A) O TRECHO EM QUE O MARINHEIRO FALA? 3. a) Resposta pessoal.
B) O TRECHO EM QUE O COMPOSITOR FALA COM O MARINHEIRO? 3. b) Resposta pessoal.
C) O TRECHO EM QUE O COMPOSITOR FALA DO MARINHEIRO? 3. c) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



13

Orientações

Auxilie os estudantes a construir coletivamente as respostas para os itens da **atividade 3**, retomando cada estrofe da canção, a fim de que eles percebam em cada uma delas “quem fala”, “com quem se fala” e “de quem se fala”.

No **item a**, espera-se que os estudantes identifiquem que, na primeira estrofe, o marinheiro é quem fala (“Eu não sou daqui”).

No **item b**, espera-se que os estudantes identifiquem que, na segunda estrofe, o compositor fala com o marinheiro (“Ô, marinheiro, [...] / quem te ensinou a navegar”).

No **item c**, espera-se que os estudantes identifiquem que, na terceira estrofe, o compositor fala do marinheiro (“Como ele vem faceiro”).

O trabalho com a cantiga popular mobiliza o desenvolvimento do TCT **Multiculturalismo**.

Objeto digital

Para incentivar o estudo da música nesta unidade, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

Saiba mais

PARA Saber menino. *Ocupação Lydia Hortélio*. Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/lydia-hortelio/as-culturas-da-crianca/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

Confira o material da *Ocupação Lydia Hortélio*, que reúne material em áudio, vídeo, fotos, brinquedos e objetos da cultura da infância permeado pelo trabalho da educadora.

Glossário

Ocupação: exposição de arte ampliada para o universo digital.

Orientações

Leia o texto da subseção **Expressão de artista** com os estudantes, questionando se eles já ouviram alguma apresentação de canto coral ou mesmo se já tiveram a oportunidade de participar de algum coral.

Cante com eles a canção mais uma vez, a fim de reforçar a habilidade de aprendizado da canção/cantiga desenvolvida ao longo da unidade por meio da transmissão oral, auxiliada por elementos visuais e de escrita.

Objeto digital

Para apoiar os conceitos apresentados nesta e na próxima página, reproduza novamente o **áudio 1**, disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR13 Ao propor a análise da canção “Marinheiro só” por meio do recurso do responsório, a atividade incentiva os estudantes a observar como a música se organiza em perguntas e respostas, estimulando a escuta atenta e a apreciação crítica. Com esse exercício, eles podem refletir sobre a função expressiva da música e seu papel cultural nas comunidades pesqueiras, o que fortalece a compreensão dos contextos sociais e cotidianos em que ela circula.

EXPRESSÃO DE ARTISTA

OUÇA NOVAMENTE A CANÇÃO “MARINHEIRO SÓ” E REPRESE COMO O CANTOR **SOLISTA** INTERAGE COM O CORO DE CRIANÇAS QUE O ACOMPANHA.

PODEMOS DIZER QUE A LETRA DA CANÇÃO É FORMADA DE “PERGUNTAS” E “RESPOSTAS”. COMO EM UMA CONVERSA, CADA UM TEM SEU MOMENTO DE FALAR. POR EXEMPLO, QUANDO O SOLISTA CANTA “EU NÃO SOU DAQUI”, O CORO RESPONDE “MARINHEIRO SÓ”. ESSA TROCA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS NA MÚSICA SE CHAMA **RESPONSÓRIO**.

DESSA FORMA, O SOLISTA E O CORO PROCURAM SER EXPRESSIVOS, PARA QUE A MÚSICA PROVOQUE UMA RESPOSTA EMOCIONAL EM QUEM ESCUTA.

UMA DAS MANEIRAS DE FAZER ISSO É BRINCAR COM O MODO DE CANTAR, BUSCANDO DESPERTAR UMA RESPOSTA MAIS VIVA DO CORO. É POSSÍVEL, POR EXEMPLO, CANTAR COM MAIS OU MENOS ANIMAÇÃO E VARIAR A VELOCIDADE DAS PALAVRAS, DEIXANDO A CANÇÃO MAIS ENGRAÇADA OU MAIS SÉRIA.



ÁUDIO 1

SOLISTA: QUEM EXECUTA UM TRECHO MUSICAL SOZINHO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



14

MALETA DE ARTISTA

PARA APRENDER UMA MÚSICA, ENQUANTO ESCUTAMOS, PODEMOS REPETIR AS PALAVRAS CONHECIDAS EM VOZ ALTA OU EM PENSAMENTO.

VOCÊ REPAROU QUE A EXPRESSÃO “MARINHEIRO SÓ” SE REPETE MUITAS VEZES NA CANTIGA? NOTOU TAMBÉM QUE, A CADA VEZ QUE ELA APARECE, É CANTADA DE FORMA DIFERENTE?

ISSO ACONTECE PORQUE, ALÉM DE PALAVRAS, A MÚSICA TEM **MELODIA**.

PENSE NA MELODIA COMO SE FOSSE UM DESENHO QUE A VOZ OU O INSTRUMENTO FAZ NO AR, SUBINDO E DESCENDO DE ALTURA, PARA DAR PERSONALIDADE À MÚSICA.

OUÇA MAIS UMA VEZ A CANTIGA E RESPONDA AOS VERSOS DELA COM A EXPRESSÃO “MARINHEIRO SÓ”.

1. O QUE É O MAR PARA VOCÊ? [1. Resposta pessoal.](#)
2. QUAL SERÁ O TAMANHO DELE? [2. Resposta pessoal.](#)

MELODIA: SEQUÊNCIA DE SONS MUSICAIS ORGANIZADOS QUE PODE SER CANTADA, ASSOBIADA OU TOCADA.



ÁUDIO 1



PERGUNTA EM CASA

QUANDO CHEGAR EM CASA, FAÇA A SEGUINTE PERGUNTA A UMA PESSOA PRÓXIMA A VOCÊ: “QUE MÚSICA NÓS JÁ CANTAMOS JUNTOS?”.

PARA COMPARTILHAR A RESPOSTA COM A TURMA NA PRÓXIMA AULA, ESCREVA O NOME DA CANÇÃO OU ALGUMA PALAVRA DA LETRA DELA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

15

Atividade complementar

Caso queira expandir o trabalho com cantigas em sala de aula, adicione ao repertório a canção popular “Peixe vivo”, que, além de associada à temática da água, tem padrões de repetição em sua melodia que facilitam o aprendizado.

Orientações

Ao ler o texto de **Maleta de artista**, tenha em mente que a associação do conceito de melodia com a variação das alturas na cantiga “Marinheiro só” deve ser principalmente vivenciada nessa etapa do aprendizado, sem necessidade de sistematização.

As ideias de tempo e altura são inseridas nesse contexto apenas para tornar familiar aos estudantes termos e jargões da área da Música. O tempo musical, no sentido da velocidade e da regularidade com que uma música é executada, é um conceito que pode ser mais bem explicado depois que a turma tiver acumulado mais repertório.

As questões que encerram a seção têm por objetivo trabalhar definições poéticas e provisórias sobre o tema.

Como não existe certo nem errado, acolha e valorize todas as respostas.

As atividades podem ser realizadas oralmente, tanto por meio de respostas articuladas quanto por meio de sons e gestos que procurem representar o mar. As respostas podem ser representadas ainda por meio da escrita coletiva, tendo o professor como escriba e a lousa como suporte. Caso se opte pela resposta escrita e a explicação envolva uma construção mais elaborada, oriente os estudantes sobre a necessidade de escrever palavras-chave e, por fim, peça que copiem o registro no caderno.

Oriente os estudantes na realização da atividade proposta no boxe **Pergunta em casa**, explicando a eles que a resposta obtida com as pessoas de seu convívio deverá ser compartilhada com os colegas na aula seguinte.

Reforce com a turma a importância de valorizar a diversidade de referências musicais, acolhendo com interesse tanto cantigas indígenas e quilombolas quanto canções trazidas por imigrantes ou criadas em contextos urbanos.

Sugira adicionalmente que memorizem um trecho da canção para cantar para os colegas.

Orientações

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para a realização das atividades, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo.

É possível encontrar diferentes versões da canção “Marinheiro só” em gravações comerciais e serviços de *streaming* de música ou de audiovisual. Recomenda-se a escuta da versão em que Caetano Veloso canta com um coro de crianças, que pode ser facilmente encontrada na internet.

O objetivo da introdução ao canto nesta unidade tem como direcionamento a participação coletiva, responsiva e lúdica em uma peça musical. O parâmetro técnico-musical relacionado à afinação, à respiração e à pronúncia das palavras deve ser pouco a pouco desenvolvido, de acordo com o nível da turma e a disponibilidade dos estudantes para repetir as vivências propostas para maior direcionamento a esses parâmetros.

Na **atividade 1**, cante com os estudantes o trecho completo da canção, indicando com o corpo e com as expressões faciais a parte da criança e a dos colegas. Nas primeiras repetições, cante com as crianças para auxiliá-las na assimilação do contorno melódico.

No **item a** da **atividade 2**, utilize a progressão melódica do primeiro trecho, cantando com os estudantes, a fim de ajudá-los nessa associação. A resposta da turma funciona como um vocativo, que chama o estudante da vez. Lembre-se de que, na terminologia musical, se usa o termo “responsório”, que indica quando, em uma música, uma pessoa canta e o grupo responde logo em seguida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



PENSANDO ARTE

VAMOS CANTAR JUNTOS?

1. CANTE COM O PROFESSOR E OS COLEGAS O TRECHO DA CANÇÃO “MARINHEIRO SÓ”, QUE É APRESENTADO A SEGUIR.



- A) O PROFESSOR VAI CANTAR UMA LINHA DO TRECHO.
- B) VOCÊ VAI CANTAR A LINHA SEGUINTE COM OS COLEGAS.

O PROFESSOR CANTA

Ô, MARINHEIRO, MARINHEIRO
QUEM TE ENSINOU A NAVEGAR
OU FOI O TOMBO DO NAVIO
OU FOI O BALANÇO DO MAR

EU CANTO

MARINHEIRO SÓ
MARINHEIRO SÓ
MARINHEIRO SÓ
MARINHEIRO SÓ

2. VOCÊ JÁ INVENTOU LETRAS NOVAS PARA CANÇÕES CONHECIDAS? VAMOS TENTAR?



- A) NA SUA VEZ, SUBSTITUA A PALAVRA **MARINHEIRO** POR SEU NOME. VOCÊ CANTA E A TURMA RESPONDE, COMO NOS EXEMPLOS:



Saiba mais

KUBO, Viviane Alves; SEFFRIN, Lyandra Melgarejo. O ensino do canto na infância e na adolescência com base na fisiologia da voz. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 26., 2023, Ouro Preto. *Anais* [...]. Ouro Preto: UFOP, 2023. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1828/public/1828-7387-1-PB.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

Para uma introdução a elementos da fisiologia da voz de crianças, indica-se a leitura dessa comunicação.

Glossário

Fisiologia: ciência que estuda o funcionamento do organismo, ou seja, que trata das funções orgânicas pelas quais a vida se manifesta.

B) QUE TAL CANTAR USANDO APENAS AS VOGAIS DE SEU NOME PARA VARIAR? POR EXEMPLO:



C) EM UMA NOVA VARIAÇÃO, VOCÊ VAI CANTAR CADA LINHA USANDO UMA PALAVRA QUALQUER, E OS COLEGAS VÃO REPETIR ESSA PALAVRA. POR EXEMPLO:



3. OUÇA MAIS UMA VEZ “MARINHEIRO SÓ”, BUSCANDO IDENTIFICAR ALGUNS ELEMENTOS DA CANÇÃO.

A) QUANTAS PESSOAS ESTÃO CANTANDO?

B) QUE INSTRUMENTO ACOMPANHA A VOZ?

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



ÁUDIO 1



17

Orientações

O objetivo do **item b** da **atividade 2** é que os estudantes retomem uma prática iniciada anteriormente. Logo, é possível avaliar como o conteúdo foi assimilado individualmente por eles e apresentar o auxílio necessário para que todos possam desenvolver essa relação de sonoridade com o próprio nome.

No **item c**, pode-se fazer diversas variações da proposta, indicando temas específicos da vida cotidiana ou do conteúdo escolar. Um exemplo é cantar usando apenas nomes de animais, de comidas preferidas ou de elementos da natureza. A cada repetição criativa, os estudantes poderão gerar novos sentidos para a criação musical enquanto assimilam o conteúdo melódico e expressivo da música.

De acordo com o tamanho da turma, faça duas rodadas do trecho com os nomes e duas com os nomes em vogais. Por fim, faça também duas rodadas com as palavras substituídas livremente. Essa estratégia vai conferir mais dinamismo à aula.

Nas questões da **atividade 3**, espera-se que os estudantes respondam no **item a** que a canção é cantada por um solista e por um coro. Quanto ao **item b**, eles vão necessitar de sua ajuda para identificar o instrumento que acompanha a letra.

Esta atividade pode ser integrada com Língua Portuguesa (rimas e criação textual) e Educação Física (trabalho com ritmo e coordenação motora).

Objeto digital

Para a **atividade 3**, reproduza novamente o **áudio 1**, disponível no Livro Digital do Estudante.



Orientações

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para as atividades de produção, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo.

Para orientar o **item c** da **atividade 1**, se julgar conveniente e sempre de acordo com o tema escolhido, ofereça exemplos de palavras que remetam a contextos conhecidos ou imaginados pelos estudantes, como **praia, rio, serra, parque, campinho, pracinha, rua, campo, mato, roça, ladeira, morro, mar, areia, terra** etc.

Forneça ainda exemplos de palavras e expressões que situam um lugar, uma lembrança ou a convivência interpessoal: **ontem, um dia, lembra quando, na minha rua, no caminho, no fim de semana, de noite, com minha mãe, com meu pai, com minha avó, com minha tia** etc.

Como os estudantes estão no início do processo de alfabetização, pode ser necessário que você escreva as palavras na lousa e aguarde até que eles as copiem no livro.

No **item f**, é esperado que os estudantes construam uma estrofe com até quatro versos, com repetição de palavras e melodia identificável. Auxilie-os a estabilizar a ideia principal e a memorizar a melodia e a letra que cantaram. Enfatize a necessidade de reter as ideias levantadas até que todos os grupos finalizem sua produção, para que, depois, possam apresentar o resultado para a turma.

No **item g**, continue auxiliando os estudantes no registro. Para explicar a dica dada na atividade, incentive-os a adicionar pontos embaixo das letras das palavras ou frases registradas. De forma intuitiva, talvez eles adicionem traços para palavras cantadas com maior duração e pontos para as palavras ou sílabas entoadas de forma curta. Podem traçar também linhas ascendentes ou descendentes, buscando uma forma exploratória de notação da melodia. Nesse primeiro momento de aproximação de uma ideia de notação, o principal objetivo é a exploração livre dessa prática, que será desenvolvida no decorrer dos anos escolares de maneira mais sistematizada.

FAZENDO ARTE

É SUA VEZ DE COMPOR MÚSICA

1. CRIE UMA CANÇÃO E DEPOIS CANTE PARA A TURMA. PARA ISSO, SIGA AS INSTRUÇÕES.



A) REÚNA-SE COM OS COLEGAS, FORMANDO UM TRIO.

B) ESCOLHA COM ELES UMA DESTAS TEMÁTICAS: 1. b) Resposta pessoal.

UMA LEMBRANÇA.

UMA FESTA.

UM LUGAR.

UM SOM.

UM ANIMAL.

C) LISTE COM OS COLEGAS SEIS PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESSA TEMÁTICA.

1. c) Resposta pessoal.

D) CONTE ALGO PARA O GRUPO USANDO ALGUMAS DESSAS PALAVRAS. EXEMPLOS:

- ONTEM EU VI UM GATO NA RUA.
- TEM UMA GOIABEIRA NO CAMINHO DA ESCOLA. CANTAMOS PARABÉNS PARA O JORGINHO.

DICAS

1. PROCURE SE REVEZAR COM OS COLEGAS DE GRUPO NAS SUGESTÕES.
2. TENDE VARIAR A MELODIA DE UMA FRASE QUE O COLEGA SUGERIU.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

18

Na **atividade 2**, depois que todos os grupos tiverem terminado a criação e registrado as ideias no livro, organize as gravações, disponibilizando aos alunos dispositivos digitais simples (celulares ou *tablets*), para serem compartilhados. Oriente-os a utilizar aplicativos de gravação de voz para registrar os sons e tocar as músicas durante as apresentações. Nesse tipo de proposta, é fundamental construir e aprimorar com os estudantes o aspecto atitudinal da escuta atenta, silenciosa e respeitosa dos colegas. Se houver reações positivas de celebração ou incentivo, verifique se elas estão colaborando para a apresentação e se não estão dificultando a concentração

de quem se apresenta. Se for o caso, peça moderação nessas manifestações ou inclua um momento após cada apresentação para que elas aconteçam.

Permita aos interessados que se apresentem mais de uma vez, caso percebam que se esqueceram de alguma parte ou se vejam mais engajados à medida que outros grupos se apresentam. Conforme a motivação da turma, é possível ainda combinar novas apresentações para a aula seguinte, a fim de buscar reter a criação por alguns dias. Esse é um desafio para a memória musical das crianças, que considera também a manutenção da relação criativa em pequenos grupos.

- E)** AGORA, EXPERIMENTE CANTAR AS FRASES CRIADAS.
- F)** ADICIONE REPETIÇÃO À MÚSICA CRIADA PELO GRUPO. PARA ISSO, PENSE NESTAS QUESTÕES:
- QUE PALAVRAS PODEM SE REPETIR?
 - EM QUE MOMENTO ELAS PODEM SER REPETIDAS?

- G)** SELECIONE A IDEIA DE QUE OS INTEGRANTES DO GRUPO MAIS GOSTARAM E REGISTRE. PARA ISSO, VOCÊ PODE ESCREVER ALGUMAS PALAVRAS PRINCIPAIS OU FRASES COMPLETAS.



ACRESCENTE TAMBÉM PEQUENOS DESENHOS PARA INDICAR COMO SÃO CANTADAS ESSAS PALAVRAS.

1. g) Resposta pessoal.

- 2.** COM A AJUDA DO PROFESSOR, GRAVEM OS SONS PRODUZIDOS. DEPOIS, ESCUTEM A GRAVAÇÃO E CONVERSEM EM GRUPO SOBRE AS PRODUÇÕES.



- 3.** REÚNA-SE COM TODA A TURMA PARA APRESENTAR AS GRAVAÇÕES E CONVERSAR SOBRE A EXPERIÊNCIA.



- A)** O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA DE CRIAR UMA MÚSICA CANTANDO? 3.a) Resposta pessoal.

- B)** VOCÊ GOSTOU DO RESULTADO? 3.b) Resposta pessoal.

- C)** COMO VOCE CONSEGUIU DEIXAR A ATIVIDADE MAIS DIVERTIDA? 3.c) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

19

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR16, EF15AR17 e EF15AR26 A atividade de composição coletiva convida os estudantes a criar canções a partir de temas do cotidiano, improvisando melodias e frases musicais. Essa prática incentiva a criatividade, a colaboração e a experimentação sonora, valorizando tanto o uso de instrumentos quanto o de recursos vocais e corporais. A proposta de registrar a criação musical com palavras, frases e desenhos também funciona

como forma de notação não convencional. Assim, os estudantes conseguem representar graficamente sons e estruturas musicais. Essa prática promove o contato com possibilidades variadas de registro sonoro e amplia a consciência sobre formas de documentação e memória musical. Ao gravarem os áudios, os estudantes exploram o universo digital, integrando a tecnologia no processo criativo e reflexivo sobre a música.

Orientações

Na **atividade 3**, é possível adicionar mais questões de avaliação, conforme você perceber o envolvimento dos estudantes no processo. Eles podem responder oralmente às seguintes questões: Como foi o processo de escolher as palavras para sua criação? O que você sentiu ao fazer sua apresentação para os colegas? O que você achou de seu desempenho? Qual é sua sugestão para as próximas produções?

A depender das vivências anteriores dos estudantes, cantar é uma atividade natural do dia a dia, tanto em casa, nas brincadeiras, quanto na escola, utilizada muitas vezes para expressar ideias e sentimentos. Há sempre, entretanto, aqueles mais tímidos, que se sentem constrangidos de cantar e se expor perante os colegas na escola. Para esses estudantes, o desafio da atividade tem uma dimensão socioemocional que será desenvolvida nas aulas de Arte. Aqueles que se sentiram mais à vontade com a atividade podem compartilhar suas vivências para que todos percebam a dimensão de bem-estar e diversão que a prática criativa em música busca acionar. Há também que considerar e incentivar os relatos que revelam a construção de laços de amizade e de relações interpessoais pautadas no respeito e na escuta do outro. É possível que os estudantes façam relatos sobre a arte de apresentar-se em público, que em música se entende como *performance* musical. É fundamental incentivar reflexões sobre essa dimensão da prática artística, pois eles se verão nessa posição muitas vezes no decorrer do percurso de formação em Arte e devem refletir sobre seus sentimentos em relação a isso e aprender, com sua ajuda e a dos colegas de turma, a construir estratégias para que esse seja um momento prazeroso e recompensador. Monte um arquivo com as sugestões dos estudantes, considerando a preparação do espaço, o tempo das apresentações, a alternância das atividades e a construção de relações interpessoais pautadas no respeito pelo outro.

Utilize recursos visuais (cartazes com letras e sinais rítmicos visuais) e permita adaptações como palmas ou batidas em superfícies para estudantes com dificuldade de fala.

Orientações

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para a conversa proposta na seção, com a finalidade de retomar os temas trabalhados e avaliar a aprendizagem deles, e propõe à turma a formação de um círculo ou semicírculo.

Por intermédio da leitura que você fará dos textos e das atividades, os estudantes são convidados a rever os diversos papéis que assumiram ao longo da unidade. Nela, eles alternaram entre o jogo, a brincadeira, a apreciação de faixas de áudio e a aprendizagem conceitual. Participaram ativamente da criação musical, negociando valores e trocas de opiniões. Portanto, a retomada do conteúdo trabalhado e a proposição de um momento de reflexão servem tanto como um ritual de encerramento quanto de registro do caminho percorrido. Aproveite esse momento para tirar fotografias, fazer vídeos e registrar em um caderno de acompanhamento pedagógico os principais pontos assimilados e aqueles que a turma ainda necessita de mais amadurecimento para atingir. Manter um diagnóstico constante e atualizado sobre o rendimento da turma, bem como suas características como coletivo, seus valores, seus diálogos com a família e a comunidade, vai enriquecer abordagens futuras de outros conteúdos trabalhados na coleção.

Na **atividade 1**, os estudantes vão mencionar possivelmente a figura do marinheiro, mas acolha e valorize outras respostas menos previsíveis, como o mar, o bonezinho. **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** ainda podem mencionar aspectos formais como a repetição e a melodia, o canto responsório.

Na **atividade 2**, para auxiliar os estudantes nessa retomada, você pode recordar momentos marcantes das etapas criativas com variações de “Marinheiro só”, bem como das etapas da produção artística da seção **Fazendo arte**. Como o jogo com palavras traz conexões inesperadas e lúdicas, é provável que os estudantes, já familiarizados com aquilo que causou mais impacto na turma, possam recontar coletivamente esses momentos criativos, bem como reviver a reação positiva dos colegas.



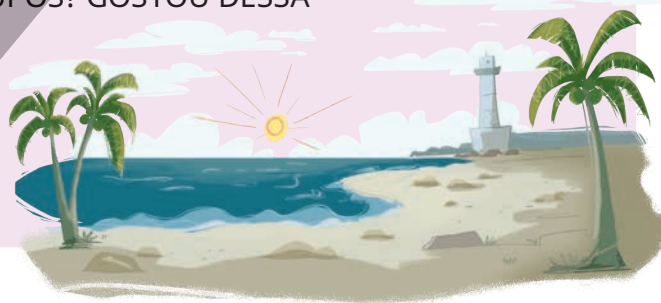
NESTA UNIDADE, VIMOS

- MUITAS CANÇÕES E CANTIGAS CONTAM UMA HISTÓRIA. VOCÊ CONHECEU UMA CANÇÃO QUE FOI FEITA PARA UMA PESSOA. POR MEIO DELA, DESCOBRIU DE ONDE ELA É, SUA PROFISSÃO E ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS.
- AS BRINCADEIRAS PERMITIRAM INTERPRETAR UMA CANÇÃO DE UM JEITO PRÓPRIO. VOCÊ ALTERNOU COM OS COLEGAS PARA CANTAR PARTES DELA E SUBSTITUIU ALGUMAS PALAVRAS, ADICIONANDO SEU NOME E TERMOS QUE ESCOLHEU LIVREMENTE.
- AO ASSISTIR À APRESENTAÇÃO DOS COLEGAS, VOCÊ PÔDE SE PERGUNTAR SOBRE SUA EXPERIÊNCIA DE APRECIAR. ASSIM, FOI CAPAZ DE REFLETIR SOBRE A PACIÊNCIA E A VONTADE DE OUVIR OS OUTROS.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. O QUE MAIS CHAMOU SUA ATENÇÃO NA CANÇÃO?
1. Resposta pessoal.
2. QUAIS FORAM AS PALAVRAS MAIS INTERESSANTES QUE OS COLEGAS ADICIONARAM A SUAS CRIAÇÕES? POR QUE ELAS CHAMARAM SUA ATENÇÃO? 2. Resposta pessoal.
3. VOCÊ TEVE PACIÊNCIA PARA OUVIR A PRODUÇÃO DE TODOS OS GRUPOS? GOSTOU DESSA EXPERIÊNCIA?
3. Respostas pessoais.

Andréa Martau



Na **atividade 3**, é fundamental aproveitar esse momento reflexivo para conversar novamente com a turma sobre escuta ativa, atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, já que, em certos momentos, os estudantes se apresentam e, em outro, são espectadores dos colegas.

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL DESTA PÁGINA. COMPLETE O MAPA COM SEUS DESENHOS.

APRECIÇÃO DA CANÇÃO



CANTAR JUNTO



CRIAÇÃO MUSICAL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar a avaliação na unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências mobilizados, de uma perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes a inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por essa estratégia com a turma toda ou organizada em grupos, oportuniza-se a negociação de ideias e significados relacionados ao conteúdo de forma dialógica.

Após a inserção dos desenhos por parte dos estudantes, propicie um momento de socialização de suas intervenções. Valorize as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam e destacando detalhes de certos desenhos que chamaram a atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo da unidade. Essa é uma etapa que permite aos estudantes compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros aspectos.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. E são somativas no sentido de sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com o estudante a reflexão continuada de seus processos. Nessa

etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade.

Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Identificar e nomear as partes do corpo.
- Compreender como utilizar o corpo como forma de expressão.
- Reconhecer a linguagem corporal utilizada no dia a dia e nas expressões artísticas.
- Apreciar formas diferentes de dançar.
- Experimentar movimentos diversos para ter consciência de sua linguagem corporal.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Reserve um equipamento para reprodução de música e, se possível, um espaço para os estudantes fazerem as experimentações com movimento.
- Oriente os estudantes a trazer os materiais para a realização da proposta da seção **Fazendo arte**.

Orientações

O ensino de dança, principalmente nas primeiras etapas da Educação Básica, exige uma abordagem prática que propicie aos estudantes vivenciar e compreender os movimentos de forma concreta, trabalhando as dimensões do conhecimento, criação, estesia e expressão abordadas na BNCC. No contexto da dança, as atividades práticas não se limitam à execução de movimentos, como também estimulam a percepção, a criatividade e o trabalho em grupo, sendo fundamentais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

Prepare a sala de aula para uma discussão oral e coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das imagens, utilizando como ponto de partida os questionamentos oferecidos pelo livro. É possível acrescentar, se for o caso, outras questões que julgar necessárias para contextualizar o tema ou aproximá-lo do universo dos estudantes. Incentive a turma a se manifestar, proporcionando



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL IMAGENS DA ETNIA GUARANI-KAIOWÁ EM COMPETIÇÃO DE CABO DE GUERRA NOS JOGOS DE INTEGRAÇÃO INDÍGENA, FORTALEZA, MATO GROSSO DO SUL, 2013.

22

nando um ambiente acolhedor para essa conversa inicial. Estimule uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com interesse, aproveitando as oportunidades de ampliação do tema oferecidas. As questões apresentadas servem de **avaliação diagnóstica** sobre o que os estudantes já sabem em relação à dança.

O trabalho com imagens de contextos indígenas em que são apresentados exemplos que envolvem movimentos corporais mobiliza o desenvolvimento dos TCTs **Multiculturalismo** e **Cidadania e Civismo**.

TCT

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4 e 8.

Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo** e **Cidadania e Civismo**.



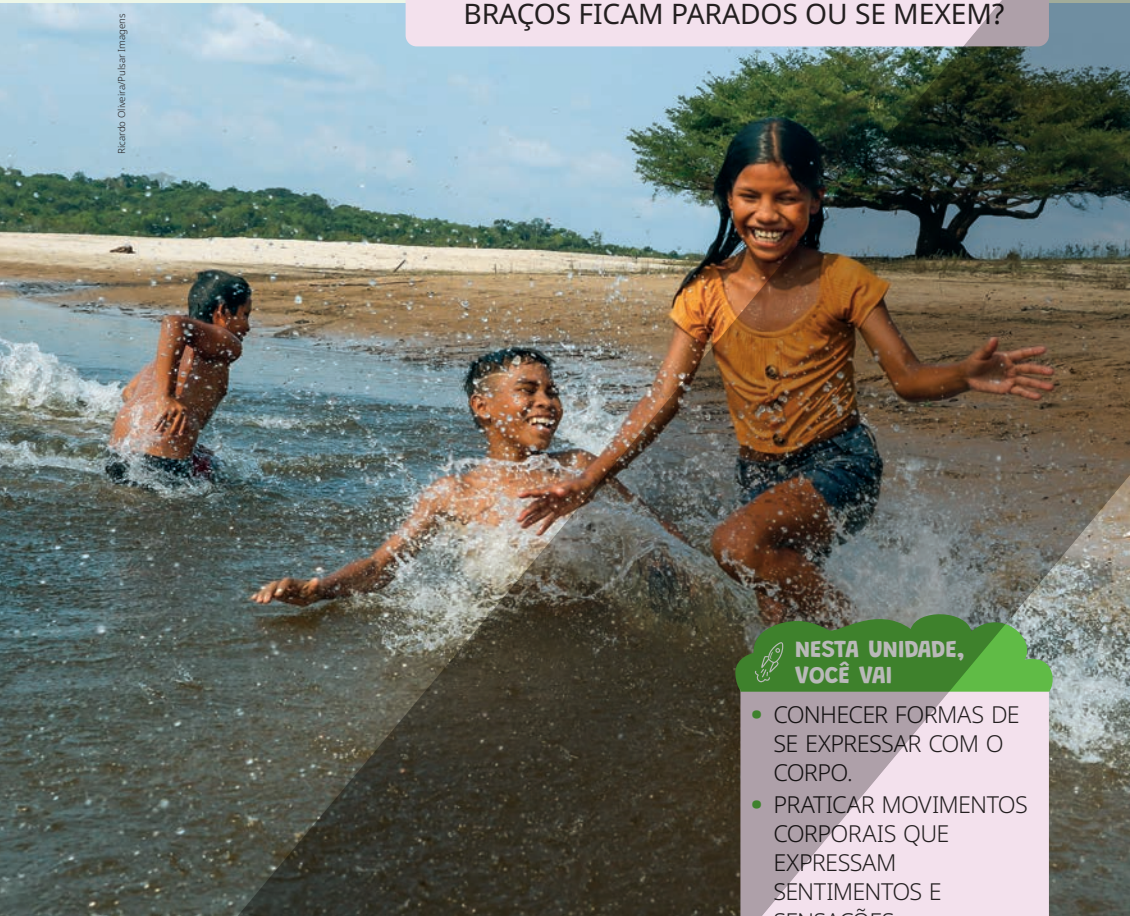
1. NAS IMAGENS, AS PESSOAS ESTÃO PARADAS OU EM MOVIMENTO?
2. O QUE ELAS ESTÃO FAZENDO?
3. NA SEGUNDA IMAGEM, ONDE AS CRIANÇAS ESTÃO? DEVE SER MAIS FÁCIL OU MAIS DIFÍCIL SE MOVIMENTAR NESSE LUGAR?
4. VOCÊ COSTUMA ANDAR RÁPIDO OU DEVAGAR? ENQUANTO ANDA, SEUS BRAÇOS FICAM PARADOS OU SE MEXEM?

Sobre a avaliação

A abertura da unidade e a seção **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação das duas imagens apresentadas e na análise comparativa entre elas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes respondam que as pessoas estão em movimento.
2. Espera-se que os estudantes percebam que na primeira imagem os jovens estão brincando de cabo de guerra, puxando uma corda com bastante força. Na segunda imagem, as crianças estão brincando na água.
3. As crianças estão em um rio. Espera-se que concluam que é mais difícil se movimentar em um local com água.
4. Respostas pessoais. Conduza os estudantes a um momento de reflexão sobre o jeito de caminhar de cada um deles. A ideia é levá-los a pensar nos movimentos que o corpo executa sem que percebamos.



NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- CONHECER FORMAS DE SE EXPRESSAR COM O CORPO.
- PRATICAR MOVIMENTOS CORPORAIS QUE EXPRESSAM SENTIMENTOS E SENSações.
- APRECIAR FORMAS DIFERENTES DE DANÇAR.

CRIS OLIVEIRA/PULSAR IMAGENS
CRIANÇAS INDÍGENAS BRINCAM NO RIO UACURAPA, EM PARINTINS, AMAZONAS, 2024.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A seção **Aquecendo** tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma atividade prática que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma que se propicie aos estudantes uma vivência prática logo no início do trabalho com a unidade, a fim de que fiquem mais ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

Para desenvolver as atividades desta seção, prepare a sala de aula, afastando mesas e cadeiras e criando um espaço livre no centro. Se houver estudantes com mobilidade reduzida, adapte os movimentos para que possam participar realizando expressões faciais ou pequenas movimentações, de acordo com suas possibilidades.

A proposta da **atividade 1** tem o objetivo de ativar a percepção corpórea dos estudantes, com movimentos que trabalham o equilíbrio por meio da exploração da troca de posição dos membros inferiores e superiores. Assim, espera-se que eles se deem conta de como os movimentos de cada parte interferem no equilíbrio e percebam o corpo de maneira global, a partir de suas diferentes partes. Ofereça adaptações, como apoiar em uma cadeira ou fazer o movimento sentado, para estudantes com mobilidade reduzida ou com dificuldades motoras.

A atividade pode ser narrada de maneira lúdica. Nesse sentido, você poderá agregar novos elementos e recursos para incrementar o percurso, como áudios com som de vento, chuva e canto de pássaros. É importante, no entanto, que os estudantes estejam engajados na proposta e focados em seus movimentos, levando em consideração que as mudanças na narrativa exigem troca de posição.

A **atividade 2** tem o objetivo de incentivar a expressão corporal dos estudantes, promovendo o uso da criatividade e o desenvolvimento de noções de espaço, fluidez e variação de movimento. Dê continuidade ao clima lúdico e criativo do trabalho corporal solicitando aos estudantes que indiquem novas situações que envolvam a árvore e o ambiente natural, como chuva, vento, animais etc. Assim, eles vão explorar movimentos a partir da ação do colega de dupla.



AQUECENDO

PARA CONHECER MEU CORPO

1. **IMAGINE QUE VOCÊ É UMA ÁRVORE QUE FOI PLANTADA NO SOLO E QUE PRECISA TER RAÍZES BEM FIRMES PARA RESISTIR AO VENTO E À CHUVA. LEIA AS ORIENTAÇÕES.**



LEMBRE-SE DE VOLTAR À POSIÇÃO INICIAL APÓS CADA ETAPA.

- A)** PARA FICAR BEM PLANTADO NA TERRA, VOCÊ PRECISA MANTER OS PÉS APOIADOS FIRMEMENTE NO CHÃO E OS BRAÇOS AO LADO DO CORPO.



- B)** COMEÇOU UMA VENTANIA QUE FEZ VOCÊ BALANÇAR. PARA SE EQUILIBRAR, LEVANTE O PÉ ESQUERDO E OS DOIS BRAÇOS.



- C)** O VENTO AGORA ESTÁ MAIS FORTE. VOCÊ VAI LEVANTAR A PERNA DIREITA E CONTINUAR COM OS DOIS BRAÇOS ERGUIDOS.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

24

Para o questionamento da **atividade 3** não existe uma resposta fechada. As ideias trazidas pelos estudantes devem ser acolhidas e valorizadas. Ajude-os na reflexão a respeito de como utilizamos o corpo no dia a dia e sobre quando e como podemos nos mexer de forma livre. Questione se eles gostariam de se movimentar de forma diferente em algum lugar ou em alguma situação. Aproveite para perguntar também se já perceberam que, durante as brincadeiras, as formas de se mexer costumam ser mais espontâneas e variadas.

D) COMEÇOU A CHOVER! COMO A ÁGUA ESTÁ VINDO NA DIREÇÃO DE SEU ROSTO, VOCÊ DEVE LEVAR O PÉ DIREITO PARA A FRENTE E O PÉ ESQUERDO PARA TRÁS. VOCÊ TAMBÉM PRECISA LEVANTAR O BRAÇO ESQUERDO E FECHAR OS OLHOS.



E) A CHUVA MUDOU DE DIREÇÃO. ENTÃO, VOCÊ VAI LEVAR O PÉ ESQUERDO PARA A FRENTE E O PÉ DIREITO PARA TRÁS. AGORA, VOCÊ PRECISA LEVANTAR O BRAÇO DIREITO E FECHAR NOVAMENTE OS OLHOS.



F) PASSADA A CHUVA, UM PÁSSARO BEM GRANDE POUSOU EM UM DE SEUS GALHOS. PARA SUPORTAR O PESO DELE, VOCÊ VAI SE AGACHAR LEVEMENTE, FLEXIONANDO UM POUCO OS JOELHOS, E ERGUER OS BRAÇOS PARA A FRENTE.



2. É SUA VEZ DE CRIAR, EM DUPLA, OUTRAS SITUAÇÕES PARA MOSTRAR QUE SUA ÁRVORE TEM FORÇA E EQUILÍBRIO.

3. PARA ENCERRAR, REFLITA E RESPONDA: PARA VOCÊ, O QUE É SE MEXER DE FORMA LIVRE? **3. Resposta pessoal.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



25

Atividade complementar

Proponha uma atividade de identificação e reconhecimento de partes do corpo. Para isso, você pode cantar com os estudantes a canção “Cabeça, ombro, joelho e pé”, cuja letra disponibilizamos a seguir.

Cabeça, ombro, joelho e pé
Joelho e pé

Cabeça, ombro, joelho e pé
Joelho e pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz
Cabeça, ombro, joelho e pé

E agora, nós não vamos cantar cabeça

Ombro, joelho e pé

Joelho e pé

Ombro, joelho e pé

Joelho e pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz

Ombro, joelho e pé

Atenção!

Agora não vamos cantar nem cabeça

nem ombro

Joelho e pé

Joelho e pé

Joelho e pé

Joelho e pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz

Joelho e pé

Muito bem!

Agora não vamos cantar nem cabeça

Nem ombro, nem joelho

Pé

Pé

Pé

Pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz

Pé

Muito bem!

E agora sabem como é?

Não vamos cantar cabeça nem ombro

Nem joelho e nem pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz

E agora todo mundo cantando bem

forte

Cabeça, ombro, joelho e pé

Cabeça, ombro, joelho e pé

Joelho e pé

Cabeça, ombro, joelho e pé

Joelho e pé

Olhos, ouvidos, boca e nariz

Cabeça, ombro, joelho e pé

Domínio público.

Caso não conheça essa canção, procure na internet algum vídeo que a reproduza para aprender a cantá-la. Depois, forme uma roda com os estudantes e explique-lhes que, enquanto cantam a canção, eles devem colocar as mãos em cada parte do corpo citada na letra da música. Faça uma ou duas rodadas de teste e depois inicie a atividade, explicando que o participante que colocar a mão na parte errada do corpo fica de fora da rodada até que outra se inicie.

Saiba mais

Para ampliar o conhecimento dos estudantes acerca do próprio corpo e desenvolver neles a consciência corporal, sugerimos a leitura do livro *Corpo, corpinho, corpão*, de Mey Clerici e Ivanke (Brinque-Book, 2023). De forma lúdica e divertida, a obra trata de como cada corpo é único e capaz de executar muitas atividades, abordando a diversidade corporal e ensinando os estudantes a respeitar seus limites e os dos outros.

Sobre a avaliação

Ao realizar as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros no caderno ou em outro suporte, como uma pasta física ou virtual, para a formação de um **portfólio** que poderá servir de instru-

mento avaliativo no decorrer do ano letivo. O portfólio é uma ferramenta útil para que você acompanhe o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes, mas você também pode criar um **diário de bordo** e fazer anotações sobre os estudantes com mais dificuldade e sobre aqueles que têm mais facilidade.

Na proposta apresentada, os estudantes vão participar de atividades lúdicas que trabalham consciência corporal para que eles comecem a compreender o corpo também como meio expressivo. Verifique se entenderam as atividades e observe as possíveis dificuldades, intervindo quando necessário e adaptando as atividades de acordo com cada estudante.

Orientações

Esta seção tem por objetivo introduzir o conteúdo central da unidade, podendo focalizar uma manifestação artística, uma expressão cultural, um artista ou uma obra de arte. As ilustrações compõem com o texto expositivo uma experiência típica de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com sua realidade. A seção pode ser conduzida como uma narrativa ou uma contação de histórias por você, que pode, ainda, escolher determinadas palavras ou expressões do texto para reforçar conteúdos já trabalhados de alfabetização. Nesse sentido, a oralidade e o modo poético de conduzir o conteúdo vão aproximar os estudantes do assunto também por uma via afetiva, criando laços mais profundos entre você e a turma.

Durante a leitura, auxilie as crianças a reconhecer as partes do corpo, solicitando a elas que as apontem conforme são citadas ou propondo que façam um jogo do espelho com os colegas.

Para o trabalho com esta seção, tenha em mente que a linguagem corporal é uma forma de comunicação que acontece por meio dos gestos, posturas e movimentos do corpo. Na dança, essa linguagem ganha destaque, pois o corpo se torna o principal meio de expressão. Mesmo sem usar palavras, é possível demonstrar sentimentos, ideias, histórias e sensações apenas com o movimento. Desde muito pequenas, as crianças já usam o corpo para se comunicar: rindo, chorando, felizes, tristes, cansadas ou animadas. O corpo responde de maneiras diferentes. A dança amplia essa capacidade expressiva, permitindo que cada pessoa descubra novas formas de se movimentar, de se conhecer e de se relacionar com os outros. Ao dançar, as crianças experimentam a liberdade de criar, de brincar com o espaço, o tempo e o ritmo, construindo significados por meio do próprio corpo. Por isso, trabalhar a linguagem corporal na dança desde cedo é fundamental para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da consciência corporal.

Objeto digital

Para apoiar esse estudo, você pode solicitar à turma que acesse o **infográfico clicável**, disponível no Livro Digital do Estudante.

CONHECENDO ARTE



AS PARTES DO CORPO

NOSSO CORPO É FORMADO POR VÁRIAS PARTES IMPORTANTES. VAMOS RECORDAR?

NA **CABEÇA** FICAM OS OLHOS, O NARIZ, A BOCA E AS ORELHAS. COM OS OLHOS, VEMOS; COM O NARIZ, CHEIRAMOS E RESPIRAMOS; COM A BOCA, COMEMOS, FALAMOS E SORRIMOS; E COM AS ORELHAS, ESCUTAMOS.



Ilustrações: Ana Barbosa

O **TRONCO** É A PARTE CENTRAL DO CORPO. ELE ABRIGA ÓRGÃOS ESSENCIAIS, COMO O CORAÇÃO E OS PULMÕES, PARA SE MANTER FUNCIONANDO. OS **BRAÇOS** E AS **MÃOS** NOS AJUDAM A ALCANÇAR OBJETOS, DESENHAR, BRINCAR E ABRAÇAR.



JÁ AS **PERNAS** E OS **PÉS**, ALÉM DE NOS SUSTENTAR, NOS PERMITEM CAMINHAR, CORRER E PULAR.



CADA CORPO É ÚNICO E PODE SER DIFERENTE EM TAMANHOS, FORMAS E HABILIDADES. TODAS ESSAS DIFERENÇAS DEVEM SER RESPEITADAS.

ALÉM DE POSSIBILITAR A REALIZAÇÃO DAS FUNÇÕES DO DIA A DIA, O CORPO É O PRINCIPAL INSTRUMENTO PARA DANÇAR. COM CADA PARTE DELE, PODEMOS NOS EXPRESSAR DE UM JEITO PRÓPRIO: A CABEÇA PODE SE INCLINAR E VIRAR PARA OS LADOS, ACOMPANHANDO O RITMO DOS MOVIMENTOS; OS BRAÇOS E AS MÃOS PODEM DESENHAR FORMAS NO AR; O TRONCO CONTRIBUI PARA O EQUILÍBRIO E DÁ **FLUIDEZ** AOS MOVIMENTOS; E AS PERNAS E OS PÉS PODEM CRIAR PASSOS QUE FAZEM A DANÇA GANHAR VIDA.

FLUIDEZ: CARACTERÍSTICA DE ALGO QUE CORRE OU DESLIZA FACILMENTE.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

26

Articulação interdisciplinar

O estudo das partes do corpo e a linguagem corporal em Dança podem ser articulados com as aprendizagens de Ciências da Natureza, especificamente no que diz respeito à unidade temática **Vida e Evolução**, ao objeto de conhecimento Corpo Humano e à habilidade **EF01CI02**: Localizar, nomear e representar graficamente (por meio de desenhos) partes do corpo humano e explicar suas funções. Para isso, durante a leitura do texto dessa seção, é possível complementar a identificação das partes do corpo com a explicação de suas funções, tanto na arte como no cotidiano, levantando com os estudantes exemplos pertinentes ao conteúdo trabalhado.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR09 Ao destacar as funções da cabeça, do tronco, dos braços, das mãos, das pernas e dos pés, tanto no cotidiano quanto na dança, a proposta evidencia como cada parte do corpo contribui para o movimento expressivo. Essa abordagem evidencia a relação entre segmentos corporais e o todo do corpo em ação, ressaltando que a dança se constrói a partir da integração dessas partes.

O CORPO FALA

A **LINGUAGEM CORPORAL** É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO. GESTOS, EXPRESSÕES FACIAIS E MOVIMENTOS PODEM COMUNICAR SENTIMENTOS, SENSações E ATÉ INTENÇÕES, COMO QUANDO PULAMOS DE ALEGRIA AO GANHAR UM PRESENTE.

CADA PESSOA TEM UM MODO DE SE EXPRESSAR. ISSO INFLUENCIA A MANEIRA COMO CONVIVEMOS.

OBSERVE A FOTOGRAFIA DE UMA **RODA DE IMPROVISAÇÃO**.

RODA DE IMPROVISAÇÃO DE PATRICIA STOKOE. A IMPROVISAÇÃO AJUDA CADA PESSOA A DESENVOLVER UM JEITO PRÓPRIO DE SE EXPRESSAR COM O CORPO. BUENOS AIRES, C. 1960.



Alex Schächter/Cortesia Débora Kalmár Stokoe

1. DESCREVA COMO É O MOVIMENTO DAS MENINAS NA IMAGEM. 1. Resposta pessoal.
2. O QUE O CORPO DELAS EXPRESSA AO SE MEXER? 2. Resposta pessoal.



QUEM FOI PATRICIA STOKOE?

PATRICIA STOKOE (1919-1996) FOI UMA BAILARINA ARGENTINA QUE ESTUDOU O MOVIMENTO NA DANÇA.

BAILARINA
PATRICIA STOKOE.



Debora Prudent/Cortesia Débora Kalmár Stokoe

FOI PATRICIA QUEM COMEÇOU A UTILIZAR O TERMO "EXPRESSÃO CORPORAL" NA DÉCADA DE 1950, PARA FALAR DA LINGUAGEM QUE REPRESENTA SENSações, SENTIMENTOS E PENSAMENTOS POR MEIO DO CORPO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

27

Orientações

Na **atividade 1**, acolha as respostas dos estudantes, chame a atenção para o ambiente em que as garotas estão dançando, as roupas que estão usando etc. Comente que algumas partes da imagem parecem borradas e que isso se dá por causa de a fotografia ter sido feita enquanto as garotas estavam se mexendo durante o exercício de improvisação.

Na **atividade 2**, espera-se que os estudantes relacionem a imagem com palavras como "velocidade", "animação" ou "alegria", entre outras. Acolha todas as respostas.

Aproveite a pergunta para promover um momento de reflexão com a turma sobre a expressão corporal. Incentive os estudantes a compartilhar situações simples em que o corpo "fala" mesmo sem palavras, como quando estão com sono, com fome, com medo ou felizes. Valorize todas as reflexões, reforçando que o corpo se comunica o tempo todo, mesmo em gestos pequenos. Com base nessa conversa, proponha que as crianças mostrem com o corpo como seria andar com preguiça, pular de alegria, se assustar ou sentir frio, por exemplo. Incentive que elas observem os próprios gestos e os dos colegas, percebendo como cada um pode expressar a mesma coisa de maneiras diferentes. Reforce que não há um jeito certo ou errado de se mover, e sim formas diversas de sentir e mostrar essas sensações com o corpo. Finalize retomando a pergunta inicial e propondo uma breve conversa sobre o que descobriram ou perceberam de novo sobre os próprios movimentos. Essa atividade é importante para desenvolver a consciência corporal, a escuta e o respeito às formas singulares de expressão.

Atividade complementar

Como atividade complementar propomos uma roda de improvisação com a turma. Explique que cada estudante vai criar um movimento com o corpo – pode ser com os braços, as pernas, a cabeça ou o corpo todo. O movimento pode ser inspirado em algo de que eles gostam (como um animal, uma brincadeira ou um sentimento). Cada estudante, ao entrar no centro da roda, faz um gesto ou uma pequena sequência de movimentos, e os colegas imitam. A atividade segue até que todos tenham participado. Reforce a importância da escuta, do respeito e da valorização da criatividade de cada um.

Durante a atividade, incentive o uso de variações de altura e de intensidade nos movimentos. Ao final, proponha uma breve conversa para que os estudantes falem sobre como se sentiram, o que acharam mais divertido ou desafiador. Essa atividade fortalece a confiança, o repertório motor e a liberdade de criação dentro de um espaço coletivo. Caso alguém não se sinta confortável para participar da atividade, acolha esse estudante e convide-o para permanecer na roda. Explique que ele terá outras oportunidades de participar quando se sentir mais à vontade e confiante.

Saiba mais

Sugerimos a leitura do trecho de um artigo sobre dança e improvisação escrito por Jussara Miller, pesquisadora em dança, para a revista de pesquisa *Manzú Revista de Pesquisa em Artes Cênicas*. Nesse artigo, entre outros tópicos, a autora explora o conceito de improvisação e aborda sua importância no contexto da dança.

[...]

A improvisação permite a vivência do sentido próprio das ações de investigar, indagar, pesquisar, inquirir, descobrir, achar, interfeçar e seguir os vestígios do corpo em criação, não excluindo, mas acolhendo a experiência do indivíduo criador em sua transformação num jogo imprevisível de experimentação e risco onde a percepção e a conexão de sentidos acontecem no momento presente.

Com a provocação constante à atitude de atenção aos momentos e aos movimentos, permite-se a percepção das mudanças de estados corporais que ocorrem a cada instante no tempo real da dança. O que na rotina corporal pode ser vivenciado mecanicamente torna-se uma percepção consciente à medida que se conserva um estado de atenção aos movimentos. A atenção ao próprio corpo instaura a percepção do tempo presente, que é único, numa construção ao vivo do instante dançado. A atenção direcionada de forma consciente, sem ignorar a conexão entre os conteúdos conscientes e inconscientes na produção de movimento, provoca um estado de presença favorável ao improviso.

[...]

A improvisação traz momentos de movimentos que são instantaneamente percebidos com a atenção direcionada para reconhecer os caminhos de movimentos que podem ser revisitados e afirmados enquanto estudo do corpo nas infinitas possibilidades de mover-se. Diferenciando, assim, a repetição mecânica da repetição sensível. A primeira acontece como reprodução mecânica do movimento e a segunda como algo que pode ser revisitado e explorado com elevado grau de acuidade no momento presente.

A improvisação como prática de dança diária em sala de aula proporciona uma leitura refinada do corpo ao mesmo tempo em que demanda de uma capacidade de prever respostas rápidas às informações do corpo em troca com o

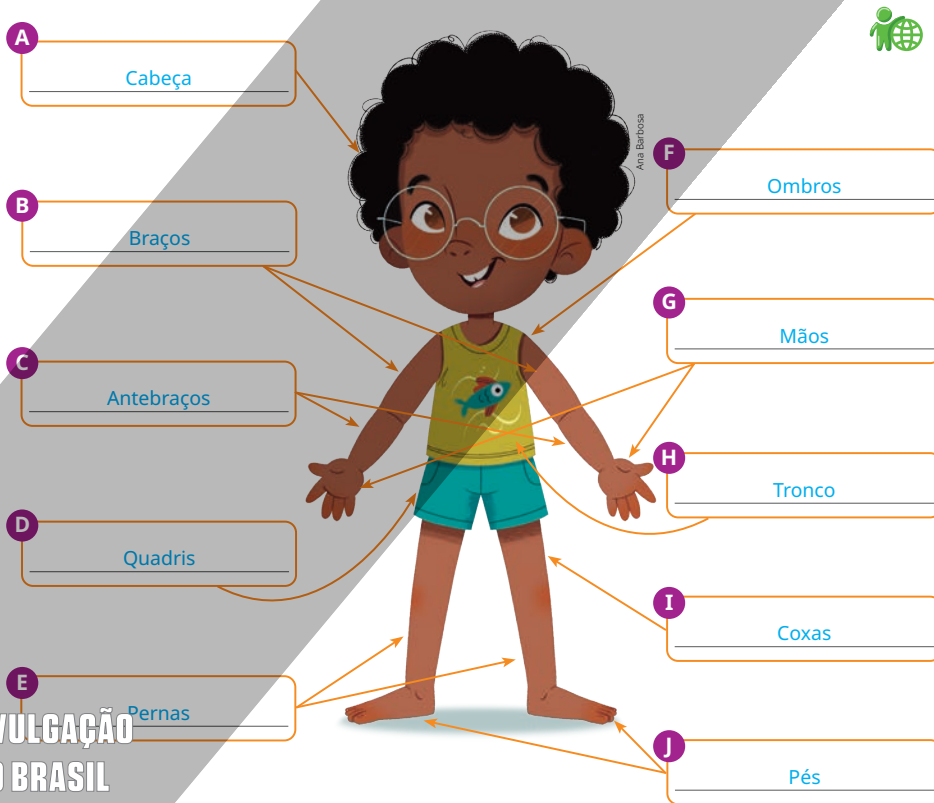


PENSANDO ARTE

O CORPO E A LINGUAGEM CORPORAL

1. LEIA AS PALAVRAS APRESENTADAS A SEGUIR E ESCREVA CADA UMA DELAS NO ESPAÇO DA PARTE DO CORPO A QUE ELA CORRESPONDE.

CABEÇA • TRONCO • BRAÇOS • COXAS • PERNAS
OMBROS • ANTEBRAÇOS • MÃOS • QUADRIS • PÉS



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

28

ambiente. Deste modo, a improvisação apresenta-se como procedimento para explorar e criar novas gramáticas de movimentos que poderão gerar estéticas e poéticas diferenciadas com a valorização da singularidade de cada corpo que dança, bem como do corpo que quer dançar.

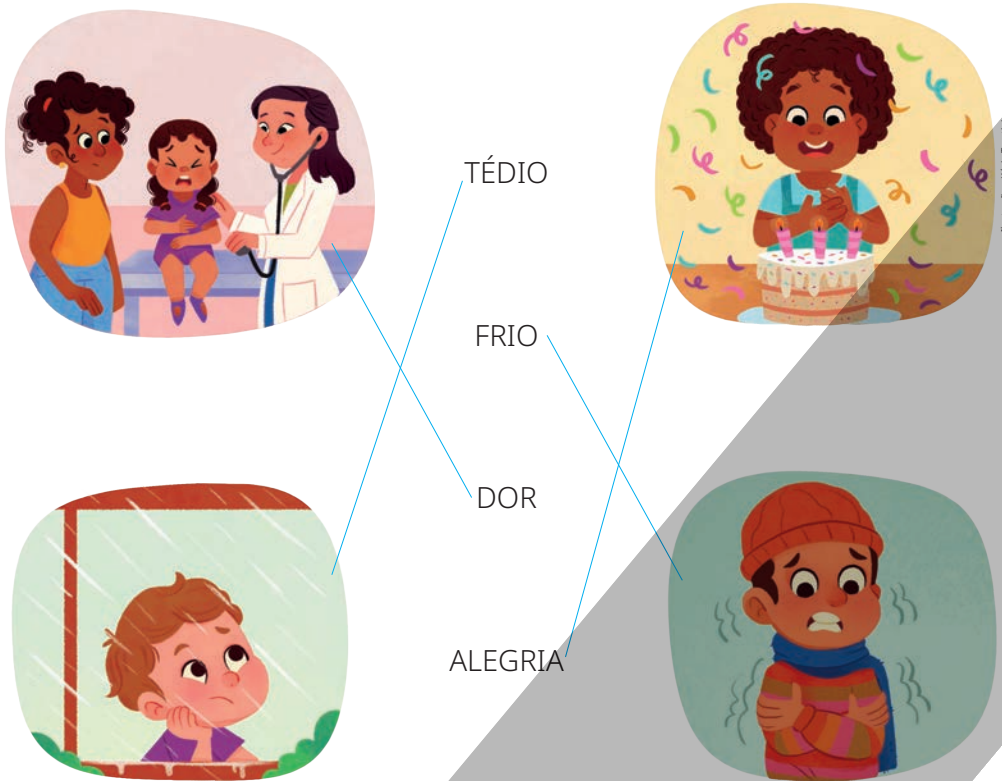
MILLER, J. Improvisação: o corpo como protagonista da criação. *Manzú Revista de Pesquisa em Artes Cênicas*, [s. l.], v. 5, 19 dez. 2022.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/24641>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Glossário

No contexto da dança, gramática de movimento é um termo metafórico usado para tratar da organização do conjunto de gestos, movimentos, deslocamentos que constroem sentido na dança. Cada estilo de dança tem sua gramática de movimento.

2. LIGUE AS PALAVRAS ÀS IMAGENS QUE REPRESENTAM O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO SENTINDO.



3. COM UM COLEGA, FAÇA MOVIMENTOS, EXPRESSÕES FACIAIS E GESTOS QUE DEMONSTREM COMO SEU CORPO SE COMPORTA QUANDO VOCÊ ESTÁ:

- A) COM FOME.
- B) CANSADO.
- C) COM SONO.
- D) TRISTE.
- E) COM RAIVA.
- F) ANIMADO.

4. DE QUE MODO VOCÊ MANDA UMA MENSAGEM FACIAL OU GESTO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA BRASILEIRA

Orientações

Na **atividade 1**, ajude a turma a ler as palavras que nomeiam as partes do corpo. Faça uma leitura pausada e peça aos estudantes que apontem a parte do corpo em questão. Para realizar a atividade, eles deverão escrever as palavras nos espaços correspondentes às partes do corpo representadas na ilustração. Você pode atuar como escriba e copiar as palavras na lousa, embora os estudantes consigam copiá-las do próprio livro. Leve em consideração a diversidade corporal de sua turma e aproveite para

promover uma conversa para explicar que as pessoas podem apresentar corpos diferentes, mas todas devem ser respeitadas e ter suas possibilidades valorizadas.

Na **atividade 2**, converse com a turma sobre as situações retratadas nas ilustrações, solicitando aos estudantes que descrevam cada cena e perguntando a eles o que pode ter provocado as sensações. Aproveite o momento para questionar o que costuma incomodá-los e o que costuma provocar neles sensações de bem-estar.

Para a **atividade 3**, organize os estudantes em duplas para que fique mais fácil observar as expressões dos colegas. Explique que a atividade será feita sem o uso de palavras, apenas com gestos. Cada dupla vai representar, por meio de movimentos e expressões, como o corpo se comporta em diferentes situações do dia a dia: quando estamos com fome, cansados, com sono, tristes, com raiva ou animados. Apresente uma emoção por vez e dê um tempo para que todos possam explorar livremente e pensar como expressá-la com o corpo. Incentive a criatividade e a escuta atenta, sempre reforçando o respeito às diferenças. Depois, troque as duplas para que os estudantes ampliem a percepção das diferentes possibilidades de movimento.

As **atividades 2 e 3** oportunizam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais ao nomear emoções, sentimentos e estados mentais, além de favorecer a compreensão da expressão corporal que os acompanha.

Na **atividade 4**, conduza uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem suas impressões e, depois, oriente-os a escolher o gesto ou a expressão do colega que mais chamou sua atenção. Se achar oportuno, peça a eles que registrem no caderno essa expressão ou gesto.

Lembre-se de que para as atividades práticas é importante proporcionar um ambiente seguro, permitindo que estudantes tímidos observem antes de participar. O uso de música pode ser uma variação da atividade, pois ajuda a tornar os gestos mais fluidos, estimulando a espontaneidade dos estudantes.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de inclusão dos estudantes e de regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada criança. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes em um **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

Converse com os estudantes sobre suas experiências com espetáculos de dança. Pergunte se algum deles já assistiu a uma apresentação de dança e, em caso positivo, incentive o compartilhamento de impressões e de sensações com o restante da turma. Caso eles ainda não tenham tido essa vivência, incentive-os a imaginar como seria. Mostre a eles outras imagens do espetáculo *Folia dos bichos* para que possam compreender melhor a atuação dos bailarinos e a função dos elementos cênicos no palco. Disponível em: <https://cultura.jundiai.sp.gov.br/copos-artisticos/cia-jovem-de-danca/>. Acesso em: 7 abr. 2025. O espetáculo *Entre o corpo e o azul*, da mesma companhia, utiliza como elemento cênico diferentes gradações de iluminação, alterando o clima e o cenário da composição coreográfica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wooczYf20tU>. Acesso em: 7 abr. 2025.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR08 A apreciação das imagens do espetáculo *Folia dos bichos* possibilita que os estudantes reconheçam a dança como uma linguagem artística presente em diferentes contextos culturais. As representações de animais e elementos da natureza, exploradas em movimentos corporais e no uso de objetos cênicos, favorecem a percepção e a ampliação do repertório corporal, além de cultivar a imaginação e a capacidade de simbolizar.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



CONHECENDO MAIS ARTE

EXPRESSÃO DE ARTISTA

OS MOVIMENTOS DO CORPO PODEM SER USADOS PARA UMA ATIVIDADE MUITO CRIATIVA: DANÇAR!

EM MUITAS CULTURAS, AS PESSOAS DANÇAM PARA CELEBRAR, CONTAR HISTÓRIAS OU EXPRESSAR SENTIMENTOS, COMO NAS FESTAS JUNINAS E NOS RITUAIS INDÍGENAS.

VAMOS APRECIAR IMAGENS DE ALGUMAS PESSOAS PRATICANDO ESSA LINGUAGEM ARTÍSTICA?

Fotografias PMJ



APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO *FOLIA DOS BICHOS*, DA CIA. JOVEM DE DANÇA DE JUNDIAÍ, SÃO PAULO, 2024.

Fotografias PMJ



APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO *FOLIA DOS BICHOS*, DA CIA. JOVEM DE DANÇA DE JUNDIAÍ, SÃO PAULO, 2024.

30

1. QUE ELEMENTO DA NATUREZA É REPRESENTADO NA PRIMEIRA IMAGEM?
1. Espera-se que os estudantes notem o uso de tecidos azuis para representar a água. Chame a atenção deles para a estratégia dos bailarinos ao movimentar o próprio corpo e os tecidos para indicar o movimento e a leveza da água.
2. NA SEGUNDA IMAGEM, ALÉM DO CORPO, OS BAILARINOS USARAM UM OBJETO PARA REPRESENTAR UM ANIMAL. QUE ANIMAL É ESSE?
2. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um elefante. Os bailarinos utilizaram uma estrutura de metal para representar a tromba e o próprio corpo para retratar as outras partes do animal, como as quatro patas e o rabo.
3. QUE PARTES DO CORPO OS BAILARINOS ESTÃO UTILIZANDO PARA DANÇAR?

QUEM É A CIA. JOVEM DE DANÇA DE JUNDIAÍ?

A COMPANHIA, QUE FOI FUNDADA EM 2015, É COMPOSTA DE BAILARINOS DE 18 A 26 ANOS. OS ENSAIOS DO GRUPO ACONTECEM NO CENTRO DAS ARTES DA CIDADE DE JUNDIAÍ, EM SÃO PAULO.

O ESPETÁCULO *FOLIA DOS BICHOS*, DA **CIA. JOVEM DE DANÇA DE JUNDIAÍ**, FOI INSPIRADO EM ANIMAIS E EM ELEMENTOS DA NATUREZA. TENDE IDENTIFICAR OS MOVIMENTOS E AS EXPRESSÕES DOS BAILARINOS.

3. Espera-se que os estudantes notem que os bailarinos estão utilizando todo o corpo para dançar. Aceite as respostas da turma e amplie a discussão sobre as imagens. Pergunte a eles, por exemplo, se fariam algo diferente para representar a água e o elefante em uma dança.

PERGUNTA EM CASA

PERGUNTE A UMA PESSOA PRÓXIMA A VOCÊ:

1. VOCÊ JÁ DANÇOU SEM PERCEBER QUE ESTAVA DANÇANDO?
2. COMO E QUANDO ISSO ACONTECEU?

REGISTRE SUAS RESPOSTAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A atividade **Pergunta em casa** aproxima a linguagem da dança trabalhada em sala de aula do cotidiano familiar dos estudantes, destacando que dançar não se limita ao palco nem a passos coreografados. Oriente a turma a fazer as perguntas com curiosidade, escutando com atenção as respostas do entrevistado – pode ser um familiar, amigo ou alguém com quem convive. O objetivo é levar os estudantes a perceber que a dança está presente em muitos momentos do cotidiano. Ao pedir que registrem a situação relatada, trabalhamos a escuta sensível, a imaginação e a percepção de que a dança está presente em momentos espontâneos do dia a dia, como ao ouvir uma música animada em uma festa ou até em casa durante a execução de tarefas rotineiras. Para a realização dos registros, oriente os estudantes a desenhar ou a escrever como sabem as conclusões a que chegaram. Caso a resposta tenha sido positiva, peça a eles que, além de compartilhar os registros, falem sobre como foi a conversa e incentive-os a contar detalhes de que se lembram. Caso a resposta tenha sido negativa, peça-lhes que expliquem o motivo e incentive-os a pensar na própria vivência, perguntando se eles dançam sem perceber.

O compartilhamento desses registros durante a aula fortalece o vínculo entre a escola e a cultura vivida fora dela, aproximando os universos pelos quais o estudante transita.

O trabalho de valorização do contexto familiar e sua aproximação do contexto escolar mobiliza o desenvolvimento do TCT **Cidadania e Civismo**.

Orientações

Nesta e na próxima página, apresentamos o alongamento como uma ferramenta de preparo do corpo para o movimento. Logo depois, sugerimos uma experimentação com o passo a passo de exercícios que podem ser realizados pelos estudantes. Para tanto, antes de propor a atividade, mostre exemplos de como os dançarinos utilizam o alongamento antes de ensaios e apresentações para relacionar esses exercícios aos conteúdos sobre dança. Em uma breve pesquisa na internet você encontra diversos vídeos sobre o assunto.

Converse com a turma sobre a importância do exercício físico para uma vida saudável. Comente também que, para se manter saudável, além de praticar atividade física, é preciso ter uma alimentação balanceada e aproveitar momentos de lazer e de fruição artística.

Ajude os estudantes a fazer a sequência de alongamento, mapeie a dificuldade de cada um deles e, sempre que julgar necessário, oriente a realização de movimentos com menor intensidade ou adaptados.

MALETA DE ARTISTA

UMA DAS FERRAMENTAS UTILIZADAS NA DANÇA É O ALONGAMENTO, QUE É UMA SÉRIE DE EXERCÍCIOS LEVES.

ESSA PREPARAÇÃO DEIXA OS MÚSCULOS FLEXÍVEIS, EVITANDO ACIDENTES E MACHUCADOS. É UMA ÓTIMA ATIVIDADE FÍSICA PARA QUEM NÃO ESTÁ ACOSTUMADO A SE MOVIMENTAR.

QUE TAL EXPERIMENTAR O ALONGAMENTO? PARA ISSO, SIGA AS ORIENTAÇÕES.



1. FIQUE EM PÉ, AFASTE AS PERNAS E POSICIONE OS PÉS PARA A FRENTE, FLEXIONANDO UM POUCO OS JOELHOS.



2. PUXE LEVEMENTE A CABEÇA PARA O LADO COM UMA DAS MÃOS. DEPOIS, FAÇA O MESMO DO OUTRO LADO.

PARA IR MAIS LONGE



VISITA GUIADA

- NO SEU BAIRRO OU MUNICÍPIO EXISTEM ESTÚDIOS OU COMPANHIAS DE DANÇA? COM SEUS FAMILIARES, FAÇA UMA VISITA A UM DESSES LUGARES PARA CONFERIR COMO OS DANÇARINOS SE PREPARAM.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



3. COM UMA DAS MÃOS, PRESSE O COTOVELO DO OUTRO BRAÇO EM DIREÇÃO AO CORPO. DEPOIS, FAÇA O MESMO DO OUTRO LADO.



Ilustrações: Késia Trentini

4. COLOQUE UMA DAS MÃOS NA CINTURA, LEVANTE A OUTRA E INCLINE O CORPO PARA A LATERAL. DEPOIS, FAÇA O MESMO DO OUTRO LADO.



5. DEITE-SE EM UM COLCHONETE. ESTENDA UMA DAS PERNAS E FLEXIONE A OUTRA COLOCANDO AS MÃOS ATRÁS DO JOELHO. DEPOIS, FAÇA O MESMO DO OUTRO LADO.

PARA IR MAIS LONGE

LIVRO

- **CORPO, CORPINHO, CORPÃO**, DE IVANKE E MEY, EDITORA BRINQUE-BOOK, 2023.

NESSA LÍNGUA MATERIAL DE DIVULGAÇÃO MAIS SOBRE AS PARTES DO CORPO DE UMA MANEIRA MUITO DIVERTIDA.



Editora Brinque-Books

Orientações

Na **atividade 1**, oriente a turma a seguir os comandos que você vai dar, lendo as instruções da página.

Se for preciso, separe a turma em grupos menores para que o espaço acomode melhor os estudantes. Organize a sala de aula para que haja espaço suficiente para que os estudantes se movimentem sem se machucar nem esbarrar uns nos outros. Prepare o ambiente, afastando mesas e cadeiras.

Verifique se há espaço suficiente para que os estudantes possam deitar e apoiar a barriga ou os joelhos no chão; também é preciso que o ambiente esteja limpo. Uma opção é fixar no chão folhas de papel *Kraft*, EVA ou papelão para criar uma superfície lisa.

O objetivo é proporcionar aos estudantes um espaço em que possam criar um repertório de movimentos para que depois, na **atividade 2**, consigam organizar a sequência dançada. Ouça a música com a turma e ajude na organização do ensaio. Depois das apresentações, promova uma conversa com os estudantes, seguindo as questões propostas na **atividade 3**, para que possam compartilhar o que acharam da atividade anterior.

Se julgar oportuno e se houver tempo, você pode propor aos grupos que criem variações para os movimentos já realizados, explorando diferentes intensidades, direções e relações entre os integrantes. Dessa maneira, você incentiva a criatividade e a autonomia dos estudantes.

Objeto digital

Para a apresentação da **atividade 2**, ouça com os estudantes a música do **álbum** disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR10 e **EF15AR11** A proposta de dançar apoiando diferentes partes do corpo em deslocamentos variados incentiva os estudantes a experimentar direções, ritmos e planos espaciais, ampliando as possibilidades de movimento. Ao organizar esses gestos em uma sequência coreográfica coletiva, eles exercitam a improvisação, a criação e a colaboração, explorando conjuntamente aspectos estruturais e expressivos do movimento.

FAZENDO ARTE

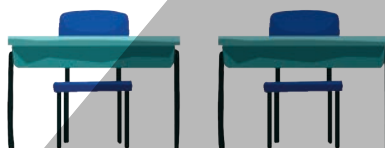
PARA DANÇAR APOIADO

1. VOCÊ VAI BRINCAR COM A TURMA DE PARADA DOS APOIOS.



O PROFESSOR VAI DAR OS COMANDOS E DETERMINAR, A CADA PARADA, A PARTE DO CORPO QUE VOCÊ DEVE USAR PARA SE APOIAR, COMO MÃOS, PÉS, JOELHOS E COSTAS.

A) CORRA PELA SALA, PARE E FIQUE EM PÉ COM UM PÉ SÓ!



Ilustrações: Rodrigo Tazoto

B) CORRA PELA SALA E PARE COM A BARRIGA NO CHÃO!



C) ANDE NORMALMENTE PELA SALA E PARE COM OS JOELHOS NO CHÃO!



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- D)** ANDE DEVAGAR PELA SALA, PARE E RECOMECE A ANDAR DE COSTAS!



- E)** ANDE RAPIDAMENTE PELA SALA E PARE COM UMA MÃO NA PAREDE!



- 2.** EM UM GRUPO COM QUATRO INTEGRANTES, OUÇA A MÚSICA E PREPARE UMA SEQUÊNCIA COM OS MOVIMENTOS DE TODAS AS PARADAS PARA DANÇAR.



ÁUDIO 2



- A)** ESCUTE A MÚSICA E CONVERSE COM OS COLEGAS SOBRE OS MOVIMENTOS QUE PODEM SER FEITOS.
- B)** COMBINE COM ELES A SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS.
- C)** ENSAIE, TESTANDO E MELHORANDO OS MOVIMENTOS DA SEQUÊNCIA.
- D)** RETOME A SEQUÊNCIA DE ALONGAMENTO FEITA PARA PREPARAR O CORPO PARA A APRESENTAÇÃO.
- E)** COM OS COLEGAS DE GRUPO, APRESENTE A DANÇA PARA A TURMA.

- 3.** DEPOIS DA APRESENTAÇÃO, RESPONDA:

- A)** DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NA APRESENTAÇÃO DOS COLEGAS? **3. a) Resposta pessoal.**
- B)** O QUE FOI MAIS DIFÍCIL DE FAZER DURANTE A PREPARAÇÃO DA DANÇA? **3. b) Resposta pessoal.**
- C)** O QUE VOCE FARIA DIFERENTE EM UMA PRÓXIMA OPORTUNIDADE? **3. c) Resposta pessoal.**



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É importante, nesse momento, falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que, em dado momento, o estudante deve se apresentar e em outro deve ser espectador dos colegas.

Com os estudantes, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para autoavaliação, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo. Depois, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas nesta seção.

Na **atividade 1**, converse com os estudantes para que eles possam compartilhar o que acharam das atividades de expressão corporal e como se sentiram durante os exercícios de alongamento e de parada de apoios. Ouça a opinião de todos e aproveite para conversar com aqueles que não se envolveram tanto com as propostas para entender melhor o que impediu a interação com a atividade.

Na **atividade 2**, espera-se que os estudantes tenham compreendido que com a linguagem corporal podemos comunicar sentimentos e ideias sem usar a fala, por meio de gestos, expressões e movimentos corporais.

Na **atividade 3**, espera-se que os estudantes tenham tido uma experiência positiva com a série de alongamentos e comentem que compreenderam que esse tipo de exercício ajuda a preparar o corpo para a execução da dança, auxiliando no aquecimento dos músculos e na flexibilidade.

Na **atividade 4**, espera-se que os estudantes tenham refletido sobre as partes do corpo e os movimentos que cada uma delas é capaz de executar.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O CORPO PODE EXPRESSAR SENTIMENTOS E EMOÇÕES.
- A LINGUAGEM CORPORAL É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO.
- CADA PESSOA É ÚNICA E SE EXPRESSA COM MOVIMENTOS DE UM MODO PRÓPRIO.
- A RODA DE IMPROVISAÇÃO AJUDA A DESENVOLVER A LINGUAGEM CORPORAL DE CADA PESSOA.
- É POSSÍVEL REPRODUZIR OS MOVIMENTOS DOS ANIMAIS COM NOSSO CORPO.
- EXERCÍCIOS DE ALONGAMENTO SÃO MUITO IMPORTANTES NA DANÇA, POIS DEIXAM OS MÚSCULOS MAIS FLEXÍVEIS.



Rodrigo Facina

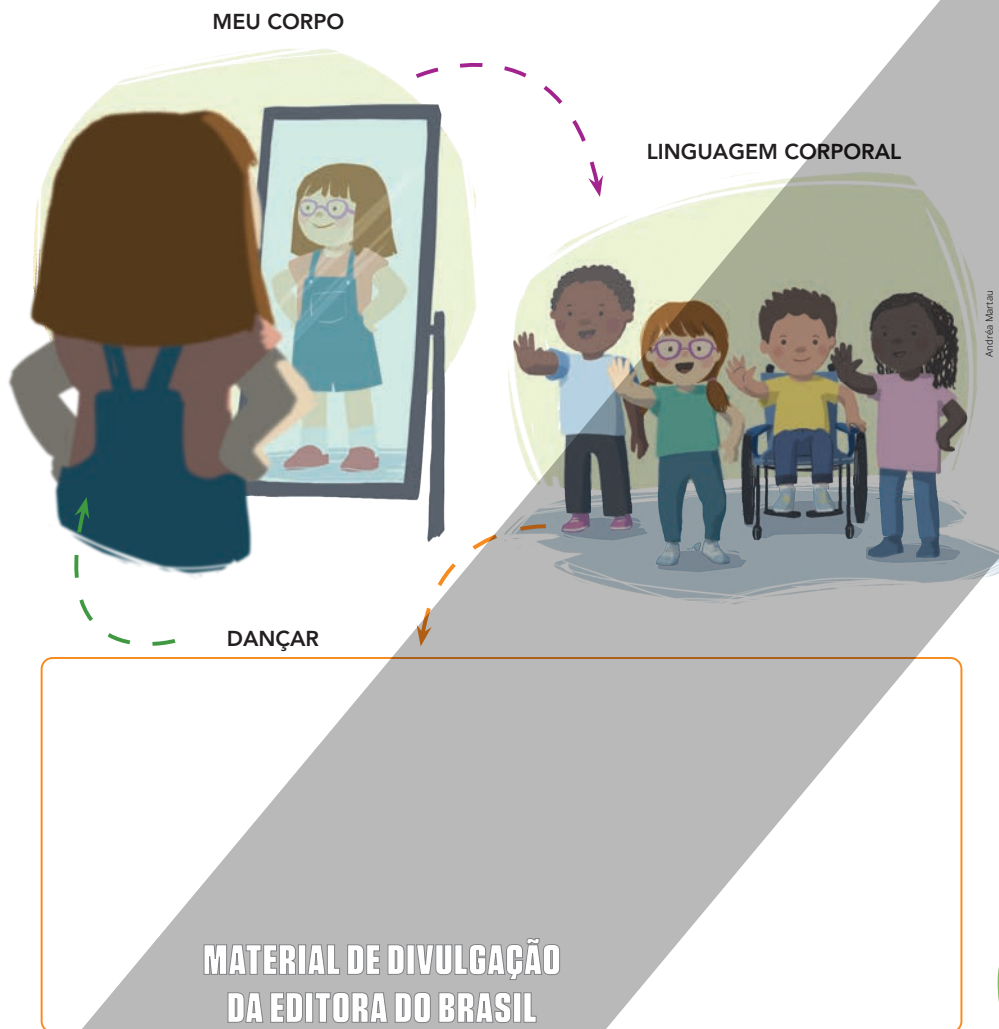
PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. VOCÊ EXPERIMENTOU ALGUM MOVIMENTO DIFERENTE? DE QUAL VOCÊ MAIS GOSTOU? [1. Respostas pessoais.](#)
2. O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE SE EXPRESSAR COM O CORPO? [2. Resposta pessoal.](#)
3. COMO SE SENTIU APÓS TERMINAR A SÉRIE DE EXERCÍCIOS DE ALONGAMENTO? [3. Resposta pessoal.](#)
4. CONTE PARA OS COLEGAS O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE O CORPO DURANTE A PREPARAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS. [4. Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

36

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL DESTA PÁGINA. COMPLETE O MAPA COM SEUS DESENHOS.



Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa se trata de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final na unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que procura conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes para inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou ao organizar os estudantes em grupos, é possível propiciar a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo, de forma dialógica entre os estudantes.

Após a inserção dos desenhos por parte dos estudantes, é importante dispor de um momento de socialização das suas intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem, por exemplo, compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos.

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos e oriente-os a completar as lacunas do mapa, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos ou palavras. Enquanto eles completam o mapa no livro, você pode fazer o mesmo na lousa.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante o estudo. Elas são **formativas** por terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. E são **somativas** porque sistematizam processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com o estudante a reflexão continuada de

seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Apreciar e conhecer referências de tradição narrativa.
- Explorar as possibilidades de contação de histórias com base em experiências individual e coletiva.
- Conhecer o papel dos griôs e analisar a importância dessas figuras tradicionais para a comunidade em que estão inseridas.
- Identificar e experimentar possibilidades de intersecção entre o gesto de contar histórias e a ideia de teatralidade.

Dicas de organização

- Oriente os estudantes a usar roupas confortáveis para executar os exercícios de aquecimento e alongamento corporal e experimentação artística.
- Abra espaço na sala de aula para que os estudantes possam fazer as atividades práticas com comodidade.

Orientações

A unidade trata da linguagem teatral por meio da apresentação dos griôs, contadores de histórias tradicionais africanas. É possível que os estudantes já tenham alguma experiência com contação de histórias; portanto, explore os conhecimentos prévios deles sobre o tema, aguçando a curiosidade acerca do que vão aprender nesta unidade. Para isso, provoque reflexões antes de propor as questões do box. Organize os estudantes em uma roda de conversa e pergunte-lhes se gostam de histórias, se alguém já contou histórias para eles e de que tipo, de que histórias eles mais gostam e que experiências têm com a contação de histórias. Permita que eles falem livremente e acolha todos os comentários. Em seguida, passe à leitura das imagens, utilizando os questionamentos oferecidos pelo Livro do Estudante.

Para a abordagem dos exercícios propostos, é produtivo trabalhar com referenciais que eventualmente já tenham sido experimentados pelos estudantes. Essa é uma maneira de organizar a prática teatral que se coaduna com a contação de histórias, verificada nas culturas tradicionais afro-brasileiras e indígenas, por meio das relações estabelecidas no cotidiano escolar e comunitário da turma. Essa aproximação é uma metodologia determinante para o melhor entendimento dos conteúdos levantados na unidade.

UNIDADE 3

COMO CONTAR HISTÓRIAS?



Miriam Bassani/Contrasto

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL A FOTO ESTÁ SONA JOBARTEH, A PRIMEIRA MESTRA DE CORÁ, UM INSTRUMENTO TÍPICO USADO POR GRIÔS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. SONA É UM INSTRUMENTO TÍPICO USADO POR GRIÔS DA ÁFRICA OCIDENTAL. FOTO EM SÃO PAULO (SP), 2023.

38

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 3, 4, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo e Cidadania e Cívismo (Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso)**.



1. QUE SITUAÇÃO VOCÊ IDENTIFICA EM CADA IMAGEM?
2. QUEM SÃO AS PESSOAS ENVOLVIDAS NA SITUAÇÃO DA PRIMEIRA IMAGEM?
3. NA SEGUNDA IMAGEM, O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO?
4. EM SUA OPINIÃO, AS HISTÓRIAS PODEM TRAZER ENSINAMENTOS?



Rupert Sagar-Murugue / AlamyFotoarena

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- APRECIAR E FRUIR A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.
- CONHECER OS GRIÔS.
- ANALISAR A IMPORTÂNCIA DOS GRIÔS PARA SEU POVO.
- CONHECER UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS BRASILEIRA.
- EXPERIMENTAR JOGOS E BRINCADEIRAS PARA INVENTAR HISTÓRIAS.
- CRIAR UMA HISTÓRIA COLETIVA E CONTÁ-LA PARA A TURMA.

GRUPO DE MULHERES EM UMA DANÇA PÚBLICA DE RITO GRIÔ. BURKINA FASO, 2009.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

Estimule uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com interesse, aproveitando as oportunidades de ampliação do tema oferecidas. As questões apresentadas servem de **avaliação diagnóstica** sobre o que os estudantes já sabem em relação à linguagem teatral.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes avaliem as imagens e apresentem suas impressões sobre cada situação retratada. Na primeira fotografia, é possível observar um grupo de músicos. Um deles, à esquerda da imagem, toca atabaques; outro, mais ao fundo, toca uma bateria; e ao centro está a artista, que canta e toca um instrumento chamado corá. A segunda imagem apresenta mulheres dançando no centro de uma roda, em primeiro plano, em um espaço aberto. Suas vestes são coloridas e algumas delas usam adornos de cabeça, lenços e torsos. Há árvores no fundo da cena e os espectadores são crianças.
2. Por meio da leitura da imagem e da legenda, espera-se que os estudantes mencionem que são pessoas em alguma apresentação artística. Pergunte-lhes que tipo de apresentação artística poderia ser e comente que os contextos de ambas as fotos estão relacionados a tradições africanas de contação de histórias.
3. Espera-se que os estudantes notem que as crianças, em segundo plano e à esquerda, estão observando a dança das mulheres.
4. A resposta da atividade se refere à compreensão sobre a relevância do ato de contar histórias em meios sociais e comunitários. Os estudantes provavelmente criarão conexões com experiências próprias. A compreensão de que histórias podem transmitir ensinamentos é alcançada por meio do repertório pessoal dos estudantes e dos entendimentos levantados ao longo da atividade.

► O trabalho com imagens em que são apresentados exemplos da tradição dos griôs mobiliza o desenvolvimento dos TCTs **Multiculturalismo** e **Cidadania e Civismo**.



Orientações

Esta seção contém atividades de experimentação artística e tem como objetivo sensibilizar os estudantes para o que será abordado no decorrer da unidade. Antecipadamente, peça a eles que ajudem a organizar o espaço, afastando mesas e cadeiras e criando um local para uma roda na sala de aula. Outra possibilidade é utilizar o pátio ou a quadra de esportes da escola. A organização do espaço pode ocorrer como uma preparação para a atividade, envolvendo os estudantes de maneira coletiva a fim de torná-los corresponsáveis pelo espaço em que estão.

A **atividade 1** é uma brincadeira tradicional brasileira conhecida em muitos lugares pelo nome de **telefone sem fio**. Antes de propor a vivência aos estudantes, pergunte-lhes se já brincaram disso alguma vez e deixe que expressem livremente suas experiências prévias. Em seguida, faça a leitura compartilhada da atividade e, se julgar necessário, explique a brincadeira à turma fazendo uma rodada como exemplo. Sorteie um estudante para iniciar a contação e oriente a todos a sempre inventar uma parte a mais da história. Ao final, o último estudante deve contar a história toda, da forma como se lembrar. Ressalte o aspecto lúdico e divertido do resultado e lembre os estudantes de que não há certo nem errado nele.

A **atividade 2** traz um desafio um pouco maior, pois os estudantes precisam mudar parte da história que ouviram do colega. Para que todos entendam a proposta, sugerimos que você faça a leitura da história sentada e participe de uma rodada inicial. Se for o caso, como a dinâmica pode parecer complexa aos estudantes, dê outros exemplos a eles.

Inicie a **atividade 3** com um exemplo de gesto simples que enfatize alguma palavra ou ação contada na história. Esse gesto deve ser repetido por toda a turma. Deixe claro que o próximo participante a contar a história deve criar mais uma parte para a história, além de mais um gesto, até chegar ao último estudante. Um início possível é a exploração das mãos como vetores gestuais de verbos encontrados na narrativa.



AQUECENDO

VAMOS INVENTAR HISTÓRIAS

1. QUE TAL CRIAR UMA HISTÓRIA COM OS COLEGAS?

- O PROFESSOR VAI SORTEAR O NOME DE UM ESTUDANTE. O SORTEADO VAI INVENTAR O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA E CONTAR PARA O COLEGA QUE ESTÁ A SUA ESQUERDA, SEM QUE OS OUTROS OUÇAM.
- ESSE COLEGA, QUE SERÁ O PRÓXIMO CONTADOR, DEVE CRIAR A PRÓXIMA PARTE DA HISTÓRIA E CONTAR AO COLEGA QUE ESTÁ A SUA ESQUERDA.
- A BRINCADEIRA SEGUE ASSIM ATÉ CHEGAR AO ÚLTIMO PARTICIPANTE, QUE VAI CONTAR EM VOZ ALTA A HISTÓRIA QUE OUVIU.

2. AGORA, PARTICIPE DE UMA CONTAÇÃO DIFERENTE.

- O ESTUDANTE SORTEADO DEVE INVENTAR UMA HISTÓRIA E CONTAR AO COLEGA À DIREITA DELE.
- ESSE COLEGA, AO CONTAR PARA O SEGUINTE, DEVE CONTINUAR A HISTÓRIA QUE OUVIU, MAS MUDANDO UMA PARTE DELA.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



40

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR19 e **EF15AR21** As brincadeiras de invenção de histórias, que utilizam voz, gestos e movimentos, incentivam os estudantes a identificar teatralidades no cotidiano e exercitar o faz de conta. Por ser necessário transformar palavras em ações e contar histórias sem usar a fala, essas atividades estimulam a ressignificação de fatos e objetos, promovendo a experimentação de papéis diversos e o desenvolvimento da expressividade cênica.

- C) A BRINCADEIRA SEGUE ASSIM ATÉ CHEGAR AO ÚLTIMO PARTICIPANTE, QUE VAI CONTAR EM VOZ ALTA A HISTÓRIA.



3. CONTE UMA HISTÓRIA USANDO AS PALAVRAS E O CORPO. 
- A) O PRIMEIRO CONTADOR DEVE INVENTAR UMA HISTÓRIA E FAZER UM MOVIMENTO.
- B) O COLEGA À ESQUERDA DELE VAI REPETIR A HISTÓRIA E O MOVIMENTO CRIANDO MAIS UMA PARTE DA HISTÓRIA E MAIS UM MOVIMENTO.
- C) A BRINCADEIRA CONTINUA, SEMPRE COM UM ESTUDANTE REPETINDO A HISTÓRIA E OS MOVIMENTOS E CRIANDO MAIS UMA PARTE DA HISTÓRIA E OUTRO MOVIMENTO.
- D) COMO FICOU A HISTÓRIA AO FINAL?
4. AGORA, O DESAFIO É CONTAR UMA HISTÓRIA SEM PALAVRAS, SÓ COM MOVIMENTOS.
- A) COM A TURMA TODA, ESCOLHA UMA DAS HISTÓRIAS INVENTADAS ANTERIORMENTE.
- B) COM OS COLEGAS, ESCOLHA CINCO MOVIMENTOS PARA CONTAR ESSA HISTÓRIA COM O CORPO.
- C) PRATIQUE OS MOVIMENTOS E CONTE A HISTÓRIA.
5. COMO FOI A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS? O QUE VOCÊ ACHOU DAS HISTÓRIAS INVENTADAS?  5. Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na **atividade 4**, ajude a turma a escolher cinco movimentos que apareceram em alguma narração anterior. A partir daí, proponha a eles que recontem a história sem usar palavras.

Essas atividades apresentam possibilidades de troca criativa em grupo, de modo a incentivar nos estudantes a escuta ativa e o exercício da imaginação em um ato continuado e coletivo. Você pode experimentar as atividades usando musicalidade e experimentos sonoros para incrementar as narrativas.

Na **atividade 5**, incentive os estudantes a falar livremente sobre a experiência de contar histórias de forma coletiva. Questione se encontraram dificuldades em contar uma história apenas com movimentos.

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da avaliação diagnóstica. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, o professor pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação das duas imagens apresentadas e na análise comparativa entre elas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Dentro do campo da linguagem teatral é possível verificar dificuldades e tendências expressivas dos estudantes com base em indicadores de sua participação e elaboração dos exercícios. Ademais, é fundamental ressaltar que a ideia de dom ou de talento não se configura como parâmetro de desempenho dentro da pedagogia teatral; cada estudante tem seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento técnico-poético.

Orientações

Nesta seção, são abordados alguns importantes elementos das culturas africanas em que se destaca o papel do griô. De maneira geral, os griôs são uma casta social do chamado Mundo Mandê, que compreende territórios que correspondem atualmente a Mali, Burkina Faso, Guiné, Costa do Marfim, entre outros. Do ponto de vista didático, deve-se organizar procedimentos de leitura de imagens com base nos elementos cênicos explicitados, incentivando os estudantes a guiar seu olhar e sua interpretação para os fatores que dizem respeito à teatralidade e à possibilidade cênica da contação de histórias. Os conceitos trabalhados são introduções ao pensamento teatral como meio de comunicação de tradições e de ideias; nesse sentido, a cultura griô é um exemplo prático e orgânico de como é possível extrair uma experiência cênica de um movimento de manifestação popular. Os códigos assumidos nas práticas griôs, a relação com os ouvintes das histórias e a aprendizagem obtida com base nos relatos são materialidades fundamentais para o desenvolvimento da linguagem teatral, constituindo um pilar, um artefato disparador para o desenvolvimento da elaboração de criação cênica no ambiente escolar.

Uma estratégia possível pode abarcar a investigação coletiva da existência de pessoas mais velhas na família e do circuito de amizades familiares dos estudantes que possam ser tomados como referência de alguém que conta histórias e que, portanto, cria pontes entre os conhecimentos do passado e a vida presente.

O trabalho com a figura do griô africano e o paralelo estabelecido com uma contadora de histórias brasileira que mantém viva essa tradição em nosso país propiciam o desenvolvimento dos TCTs **Multiculturalismo** e **Cidadania e Civismo**. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que os griôs são em geral pessoas idosas, daí serem considerados sábios e guardiões dos conhecimentos tradicionais, a fim de mobilizar claramente o processo de envelhecimento, respeito e valorização da pessoa idosa.

CONHECENDO ARTE

QUEM SÃO OS GRIÔS?



CONTAR HISTÓRIAS É UM DOS COSTUMES MAIS ANTIGOS DA HUMANIDADE. PARA MUITOS POVOS, AS HISTÓRIAS AJUDAM A MANTER VIVA SUA CULTURA.

EM CULTURAS DA ÁFRICA OCIDENTAL, OS CONTADORES DE HISTÓRIAS SÃO CHAMADOS DE **GRIÔS**, PESSOAS MAIS VELHAS E SÁBIAS QUE DETÊM O CONHECIMENTO DAS TRADIÇÕES DE SEU POVO.



OS GRIÔS PASSAM SEUS CONHECIMENTOS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO. NA FOTO, GRIÔ AFRICANO DURANTE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA. BURKINA FASO, 2007.

NO BRASIL, TAMBÉM HÁ PESSOAS QUE CONTAM HISTÓRIAS. ESSE É O CASO DE VOVÓ CICI DE OXALÁ, UMA GRIÔ QUE MANTÉM VIVAS AS TRADIÇÕES **AFRO-BRASILEIRAS**.

AFRO-BRASILEIRO: ALGO QUE TEM ORIGENS AFRICANA E BRASILEIRA.

QUEM É CICI DE OXALÁ?

NANCI DE SOUZA SILVA, A VOVÓ CICI DE OXALÁ, NASCEU NO RIO DE JANEIRO EM 1939. DESDE OS ANOS 1970 ELA MORA EM SALVADOR, NA BAHIA.



VOVÓ CICI DE OXALÁ, 2014.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

42

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR18 Com a apresentação da tradição dos griôs africanos e da atuação de Vovó Cici de Oxalá como contadora de histórias afro-brasileiras, os estudantes conseguem reconhecer e valorizar manifestações cênicas relacionadas a diferentes contextos culturais. A escuta dessas narrativas dramatizadas favorece o desenvolvimento da percepção, do imaginário e do repertório ficcional, reforçando a importância do teatro como meio de transmissão cultural e simbólica.

VAMOS CONHECER UMA DAS HISTÓRIAS QUE VOVÓ CICI CONTA SOBRE O MITO DE CRIAÇÃO DOS SERES HUMANOS?

CONTAM OS ANTIGOS QUE, QUANDO O SER HUMANO FOI CRIADO, A RAÇA BRANCA, A RAÇA NEGRA E A RAÇA VERMELHA, UM FOI CRIADO DE ARGILA, OUTRO FOI CRIADO DE BARRO E O TERCEIRO, DE TERRA NEGRA. FORAM CRIADOS POR **NANÃ** E **OXALÁ**.

OXALÁ E NANÃ LEVARAM OS TRÊS AO **ORUM**. APRESENTARAM SEUS FILHOS A OLODUMARÉ, O DESTINO, E A IFÁ, URUMILÁ, O ADIVINHO.

URUMILÁ VEM E ABRE AS MÃOZINHAS DELES.

— AQUI ESTÁ O AXÉ, QUE TRANSFORMA O BEM EM MAL E O MAL NO BEM E DÁ O LIVRE-ARBÍTRIO ÀS CRIANÇAS.

E PERGUNTA A OXALÁ, PRIMEIRAMENTE:

— O QUE O SENHOR QUER DE RECOMPENSA?

— OH, EU QUERO DE RECOMPENSA O QUE EU BOTEI NELES QUANDO EU PRECISAR DE VOLTA.

O QUE É QUE ELE PÕE NO SER HUMANO E PEDE LICENÇA PARA RETIRAR QUANDO PRECISAR? O SOPRO DO ESPÍRITO.

O DESTINO DIZ:

— CONCEDIDO.

AÍ, ELE VIRA PARA NANÃ E DIZ:

— E A SENHORA? O QUE A SENHORA QUER?

AÍ, ELA DIZ:

— AH, QUANDO ELE RETIRAR O QUE ELE BOTOU, EU QUERO O QUE FICA.

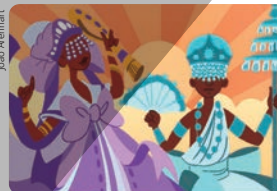
NANÃ TROUXE SEUS FILHOS À TERRA E AQUI COMEÇOU NOVA VIDA. E OXALÁ? ESSE FICA NO CÉU, TOMANDO CONTA DA GENTE.

TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO PARA CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS #1. TVE BAHIA. DISPONÍVEL EM: https://www.youtube.com/watch?v=fGi4D_EtGtc. ACESSO EM: 24 MAIO 2025.

OXALÁ: PAI DE TODOS OS ORIXÁS.

NANÃ: ORIXÁ MAIS VELHA ENTRE AS MULHERES.

ORUM: CÉU OU MUNDO ESPIRITUAL.



Orientações

Ao fazer a leitura do texto para os estudantes, procure usar entonação, gestos e pausas, para tornar a contação mais interessante e envolvente e facilitar a compreensão por parte da turma.

Aproveite o conteúdo desta seção para conversar com os estudantes sobre o respeito a todas as religiões. Após a leitura do texto, verifique se eles conseguem inferir os significados de palavras desconhecidas e, caso contrário, ajude-os a procurar esses verbetes em um dicionário. Explique a eles que os orixás são divindades das religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Para o trabalho com esse tema, você pode propor interdisciplinaridade com História e Geografia, ampliando os conhecimentos dos estudantes quanto a diferentes culturas.

Saiba mais

Para a abordagem do trabalho de Vovó Cici de Oxalá, indicam-se os seguintes materiais de suporte:

- Programa *Giro Nordeste*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vb0e3nN7EXY>. Acesso em: 24 maio 2025.
- Programa *Mano a Mano com Vovó Cici de Oxalá e Mãe Carmen*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6g2N24eGJ8P1UPoSuQTVRR>. Acesso em: 24 maio 2025.

Para ampliar as referências sobre mitos africanos, indicam-se:

- O documentário da Embratur *Afro: Das origens aos destinos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KU4kyULr0k8>. Acesso em: 24 maio 2025.
- *Mojubá: Origens*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mpjxTzsQfQk>. Acesso em: 24 maio 2025.
- *Pierre Fatumbi Verger: Mensageiro entre dois mundos*. Disponível em: https://canalcurta.tv.br/filme/?name=pierre_fatumbi_verger_mensageiro_entre_dois_mundos. Acesso em: 24 maio 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na **atividade 2**, os estudantes devem ser incentivados a ampliar seus referenciais de diversidade de cores que metaforicamente indicam a diversidade étnico-racial que constitui a ideia de humanidade. Converse com os estudantes para contextualizar a história como um exemplo da tradição oral afro-brasileira e ressaltar sua origem popular; aspectos que justificam o uso de termos como “raça” e a referência restrita à “branca, negra, vermelha”. Leve-os a compreender que a diversidade humana é, de fato, muito maior do que a maneira simplificada que é mostrada na história.



PENSANDO ARTE

PARA CONTAR HISTÓRIAS

1. O ensinamento apresentado pela história diz respeito à pluralidade na criação do ser humano e, conseqüentemente, nas relações que advêm das diferenças dos sujeitos criados.

1. QUAL É O ENSINAMENTO QUE A HISTÓRIA CONTADA POR VOVÓ CICI DE OXALÁ APRESENTA?
2. EM SUA OPINIÃO, ALÉM DE BRANCO, VERMELHO E NEGRO, QUE OUTRAS CORES PODERIAM SER USADAS NESTA HISTÓRIA PARA A INVENÇÃO DA HUMANIDADE?
[2. Resposta pessoal.](#)
3. VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE FAÇA ALGO PARECIDO COM O QUE OS GRÎOS FAZEM? CONTE PARA A TURMA.
[3. Resposta pessoal.](#)



PERGUNTA EM CASA

CONVERSE COM UM FAMILIAR OU COM UMA PESSOA MAIS VELHA QUE CONVIVE COM VOCÊ SOBRE AS QUESTÕES A SEGUIR.

- A) QUE HISTÓRIAS VOCÊ CONHECE QUE FORAM PASSADAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO ATÉ CHEGAR A VOCÊ?
- B) COMO É SUA HISTÓRIA PREFERIDA?

DEPOIS, DESENHE A HISTÓRIA CONTADA POR ESSA PESSOA PARA COMPARTILHAR COM A TURMA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

4. OBSERVE A IMAGEM E, DEPOIS, RESPONDA.



Michele Huet/Gamma-Photos/Getty Images

GRIÔ CONTA HISTÓRIA ACOMPANHADO PELO SOM DA CORÁ. MALI, EM FOTO DE APROXIMADAMENTE 1970.

- A)** O QUE A IMAGEM MOSTRA?
B) O QUE A POSIÇÃO DAS PESSOAS NA IMAGEM SUGERE A VOCÊ? O QUE VOCÊ SENTE AO OLHAR ESSA FOTO?
C) O QUE A PRÁTICA DOS GRIÔS PODE ENSINAR?
4. a) A imagem mostra um griô, que toca a corá (instrumento tradicional) e, possivelmente, conta uma história, cercado de pessoas, que estão ali para ouvi-lo.
4. b) Respostas pessoais.
4. c) Respostas pessoais.
- 5.** O QUE É PRECISO PARA SER UM CONTADOR DE HISTÓRIAS? 5. Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



45

Orientações

Em relação à **atividade 4, item a**, com a observação da imagem, é possível aferir que existe uma espécie de apresentação, que aproxima a prática griô à perspectiva teatral na medida em que uma cena parece se estabelecer frontalmente. Informe aos estudantes que o griô está segurando a corá, instrumento musical composto de uma cabaça e 21 cordas, que são dedilhadas com as duas mãos pelo instrumentista. Em uma comparação com a classificação ocidental de instrumentos musicais, a corá é considerada próxima à harpa e ao alaúde.

Na **atividade 4, item b**, deixe que os estudantes opinem e, depois, fale que a união de voz, instrumento, tradição e presença de espectadores cria um espetáculo público por meio do qual os espectadores são convidados a se aproximarem de suas tradições culturais.

Na **atividade 4, item c**, incentive os estudantes a refletir sobre os ensinamentos que a prática de contar histórias pode ensinar. Para tanto, primeiro faça um levantamento coletivo de respostas em sala de aula e anote-as na lousa para que os estudantes possam reproduzi-las no livro.

A **atividade 5** envolve uma pergunta de caráter opinativo que diz respeito à reflexão dos estudantes sobre as características dos griôs apresentadas na seção, bem como sua articulação a outros referenciais de contadores de história que os estudantes tenham. É nessa correlação de modelos referenciais que a ideia de teatralidade se expande como um elemento existente em práticas culturais correntes e tradicionais.

Para ampliar esse questionamento, converse com a turma sobre lendas e histórias típicas da região em que a escola está localizada, como Saci-Pererê, Iara, Negrinho do Pastoreiro, etc.

Saiba mais

Você pode conhecer o som da corá no trabalho de Toumani & Sidiki Diabaté no qual eles tocam a música *Hamadoun Touré*, de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qN4RtoFecW8>. Acesso em: 24 maio 2025.

Orientações

Leia as informações com os estudantes e faça a mediação para a compreensão dos dados apresentados. Incentive a perspectiva de realização da arte teatral como uma maneira de contar histórias.

Apesar de ser correto considerar que a tradição musical, teatral e narrativa da África tem traços em comum ligados à oralidade em comunhão com música, dança e teatro, é possível paulatinamente buscar especificidades regionais e locais. A cultura dos griôs é especialmente relevante para os povos Malinké, Bambara, Soninké e Dioula, Dan, Wê, Kpelle, Loma e Mano, da região geográfica cultural conhecida como África ocidental. Esses povos estão distribuídos entre os países Guiné, Mali, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Níger, Togo e Benin.



CONHECENDO MAIS ARTE

MALETA DE ARTISTA

ASSIM COMO AS PALAVRAS E OS GESTOS, OS INSTRUMENTOS MUSICAIS ESTÃO PRESENTES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

VOVÓ CICI DE OXALÁ, POR EXEMPLO, COSTUMA CONTAR HISTÓRIAS USANDO MÚSICA. DESTE MODO, OS SONS SE TORNAM PARTE IMPORTANTE DE SUA ARTE.

A TRADIÇÃO MUSICAL DE DIFERENTES REGIÕES DA ÁFRICA, CONTINENTE ONDE NASCEU A CULTURA GRIÔ, CONTA COM GRANDE VARIEDADE DE INSTRUMENTOS, RITMOS E ESTILOS.

AS SONORIDADES DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS DESEMPENHAM PAPEL IMPORTANTE NA VIDA COTIDIANA E NA TRANSMISSÃO DE APRENDIZAGENS DOS POVOS AFRICANOS.



Mauro Akin Nassor/Fotorena

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

VOVÓ CICI DE OXALÁ (À DIREITA DA FOTO, SEGURANDO O MICROFONE) DURANTE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. SALVADOR (BA), 2019.

46

OS TAMBORES, ESPECIALMENTE, SÃO FUNDAMENTAIS PARA A MARCAÇÃO DO RITMO DAS HISTÓRIAS E COMO OBJETO DE CONEXÃO COM A CULTURA ANCESTRAL.

CONHEÇA MAIS ALGUNS INSTRUMENTOS MUSICAIS QUE PODEM SER USADOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PELOS GRIÔS.

Yenisey Angel/Shutterstock.com



ATABAQUE: INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO EM FORMA DE TAMBOR CÔNICO OU CILÍNDRICO, QUE TEM UMA PELE DE ANIMAL ESTENDIDA SOBRE UMA BASE DE MADEIRA OU DE METAL.

Andrey Glushchenko/Shutterstock.com



DJEMBÊ: INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO POPULARMENTE CONHECIDO COMO TAMBOR DE MÃO AFRICANO. CONSTRUÍDO COM UMA ÚNICA PEÇA DE MADEIRA E COM PELE TENSIONADA, GERALMENTE DE CABRA.

tanya_wild/Shutterstock.com



AGOGÔ: INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO FEITO COM DOIS OU MAIS SINOS DE METAL UNIDOS POR UM CABO E QUE PRODUZ SOM AO SER GOLPEADO COM UMA BAQUETA.

Lakeview_Images/Stock/Getty Images



CORÁ: INSTRUMENTO DE CORDAS, FEITO COM UMA GRANDE CABAÇA CORTADA AO MEIO E COBERTA COM COURO DE VACA.

PARA IR MAIS LONGE



VISITA GUIADA

- EM SEU BAIRRO OU MUNICÍPIO HÁ CONTADORES DE HISTÓRIAS? COMBINE COM SEUS FAMILIARES DE FAZER UMA VISITA GUIADA A UMA SESSÃO DE CONTATO COM HISTÓRIAS E DEPOIS COMPARTILHE SUAS IMPRESSÕES COM OS COLEGAS E O PROFESSOR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

47

Orientações

Faça a leitura compartilhada do texto com os estudantes e, se possível, busque reproduzir para eles os sons dos instrumentos apresentados, especialmente a corá. Esse instrumento é muito presente na contação de histórias dos griôs. Você encontra facilmente esses sons na internet.

Caso seja possível, promova uma atividade dos estudantes com a família, orientando-os a fazer uma visita guiada a um local de contação de histórias. É comum encontrar contadores em livrarias e em apresentações gratuitas em muitos municípios. Se não for possível, oriente os estudantes a assistir a algum vídeo de griô e a compartilhar as impressões com a turma.

Saiba mais

Para conhecer melhor a história da região, consulte "Os Povos e reinos da curva do Níger e da bacia do Volta, do século XII ao XVI". Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000060261_por. Acesso em: 24 maio 2025.

Orientações

A **atividade 1** propõe um exercício de alongamento para aquecer o corpo. Encerrado o aquecimento, verifique o conhecimento dos estudantes sobre a região em que fica a coluna vertebral e quais são os efeitos gerados pelo exercício de enrolar e desenrolar. É relevante compartilhar essas percepções a fim de estabelecer uma observação comum sobre a coluna vertebral da perspectiva sensorial.

As respostas acerca da experiência de desenrolar a coluna podem auxiliar na sondagem sobre as limitações físicas dos estudantes e trazer indícios sobre sensações que podem servir como referências para práticas posteriores. A observação corporal dos estudantes é um recurso para a constituição da autonomia quanto às experimentações que podem ser realizadas dentro das possibilidades das individualidades corporais.

Na **atividade 2**, orienta-se enfatizar o aspecto corporal da realização do exercício, para descentralizar o foco na palavra falada, uma tendência comum em experiências de teatro iniciais. A produção das cenas deve corresponder aos vínculos criados com o conteúdo da unidade, refletindo decisões que se relacionam com as formas e os recursos mais eficazes para criar uma narrativa. Deve-se incentivar os estudantes a pensar sobre os procedimentos mais assertivos para que suas intenções cênicas possam de fato chegar aos espectadores. A exploração de ações simples para compor cenicamente a atitude de narrar auxilia na elaboração dos estudantes sobre formas e imagens possíveis na articulação da história. É preciso garantir espaço e liberdade para que os alunos possam ensaiar as execuções experimentais das ideias levantadas. A apresentação, por fim, deve ser encarada como uma extensão dos ensaios, e não como um evento apartado deles.

Na organização do espaço da sala de aula para a apresentação, é essencial explorar a espacialidade a fim de que os estudantes percebam as possibilidades de alternância de pontos de vista para a apresentação da cena. Algumas questões podem ser elaboradas por meio dessa construção, por exemplo: Como eu quero que o espectador veja minha cena? Qual é a diferença entre ver uma cena mais de perto e ver uma cena de uma distância maior? Que efeitos gera uma cena realizada, por exemplo, no centro de uma roda? E que efeitos uma cena apresentada de frente gera?



FAZENDO ARTE

PARA CRIAR UMA CENA TEATRAL

1. ANTES DE CRIAR UMA CENA TEATRAL PARA CONTAR UMA HISTÓRIA, QUE TAL AQUECER O CORPO ENROLANDO E DESENROLANDO A COLUNA?

- A)** PARA ENROLAR, FIQUE EM PÉ E JUNTE AS PERNAS E OS PÉS. SINTA O CHÃO COM OS PÉS.
- B)** BEM DEVAGAR, ENCOSTE O QUEIXO NO PEITO E COMECE A DESCER O TRONCO, A PARTE SUPERIOR DAS COSTAS E OS OMBROS, DESLIZANDO O PESO EM DIREÇÃO AO CHÃO.
- C)** DESÇA ATÉ ONDE CONSEGUIR, RESPEITANDO OS LIMITES DE SEU CORPO. A COLUNA VERTEBRAL DEVE FICAR EM FORMA DE CURVA.
- D)** PARA DESENROLAR, VOCÊ VAI FAZER O MOVIMENTO CONTRÁRIO. MANTENHA O PESO DO CORPO NA SOLA DOS PÉS.
- E)** OS QUADRIS DEVEM EMPURRAR VOCÊ LIGEIRAMENTE PARA TRÁS. AOS POUCOS, VÁ DESENCURVANDO A COLUNA VERTEBRAL ATÉ CHEGAR À POSTURA ERETA INICIAL.



Ilustrações: Rodrigo Faccio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

48

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR20 e **EF15AR22** A proposta de criação coletiva de cenas teatrais convida os estudantes a trabalhar colaborativamente na improvisação de narrativas inspiradas em gestos, movimentos e personagens. Esse processo estimula a autoria e o diálogo criativo, assim como a exploração das possibilidades da voz e do corpo na construção de personagens, o que favorece a reflexão crítica sobre estereótipos e o olhar atento às matrizes culturais.

2. REÚNA-SE COM DOIS COLEGAS PARA CRIAR UMA PEQUENA CENA.



- A) CADA INTEGRANTE DO GRUPO DEVE CONTAR UMA BREVE HISTÓRIA PARA OS COLEGAS.
- B) DECIDA COM OS COLEGAS QUAIS SÃO AS PARTES E AS PERSONAGENS MAIS INTERESSANTES DE CADA HISTÓRIA PARA COMPOR A CENA DO GRUPO.
- C) PENSE EM ALGUMAS AÇÕES PARA COMPOR A CENA. DESENHE ESSAS AÇÕES EM UMA FOLHA À PARTE. USE OS DESENHOS COMO GUIA PARA ENSAIAR COM SEU GRUPO ANTES DA APRESENTAÇÃO. LEMBRE-SE DE QUE A CENA PRECISA TER UM FINAL.
- D) COM OS COLEGAS, ESCOLHA UM LUGAR PARA APRESENTAR A CENA PARA TODA A TURMA.
- E) APRESENTE SUA CENA PARA A TURMA E ASSISTA ÀS CENAS CRIADAS PELOS COLEGAS.

3. APÓS AS APRESENTAÇÕES, CONVERSE COM A TURMA SOBRE AS CENAS COMPARTILHADAS.



- A) VOCÊ GOSTOU DESSA EXPERIÊNCIA?
- B) OUÇA OS COMENTÁRIOS DOS COLEGAS E, QUANDO CHEGAR SUA VEZ, FALE SOBRE A IMPRESSÃO QUE AS CENAS CAUSARAM EM VOCÊ.
- C) MANIFESTE SUAS IMPRESSÕES SOBRE A CENA CRIADA POR SEU GRUPO E RESPONDA ÀS PERGUNTAS DA TURMA SOBRE ELA.

4. EM UMA CARTOLINA, REGISTRE COM OS COLEGAS TODAS AS CENAS APRESENTADAS. DECIDA UMA ORDEM PARA ELAS, IMAGINANDO QUE, JUNTAS, PODEM CONTAR UMA HISTÓRIA COLETIVA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Enfatize com a turma o aspecto atitudinal da atenção, da escuta e do silêncio para que o grupo que estiver se apresentando tenha concentração suficiente para executar seus combinados. Comente que manifestações positivas de estímulo, como aplausos, devem ser guardadas para o final de todas as apresentações, de modo a evitar interrupções e comparações entre os grupos durante as apresentações. Indique também aspectos específicos a serem observados, como as personagens, os conflitos, a resolução dos conflitos e o espaço da cena.

Na **atividade 3**, auxilie na condução da conversa encorajando os estudantes a mencionar que efeitos as cenas causaram, que aprendizados eles podem extrair das situações apresentadas, o que foi interessante nas escolhas estéticas dos grupos e como as cenas poderiam se desdobrar. Nesse momento, também devem ser acolhidas as autocríticas do que funcionou e do que não funcionou na encenação, de maneira mediada, a fim de evitar concepções de erro e acerto.

Na **atividade 4**, recomenda-se que o registro seja feito em uma cartolina grande para que toda a turma possa visualizar a ordem das cenas e, desse modo, seu encadeamento. Algumas ideias podem surgir dessa justaposição entre as cenas; elas são bem-vindas e podem ser anotadas, como um mapa mental coletivo.

Nessa atividade, verificaremos a síntese das cenas/histórias apresentadas. A composição e organização delas em uma narrativa maior deve ser realizada pelos estudantes de maneira comprometida com os aspectos descobertos no decorrer do exercício de criação da cena. Eles devem utilizar as ferramentas de encadeamento da narrativa para essa nova composição. A partilha dos desenhos entre os estudantes deve ser mediada com base nas diferenças e nas semelhanças obtidas em cada criação.

Orientações

Na **atividade 1**, espera-se que as respostas indiquem uma perspectiva subjetiva a propósito da experiência de contação e imersão nos primeiros passos da linguagem teatral.

Na **atividade 2**, os estudantes devem se apoiar nas referências e conceituações sobre os griôs trabalhadas nos textos da unidade e nos debates em sala de aula. Espera-se que respondam que os griôs, assim como todo contador de histórias, são guardiões das tradições culturais de seu povo e transmitem esses conhecimentos de geração em geração.

Na **atividade 3**, os estudantes devem relatar seu processo de criação, as ferramentas utilizadas para elaboração das ideias, os vínculos estabelecidos no grupo para a execução e as perspectivas de aprendizagem oriundas do ato de constituir uma cena por meio de relações coletivas.

Na **atividade 4**, os estudantes deverão relatar suas impressões a respeito da experiência de estar diante da turma em uma situação de invenção e criatividade. Alguns aspectos emocionais podem surgir e, para os mais retraídos, essa é uma boa oportunidade de elaborar os significados do que é expor-se e ser exposto.

Na **atividade 5**, os estudantes deverão expressar suas interpretações e impressões sobre os trabalhos apresentados pelos colegas. É importante estimular uma postura empática em relação à apreciação dos materiais produzidos, considerando suas diferenças como indicadores positivos da pluralidade nas criações da turma.

Na **atividade 6**, espera-se que sejam indicadas aproximadamente os elementos relacionados à linguagem teatral e ao conteúdo a propósito da contação de histórias e da tradição griô.

Na **atividade 7**, espera-se que os estudantes tenham compreendido que as histórias transmitem valores, crenças, costumes e ensinamentos que fazem parte da identidade de um povo. Contá-las de geração em geração faz com que esses aspectos culturais não se percam com o tempo.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS É UMA PRÁTICA MUITO ANTIGA.
- OS GRIÔS SÃO PESSOAS MAIS VELHAS MUITO SÁBIAS E RESPEITADAS QUE GUARDAM HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO DE SEU POVO.
- VOVÓ CICI DE OXALÁ É UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS.
- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PODE INCLUIR SONORIDADES DE DIFERENTES INSTRUMENTOS MUSICAIS.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. O QUE VOCÊ ACHOU DAS EXPERIÊNCIAS DE INVENTAR E CONTAR HISTÓRIAS? **1. Resposta pessoal.**
2. QUAL É A IMPORTÂNCIA DOS GRIÔS? **2. Os griôs são importantes para manter viva a cultura de um povo.**
3. COMO FOI CRIAR UMA CENA TEATRAL? **3. Resposta pessoal.**
4. O QUE VOCÊ ACHOU DE SE APRESENTAR PARA OS COLEGAS DA TURMA? **4. Resposta pessoal.**
5. COMO VOCÊ SE SENTIU AO ASSISTIR À PRODUÇÃO NARRATIVA DOS COLEGAS? **5. Resposta pessoal.**
6. DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NA HISTÓRIA CRIADA COLETIVAMENTE? **6. Resposta pessoal.**
7. DO SEU PONTO DE VISTA, COMO CONTAR HISTÓRIAS AJUDA A MANTER VIVAS AS TRADIÇÕES DOS POVOS? **7. Resposta pessoal.**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

50

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS ESTÃO CONECTADAS NO MAPA MENTAL. DEPOIS, FAÇA UM DESENHO QUE TAMBÉM SE CONECTE COM O MAPA.

CONTAR HISTÓRIAS



ENSINAR TRADIÇÕES



INVENTAR CENAS
PARA CONTAR
HISTÓRIA

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos apresentados com o objetivo de fazer uma retomada do que foi visto na unidade. Oriente-os a completar a lacuna do mapa, incentivando que se expressem livremente por meio do desenho.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade**, **vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos da unidade. São formativas porque têm a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte; e são somativas por sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é fundamental ainda celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para a faixa etária. As duas seções finais são destinadas à autoavaliação e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe com os estudantes a consulta dos registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Compreender as potencialidades da linguagem do desenho para além de estereótipos ou cânones.
- Explorar possibilidades de criação em desenho, usando materiais não convencionais.
- Ampliar o repertório imagético dos estudantes por meio de produções de artistas contemporâneos e imagens diversas.
- Trabalhar concepções de arte e criação por meio da apresentação de diferentes artistas, bem como de práticas orientadas.
- Fruir as imagens artísticas e os trabalhos produzidos em sala de aula.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Providencie materiais de desenho e pintura complementares para auxiliar os estudantes que não os tenham.
- Dê preferência para o uso de lápis grafite 6B em todas as propostas de desenho.
- Tenha na sala de aula panos e materiais para limpeza.
- Na medida do possível, procure ter em sala de aula imagens variadas (de pessoas, animais, vegetais, frutas e plantas, por exemplo). Isso pode servir para eventuais consultas na realização de algumas propostas da unidade.
- Oriente os estudantes a trazerem os materiais para a realização da proposta da seção **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** do arte.

Orientações

O objetivo da unidade é ir além de algumas convenções sobre o que é certo ou errado em artes visuais, sobretudo no que diz respeito ao desenho. Assim, é preciso expandir os sentidos e as possibilidades de criar e experimentar arte, tanto com materiais conhecidos quanto com materiais e recursos não convencionais que sejam acessíveis.

A ênfase dada ao desenho como linguagem extrapola o contexto das artes visuais, entendendo-o como um modo de organização, registro e apreensão do mundo.



Betty Chen/The Boston Globe via Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL ORIENTAM EM AREIA DURANTE EVENTO PROMOVIDO PELO ARTISTA ANDRES AMADOR EM BOSTON, ESTADOS UNIDOS, 2015.

Saiba mais

Procure mostrar mais imagens do artista Andres Amador. É possível propor outros materiais, outros suportes e outras temáticas que inspirem os desenhos. Imagens e informações sobre o artista estão disponíveis em: <https://andresamadorarts.smugmug.com/>; <https://www.instagram.com/andresamadorarts/>. Acesso em: 25 maio 2025.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05 e EF15AR06.

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados na unidade são **Multiculturalismo** e **Meio Ambiente**.



1. O QUE VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NAS IMAGENS?
2. O QUE AS PESSOAS ESTÃO DESENHANDO?
3. QUE MATERIAIS ELAS USAM PARA DESENHAR?
4. QUE MATERIAIS VOCÊ USA QUANDO DESENHA?



Cadu De Castro/Plusart/Imagens

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- APRECIAR DIFERENTES OBRAS DE ARTE.
- CONHECER ARTISTAS VISUAIS E PROCESSOS ARTÍSTICOS.
- CRIAR DESENHOS.
- EXPLORAR MATERIAIS ARTÍSTICOS NÃO CONVENCIONAIS.

CRIANÇAS GUARANI DO RIO SILVEIRA, TERRA INDÍGENA RIBEIRÃO SILVEIRA, EM BERTIOGA, SÃO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Espera-se que os estudantes respondam que, nas duas imagens, há pessoas de diferentes idades (adultos na primeira e adulto, adolescente e crianças na segunda), que utilizam o chão de areia como suporte e materiais não convencionais (rastelos na primeira e gravetos na segunda) para a criação de desenhos. Incentive a percepção do contato direto das pessoas que desenharam com o ambiente em que estão (próximas ao mar na primeira imagem e à vegetação na segunda), sugerindo uma sintonia entre o ambiente e os sujeitos que nele habitam. Esclareça para a turma que, na primeira imagem, as pessoas que estão executando o desenho idealizado pelo artista Andres Amador fazem parte de sua equipe de trabalho. Já na segunda, chame a aten-

ção para a totalidade da composição, mencionando que, além das duas crianças em primeiro plano que desenharam, ao fundo outra criança desenha na areia e um jovem e uma mulher adulta estão também na cena.

2. Espera-se que os estudantes respondam que, na primeira imagem, as pessoas estão desenhando formas que lembram uma flor sobre a areia úmida usando rastelos e, na segunda, as crianças estão desenhando um Sol no chão de areia utilizando gravetos. Chame a atenção para o fato de que nas imagens estão sendo feitos registros gráficos de diferentes estilos. Estimule a percepção de que a composição das imagens é figurativa, pois nelas se reconhecem a representação de uma flor e do Sol.

3. Espera-se que os estudantes respondam que, na primeira imagem, as pessoas estão usando rastelos e, na segunda, as crianças estão utilizando gravetos. Explique que o rastelo costuma ser utilizado para juntar folhas secas e gravetos em pátios, praças, jardins etc., ou seja, ele não foi feito originalmente para desenhar. Quanto aos gravetos na segunda imagem, propicie o entendimento de que o importante nesse caso não é o instrumento usado para produzir o desenho, mas a qualidade dos efeitos gráficos e das marcas criadas que vão resultar no desenho final.
4. Espera-se que os estudantes citem materiais como lápis, papel, giz, canetinha, parede, papelão, cartolina, quadro negro/quadro branco e lápis grafite. Acolha as respostas, oferecendo em contrapartida sugestões não convencionais, para que, aos poucos, eles possam se abrir para novas possibilidades e considerar qualquer material que seja potencialmente artístico e apropriado para desenhar. O trabalho com imagens de contextos distintos que envolvem exemplos de desenhos feitos com materiais e suportes encontrados na natureza mobiliza o desenvolvimento dos TCTs **Multiculturalismo** e **Meio Ambiente**.



Sobre a avaliação

A abertura de unidade e a seção **Aquecendo** possibilitam uma **avaliação diagnóstica**, que objetiva mapear os conhecimentos que os estudantes já construíram como repertório pessoal, bem como suas fragilidades. Direcione o trabalho com o conteúdo subsequente buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica é feita com base na apreciação das duas imagens apresentadas e na análise comparativa entre elas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, permite observar o desenvolvimento dos estudantes em sua individualidade. Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades de sensibilização e exploração. Assim, é possível identificar o conhecimento prático dos estudantes e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

O objetivo da proposta é sensibilizar os estudantes para o que será apresentado na unidade. A experimentação com materiais não convencionais para elaborar diferentes composições visuais amplia o modo de ver e brincar com a linguagem do desenho. Com base nesses aspectos, a turma poderá expressar o que pensa, sente, deseja e, assim, aprender a se comunicar por meio das artes visuais e de seus elementos constitutivos.

Para a **atividade 1**, oriente os estudantes a formar trios heterogêneos, a fim de compartilhar experiências diversas com o desenho. Pergunte a eles se gostam de desenhar, com que frequência desenham e o que usam para isso. Depois, faça a leitura da atividade, verificando se todos entendem o que se pede. Reforce que eles devem fazer dois desenhos, um figurativo e um abstrato, e que cada um deles deve buscar expressar uma emoção. Leve para a sala de aula imagens de obras de arte figurativas e abstratas para que os estudantes verifiquem as diferenças entre elas. Explique que o desenho figurativo é aquele que representa algo ou alguém, como um ser humano, um cachorro, uma flor, e que o abstrato usa formas como manchas e linhas sinuosas. Nesse momento, não se preocupe em conceituar esses tipos de desenho, mas ofereça suporte, como outros exemplos, para que os estudantes compreendam na prática a diferença.

Providencie os materiais de acordo com os recursos disponíveis na escola ou solicite previamente aos estudantes que os tragam de casa. Porém, para que não haja falta de material, algumas sugestões: carvão, giz de cera, giz de lousa, areia, farinha, lã, linhas, barbantes, fitas coloridas, açúcar, grãos (feijão, milho de pipoca, arroz), cola, pedaços de papel colorido e retalhos. O número de elementos selecionados pelos grupos dependerá da oferta de materiais, por isso é fundamental que essa etapa seja organizada pelo professor.

Cuide também para que o suporte disponibilizado seja de tamanho adequado para o trabalho coletivo (tamanho A1 ou A2, por exemplo). Algumas sugestões: cartolina, papel sulfite gramatura 90 e papel Kraft.



AQUECENDO

DIFERENTES MATERIAIS

1. COM MAIS DOIS COLEGAS, VOCÊ VAI EXPRESSAR SENTIMENTOS E IDEIAS POR MEIO DE DESENHOS.



MATERIAL:

- CARTOLINA OU PAPEL-CARTÃO, A1 OU A2
- OBJETOS PARA DESENHO, COMO LÁPIS, GIZ DE CERA, TINTA GUACHE, LINHAS E BARBANTES, ALÉM DE SEMENTES E GRÃOS

A) O GRUPO VAI FAZER UM DESENHO FIGURATIVO E OUTRO NÃO FIGURATIVO. OUÇA AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR.



PARA IR MAIS LONGE



VÍDEO

- QUE TAL VER ANDRES AMADOR TRABALHANDO EM UM DE SEUS TRABALHOS? ASSISTA AO VÍDEO. DISPONÍVEL EM: <https://www.youtube.com/watch?v=tEEJnK6h040>. ACESSO EM: 10 JUL. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

54

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04, EF15AR05 e EF15AR06 As propostas de criação de desenhos figurativos e não figurativos estimulam a experimentação de técnicas diversas com materiais convencionais e não convencionais. Por ser uma atividade coletiva, cada estudante contribui de forma autoral ao colaborar com os colegas e explorar os sentidos criativos em conjunto. O momento de troca de opiniões e comentários sobre os trabalhos reforça a importância do diálogo no processo artístico.

B) ESCOLHA COM OS COLEGAS DOIS SENTIMENTOS PARA REPRESENTAR NOS DESENHOS. POR EXEMPLO, ALEGRIA E MEDO, TRISTEZA E CALMA OU GRATIDÃO E IMPACIÊNCIA.



C) EM SEGUIDA, O TRIO VAI ESCOLHER OS MATERIAIS MAIS ADEQUADOS PARA OS DESENHOS. VOCÊ PODE USAR DESDE OS QUE SÃO MAIS COMUNS PARA FAZER UM DESENHO ATÉ OS MAIS INESPERADOS.

D) MÃOS À OBRA! EXPERIMENTE OS MATERIAIS, TESTE COMBINAÇÕES E USE AS CORES PARA EXPRESSAR VISUALMENTE AS IDEIAS DE SEU GRUPO.

2. APRESENTE PARA A TURMA OS DESENHOS FEITOS.

3. PARA FINALIZAR, TROQUE IDEIAS COM TODA A TURMA. 

A) O QUE ACHOU DA EXPERIÊNCIA DE CRIAR OS DESENHOS? **3. a) Resposta pessoal.**

B) OS DESENHOS REPRESENTARAM BEM AS EMOÇÕES ESCOLHIDAS? **3. b) Resposta pessoal.**

C) DÊ SUA OPINIÃO SOBRE O USO DE MATERIAIS DIFERENTES NA CRIAÇÃO: VOCÊ ACHOU DIVERTIDO, DESAFIADOR OU ESTRANHO? **3. c) Resposta pessoal.**

D) O QUE VOCÊ SENTIU COM OS DESENHOS CRIADOS POR SEU GRUPO? **3. d) Resposta pessoal.**



Orientações

Na etapa de definição dos desenhos, incentive os estudantes a falar de seus pensamentos e sentimentos, a fim de encontrar algo comum ao trio.

Para a **atividade 2**, ajude os estudantes na organização dos desenhos para a apresentação, de modo que eles fiquem expostos na sala de aula para que todos possam ver, comentar e refletir sobre a experiência de abordar suas emoções e sentimentos por meio de desenhos.

Na **atividade 3**, comente a diversidade dos materiais utilizados para desenhar, que fomenta a liberdade de criação. Converse com a turma sobre a importância de compartilhar o que sentimos e, muitas vezes, não conseguimos expressar por meio de palavras. A arte, em suas diferentes modalidades, pode nos ajudar nesse processo de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Tente construir um espaço de reflexão, ajudando os estudantes na elaboração de suas ideias e seus sentimentos. Incentive-os a se manifestar sobre como se sentiram durante a realização da proposta.

Sobre a avaliação

A seção tem por objetivo iniciar o trabalho com a unidade por meio de uma atividade prática, que envolve uma sensibilização, com o intuito de suscitar maior engajamento com o restante do conteúdo da unidade.

Na proposta apresentada, avalie o desenvolvimento dos estudantes no tocante à manifestação de suas ideias e sentimentos durante o processo de criação. Observe se houve compreensão das diferenças entre desenhos figurativos e abstratos e procure seguir aprofundando esse tema, buscando exemplos mais concretos e corriqueiros nas diferentes ações realizadas na escola (nas formas criadas nos movimentos da água, nas sombras das árvores, nas imagens estampadas em mochilas, cadernos etc.). Avalie se houve transformação nas concepções dos estudantes a respeito das modalidades de desenho e nas possibilidades de criação para além das noções de “bonito” e “feio”, “certo” e “errado”, tentando sempre fomentar novas perspectivas.

Orientações

Nesta seção, abordam-se as particularidades dos materiais artísticos, em especial os mais usados na linguagem do desenho. Procure mapear os conhecimentos prévios dos estudantes, sondando as práticas mais realizadas por eles dentro e fora da sala de aula; por exemplo: com que frequência desenhavam; que materiais costumam usar; quais são os materiais preferidos. Durante o estudo, continue explorando as possibilidades de desenho dos estudantes, como desenhar animais de sua preferência, objetos de estimação etc. Uma estratégia fundamental para a apreensão dos conteúdos é o estudo das imagens disponíveis no Livro do Estudante. Sempre que possível retome-as, fazendo descrições detalhadas de forma oral e coletiva com a turma, para reforçar os aspectos visuais presentes em cada obra.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR02 A apresentação do desenho como linguagem baseada em pontos, linhas, formas e cores possibilita aos estudantes o reconhecimento dos elementos constitutivos das artes visuais. A prática é reforçada pela diversidade de materiais apresentados, o que amplia a compreensão sobre como diferentes recursos produzem efeitos visuais e expressivos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



CONHECENDO ARTE

DESENHO COMO EXPRESSÃO

VOCÊ JÁ PERCEBEU QUE, QUANDO DESENHA UMA CIDADE, UM ANIMAL INVENTADO, UMA CENA DO DIA A DIA OU OS PERSONAGENS DE QUE GOSTA, ESTÁ EXPRESSANDO IDEIAS, SENTIMENTOS OU PREFERÊNCIAS?



CRIANÇA DESENHA USANDO LÁPIS DE COR.

ASSIM COMO SOMOS CAPAZES DE NOS COMUNICAR POR MEIO DE GESTOS E MOVIMENTOS ANTES DE APRENDER A FALAR, TAMBÉM CONSEGUIMOS NOS COMUNICAR COM DESENHOS ANTES DE APRENDER A ESCREVER.



O QUE É DESENHO?

SE PARAR PARA PENSAR, VOCÊ VERÁ QUE O DESENHO ESTÁ EM TUDO: NAS NUVENS, NAS FOLHAS SECAS QUE CAEM E SE ACUMULAM NO CHÃO E EM TANTAS OUTRAS SITUAÇÕES DO DIA A DIA.

O DESENHO É UMA FORMA DE SE COMUNICAR, USANDO PONTOS, LINHAS E FORMAS. POR MEIO DELE, PODEMOS MOSTRAR IDEIAS, SENTIMENTOS E TODAS AS COISAS QUE PERCEBEMOS E IMAGINAMOS.



PARA DESENHAR, PODEMOS USAR MUITOS MATERIAIS, DESDE OS MAIS COMUNS, COMO CANETA, LÁPIS, GIZ DE CERA E GIZ PASTEL, ATÉ OS MAIS INESPERADOS, COMO LINHA, FITA, PEDRA, GRÃO E TERRA.



CANETA HIDROGRÁFICA, LÁPIS DE COR E GIZ DE CERA SÃO MATERIAIS MUITO UTILIZADOS PARA DESENHAR.



EMBORA MENOS COMUNS, LINHA, PEDRA E TERRA TAMBÉM PODEM SER USADAS PARA DESENHAR.



PARA IR MAIS LONGE



VISITA GUIADA

- ONDE VOCÊ MORA HÁ ARTISTAS LOCAIS? COMBINE COM SEUS FAMILIARES E VISITE OS ATÉ MESMOS ARTISTAS E VERIFIQUE OS MATERIAIS QUE ELES UTILIZAM

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Atividade complementar

Para conferir a preferência dos estudantes em relação a materiais e contextualizar o estudo da seção, após o trabalho com o boxe **O que é desenho?**, proponha a eles que desenhem algo ou alguém de que gostem muito. Pode ser um lugar, um personagem, um animal de estimação ou uma pessoa que admiram. Oriente-os a usar lápis de cor e lápis grafite para criar as linhas, os pontos e as formas de seu trabalho.

Sobre a avaliação

O objetivo desta seção é introduzir o conteúdo central da unidade. As obras de arte escolhidas compõem com o texto expositivo uma experiência típica de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com a realidade deles. Conduza a seção como uma narrativa ou uma contação de histórias, escolhendo determinadas palavras ou expressões do texto para reforçar conteúdos já trabalhados. Nesse sentido, a oralidade e o modo poético de conduzir o conteúdo vão aproximar os estudantes do assunto também pela via afetiva.

A prática central da seção se dá com base em dois eixos principais: a linguagem do desenho e a produção do artista brasileiro Marcelo Forte, especificamente a série *Abraço*. Os estudantes vão conhecer algumas criações desse artista, em termos de materiais e temáticas, além de ampliar modos de conceber e praticar o desenho. Durante o estudo, enfatize a diversidade de materiais artísticos que servem para criar, bem como o fato de que, em arte, podemos explorar criações para além dos estereótipos (isto é, das imagens que são mais comuns e que sempre costumam se repetir nos desenhos que fazemos: casa, Sol e nuvens, por exemplo). Além disso, explore com a turma o desenho como recurso expressivo, pelo qual eles podem se manifestar, expressando sentimentos e emoções.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR01

Ao explorar o desenho como forma de expressão e observar as obras do artista Marcelo Forte, que combina materiais convencionais e não convencionais, os estudantes são incentivados a identificar e apreciar diferentes manifestações das artes visuais. Essa proposta amplia o repertório imagético e estimula a percepção crítica, conectando produções tradicionais e contemporâneas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



AGORA QUE VOCÊ APRENDEU UM POUCO SOBRE DESENHO, OBSERVE COM ATENÇÃO IMAGENS DE OBRAS DO ARTISTA MARCELO FORTE.

Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte



ABRAÇO, SÉRIE DE DESENHOS DE MARCELO FORTE, 2014-2025. DESENHO SOBRE MANCHA DE CAFÉ.

Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte



ABRAÇO, SÉRIE DE DESENHOS DE MARCELO FORTE, 2014-2025. DESENHO SOBRE MANCHA DE CAFÉ.

QUEM É MARCELO FORTE?

MARCELO FORTE (1984-) É UM ARTISTA DO RIO GRANDE DO SUL QUE USA MATERIAIS DIFERENTES, COMO MANCHAS DE CAFÉ, TECIDOS E OBJETOS DO DIA A DIA, PARA CRIAR CENAS E SERES INVENTADOS.



Correia Marcelo Forte

MARCELO FORTE, 2024.



PARA APRECIAR DESENHOS

1. O QUE VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NOS DESENHOS DE MARCELO FORTE? COMPARTILHE COM OS COLEGAS.

1. Resposta pessoal.



2. QUE SERES APARECEM NOS DOIS DESENHOS DO ARTISTA? VOCÊ É CAPAZ DE NOMEÁ-LOS?

2. Respostas pessoais.



3. VOCÊ CONSEGUE DESCREVER O QUE ESSES SERES ESTÃO FAZENDO EM CADA UMA DAS OBRAS?

3. Resposta pessoal.



4. COM QUE MATERIAIS OS DESENHOS FORAM FEITOS?

4. Resposta pessoal.



5. CRIE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR UMA LISTA DESSES MATERIAIS.

5. Resposta pessoal.

6. O QUE VOCÊ ACHA QUE ESSES DESENHOS EXPRESSAM? POR QUÊ?

6. Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Esta seção tem como objetivo sistematizar os conceitos trabalhados com os estudantes na seção **Conhecendo arte** por meio de perguntas de reflexão, apreciação e retomada das imagens apresentadas.

Na **atividade 1** cabem associações mais livres. Os estudantes podem falar tanto sobre os aspectos das imagens em si, de modo mais subjetivo, como sobre as relações formais: manchas abstratas, estampas, elementos da linguagem visual como um todo.

Na **atividade 2**, não é esperado que os estudantes mencionem o nome dos seres que aparecem nos desenhos, pois eles são imaginários, mas eles podem mencionar que parecem figuras humanas, misturadas com animais e plantas.

Espera-se que os estudantes mencionem na **atividade 3** que os seres estão se abraçando, demonstrando afeto. Construa com eles relações entre essas representações e as situações que são experienciadas entre eles e suas pessoas próximas, incentivando-os a falar de suas relações afetivas e das pessoas nas quais têm confiança e de quem são próximas.

Para as **atividades 4 e 5**, incentive os estudantes a analisar as imagens e a expressar livremente o que acreditam que o artista usou. Alguns podem mencionar tinta, lápis, caneta hidrográfica, entre outros materiais. Acolha todas as respostas e escreva na lousa os materiais mencionados, orientando-os a copiar no livro.

Na **atividade 6**, espera-se que os estudantes respondam que os desenhos expressam um momento de carinho entre as personagens, que aparecem se abraçando. Como eles estão em fase de alfabetização, é essencial fazer primeiro um exercício oral antes de propor a escrita, que deve ser coletiva. Assim, conforme os estudantes opinam sobre os desenhos, vá registrando suas respostas na lousa. Quando todos tiverem opinado, oriente-os a registrar no livro o registro feito na lousa por você.

Comente com a turma que, para desenhar, o ideal é usar um grafite macio, que possibilita maior riqueza de detalhes e melhor acabamento aos desenhos. Se possível, teste com eles usando os grafites comuns, de escrever, e um lápis 6B. Incentive-os a riscar com a ponta do lápis bem “em pé” e a preencher o papel com o grafite “deitado”, criando sombras. Incentive-os também a brincar com a intensidade dos traços, ora segurando o lápis mais próximo da ponta (para traços mais precisos e fortes), ora segurando o lápis próximo à extremidade superior, oposta à ponta do grafite (para traços mais leves e tons mais claros).

Os grafites mais macios são sempre designados com a letra B, e, quanto maior for o número, mais macio ele será: 2B, 5B, 6B, 9B etc. Para práticas de desenho o lápis 6B será um ótimo aliado, conferindo efeitos de luz e sombra, detalhamentos e diferentes espessuras de linhas. Se julgar conveniente, mencione que existem também os grafites do tipo H, que são os mais duros, ideais para desenhos que exigem precisão (desenhos arquitetônicos e de engenharia, por exemplo). O lápis que usamos normalmente para escrever é o HB, ou seja, um intermediário, mas geralmente não proporciona bons efeitos artísticos.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação da compreensão das questões e do engajamento nas atividades práticas auxiliará na regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada estudante. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

Na seção, com foco em algumas obras da série *Abraço*, de Marcelo Forte, ressalta-se a relação dele com os materiais escolhidos para suas criações. O artista tem por princípio reaproveitar materiais que seriam descartados. Por exemplo, os papéis que utiliza são, em geral, sobras adquiridas em gráficas ou descartes encontrados em lugares abandonados; os tecidos são peças de segunda mão, que provavelmente iriam para o lixo. Assim acontece também com o café, reaproveitamento de um material caseiro e disponível.

Esses aspectos devem ser explorados com os estudantes para fomentar a noção de que a arte não precisa ser produzida com materiais caros ou novos. Atualmente, no mundo da arte, muitos artistas estão cada vez mais preocupados com as questões de sustentabilidade e preservação do meio ambiente, procurando reutilizar materiais, reduzir o consumo e a produção de lixo e trabalhar com materiais menos nocivos tanto para a saúde do artista como para o meio ambiente.

Nesse sentido, a série *Abraço* proporciona aspectos fundamentais para discussão: o cuidado nas relações interpessoais, o respeito e o acolhimento às diferenças, expressos na diversidade dos seres criados, e um olhar responsável para a criação artística e seus impactos na natureza.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte



Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte

NO DETALHE,
MANCHAS
DE CAFÉ.

ABRAÇO, SÉRIE DE
DESENHOS DE MARCELO
FORTE, 2014-2025.
DESENHO SOBRE
MANCHA DE CAFÉ.



CONHECENDO MAIS ARTE

MALETA DE ARTISTA

MARCELO FORTE CRIA SUAS OBRAS POR MEIO DA COMBINAÇÃO DE MATERIAIS **CONVENCIONAIS** E NÃO CONVENCIONAIS.

UM DIA, DEPOIS DE VER QUE HAVIA SOBADO UM POUCO DE CAFÉ NA XÍCARA, ELE RESOLVEU TRANSFORMAR A BEBIDA EM MATERIAL DE DESENHO. DERRAMOU O CAFÉ SOBRE ALGUNS PAPÉIS E, DEPOIS DE SECAR, ENXERGOU FIGURAS QUE PARECIAM SE ABRAÇAR.

CONVENCIONAL:
AQUILO QUE É
COMUM.



60

O ARTISTA UTILIZA AS MANCHAS DE CAFÉ PARA AS PARTES MAIORES DO DESENHO E USA MATERIAIS CONVENCIONAIS, COMO LÁPIS E CANETAS, PARA ACRESCENTAR OS DETALHES.

PRIMEIRO, ELE FAZ A MANCHA DE CAFÉ NO PAPEL.

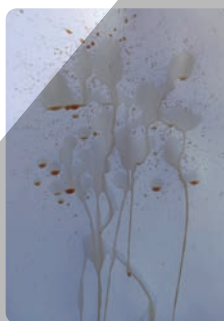
IMAGEM DE MANCHAS PRODUZIDAS PELO ARTISTA MARCELO FORTE, EM 2025.



Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte

QUANDO O CAFÉ SECA, ELE OBSERVA AS FORMAS CRIADAS PELAS MANCHAS. NESSA BRINCADEIRA DE OLHAR E IMAGINAR, OS DESENHOS VÃO SURGINDO.

IMAGEM DE MANCHAS PRODUZIDAS PELO ARTISTA MARCELO FORTE, EM 2025.



Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte



Coleção do artista. Fotografia: Marcelo Forte

NA SÉRIE *ABRAÇO*, O ARTISTA UTILIZOU MANCHAS PARA CRIAR CABEÇAS GRANDES, BRAÇOS E PERNAS COMPRIDAS, CABELOS LONGOS, BICOS E PENAS DE AVES ETC. FEZ ISSO COM A AJUDA DE **NANQUIM**, CANETAS E CANETINHAS HIDROGRÁFICAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL **NANQUIM:** TIPO DE TINTA LÍQUIDA E CONCENTRADA, USADA PARA DESENHAR LINHAS BEM DEFINIDAS.

Saiba mais

- Para aprofundar as pesquisas sobre o artista Marcelo Forte, há informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/marcelofortear/>. Acesso em: 25 maio 2025.
- Para expandir as ideias e as referências sobre o tema das manchas e a diversidade da linguagem do desenho, consulte as produções dos seguintes artistas: Joan Mitchell (disponível em: <https://www.joanmitchellfoundation.org/joan-mitchell/artwork>), Fayga Ostrower (disponível em: <https://faygaostrower.org.br/acervo/aqua-relas>) e Edith Derdyk (disponível em: <https://artebrasil.com.br/arte/exposicoes/linha-de-chamada-edith-derdyk/>). Acessos em: 25 maio 2025.
- Para aprofundar os conhecimentos sobre as relações entre arte, infância e criação, sugerem-se um vídeo de Stella Barbieri (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DWVuacSU2Xk>) e a leitura do estudo de Suzana Rangel, "Como vai a Arte na Educação Infantil?" (disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16827/11114>). Acessos em: 25 maio 2025.

Saiba mais

Sugere-se, ainda, a leitura do trecho do texto a seguir como apoio a suas aulas.

O desenho como ferramenta de expressão infantil

Basta dar um lápis na mão de uma criança para que, quase instintivamente, ela comece a povoar as coisas ao seu redor com traços e formas de infinitas possibilidades. No início, são os rabiscos, chamados de garatujas, que preenchem os espaços. E, com o passar dos anos, dão lugar a registros mais figurativos.

Independentemente da forma, os desenhos são importantes ferramentas de expressão das crianças. Seja no papel, seja no chão ou na parede, por meio destas elas expõem seus sentimentos, experiências e pensamentos. São registros que comunicam os interesses, os gostos e o que desejam tornar público.

“As crianças desenhando não apenas o que sentem e pensam, mas também o que conhecem sobre o mundo”, explica Silvana de Oliveira Augusto, autora do livro *Ver Depois de Olhar: A formação do olhar dos professores para os desenhos de crianças*. Nesse sentido, a interação com o outro também tem papel importante. “Ela muda o que está desenhando e constrói uma nova narrativa a partir do diálogo com os outros”, completa.

Além de poderosa ferramenta de expressão, o desenho contribui para o desenvolvimento da motricidade e visualidade das crianças. Para além disso, desenvolve de forma equilibrada o pensar, o sentir, o perceber e ainda promove a imaginação criadora, como afirma Rosa Lavelberg, docente da Faculdade de Educação da USP e autora de *O Desenho Cultivado da Criança: Práticas e formação de educadores*.

Mais do que simples rabiscos

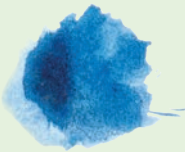
Por ser uma forma de expressão, o desenho nos permite entrar em contato com a identidade da criança. [...]

[...] As garatujas, desenhos da fase inicial da criança, por exemplo, são mais do que “só” rabiscos. “É importante reconhecer que rabisco não é tudo igual. Aquilo que parece só rabisco é, na verdade, o registro escrito, seja de um gesto, seja de um movimento, que se deixou marcar no tempo por meio do material riscante sobre uma superfície. Ele traz a marca expressiva da criança”, explica Silvana Augusto.

Além disso, Rosa Lavelberg reforça a necessidade de reconhecer



O QUE É MANCHA?

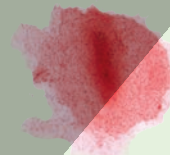
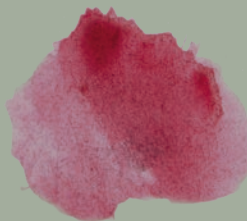
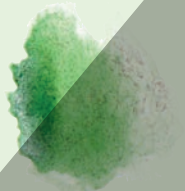


QUANDO VEMOS UMA MANCHA, SABEMOS RECONHECÊ-LA, MAS É DIFÍCIL DEFINIR O QUE É.

PODE SER UM SINAL NA PELE, UMA PORÇÃO DE COR, ALGO QUE FOI DERRAMADO E DEIXOU UMA MARCA OU UMA SUJEIRA.

ALGUNS ARTISTAS VALORIZAM AS MANCHAS PORQUE ELAS PERMITEM CRIAÇÕES IMAGINATIVAS E LIVRES.

QUE EXEMPLOS DE MANCHAS VOCÊ CONSEGUE DAR?



PERGUNTA EM CASA

CONVIDE SEUS FAMILIARES PARA TESTAR POSSIBILIDADES DE MATERIAIS E DESENHAR COM MANCHAS.

COM ELES, VOCÊ PODE CRIAR DESENHOS USANDO MANCHAS DE CAFÉ, CHÁ OU OUTROS LÍQUIDOS COLORIDOS.

PRIMEIRO, FAÇA A MANCHA. DEPOIS, USE CANETAS OU LÁPIS PARA DESENHAR OS DETALHES.

NA PRÓXIMA AULA, CONTE AOS COLEGAS DE TURMA E AO PROFESSOR COMO FOI A EXPERIMENTAÇÃO E MOSTRE A ELES OS DESENHOS QUE VOCÊ FEZ.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

62

a garatuja como um desenho com todas as suas potencialidades. “Muitas vezes, o rabisco é parte de uma linguagem multimodal. A criança combina o desenho com a fala, por exemplo, ao rabiscar e fazer o barulho de um carro. O que aparentemente é apenas um rabisco, na ação da criança é, na verdade, algo que simboliza um movimento. No caso, o de um carro”, reflete.

É também nessa fase que as crianças farão suas investigações e pesquisas. Elas vão compreender os diferentes tipos de materiais e como cada um se comporta em contato com um suporte, explorando o espaço, entendendo o que é margem, dentro e fora. “As crianças vão se experimentar desenhistas. Elas vão trazer a sua marca e o que há de mais singular”, completa Silvana.

A transformação dos desenhos

Quanto mais elaborada e mais trabalhada é essa fase de garatuja – que vai aproximadamente até os 2 anos de idade –, mais expressivo será o desenho da fase seguinte, que é um trabalho mais estruturado e organizado.

Rosa Lavelberg explica que, o que inicialmente eram rabiscos, aos poucos se transforma em símbolos isolados no espaço do papel. Uma bola, um menino, um bicho, por exemplo. Progressivamente, a criança passa a consolidar narrativas e articular esses símbolos entre si. Com o tempo, ela desenha, então, um menino jogando bola e brincando com um cachorro num barquinho.

“O desenho da criança transforma-se quando ela desenha com frequência e observa também tanto

EXPRESSÃO DE ARTISTA

VOCÊ JÁ FEZ DESENHOS PARA EXPRESSAR CARINHO POR ALGUÉM DA FAMÍLIA?

NA SÉRIE *ABRAÇO*, MARCELO FORTE DESENHOU FIGURAS IMAGINÁRIAS QUE MISTURAM SERES HUMANOS, ANIMAIS E PLANTAS.

POR MEIO DESSAS FIGURAS, ELE EXPRESSOU AFETO E AMIZADE, TEMAS RECORRENTES EM SUA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.



Coletânea do artista. Fotografia: Marcelo Forte

ABRAÇO, SÉRIE DE DESENHOS DE MARCELO FORTE, 2014-2025. DESENHO SOBRE MANCHA DE CAFÉ.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL
AO OBSERVAR OS DESENHOS DO ARTISTA, VOCÊ CONSEGUE PERCEBER ISSO? O QUE VOCÊ SENTE AO APRECIÁ-LOS?

63

► os próprios desenhos quanto os desenhos de outras crianças e os desenhos que estão no mundo”, reflete a especialista.

Nesse sentido, Silvana Augusto ressalta a necessidade de os educadores terem um olhar interessado para os desenhos infantis. “O desenho, assim como a escrita, é uma linguagem muito importante para a expressão das crianças. E há muitos pontos de observação nos diferentes momentos do desenho. Às vezes, o desenho é movimento. Às vezes, é o registro de um movimento. Também é pensamento, é organização, é narrativo, afetivo”, conclui.

RATTI, C. O desenho como ferramenta de expressão infantil. *Nova Escola*, São Paulo, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://box.novaescola.org.br/etapa/1/educacao-infantil/caixa/365/desenhando-para-se-expressar/conteudo/20791>. Acesso em: 25 maio 2025.

■ Glossário

Linguagem multimodal: refere-se à articulação de gestos, palavras, desenhos, sons, vídeos etc. para produção de sentidos. Uma propaganda de revista com imagem, palavras e cheiro é um exemplo de linguagem multimodal.

Orientações

Previamente, organize o espaço para a realização da atividade, afastando mesas e cadeiras e criando um vão livre na sala de aula. Você também pode juntar as mesas e forrá-las para que não fiquem sujas de café. Durante a atividade, oriente os estudantes em relação aos cuidados com o manuseio do café, enfatizando que a bebida deve ser utilizada fria e sem adição de açúcar.

Verifique a disponibilidade de materiais e recursos na escola, como escovas de dentes, recipientes, pincéis e canudos. Quanto maior for a variedade de materiais, maior será a liberdade da turma para escolher e criar.

Incentive os estudantes a colecionar estampas e grafismos, ainda que mentalmente. Esclareça que estampa é uma figura que pode se repetir (por exemplo, em roupas, papéis de presente, tecidos etc.) e que grafismo, na linguagem do desenho, é um padrão linear que apresenta repetição de riscos, traços etc.

Para trabalhar as noções de estampas e grafismos, você pode propor jogos associativos, como os de memória, por exemplo (em uma carta, um bicho e, na outra, um detalhe aproximado de sua plumagem/pele; em uma carta, a imagem de uma árvore e, na outra, um detalhe aproximado de suas folhas). Exercícios como esses ajudam a ampliar o repertório imagético dos estudantes. Auxilie-os dando exemplos de padronagem de frutas (uva, abacaxi), flores (girassol), objetos (pedra) ou animais (girafa).

A depender da época do ano e da região do país em que se está, a etapa de secar as folhas com o café pode demandar mais tempo. Pensando nisso, é possível produzir previamente as manchas e, na sequência, trabalhar a continuidade da proposta. Uma alternativa é solicitar aos estudantes que, com a ajuda dos familiares, preparem as manchas em casa e tragam para a escola (por segurança, peça essa tarefa no fim de semana, assim haverá mais tempo para a secagem). Por fim, caso haja disponibilidade, pode-se utilizar um secador de cabelo para acelerar o processo.



FAZENDO ARTE



DESENHOS COM MANCHAS

1. AGORA, INSPIRADO PELAS OBRAS DE MARCELO FORTE, VOCÊ VAI CRIAR UMA SÉRIE DE DESENHOS COM MANCHAS.

MATERIAL:

- FOLHAS DE PAPEL A4 BRANCO
- CAFÉ (JÁ PREPARADO, FRIO E SEM AÇÚCAR)
- CANUDO OU ESCOVA DE DENTES
- CANETAS, CANETAS HIDROGRÁFICAS, LÁPIS DE COR E LÁPIS GRAFITE

A) COLOQUE AS FOLHAS DE PAPEL A4 SOBRE O CHÃO.

B) COM A AJUDA DO PROFESSOR, DERRAME UM POUCO DE CAFÉ SOBRE OS PAPÉIS.

C) COM CUIDADO, PEGUE CADA UMA DAS FOLHAS DE PAPEL E FAÇA MOVIMENTOS LENTOS COM ELAS, ESPALHANDO O CAFÉ, PARA CRIAR AS MANCHAS.

D) VOCÊ TAMBÉM PODE SOPRAR O CAFÉ COM UM CANUDO OU USAR UMA ESCOVA DE DENTES UMEDECIDA EM CAFÉ PARA FAZER RESPINGOS.



El Aguilar

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

64

No momento da criação, sua mediação é necessária para que os resultados sejam variados, lúdicos e inventivos. Lembre-se de que a ideia é desconstruir a noção da linguagem do desenho associada ao realismo ou à figuração que busca representar a realidade fidedignamente. Nessa proposta, não existe certo nem errado, pois a intenção é propiciar a expansão do entendimento e a liberdade criativa dos estudantes. Assim, o objetivo é instigar o desejo pela experimentação do desenho, desconstruindo estereótipos e ideias fechadas sobre padrões de representação e a própria linguagem do desenho.

Objeto digital

Para incentivar o desenho, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável**, disponível no Livro Digital do Estudante.



Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04, EF15AR05 e EF15AR06 Inspirados pela produção de Marcelo Forte, os estudantes criam desenhos a partir de manchas de café, associando assim técnicas tradicionais e não convencionais. Essa experimentação incentiva a liberdade criativa e, por meio do compartilhamento das produções, valoriza a prática colaborativa. O diálogo sobre os processos e resultados ajuda na compreensão dos diferentes olhares e amplia o sentido coletivo da experiência artística.

E) ENQUANTO OS PAPÉIS SECAM, EM OUTRA FOLHA A4 DESENHE **GRAFISMOS** E **ESTAMPAS** INSPIRADOS EM FRUTAS, FLORES, OBJETOS E ANIMAIS.

GRAFISMO: PADRÃO CRIADO POR MEIO DE ELEMENTOS GRÁFICOS, COMO LINHAS, FORMAS E CORES.

ESTAMPA: FIGURA QUE PODE SE REPETIR.

F) QUANDO AS MANCHAS ESTIVEREM SECAS, OBSERVE QUE SERES, OBJETOS E PAISAGENS APARECEM NELAS.

G) COMECE A DEFINIR ESSAS FIGURAS, CONTORNANDO-AS COM LÁPIS GRAFITE, A FIM DE DAR VIDA PARA AS MANCHAS.

H) DEPOIS, PENSE NOS DETALHES: USE SEUS GRAFISMOS E ESTAMPAS PARA PREENCHER AS MANCHAS.



DICA

NÃO TENHA MEDO DE EXAGERAR. OS DESENHOS PODEM SER ALTOS, GRANDES, TORTOS ETC. LEMBRE-SE DE QUE, EM ARTE, NÃO EXISTE FEIO NEM BONITO.

2. DEPOIS DE CRIAR OS DESENHOS, EXPONHA-OS COM A AJUDA DO PROFESSOR NA SALA DE AULA.

3. QUE TAL CONHECER TODOS OS SERES E UNIVERSOS CRIADOS PELA TURMA?

A) COMPARTILHE SEU TRABALHO E CONHEÇA AS PRODUÇÕES DOS COLEGAS.

B) CONTE PARA A TURMA O QUE VOCÊ FEZ:

- QUE SERES FORAM INVENTADOS?
- VOCÊ SE INSPIROU EM ANIMAIS PARA SUA CRIAÇÃO?

C) FALE UM POUCO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO:

- COMO FOI CRIAR SUA SÉRIE DE DESENHOS?
- O QUE VOCÊ ACHOU DOS TRABALHOS PRODUZIDOS PELOS COLEGAS?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

Nesta seção, os estudantes são convidados a realizar uma atividade de criação seguida de uma reflexão sobre o processo. Nesse momento de reflexão, é fundamental conversar com os estudantes sobre atitudes empáticas, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que, em dado momento, eles devem se apresentar e, em outro, ser espectadores dos colegas.

A seguir, são apresentadas possibilidades de encaminhamento.

- Convide os estudantes para organizar de modo colaborativo uma exposição dos trabalhos realizados. Solicite ajuda para organizar a sala e os trabalhos, de modo que todos se engajem.

- Exponha os trabalhos produzidos em local acessível para que os estudantes possam se aproximar, observar os detalhes e contemplar os aspectos trabalhados nos processos de criação dos colegas.
- Durante a discussão, possibilite a todos os estudantes que se manifestem sobre seu processo de criação, mostrando nos trabalhos os aspectos que dizem respeito ao uso dos materiais e à criação das manchas, além de comentar os momentos mais desafiadores e como foram encontrando soluções para a concretização da proposta.
- Ao final desta etapa de fruição e reflexão, convide os estudantes para a reorganização da sala e para a recolhida dos trabalhos.

Orientações

Incentive os estudantes a inserir características de animais, seres humanos, vegetais e o que quiserem. Convide-os a explorar a diversidade de formas e rostos, próprios das diferentes raças e etnias que temos em nosso país. Trabalhe a motricidade fina, criando grafismos com repetições e variações de linhas e pontos em diferentes espessuras.

Durante o compartilhamento das produções, procure deixá-las expostas em um local onde todos possam ver e apreciar os trabalhos uns dos outros (paredes, chão e mesas agrupadas são algumas ideias). Observar os trabalhos dos colegas ajuda a ampliar repertórios visuais, além de estimular o senso de cooperação, criando um espaço seguro para que os estudantes se expressem, mencionando suas percepções, anseios, ideias e expectativas. Esse também é um importante exercício para estimular a escuta atenta e não julgadora, fomentando trocas amigáveis, plurais e democráticas.

Após o compartilhamento, incentive os estudantes a falar tanto da parte formal do trabalho (aquilo que está contido em suas imagens e as questões estéticas e temáticas, por exemplo) como de suas motivações e descobertas pessoais durante o processo. Encoraje-os a expandir respostas como “gostei”, “não gostei”, “achei bonito”, “ficou feio”. Para essas respostas, busque aprofundar os significados, mostrando, com base no próprio trabalho do artista estudado, que esses conceitos são extrapolados.

Pergunte especificamente como foi o processo de produzir as manchas, como eles se sentiram criando um desenho livre, já que as formas nascem ao acaso. Pergunte, ainda, se eles sentiram vontade de tentar outras experimentações com manchas e instigue-os a pensar em outros materiais possíveis para produzir manchas em desenhos futuros. Por fim, converse com eles sobre a criação de seres que fogem dos padrões, isto é, sobre seres “que não têm nome”, mas que, no universo das artes, podem ganhar vida.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade, em que participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação.

Organize a sala de aula com a turma, de modo a criar um ambiente propício para a autoavaliação, e convide os estudantes para formar um círculo ou semicírculo. A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas nesta seção.

- Retome com os estudantes as imagens dos artistas estudados, a fim de reforçar alguns detalhes sobre o modo de construir os desenhos, enfatizando materiais convencionais e não convencionais e mostrando novamente onde o resultado gráfico desses materiais pode ser visto nas obras. Reforce que certas criações têm necessidades específicas que suscitam nos artistas ideias para improvisar recursos, adaptando-os ao que pretendem criar. Com isso, ampliam o leque de possibilidades de uso de materiais que, embora não sejam necessariamente artísticos, podem ser incorporados em suas produções.
- Retome também o resultado dos desenhos criados por eles nas diferentes propostas, a fim de que revisitem os processos para compreender os percursos de aprendizagem que incluem as dificuldades de compreensão dos conceitos e das práticas sensorio-motoras.
- Retome principalmente os percursos de Marcelo Forte, reiterando o fato de que se trata de um artista brasileiro, contemporâneo, que usa materiais comuns e reaproveitados, como o café, para criar suas produções artísticas. Relembre o fato de que o artista explora os afetos e a diversidade, por meio das relações de proximidade entre seres diversos.

Na **atividade 1**, espera-se que os estudantes mencionem materiais diversos, desde os convencionais até os não convencionais, uma vez que eles experimentaram algumas possibilidades no decorrer dos estudos.

Para a **atividade 2**, incentive os estudantes a argumentar com base no que conheceram das obras de



NESTA UNIDADE, VIMOS

- O DESENHO É UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA CHEIA DE POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO.
- COM DESENHOS, PODEMOS EXPRESSAR DE FORMA VISUAL IDEIAS, SENTIMENTOS E EMOÇÕES.
- PARA DESENHAR, PODEMOS USAR MATERIAIS CONVENCIONAIS E MATERIAIS NÃO CONVENCIONAIS.
- MUITOS ARTISTAS UTILIZAM MATERIAIS VARIADOS EM SUAS OBRAS.
- O ARTISTA BRASILEIRO MARCELO FORTE FAZ DESENHOS COM MATERIAIS NÃO CONVENCIONAIS, COMO MANCHAS DE CAFÉ, E TRABALHA SOBRE ELAS COM CANETAS, CRIANDO SERES IMAGINÁRIOS.
- É PRECISO EXPERIMENTAR OS MATERIAIS SEM MEDO DE ERRAR. OS MELHORES RESULTADOS NASCEM DA CURIOSIDADE E DA LIBERDADE CRIATIVA.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. ALÉM DOS MATERIAIS ESTUDADOS, QUE OUTROS MATERIAIS VOCÊ USARIA PARA DESENHAR? [1. Resposta pessoal.](#)
2. DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NOS TRABALHOS DO ARTISTA MARCELO FORTE? [2. Resposta pessoal.](#)
3. ASSIM COMO O ARTISTA ANDRES AMADOR, QUE DESENHA NA AREIA DAS PRAIAS, QUE OUTROS LUGARES VOCÊ ESCOLHERIA PARA FAZER SEUS DESENHOS? [3. Resposta pessoal.](#)
4. COMO VOCÊ SE SENTIU USANDO UM MATERIAL NÃO CONVENCIONAL COMO O CAFÉ PARA DESENHAR? [Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

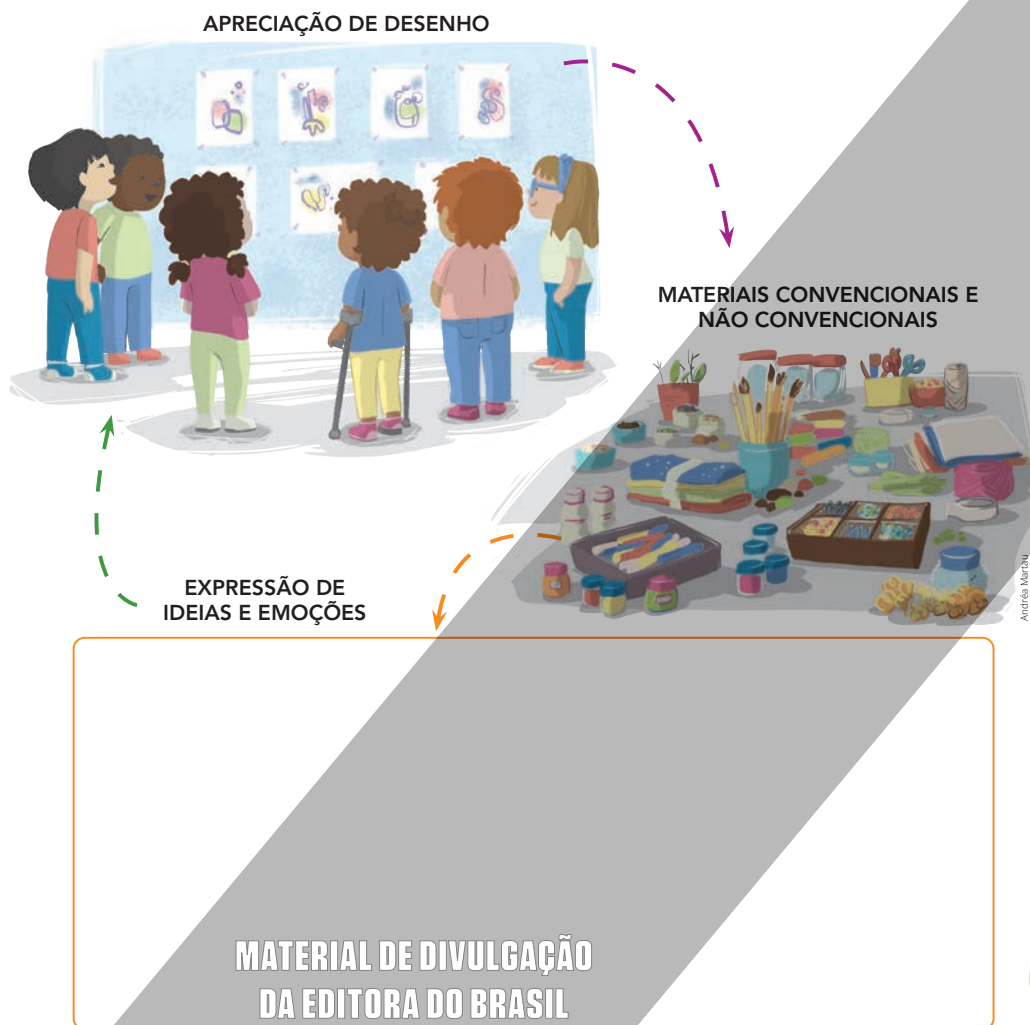
66

Marcelo Forte, como o uso inusitado do café para manchar o papel, o aproveitamento das formas escorridas para criar figuras, o uso de canetas para complementar o desenho formado pelas manchas etc.

Na **atividade 3**, as respostas podem variar de acordo com os conhecimentos e as vivências dos estudantes. Eles podem mencionar desenhos feitos com giz de lousa no asfalto, desenhos na areia, na grama etc.

Na **atividade 4**, incentive a turma a manifestar livremente suas impressões sobre a experiência de utilizar uma bebida como material para desenhar.

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL DESTA PÁGINA. COMPLETE O MAPA COM SEUS DESENHOS.



Orientações

Comunique aos estudantes que essa ilustração interativa é um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final na unidade. O aspecto lúdico auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que procura conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes para inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar uma aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou organizar os estudantes em grupos, oportuniza-se a negociação de ideias e significados sobre o conteúdo, de forma dialógica entre os estudantes.

Promova a atividade dessa seção de forma coletiva. Leia com os estudantes as imagens e os textos e oriente-os a completar as lacunas do mapa, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos ou palavras. Enquanto eles completam o mapa no livro, você pode fazer o mesmo na lousa.

Após a inserção dos desenhos por parte dos estudantes, proponha a socialização das intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de desenhos que chamaram a atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outras.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas por terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São somativas por sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a

reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é fundamental celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e peça que consultem o portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Realizar um passeio sonoro multicultural por idiomas diversos.
- Reconhecer as direções do som – ascendente e descendente.
- Apresentar a propriedade do som **altura** – grave e agudo.
- Ampliar o repertório musical e cultural dos estudantes.
- Valorizar diferentes culturas.

Dicas de organização

- Nas propostas que envolvem criação artística, procure sempre deixar os materiais previamente preparados.
- Para as propostas de desenho, dê preferência para o uso de lápis grafite 6B.
- Nesta unidade, será necessária a audição de áudios. Para isso, separe previamente o dispositivo de som.

Orientações

Nesta unidade, pretende-se trabalhar a sonoridade de falas que são características de determinados povos. Destaque para os estudantes que a sonoridade das falas é um atributo que deve ser respeitado sem resvalar em estereótipos ou em visões preconceituosas pré-concebidas ou não. A sonoridade da fala será abordada ligada às características da voz em meio à comunicação, com observações principalmente sobre a altura (conceito abordado nesta unidade), por meio da abordagem musical com canções do Brasil e de outros países, na intenção de contemplar os cinco continentes (dentro das propostas principais e/ou complementares). No entanto, fica como proposta adicional, durante as perguntas e reflexões, indagar se os estudantes já escutaram outros idiomas que não foram sugeridos na unidade e o que acharam das sonoridades deles.

A proposta desta unidade é, portanto, fazer um passeio multicultural pela sonoridade de alguns idiomas. Não é necessário se ater à pronúncia exata nem a traduções, mas refletir com os estudantes sobre as semelhanças e as diferenças de canções em diferentes idiomas. Para fazer esse percurso, vamos conhecer algumas canções.

UNIDADE 5

QUAL É O SOM DA FALA?



CRIANÇAS USANDO VESTIMENTAS TRADICIONAIS BRINCAM EM UMA PRAÇA, INDONÉSIA, 2022.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

68

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1 e 4.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 3, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16, EF15AR17, EF15AR23, EF15AR24, EF15AR25 e EF15AR26.

O Tema Contemporâneo Transversal (TCT) abordado na unidade é **Multiculturalismo**.



1. O QUE VOCÊ PERCEBE NAS IMAGENS? O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO?
2. VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR QUE SONS PODEM TER FEITO PARTE DA CENA DA PRIMEIRA IMAGEM?
3. E NA CENA DA SEGUNDA IMAGEM, QUE SONS PODEM TER FEITO PARTE DELA?



Orientações

Prepare a sala de aula para uma discussão oral e coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das imagens, fazendo as perguntas propostas. Vale ressaltar que as imagens selecionadas não apresentam nenhum instrumento musical, pois a ideia é que possam levantar hipóteses sobre as sonoridades que poderiam introduzir nas cenas, incluindo as vozes e os possíveis sons do ambiente.

O trabalho com imagens de diferentes contextos culturais mobiliza o desenvolvimento do TCT **Multiculturalismo**.



Respostas

1. Respostas pessoais. Os estudantes devem mencionar que nas imagens é possível observar crianças da Indonésia e do México que parecem estar se divertindo juntas.
2. Resposta pessoal. A imagem é composta de crianças da Indonésia (Ásia) que, vestindo roupas e adereços tradicionais, brincam em meio à natureza. Os sons do ambiente podem ter sido de vento, de folhas farfalhando etc., bem como de risadas das crianças enquanto brincavam ou de uma canção tradicional que contemplasse a brincadeira.
3. Resposta pessoal. Na foto, podemos observar crianças mexicanas (América do Norte) posando com roupas típicas, vestidas possivelmente para celebrar alguma data comemorativa de seu país. Os sons presentes poderiam ter sido da risada das crianças, de barulhos do entorno, de pessoas falando em volta etc.



mariaelucio@fiapby.com

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- RECONHECER E APRECIAR SONS DA FALA EM DIFERENTES IDIOMAS.
- COMPREENDER A ALTURA, UMA DAS PROPRIEDADES DO SOM.
- CONHECER MÚSICAS DE PAÍSES VARIADOS.

CRIANÇAS MEXICANAS POSAM PARA FOTOGRAFIA VESTINDO ROUPAS TÍPICAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Para desenvolver as atividades da seção, prepare a sala de aula, afastando mesas e cadeiras e criando um espaço livre para formar a roda de estudantes no centro.

Realizadas em roda, as atividades se assemelham à brincadeira **telefone sem fio**, na qual uma pessoa cochicha no ouvido de outra, que está ao lado. Esta deve repassar o que ouviu para quem está na sequência, e assim por diante.

A ideia é começar a trabalhar o conceito de altura, possibilitando aos estudantes escutar e identificar sons graves e agudos.

Ao final de cada rodada, a pessoa que começou a brincadeira deve comunicar aos demais o que foi dito inicialmente e a última deve revelar o que chegou até ela. Incentive o debate sobre a diferença entre a palavra e/ou o som que iniciou e o resultado que chegou ao final: se chegou de forma diferente ou não. Se chegou diferente, uma possibilidade é investigar em que parte da roda a palavra ou o som inicial mudou. Pode acontecer de um estudante não entender a palavra ou o som inventado, mas repassar a sonoridade, ou não entender e criar outra palavra no meio do percurso e até mesmo passar apenas o som do que ouviu, sem ter entendido a palavra em si, compreendendo como uma onomatopeia, por exemplo.

Na **atividade 1**, sorteie um estudante para falar uma palavra escolhida por você, que seja adequada ao grupo. Oriente a turma a prestar atenção no colega que está falando em sua orelha. Caso algum estudante não tenha expressão oralizada, incentive-o a fazer alguma sonoridade que represente a palavra escolhida.



AQUECENDO

TELEFONE SEM FIO

1. PARA COMEÇAR A BRINCADEIRA, SIGA AS INSTRUÇÕES.



- A) FORME UMA RODA COM TODOS OS COLEGAS.
- B) O PROFESSOR VAI SORTEAR ALGUÉM PARA INICIAR A BRINCADEIRA.
- C) O PRIMEIRO PARTICIPANTE DEVE FALAR UMA PALAVRA QUALQUER BEM BAIXINHO NA ORELHA DO COLEGA À ESQUERDA.
- D) ENTÃO, CADA UM DOS INTEGRANTES DEVE FALAR A PALAVRA QUE OUVIU PARA O COLEGA QUE ESTÁ À SUA ESQUERDA, ATÉ QUE TODOS NA RODA TENHAM PARTICIPADO.



Ilustrações: Ana Barbosa

2. AINDA EM RODA, VOCÊ VAI FALAR NA ORELHA DO COLEGA AO LADO UMA FRASE, DE DOIS JEITOS DIFERENTES.



- A) NA PRIMEIRA RODADA, VOCÊ VAI FALAR GRAVE, COMO O RUGIDO DE UM LEÃO.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

70

B) NA SEGUNDA, VOCÊ DEVE FALAR AGUDO, COMO CANTA UM PASSARINHO.

3. AGORA, QUE TAL BRINCAR NOVAMENTE, MAS COM PALAVRAS INVENTADAS?



A) NA RODA, O PRIMEIRO PARTICIPANTE VAI INVENTAR UMA FRASE EM UMA LÍNGUA QUE NÃO EXISTE E FALAR BEM BAIXINHO PARA O COLEGA À DIREITA.

B) ENTÃO, CADA INTEGRANTE DA RODA DEVE REPETIR A FRASE COMO A ENTENDEU PARA O COLEGA AO LADO, ATÉ QUE TODOS TENHAM PARTICIPADO.

C) COMO FICOU A FRASE AO FINAL DA BRINCADEIRA?



4. CONVERSE COM OS COLEGAS SOBRE O QUE ACHOU DAS BRINCADEIRAS. DEPOIS, DESENHE A ATIVIDADE DE QUE MAIS GOSTOU NO ESPAÇO A SEGUIR.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

71

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar o estudo da unidade por meio de uma proposta que pode envolver aquecimento corporal, sensibilização ou apreciação dirigida. As atividades são compostas de forma a permitir que os estudantes tenham uma vivência prática logo no início do trabalho, de modo que fiquem ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

Orientações

Por se tratar de uma atividade de experimentação, é importante deixar que os estudantes encontrem o próprio modo de produzir diferentes sons e explorem as possibilidades criativas do objeto sonoro.

Por fim, promova uma reflexão sobre os sons escutados. Depois, proponha algumas perguntas para instigar a reflexão coletiva: O que tem de diferente no jeito como cada um fala? E o que tem de semelhante? Tem quem fale mais rápido, parecendo que está correndo? E mais lento, como o andar de uma tartaruga? Alguém fala grave como um trovão? E agudo como um passarinho? Vale ressaltar que cada um tem uma sonoridade própria e que é preciso valorizar as individualidades, de forma a potencializá-las.

Na **atividade 2**, oriente os estudantes a criar uma frase simples, com algo que faça referência ao cotidiano do grupo. Por exemplo: "A que horas é o lanche?" ou "Já aprendi a escrever a letra **A!**" Primeiro, a frase deve ser passada de um estudante para outro com uma voz grave, de forma exagerada. Referências de sons (geralmente) graves: os de tambor, trombone, contrabaixo, rugido de um leão. Depois, você pode optar por exercitar a mesma frase com voz aguda, igualmente de forma exagerada, ou criar outra. Referências de sons (geralmente) agudos: os de pássaros, flauta, violino, apito.

Na **atividade 3**, a frase a ser passada de um estudante para outro deve ser em uma língua fictícia, criada na hora. Ao auxiliar os estudantes que vão criar as frases, explore sons graves e agudos com eles.

Na **atividade 4**, propicie um momento para que os estudantes possam compartilhar oralmente a experiência da brincadeira, observando seus pontos de dificuldade e de facilidade ao longo de todas as etapas.

Orientações

A proposta desta seção é fazer um passeio multicultural com os estudantes, com foco na sonoridade de cada idioma. Trabalhar com “músicas do mundo” é uma maneira de reconhecer diferentes culturas por meio da música e valorizar essas culturas diversas sem hierquirizá-las, ou seja, um modo de trabalhar o respeito por culturas diversas. Apreciar a audição de uma música de outro país é, portanto, uma maneira de conhecer sonoridades que caracterizam determinados países e, assim, ampliar o repertório cultural.

Primeiro, os estudantes vão conhecer uma cantiga em português; depois apreciarão uma versão dela da forma como se realiza em Portugal, ou seja, com outro sotaque e até outra letra; e, na sequência, ouvirão uma canção tradicional do Japão (Ásia) cantada em japonês.

Nesse momento, converse com a turma sobre o que as canções têm de diferente e de similar no português do Brasil (América do Sul) e o de Portugal (Europa), reconhecendo as sonoridades de quando se fala com o sotaque de cada país.

Ao final da unidade, sugere-se uma proposta de atividade complementar para a audição de uma canção do oeste da África, a fim de contemplar todos os continentes. No entanto, você ou os próprios estudantes podem escolher canções em idiomas de outros países, como francês, inglês, espanhol, alemão etc. Se houver alguém de outro país na turma, peça-lhe que apresente uma canção de seu país de origem.

O trabalho com canções de diferentes países mobiliza o desenvolvimento do TIC **multiculturalismo**.

CONHECENDO ARTE

COMO SE CANTA AQUI E LÁ

EM TODO O MUNDO HÁ VÁRIOS POVOS COM CULTURAS DIFERENTES. ISSO INCLUI GRANDE VARIEDADE DE LÍNGUAS.

NO BRASIL, FALAMOS PORTUGUÊS. EM OUTROS PAÍSES, COMO MOÇAMBIQUE E PORTUGAL, AS PESSOAS TAMBÉM FALAM PORTUGUÊS, MAS COM **SOTAQUES** E CULTURAS DIFERENTES.

LEIA A LETRA DA CANTIGA “ALECRIM DOURADO” E ESCUTE COMO ELA É CANTADA NO BRASIL.

ALECRIM, ALECRIM DOURADO
QUE NASCEU NO CAMPO SEM SER **SEMEADO**
FOI MEU AMOR, QUEM ME DISSE ASSIM,
QUE A FLOR DO CAMPO É O ALECRIM

CANTIGA POPULAR DO BRASIL.

ESCUTE A VERSÃO CANTADA EM PORTUGAL E LEIA A LETRA DELA.

ALECRIM, ALECRIM AOS MOLHOS
POR CAUSA DE TI
CHORAM OS MEUS OLHOS
AI, MEU AMOR
QUEM TE DISSE A TI
QUE A FLOR DO CAMPO ERA O ALECRIM

ALECRIM, ALECRIM DOIRADO
QUE NASCEU NO CAMPO
SEM SER SEMEADO

CANTIGA POPULAR DE PORTUGAL.



INFOGRÁFICO
CLICÁVEL

SOTAQUE:
PRONÚNCIA
CARACTERÍSTICA
DE UMA REGIÃO.



ÁUDIO 3

SEMEAR:
LANÇAR A
SEMENTE.



ÁUDIO 4



Kézia Trentin

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetos digitais

- Para ampliar a proposta multicultural desta seção, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.
- Para promover a escuta da versão brasileira da cantiga popular “Alecrim dourado”, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 3** disponível no Livro Digital do Estudante.
- Para promover a escuta da versão portuguesa da cantiga popular “Alecrim”, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 4** disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR13 e **EF15AR24** A comparação entre as versões da canção “Alecrim dourado” no Brasil e em Portugal, somada à apreciação da canção japonesa “Sakura”, apresenta aos estudantes diferentes formas e funções da música em variados contextos culturais. Essa vivência amplia a escuta crítica e a compreensão de como a música circula e se transforma em diferentes tradições. A apreciação de canções tradicionais do Brasil, de Portugal e do Japão permite caracterizar e vivenciar práticas culturais distintas, incluindo as múltiplas formas de brincar e fazer música.

AGORA, OUÇA A CANÇÃO “SAKURA”, TRADICIONAL DO JAPÃO, E LEIA A LETRA DELA.



ÁUDIO 5

SAKURA! SAKURA!
YAYOI NO SORA WA
MIWATASU KAGUIRI
KASUMI KA KUMO KA
NIOI ZO IZURU
IZAYA, IZAYA
MINI YUKAN
CANTIGA POPULAR DO JAPÃO.

1. COMPARE O QUE VOCÊ SENTIU AO ESCUTAR A MÚSICA “SAKURA” COM O QUE SENTIU AO ESCUTAR A VERSÃO BRASILEIRA DE “ALECRIM”. 1. Resposta pessoal.
2. COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE ESCUTAR UMA MÚSICA CANTADA EM JAPONÊS? 2. Resposta pessoal.



PERGUNTA EM CASA

FAÇA UMA PESQUISA COM AS PESSOAS QUE MORAM COM VOCÊ. PERGUNTE A ELAS SE CONHECEM ALGUMA CANÇÃO QUE SEJA CANTADA EM OUTRO IDIOMA.

DEPOIS, PEÇA AJUDA PARA ESCREVER O NOME DA CANÇÃO CITADA. REGISTRE-O NO ESPAÇO A SEGUIR, POR ESCRITO OU EM FORMA DE DESENHO, PARA QUE VOCÊ POSSA COMPARTILHAR COM A TURMA NA PRÓXIMA AULA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A tradução livre da canção “Sakura” é: Flores de cerejeira cobrem os campos a perder de vista!/Trata-se de neveiro ou de nuvens?/As flores de cerejeira finalmente desabrocham sob o céu primaveril e espalham seu perfume pelo ar./Venha vê-las.

Leia a tradução livre da canção para a turma e converse com os estudantes sobre o que acharam que seria e o que realmente é.

Na **atividade 1**, é provável que os estudantes se atenham à ambientação da música japonesa no que se refere aos diferentes timbres dos instrumentos que geram efeitos característicos. No “Alecrim”, o arranjo inclui instrumentação de forró, com acordeão e triângulo. Os estudantes podem demonstrar em suas respostas uma valoração mais positiva da música que já conhecem e celebrar o coro infantil como algo mais próximo deles.

Na **atividade 2**, espera-se que os estudantes voltem a atenção para a sonoridade do idioma japonês cantado e para como ele se diferencia do canto em português brasileiro. É possível que eles apontem de maneira intuitiva a característica mais dissonante da melodia de “Sakura”, assim como um ritmo mais estável dessa melodia, composta de semínimas e colcheias.

A atividade proposta no boxe **Pergunta em casa** tem o objetivo de ampliar o repertório de canções em outros idiomas. Faça uma rodada para o compartilhamento dos nomes de canções que os estudantes trouxeram de casa e auxilie-os na leitura. Converse com a turma sobre os idiomas que mais apareceram nas respostas e, se possível, escolha com eles algumas dessas canções para audição, especialmente no caso de aparecerem idiomas ainda não contemplados no material, a fim de ampliar, assim, o repertório dos estudantes.

Objeto digital

Para promover a escuta da cantiga popular japonesa “Sakura”, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 5** disponível no Livro Digital do Estudante.



Orientações

Ao escutar uma música, as pessoas podem fazer interpretações diferentes, além de livres associações. Na subseção **Expressão de artista**, sugeriram-se algumas expressões de sentimento, as de saudade, alegria e tristeza, mas fique aberto aos mais variados sentimentos e associações que os estudantes possam expressar. Durante o compartilhamento, incentive-os a comentar que características da música os levaram a ter determinado sentimento ou a fazer essa ou aquela associação.

Para trabalhar com os estudantes o conteúdo de **Maleta de artista**, é preciso ter claro que uma das propriedades do som é a altura, que é relacionada à frequência de cada nota; ou seja, cada som emite vibrações no ar e elas são medidas em hertz. Cada nota musical (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) tem uma frequência em hertz. A nota **lá** é medida comumente em 440 Hz. Comparativamente, a nota **sol** fica em 392 Hz. Logo, por ter uma menor frequência, a nota **sol** é mais grave do que a **lá**. Para a faixa etária dos estudantes, vamos nos ater a um som que é mais grave ou mais agudo do que outro e reconhecer a direcionalidade do som, entendendo a relação entre grave e agudo e compreendendo o que é um som ascendente (que vai do grave para o agudo) e o que é um som descendente (do agudo para o grave).

Portanto, como não entraremos no assunto das notas musicais neste momento, vamos adotar que estamos falando sempre de um som em referência a outro. Determinado som é mais grave ou agudo do que outro. A ideia é que possamos passar por essas regiões de forma exagerada, para que os estudantes possam compreender mais facilmente.

Outro ponto importante é ressaltar o uso dos termos “baixo” e “alto”. Nas propriedades do som, esses dois termos estão relacionados à altura (um som baixo é mais grave e um som alto é mais agudo). No entanto, isso pode gerar confusão, pois comumente se utilizam as expressões “som baixo” e “som alto” relacionadas ao volume – e este é ligado à intensidade (outra propriedade do som).

É possível relacionar as alturas do som com o conteúdo da música “Sakura” no trecho inicial da parte cantada que diz “Sakura! Sakura!”. As sílabas “sa” e “ku” são cantadas na mesma altura e a sílaba “ra” é uma nota mais aguda, portanto, com movimento ascendente. Esse é um movimento mais sutil do que os exemplos dados na faixa de áudio, sendo um caso prático de como a altura está presente em cada música apresentada no decorrer desta unidade.

EXPRESSÃO DE ARTISTA

A FORMA DE COMUNICAR E OS SONS COMUNICADOS TRANSMITEM MUITO PARA QUEM OUVI, MESMO QUANDO NÃO SE ENTENDE A LÍNGUA QUE É FALADA.

ESCUTE MAIS UMA VEZ A CANÇÃO “SAKURA” E COMPARTILHE COM OS COLEGAS: O QUE VOCÊ SENTE QUANDO ESCUTA ESSA CANÇÃO? QUE SENTIMENTOS ELA DESPERTA EM VOCÊ?



ÁUDIO 5

MALETA DE ARTISTA

QUANDO CANTAMOS OU TOCAMOS UM INSTRUMENTO, EXECUTAMOS UMA ALTURA DEFINIDA. CONFORME VAMOS CANTANDO E TOCANDO, PERCEBEMOS QUE O SOM FICA MAIS AGUDO OU MAIS GRAVE. VAMOS ENTENDER COMO ISSO ACONTECE.

IMAGINE QUE TODO SOM FAZ UM MOVIMENTO E TEM UMA DIREÇÃO.

OUÇA UM EXEMPLO.

SE O SOM COMEÇA NO AGUDO E DESCE PARA O GRAVE, CHAMAMOS DE **DESCENDENTE**.

SE O SOM COMEÇA NO GRAVE E SOBE PARA O AGUDO, CHAMAMOS DE **ASCENDENTE**.

O SOM PODE VARIAR, SUBINDO E DESCENDO. OUÇA UM EXEMPLO DESSA VARIAÇÃO.



ÁUDIO 6



ÁUDIO 7



ACOMPANHE O CAMINHO FEITO PELO SOM, QUE COMEÇA NO AGUDO, CAI PARA O GRAVE, DEPOIS SOBE PARA O AGUDO E VOLTIA PARA O GRAVE.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Objetos digitais

- Para promover a escuta da cantiga popular japonesa “Sakura”, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 5** disponível no Livro Digital do Estudante.
- Para promover a escuta de exemplos de movimentos ascendentes e descendentes, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 6** disponível no Livro Digital do Estudante.
- Para promover a escuta de exemplos da variação de movimentos ascendentes e descendentes, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 7** disponível no Livro Digital do Estudante.



AS ALTURAS DO SOM

1. PARA ENTENDER MAIS SOBRE ALTURA DO SOM, OBSERVE ESTA SETA. DEPOIS, FAÇA ESSE MOVIMENTO NO AR COM UMA DAS MÃOS.

2. Para representar a figura da **atividade 1**, espera-se que os estudantes comecem fazendo um som agudo, depois passem para um som grave, para, em seguida, fazer novamente um som agudo e voltar para o grave.



2. REPRODUZA COM A VOZ O SOM QUE ESSA SETA PODE REPRESENTAR.

3. a) Espera-se que os estudantes desenhem uma seta ascendente, que vai representar o som saindo do agudo (trovão) para entrar no agudo (choro do bebê).

3. b) Espera-se que os estudantes desenhem uma seta descendente, que vai representar o som saindo do agudo (cadeira arrastada) para entrar no grave (porta batendo).



3. DESENHE EM UMA FOLHA AVULSA A SETA QUE INDICA A DIREÇÃO DO SOM EM CADA UMA DAS SITUAÇÕES.

A) O SOM DE UM TROVÃO É MAIS GRAVE DO QUE O DE UM BEBÊ CHORANDO. ENTÃO, DESENHE UMA SETA SAINDO DO SOM GRAVE E INDO PARA O AGUDO.

B) O SOM DE UMA CADEIRA SENDO ARRASTADA NO CHÃO É MAIS AGUDO DO QUE O DE UMA PORTA DE MADEIRA BATENDO. ENTÃO, DESENHE UMA SETA SAINDO DO SOM AGUDO E INDO PARA O GRAVE.

4. AGORA, FAÇA O DESENHO DE UMA SITUAÇÃO EM QUE HAJA UM SOM QUE COMEÇA AGUDO E DEPOIS FICA GRAVE.

4. Os estudantes podem tanto desenhar uma seta do agudo para o grave como reconhecer em uma situação um som que é mais agudo do que outro e ilustrá-la.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

75

Orientações

Prepare a sala de aula para as atividades desta seção, que misturam expressões de som e de movimentos, além de desenhos, e prepare previamente os materiais necessários para que os estudantes possam desenhar.

Se houver estudantes com mobilidade reduzida, adapte os movimentos para que eles possam participar com expressões faciais ou pequenas movimentações, de acordo com suas possibilidades.

Para a realização das **atividades 1 e 2**, você pode pedir aos estudantes que, primeiro, façam o movimento um a um, a fim de observar como cada um interpreta a direção do som e, depois, todos juntos. As formas de expressão trazidas por eles devem ser acolhidas e valorizadas.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das respostas às questões e as experimentações têm a função de propiciar a integração dos estudantes e a regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode ajustar sistematicamente suas práticas pedagógicas às necessidades de cada estudante. Recomenda-se que sejam feitos registros escritos do acompanhamento deles no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR14 e **EF15AR15** O estudo da altura dos sons, explorando graves e agudos em exercícios vocais e corporais, possibilita aos estudantes perceberem como esses elementos se organizam em uma melodia. As brincadeiras que envolvem variação de entonação vocal (grave e agudo) estimulam os estudantes a explorarem a voz como fonte sonora. Assim, a proposta contribui para o reconhecimento do corpo como instrumento sonoro e para a percepção dos elementos constitutivos da música.

Orientações

Esta seção traz o *haka*, uma manifestação cultural dos Maori, povo originário da Nova Zelândia (Oceania), que contempla as quatro linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais.

Se julgar adequado, ouça com a turma o “Ka Mate”, composto por Te Rauparaha por volta de 1820 e que se tornou um *haka* muito conhecido. Sua divulgação se deu também pelo fato de ter sido utilizado pelo time de *rugby* da Nova Zelândia All Blacks, em apresentações de *haka* para motivar os jogadores e a torcida antes das partidas.

Na proposta que finaliza a seção, converse com a turma sobre manifestações culturais existentes no Brasil que, assim como o *haka*, integram diversas linguagens artísticas. É possível recordar alguns festejos, como Bumba-meu-boi, Congada, Maracatu ou algum outro que possa ser realizado na região em que se situa a escola. Acolha e valorize as manifestações trazidas pelos estudantes com base nas próprias experiências. Depois, auxilie a turma em uma pesquisa sobre uma dessas manifestações. Para isso, você pode propor um trabalho interdisciplinar com História ou Geografia (ou ambos os componentes curriculares), apresentando características culturais desses festejos. A pesquisa pode ser feita em pequenos grupos, com a sua mediação, ajudando a turma a manusear os dispositivos digitais.

Se houver dúvidas, consulte a publicação *Crianças, adolescentes e telas: guia para uso de dispositivos digitais*, lançada pelo Ministério da Educação em 2025. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versao-web.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

Incentive um registro coletivo do compartilhamento de manifestações culturais com os estudantes por meio de desenhos ou da escrita.

O trabalho com o *Haka*, manifestação cultural que integra dança, canto, teatro e artes visuais, mobiliza o desenvolvimento do TCT **Multiculturalismo**.



ARTES INTEGRADAS

O HAKA

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DO POVO MAORI, ORIGINÁRIO DA NOVA ZELÂNDIA, NA OCEANIA? VAMOS CONHECER UM POUCO SOBRE O HAKA, UMA ARTE TRADICIONAL DESSE POVO QUE MISTURA DANÇA, CANTO, TEATRO E ARTES VISUAIS.

CRIANÇAS DANÇAM E CANTAM O HAKA EM NEW PLYMOUTH, NOVA ZELÂNDIA, 2015.



PARA IR MAIS LONGE



VÍDEO

- QUE TAL VER UMA APRESENTAÇÃO DE HAKA? ASSISTA AO VÍDEO. DISPONÍVEL EM: https://www.youtube.com/watch?v=G_OMxvhc358. ACESSO EM: 16 JUL. 2025.

ESSA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA É APRESENTADA EM CELEBRAÇÕES, COMO CASAMENTOS E CERIMÔNIAS TRADICIONAIS DO POVO MAORI.

PARTICIPANTE EM APRESENTAÇÃO DE HAKA EM AUCKLAND, NOVA ZELÂNDIA, 2012.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

76

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR23 e **EF15AR25** O estudo do *haka*, manifestação cultural do povo maori que integra dança, canto, teatro e artes visuais, possibilita aos estudantes perceberem como diferentes linguagens artísticas se articulam em um projeto expressivo. Essa proposta amplia a percepção do diálogo entre as artes e valoriza a diversidade de matrizes culturais. Ao valorizar as canções tradicionais brasileiras, portuguesas e japonesas, assim como o *haka* do povo maori, a unidade promove a valorização do patrimônio cultural imaterial de diferentes povos. Essa abordagem estimula o reconhecimento da riqueza das tradições musicais e amplia o repertório cultural dos estudantes.

NAS APRESENTAÇÕES DE *HAKA*, OS PARTICIPANTES USAM VESTIMENTAS ESTAMPADAS E PINTURAS NO ROSTO E NO CORPO. AO CANTAR E DANÇAR, ELES PRODUZEM EXPRESSÕES FACIAIS MARCANTES.

Michael Bradley/Getty Images



CRIANÇAS E JOVENS MAORI EM APRESENTAÇÃO DE *HAKA* EM AUCKLAND, NOVA ZELÂNDIA, 2001.

VOCÊ CONHECE ALGUMA OUTRA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA QUE MISTURA MÚSICA, DANÇA, ARTES VISUAIS E TEATRO?

- COM O AUXÍLIO DO PROFESSOR, FAÇA UMA PESQUISA SOBRE MANIFESTAÇÕES BRASILEIRAS QUE INTEGRAM MUITAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS E COMPARTILHE COM A TURMA.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



77

Saiba mais

Para conhecer festejos brasileiros que integram diferentes linguagens, sugerimos visitar as páginas a seguir.

- Cultura e festividades brasileiras se destacam em junho. Confira os principais eventos do calendário turístico oficial do país. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/cultura-e-festividades-brasileiras-se-destacam-em-junho-confira-os-principais-eventos-do-calendario-turistico-oficial-do-pais>.
- 6 festas folclóricas e culturais para conhecer no Brasil. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/6-festas-folcloricas-e-culturais-para-conhecer-no-brasil-1.3322237>. Acessos em: 16 jul. 2025.

Orientações

Para desenvolver as atividades, será necessário organizar o espaço para que a turma possa cantar toda junta, em roda, e depois em grupos.

A ideia da segunda parte da proposta é que os estudantes criem uma espécie de paródia da música “Alecrim dourado”, usando uma língua também inventada por eles, que respeite, porém, a forma das frases da canção. Para auxiliá-los, sugira a criação de uma palavra nova para cada uma existente na canção original.

Ao cantar a canção original, no início da proposta, reforce com os estudantes que as três primeiras sílabas “a”, “le”, “crim” são descendentes, indo de um som mais agudo para um mais grave. Associar a variação de altura às sílabas, de forma oral, auxilia os estudantes tanto no reconhecimento de sonoridades para o desenvolvimento da escrita como também, de forma prática, a pensar em sílabas, já que em muitas canções como essa a altura varia a cada sílaba. Em outros momentos da música, a variação da direção ascendente e da descendente pode ser tão rápida que acabe gerando movimentos dessincronizados entre os estudantes. Um exemplo é o trecho “que nasceu no campo sem ser semeado”. Nesses casos, eles devem experimentar maneiras individuais de entender o contorno melódico geral, em vez de fazê-lo por sílabas, pois tudo é cantado muito rápido. A acuidade desse tipo de identificação vai depender da familiaridade dos estudantes com a música e de seu repertório sensorio-motor desenvolvido em experiências anteriores.

Cante com os estudantes a canção “Alecrim dourado” algumas vezes e realize com eles todas as etapas da **atividade 1**, que é coletiva.

O cantar com os lábios fechados, fazendo o som de **M**, é chamado de *boca chiusa*, um termo italiano que quer dizer **boca fechada**. Muitos termos técnicos de música provêm do italiano, devido à grande influência dos músicos que falavam esse idioma à época da sistematização de aspectos da teoria musical.

FAZENDO ARTE

NOVA VERSÃO DE UMA CANÇÃO

1. VAMOS FAZER UMA NOVA VERSÃO PARA A MÚSICA “ALECRIM DOURADO”, CANTADA NO BRASIL?



- A)** PARA COMEÇAR, CANTE COM OS COLEGAS A CANÇÃO, PRESTANDO BASTANTE ATENÇÃO NAS ALTURAS DA MELODIA, OU SEJA, NOS SONS GRAVES E AGUDOS.
- B)** CANTE A MÚSICA DE NOVO COM OS COLEGAS. AGORA, COM OS LÁBIOS FECHADOS, FAZENDO O SOM DA LETRA **M** COM A VOZ. AJUDE OS COLEGAS ATÉ QUE TODOS CONSIGAM CANTAR DESSA MANEIRA.
- C)** ACOMPANHE ESSE CANTO COM MOVIMENTOS DOS BRAÇOS: QUANDO IDENTIFICAR QUE O SOM FICOU MAIS AGUDO, ERGA OS BRAÇOS AOS POUÇOS; QUANDO FICAR MAIS GRAVE, ABAIXE OS BRAÇOS AOS POUÇOS.
- D)** PRESTE ATENÇÃO SE TODOS FIZERAM O MOVIMENTO JUNTOS E NA MESMA DIREÇÃO.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

78

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR17 A recriação coletiva da canção “Alecrim dourado” em uma língua imaginária promove improvisação e invenção de novas sonoridades, estimulando a criatividade. O exercício colaborativo de ensaio e apresentação em grupo valoriza o processo autoral e coletivo, em consonância com a proposta da BNCC para a criação musical.

2. AGORA, VOCÊ VAI CRIAR UMA MÚSICA COM OS COLEGAS.



- A) FORME UM GRUPO COM CINCO INTEGRANTES.**
- B) TENDO “ALECRIM DOURADO” COMO BASE, CRIE COM OS COLEGAS FRASES EM UMA LÍNGUA IMAGINÁRIA PARA COLOCAR NO LUGAR DAS FRASES ORIGINAIS DA CANÇÃO. ENQUANTO CRIA A CANÇÃO, O GRUPO DEVE PENSAR SE OS SONS SOBEM OU DESCEM. O SOM COMEÇA AGUDO OU GRAVE?**
- C) O GRUPO DEVE ENSAIAR BASTANTE, REPETINDO A NOVA MÚSICA ATÉ QUE TODOS OS INTEGRANTES SAIBAM CANTÁ-LA NESSA LÍNGUA IMAGINÁRIA.**



3. QUANDO ESTIVER BEM AFIADO, O GRUPO VAI APRESENTAR A NOVA CANÇÃO PARA OS DEMAIS COLEGAS.

4. APÓS AS APRESENTAÇÕES, CONVERSE COM OS COLEGAS DE TURMA SOBRE A EXPERIÊNCIA DE RECRIAR E APRESENTAR UMA CANÇÃO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



79

Orientações

Para a **atividade 2**, a sugestão de formar pequenos grupos visa gerar maior diversidade de sonoridades. Auxilie os grupos na criação de sua língua imaginária.

Reserve um período e um local para que os grupos possam ensaiar, pois a repetição é importante no fazer musical. Organize com a turma um roteiro de apresentação que contemple todos os grupos.

Se os grupos quiserem, podem criar uma movimentação para acompanhar a canção de língua imaginária, como a que fizeram no **item c** da **atividade 1**. Incentive-os a criar livremente, sendo possível contemplar, inclusive, outros movimentos corporais, além de encenações, caracterizações etc.

Após as apresentações, compartilhe com a turma as reflexões das sonoridades identificadas. Nesse momento, todos poderão analisar as características de altura e direção sonora da canção trabalhada e averiguar se mantiveram as mesmas alturas da canção original.

Promova uma reflexão sobre as sensações positivas e negativas que surgiram ao se apresentar para os colegas. É importante reconhecer os pontos que a turma quer que sejam mantidos e o que pode ser revisto e alterado no formato em futuras apresentações.

Orientações

Como o compartilhamento das respostas para as atividades desta seção será oral, organize o espaço de modo a propiciar que isso aconteça de forma adequada e que os estudantes possam expressar-se com movimentos, caso desejem.

Nas **atividades 1 e 2**, os estudantes são convidados a revisitar sua experiência com músicas de diferentes culturas e idiomas. Espera-se que as respostas revelem uma ampliação de repertório e o despertar da consciência de que há muitas formas de existir no mundo e de fazer música e que todas são igualmente válidas e devem ser respeitadas e valorizadas.

Nas **atividades 3 e 4**, os estudantes podem responder por meio de movimento corporal, de uma seta ou de uma imagem.

Lembre-se de que altura é uma propriedade do som que precisa ser revisitada e reforçada no decorrer das próximas experiências musicais. Como, às vezes, os estudantes podem inverter a direção do som ou entender como forte e fraco (que diz respeito à intensidade), vale revisitar as atividades de altura desta unidade para que eles possam consolidar o conceito.

Atividade complementar

Para contemplar o continente africano no passeio multicultural da unidade pelas sonoridades do mundo, apresente aos estudantes a canção do oeste africano "Funga Aláfia", em que se faz uma saudação às coisas boas. Essa e outras canções africanas estão disponíveis em <https://aliancapelainfancia.org.br/inspire-se-smb-2024-conheca-as-brincadeiras-funga-alafia-yapo-ciranda-do-itororo-vamos-passar-pelo-mar-e-leao-lion/>. Acesso em: 25 maio 2025.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- MÚSICAS DE ALGUMAS PARTES DO MUNDO.
- SONORIDADE DA FALA DE ALGUNS IDIOMAS.
- SONS DIFERENTES DA LÍNGUA PORTUGUESA QUANDO FALADA NO BRASIL E EM PORTUGAL.
- A ALTURA E A DIREÇÃO DO SOM, PARA IDENTIFICAR SONS GRAVES E AGUDOS.
- O HAKA, UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL MAORI, POVO DA NOVA ZELÂNDIA.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. O QUE ACHOU DE CONHECER UMA MÚSICA CANTADA EM OUTRO IDIOMA? 1. Resposta pessoal.
2. VOCÊ CONSEGUIU ESTABELECEER UMA CONEXÃO COM ESSA MÚSICA? 2. Resposta pessoal.
3. COMPARTILHE COM OS COLEGAS UM SOM QUE VAI DO AGUDO PARA O GRAVE. 3. Resposta pessoal.
4. COMPARTILHE COM OS COLEGAS UM SOM QUE VAI DO GRAVE PARA O AGUDO. 4. Resposta pessoal.



Kézia Trentini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

80

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL E COMPLETE-O COM UM DESENHO.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa é um mapa mental. O aspecto lúdico dele os auxilia a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências mobilizados, de uma perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes a inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por essa estratégia com a turma toda ou com ela organizada em grupos,

oportuniza-se a negociação de ideias e significados relacionados, de forma dialógica, ao conteúdo.

Após a realização dos desenhos por parte dos estudantes, propicie um momento de socialização de suas intervenções. Valorize as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam e destacando detalhes de certos desenhos que chamaram a atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo da unidade. Essa é uma etapa que permite aos estudantes compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros aspectos.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade**, **vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são formativas por terem a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São somativas por sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é preciso celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos no decorrer da unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente, com a turma toda, o que foi visto e compartilhe com os estudantes o portfólio, para analisar os registros feitos durante o percurso.

Por fim, lembre-se de retomar sempre que possível as imagens das manifestações estudadas, a fim de reforçar alguns aspectos específicos de cada uma delas. A cada proposta de criação, reveja as produções anteriores dos estudantes, observando suas transformações e os indícios de aquisição dos conhecimentos específicos trabalhados em cada atividade. Se necessário, pratique novamente as propostas, inserindo algumas mudanças (introduzindo novas referências artísticas, trocando os materiais, criando outras dinâmicas de trabalho etc.).

Objetivos da unidade

- Explorar diferentes formas de movimentação corporal.
- Reconhecer manifestações da dança presentes em brincadeiras tradicionais brasileiras, valorizando saberes culturais diversos.
- Compreender de maneira introdutória a contribuição de Isadora Duncan para a dança, identificando aspectos de sua proposta artística que valorizam a liberdade do corpo e a expressividade individual.
- Vivenciar a dança como prática lúdica e expressiva, favorecendo a integração entre movimento, emoção e imaginação no contexto escolar.
- Criar e experimentar movimentos corporais nos planos alto, médio e baixo, desenvolvendo a percepção espacial e a expressividade por meio da improvisação e da composição criativa.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Reserve um equipamento para reprodução de música e, se possível, um espaço para os estudantes fazerem as experimentações com movimento.
- Oriente os estudantes a trazer os materiais para a realização da proposta da seção **Fazendo arte**.

Orientações

Prepare a sala de aula para uma discussão oral e coletiva, organizando os estudantes em círculo ou semicírculo. Promova a leitura das fotografias, utilizando como ponto de partida os questionamentos oferecidos pelo livro. É possível acrescentar, se for o caso, outras questões que julgar necessárias para contextualizar o tema ou aproximá-lo do mundo dos estudantes. Incentive a turma a se manifestar, promovendo um ambiente acolhedor para essa conversa inicial. Estimule uma escuta ativa e empática e acolha todas as respostas com



Ludana Whiteaker/Pulsar Imagens

UNIDADE 6

DANÇAR TAMBÉM É BRINCAR

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO ETNIA GUARANI BRINCAM DE BAMBOLÊ NA ALDEIA MATA VERDE BONITA, EM MARICÁ, RIO DE JANEIRO, EM 2024.

82

interesse, aproveitando as oportunidades de ampliação do tema oferecidas.

Durante a discussão, ajude os estudantes a perceber que a primeira imagem mostra crianças brincando de bambolê e se sabem que, para fazer esse movimento, é preciso girar os quadris. Na segunda imagem, leve-os a perceber que as crianças indígenas estão brincando de peteca, em círculo, e que, ao fundo, é possível ver as ocas, que são as moradias em que vivem.

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 4, 8 e 9.

Habilidades: EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12.

Os **Temas Transversais** abordados nesta unidade são **Meio Ambiente** (Educação Ambiental e Educação para o consumo) e **Saúde**.

1. O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO NAS IMAGENS?
2. VOCÊ CONHECE ESSAS BRINCADEIRAS?
3. QUAL É SUA BRINCADEIRA FAVORITA? QUE PARTE DO CORPO VOCÊ MAIS USA QUANDO BRINCA ASSIM?



Luciola Zaveruco/Pulsar Imagens

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- CONHECER NOVAS FORMAS DE SE MOVIMENTAR.
- IDENTIFICAR A DANÇA EM BRINCADEIRAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS.
- CONHECER A OBRA DE ISADORA DUNCAN.
- PRATICAR A DANÇA COMO UMA BRINCADEIRA.
- CRIAR MOVIMENTOS EM DIFERENTES PLANOS.

CRIANÇAS DA ETNIA XINGU, NA ALDEIA AIHA, NO PARQUE INDÍGENA DO XINGU, EM MATO GROSSO, BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo da unidade buscando contemplar características específicas de cada um dos temas. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar, reforçar e rever estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades de cada um de seus estudantes. Na seção **Aquecendo** a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático do estudante e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes respondam que as crianças da primeira fotografia estão brincando de bambolê, girando a cintura para fazer o aro rodar, e que as da segunda estão brincando de peteca, jogando-a para cima e tentando não deixar que ela caia no chão.
2. Resposta pessoal. Converse com os estudantes sobre as duas brincadeiras, pergunte se conhecem essas modalidades, se já brincaram disso e se gostaram delas. Aproveite a oportunidade para promover uma conversa sobre outras brincadeiras que os estudantes conhecem. Se essas brincadeiras não fazem parte do cotidiano de sua turma, descreva-as explicando para os estudantes como se brinca delas e em que contextos elas costumam ser realizadas.
3. Respostas pessoais. Conduza os estudantes em uma conversa sobre as brincadeiras favoritas, escreva uma lista delas na lousa e vá anotando que partes do corpo são mais utilizadas nelas.

Orientações

O objetivo desta seção é começar o trabalho com a unidade com atividades práticas, que vão envolver aquecimento corporal e sensibilização dirigida. As atividades são compostas para permitir que os estudantes tenham uma vivência corporalizada logo no início do trabalho, de forma a ficar mais ativamente envolvidos e engajados com a unidade.

A brincadeira “Corre cutia” faz parte da tradição cultural popular brasileira e aqui está sendo usada como ponto de partida para o trabalho com ritmo, escuta atenta e movimento. Ao cantar e brincar juntos, os estudantes têm a oportunidade de experimentar os movimentos de forma lúdica, seguindo regras simples, alternando papéis e desenvolvendo a percepção do corpo em relação ao espaço e ao tempo da música. Além disso, a proposta estimula a oralidade, a imaginação e o convívio com os colegas de forma colaborativa.

Para iniciar a atividade, convide a turma a se sentar em roda. Seguindo o passo a passo indicado na atividade, explique como funciona a brincadeira. Um participante será o pegador e ficará em pé com um lenço na mão, enquanto os demais colegas cantarão a cantiga sentados em roda e com os olhos fechados. O pegador deverá correr ao redor da roda no ritmo da música. Ao final da cantiga, ele deverá deixar o pedaço de tecido atrás de um colega. Quem perceber o tecido atrás de si deve se levantar rapidamente e tentar alcançar o pegador antes que ele se sente no lugar vago. Caso não consiga, o pegador

deverá escolher um novo pegador. Durante a brincadeira, oriente as crianças a cantar com atenção, respeitando o tempo da música e os movimentos dos colegas, e a manter o foco mesmo de olhos fechados, o que favorece a escuta sensível e a concentração. Ao fim das rodadas, promova uma conversa com a turma, retomando as perguntas propostas no livro.

Garanta espaço suficiente entre os estudantes e um piso seguro para correr.

Como ampliação, é possível propor que os estudantes inventem novas versões da brincadeira, criando estrofes para a cantiga ou trocando o objeto usado, para explorar outras possibilidades de movimento. Também pode ser produtivo integrar essa

AQUECENDO

CANTAR E CORRER

1. ESCUTE A CANTIGA “CORRE CUTIA”. DEPOIS, LEIA A LETRA COM A AJUDA DO PROFESSOR E RESPONDA: QUAL É A HORA DE CORRER INDICADA PELA CANTIGA?

ÁUDIO 8

CORRE CUTIA NA CASA DA TIA
CORRE CIPÓ NA CASA DA VÓ
LENCINHO NA MÃO CAIU NO CHÃO
MOÇA(O) BONITA(O) DO MEU CORAÇÃO

CORRE CUTIA DE NOITE E DE DIA
CORRE CIPÓ NA CASA DA VÓ
LENCINHO NA MÃO
CAIU NO CHÃO
MOÇA(O) BONITA(O) DO MEU CORAÇÃO

POSSO JOGAR?
PODE!
NINGUÉM VAI OLHAR?

NÃO!

CANTIGA POPULAR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

84

Objeto digital

Para promover a brincadeira “Corre cutia” nesta unidade, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 8** disponível no Livro Digital do Estudante.



2. AGORA QUE VOCÊ ESCUTOU A CANTIGA, SIGA AS ORIENTAÇÕES PARA BRINCAR.



- A) SENTE-SE NO CHÃO EM RODA COM OS COLEGAS. UM DELES FICARÁ EM PÉ, FORA DA RODA, SEGURANDO UM LENÇO; ELE SERÁ O PEGADOR.
- B) CANTE COM OS OLHOS FECHADOS. ENQUANTO ISSO, O PEGADOR VAI CORRER EM VOLTA DA RODA NO RITMO DA CANTIGA.
- C) QUANDO A MÚSICA PARAR, O PEGADOR DEVERÁ DEIXAR O LENÇO ATRÁS DE UM COLEGA. TODOS NA RODA DEVEM FICAR EM SILÊNCIO E MANTER OS OLHOS FECHADOS.
- D) QUEM RECEBER O LENÇO DEVE SE LEVANTAR E CORRER ATRÁS DO PEGADOR PARA TENTAR ALCANÇÁ-LO ANTES QUE ELE SE SENTE NO LUGAR VAGO. SE NÃO CONSEGUIR, SERÁ O NOVO PEGADOR.



Ilustrações: Bi Aguiart

3. COMPARTILHE SUAS IMPRESSÕES SOBRE A BRINCADEIRA COM A TURMA.

- A) VOCÊ GOSTOU DE BRINCAR DE “CORRE CUTIA”?
3. a) Resposta pessoal.
- B) O QUE SENTIU ENQUANTO ESTAVA COM OS OLHOS FECHADOS? 3. b) Resposta pessoal.
- C) VOCÊ FOI O PEGADOR OU RECEBEU O LENÇO? O QUE SENTIU QUANDO PRECISOU CORRER? 3. c) Respostas pessoais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

Ao realizar as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros no caderno ou em outro local, como uma pasta física ou virtual, para a formação de um **portfólio** que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. O portfólio é uma ferramenta útil para acompanhar o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes, e você também pode criar um **diário de bordo** e fazer anotações sobre os estudantes com mais dificuldade e sobre aqueles que têm mais facilidade.

Na proposta apresentada, os estudantes vão explorar uma brincadeira tradicional que estimula a percepção rítmica, a atenção e a movimentação no espaço, favorecendo o desenvolvimento da escuta e da consciência corporal de forma lúdica. Verifique se entenderam as atividades e observe as possíveis dificuldades, intervindo e fazendo adaptações quando necessário, de acordo com cada estudante.

Orientações

Na **atividade 2**, pergunte previamente se os estudantes conhecem e se já brincaram de “Corre cutia”. Em seguida, leia em voz alta as orientações. Por fim, verifique se todos compreenderam as regras e se elas são as mesmas de quando brincaram antes. É possível que alguns conheçam outras variações ou versões da brincadeira. Se for o caso, incentive-os a compartilhar com a turma as diferenças que notaram. Se julgar conveniente, faça a mediação para que possam adaptar a brincadeira. Pode ser interessante, por exemplo, a fim de aproximar essa vivência da linguagem da dança, propor um convite reflexivo após a brincadeira, como: “Agora, que tal transformar os movimentos realizados na brincadeira “Corre cutia” em uma dança?”

Enfatize para os estudantes que a concentração durante a brincadeira é muito importante, pois eles precisam perceber, enquanto brincam, se o colega deixou o lenço atrás de um deles. Oriente-os para que, estando de olhos fechados, tentem prestar atenção nos sons ao redor e, especialmente, no impacto das pisadas do colega que está correndo em volta da roda, assim como no som de sua respiração. Esse é um bom momento para que percebam o próprio corpo e as emoções que sentem durante a brincadeira, como ansiedade, medo de ser pego, alegria, animação.

Para encerrar, na **atividade 3**, organize uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem suas percepções sobre a experiência.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR09 e **EF15AR12** A brincadeira de roda, que envolve correr, levantar, sentar e trocar de lugar, estimula os estudantes a perceberem a função das pernas, dos braços e do tronco na execução dos gestos. Essa integração das partes do corpo fortalece a compreensão do movimento dança como uma construção coletiva e expressiva. O diálogo após a brincadeira “corre cutia” incentiva os estudantes a expressarem suas impressões sobre a atividade. Esse momento valoriza a escuta mútua e o respeito às diferentes percepções, permitindo que as vivências individuais contribuam para a formação de repertórios coletivos em dança.

Orientações

Apresente aos estudantes a dança como uma prática corporal divertida e expressiva, comentando com eles os benefícios dela. A intenção é sensibilizar a turma para os efeitos positivos da dança no corpo e nas emoções, mostrando que dançar não é apenas movimentar-se, mas também uma forma de se comunicar, criar e conviver com os outros.

O espetáculo *Balões vermelhos*, da Cia. Etra de Dança, parte de brincadeiras com bexigas para compor movimentos coreográficos. Essa aproximação entre o brincar e a criação artística é uma oportunidade para ampliar o repertório cultural dos estudantes, além de estimular o olhar sensível para diferentes formas de expressão corporal.

Inicie a abordagem contextualizando brevemente que uma companhia de dança é formada por um grupo de bailarinos que criam, ensaiam e apresentam coreografias, geralmente com um estilo de dança específico. Esclareça também para eles que muitos artistas se inspiram em brincadeiras e objetos do cotidiano para criar espetáculos. Em seguida, observe com os estudantes as imagens do espetáculo no livro, convidando-os a descrever os gestos e as posições dos bailarinos e a imaginar os movimentos. Pergunte o que acham que os bailarinos estão fazendo com as bexigas, como devem estar se sentindo e que brincadeiras a cena nos faz imaginar ou recordar. Depois, promova um momento divertido de troca de ideias sobre a questão que finaliza o texto.

Objeto digital

Para subsidiar o tema da brincadeira, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



CONHECENDO ARTE



BRINCAR E DANÇAR

BRINCAR DANÇANDO NOS LEVA A NOS MOVIMENTAR DE UMA FORMA DIVERTIDA. USAMOS O CORPO TODO PARA EXPRESSAR SENTIMENTOS COMO ALEGRIA E EMPOLGAÇÃO.

ESSA ATIVIDADE MELHORA O EQUILÍBRIO E A COORDENAÇÃO, NOS DEIXANDO MAIS FORTES E ÁGEIS. ALÉM DISSO, PERMITE TRABALHAR EM EQUIPE PARA CRIAR PASSOS E INVENTAR COREOGRAFIAS.

A COMPANHIA ETRA DE DANÇA SE INSPIROU EM BRINCADEIRAS INFANTIS PARA CRIAR O ESPETÁCULO *BALÕES VERMELHOS*. VAMOS CONHECER UM POUCO DESSA APRESENTAÇÃO.



BAILARINOS DA CIA. ETRA DE DANÇA NO ESPETÁCULO *BALÕES VERMELHOS*, NO SESC GUARULHOS, SÃO PAULO, EM 2025.



PÚBLICO AO FUNDO OBSERVA O ESPETÁCULO *BALÕES VERMELHOS*, NO SESC GUARULHOS, SÃO PAULO, EM 2025.

AS BEXIGAS VERMELHAS SÃO UM EXEMPLO DE COMO OBJETOS DO COTIDIANO PODEM SER USADOS PARA COMPOR UMA DANÇA.

QUE OUTRO OBJETO VOCÊ ESCOLHERIA PARA USAR EM UMA DANÇA?

Resposta pessoal.

Saiba mais

Se houver oportunidade, apresente aos estudantes trechos em vídeo do espetáculo *Balões vermelhos*, para que possam concretizar as hipóteses de movimento suscitadas pelas imagens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LdWp4AiyDKA>; <https://www.youtube.com/watch?v=WPKZO649O3s>. Acessos em: 30 maio 2025.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR08 A vivência da cantiga “Corre cutia” e a observação do espetáculo *Balões vermelhos* permitem que os estudantes experimentem a dança em diferentes contextos, do jogo popular à cena artística contemporânea. Essa abordagem amplia a percepção do corpo em movimento, estimula o imaginário e contribui para a formação de um repertório corporal diversificado.

EXPRESSIONE DE ARTISTA

QUANDO DANÇAMOS, PODEMOS MUDAR A ALTURA, OU SEJA, O PLANO DOS MOVIMENTOS REALIZADOS PARA EXPRESSAR DIFERENTES EMOÇÕES E IDEIAS. OBSERVE.



PLANO ALTO: MOVIMENTOS QUE NOS DEIXAM MAIS ALTOS, COMO FICAR NA PONTA DOS PÉS, ESTICAR OS BRAÇOS PARA CIMA E PULAR.



PLANO MÉDIO: MOVIMENTOS FEITOS NA ALTURA NATURAL DO CORPO, COM OS PÉS NO CHÃO.



PLANO BAIXO: MOVIMENTOS PRÓXIMOS DO CHÃO, COMO AGACHAR, AJOELHAR, SENTAR-SE E DEITAR-SE.

Ilustrações: Andréia Marrau

A BAILARINA ISADORA DUNCAN FOI UMA DAS PRINCIPAIS ARTISTAS DA **DANÇA MODERNA**. ELA MISTURAVA MOVIMENTOS FLUIDOS, ISTO É, CONTÍNUOS E LEVES, EM DIFERENTES PLANOS PARA DEIXAR SUA DANÇA EXPRESSIVA.

DANÇA MODERNA: DANÇA QUE BUSCA MOVIMENTOS MAIS LIVRES E EXPRESSIVOS DO CORPO.

Orientações

Leia o texto da subseção **Expressão de artista** com os estudantes, explique as variedades de plano com exemplos práticos e incentive-os a experimentá-los durante a leitura. Observe se eles conseguem diferenciar as alturas e incentive-os a inventar gestos próprios para cada plano. Para enriquecer a proposta, comente brevemente sobre Isadora Duncan, destacando como ela usava esses planos para tornar suas danças mais livres e expressivas. Explique que, na dança, os movimentos fluidos começam de um jeito e vão se transformando a cada passo, sem cortes bruscos. A ideia é que os estudantes percebam que dançar envolve não apenas o corpo em movimento, mas também escolhas criativas que ajudam a contar algo com os gestos.

Depois, reforce que Isadora Duncan criou uma dança mais livre e natural. Comente que ela dançava sem calçados e com roupas leves, como as figuras femininas representadas em antigos vasos gregos, que retratavam mulheres dançando descalças, com túnicas leves e movimentos fluidos. Se julgar conveniente, pesquise uma imagem desses vasos para mostrar para a turma. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/British_Museum_Room_20a_Phiale_Painter_Girls_dancing_19022019_6748.jpg. Acesso em: 30 maio 2025. Para tornar a aula mais envolvente, incentive a turma a explorar movimentos inspirados no conceito de dança de Isadora Duncan, permitindo que sintam a liberdade de se expressar com o corpo.

QUEM FOI ISADORA DUNCAN?

ISADORA DUNCAN (1877-1927) FOI UMA BAILARINA ESTADUNIDENSE E DEFENSORA DE UMA DANÇA LIVRE QUE USASSE MOVIMENTOS NATURAIS DO CORPO.

ISADORA DUNCAN, POR VOLTA DE 1910.



adoc-photos/album/fotografia

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL
PARA COMPOR SUAS COREOGRAFIAS, AS BAILARINAS DANÇAVAM DESCALÇAS, COM VESTIMENTAS LONGAS E SOLTAS.

Orientações

Depois de ler o texto da subseção **Maleta de artista**, pergunte aos estudantes como se sentem ao usar roupas confortáveis e leves em comparação com vestimentas apertadas ou pesadas. Explique a eles que, na dança, as roupas influenciam os movimentos, permitindo maior ou menor liberdade. Peça que observem as imagens e as roupas usadas pelas bailarinas. Na primeira imagem, destaque a escolha do vestido solto e dos pés descalços para garantir maior fluidez. Já na segunda imagem, destaque que a dançarina usa roupas mais apertadas e calça sapatilhas de ponta, para que se possa ver os músculos do corpo que utiliza para realizar cada movimento, garantindo a técnica e a postura exigidas no balé clássico. Para tornar a explicação mais prática, proponha aos estudantes que experimentem pequenos movimentos com diferentes tipos de tecido, como lenços leves e panos mais pesados, para sentirem na prática como a vestimenta afeta a dança.

Explore a imagem da bailarina Romany Pajdak, inspirada nas coreografias de Isadora Duncan. Pergunte aos estudantes como eles acham que a bailarina estava se movimentando e incentive-os a imitar a postura.

MALETA DE ARTISTA

O **FIGURINO** É UMA FERRAMENTA MUITO UTILIZADA NAS APRESENTAÇÕES DE DANÇA. AS ROUPAS, OS CALÇADOS E OS **ACESSÓRIOS** QUE OS DANÇARINOS USAM DEVEM FACILITAR OS MOVIMENTOS E AJUDAR A CONTAR A HISTÓRIA DO ESPETÁCULO.

FIGURINO: ROUPA USADA POR ARTISTAS EM UMA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.

ACESSÓRIOS: COMPLEMENTOS DA ROUPA, COMO LENÇOS, CHAPÉUS, COLARES, ANÉIS E MÁSCARAS.



Robbie Jack/Corbis/Getty Images

A BAILARINA ROMANY PAJDAK EXECUTA DANÇA À MANEIRA DE ISADORA DUNCAN, EM LONDRES, NA INGLATERRA, 2014.



Vagengiem/Shutterstock.com

BAILARINA SE EXERCITA NA BARRA COM ROUPA QUE FACILITA E REVELA OS MOVIMENTOS REALIZADOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

88



PLANOS DE DANÇA

1. a) Espera-se que os estudantes respondam que parece que estão brincando, como se fosse um desafio divertido se mexer em meio aos balões.

1. VOLTE A OBSERVAR AS IMAGENS DO ESPETÁCULO BALÕES VERMELHOS E RESPONDA AO QUE SE PEDE.



- A) PARECE QUE OS BAILARINOS ESTÃO BRINCANDO OU DANÇANDO? 1. b) Espera-se que os estudantes percebam que, para dançar na altura dos balões, os bailarinos estão deitados ou agachados, com o corpo mais perto do chão.
- B) OS BAILARINOS ESTÃO EXECUTANDO OS MOVIMENTOS ABAIXADOS OU COM O CORPO ELEVADO?
- C) QUE MOVIMENTOS VOCÊ FARIA SE ESTIVESSE CERCADO POR BALÕES VERMELHOS? DEMONSTRE PARA OS COLEGAS.

2. AGORA, VOLTE A OBSERVAR A IMAGEM DA BAILARINA ROMANY PAJDAK.

2. a) Espera-se que os estudantes percebam que o plano utilizado é o alto, já que ela está na ponta dos pés.



- A) QUE PLANO ELA ESTÁ USANDO? ALTO, MÉDIO OU BAIXO?
- B) OS MOVIMENTOS DELA PARECEM LEVES? EXPLIQUE.

2. b) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que, com a exploração do plano alto, a bailarina transmite leveza. Ela levanta uma das pernas e um dos braços, fazendo alongamentos para cima, parecendo que pode alcançar o céu.



PERGUNTA EM CASA

QUANDO CHEGAR EM CASA, FAÇA A SEGUINTE PERGUNTA A UMA PESSOA PRÓXIMA A VOCÊ: “QUE BRINCADEIRA COM MÚSICA E DANÇA VOCÊ CONHECE?”.

PARA COMPARTILHAR A RESPOSTA COM A TURMA NA PRÓXIMA AULA, ESCREVA NO QUADRO O NOME DA BRINCADEIRA E CANTE UM TRECHO DA LETRA DA MÚSICA QUE FAZ PARTE DELA. *Resposta pessoal.*

1. c) Resposta pessoal. Reforce com a turma que os movimentos podem variar de plano, dependendo da altura a que estiverem os balões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR10 As atividades que exploram os planos da dança (alto, médio e baixo), especialmente nos exercícios com balões, incentivam os estudantes a experimentar deslocamentos, direções e velocidades de movimento. Essa proposta amplia a consciência espacial e rítmica, aspectos fundamentais para a construção do movimento dançado.

Orientações

As questões desta seção têm como objetivo desenvolver a percepção dos estudantes sobre diferentes planos de dança por meio da retomada da observação das imagens do espetáculo de dança apresentadas na seção **Conhecendo arte**, a fim de estimular a análise crítica e a imaginação em função do contato com obras artísticas.

Antes de iniciar as perguntas, retome com os estudantes as imagens das páginas anteriores a fim de observar mais uma vez cada detalhe. Proponha que façam isso em silêncio por algum tempo e, em seguida, compartilhem suas primeiras impressões oralmente. Leia as perguntas em voz alta, uma por vez. Estimule a turma a apontar elementos visuais nas imagens que justifiquem suas respostas.

No **item c** da **atividade 1**, incentive os estudantes a criar movimentos com o corpo. Peça aos estudantes que se movimentem imaginando que estão cercados pelos balões, como ocorre com os bailarinos nas imagens do espetáculo apreciadas. Faça perguntas disparadoras, como: “Você pisaria nos balões ou desviaria deles?”; “Os balões estão no ar ou estão no chão?”.

Oriente os estudantes a fazer a atividade proposta em **Pergunta em casa**, explicando a eles que a resposta obtida com a pessoa de seu convívio deverá ser compartilhada com os colegas na aula seguinte. É importante que os estudantes expliquem para ela o que estão trabalhando em sala de aula para que possam contextualizar a questão proposta. A resposta é fundamental para que os estudantes possam compartilhá-la em sala de aula.

Sobre a avaliação

A seção é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação tanto das questões como do engajamento nas atividades tem como função a integração dos estudantes e a regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode ajustar sistematicamente suas práticas pedagógicas às necessidades de cada um deles. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

A proposta tem como objetivo promover a valorização de brincadeiras corporais como formas sustentáveis de lazer e de expressão artística, reconhecendo o corpo como principal ferramenta do brincar. Essas brincadeiras usam, especialmente, o corpo e o espaço, sem a necessidade de objetos ou se valendo de acessórios simples e muitas vezes feitos de materiais reutilizados (como cordas, elásticos, pedaços de tecido ou giz).

Comente com a turma que as brincadeiras apresentadas não geram lixo nem consomem energia elétrica. Elas respeitam o meio ambiente e se integram a ele, pois podem ser realizadas em qualquer lugar, inclusive ao ar livre. Reforce também que as brincadeiras corporais fazem bem para a saúde, ajudando a fortalecer o corpo e a desenvolver a flexibilidade e o equilíbrio.

Aproveite para promover com os estudantes algumas reflexões sobre o consumo consciente e os impactos ambientais do descarte de brinquedos industrializados, buscando fazer conexões da cultura popular com a preservação do meio ambiente, a fim de trabalhar o **TCT Meio Ambiente (Educação Ambiental e Educação para o consumo)**. A reflexão sobre as vantagens de brincar, correr e pular proposta na seção também trabalha o **TCT Saúde**.

Retome com os estudantes alguns movimentos que são realizados nelas, os planos alto, médio e baixo.

Para o primeiro questionamento que encerra a seção, espera-se que os estudantes respondam que sim, que fazer brincadeiras apenas com movimentos corporais é tão legal quanto brincar com brinquedos. Chame a atenção deles para algumas vantagens de se valer quase exclusivamente do corpo para brincar, como a possibilidade de criar brincadeiras novas ou inúmeras variações das já conhecidas, a liberdade criativa dos jogos de movimento, das danças e dos desafios de equilíbrio. Durante essa conversa, leve a turma a compreender que não precisamos de brinquedos caros para nos divertir, basta usar a imaginação e o corpo.

Quanto ao segundo questionamento, propicie que os estudantes cheguem à conclusão de que as brincadeiras corporais fazem bem para a saúde, ajudando a fortalecer o corpo, além de proporcionar liberdade de movimento e de imaginação.



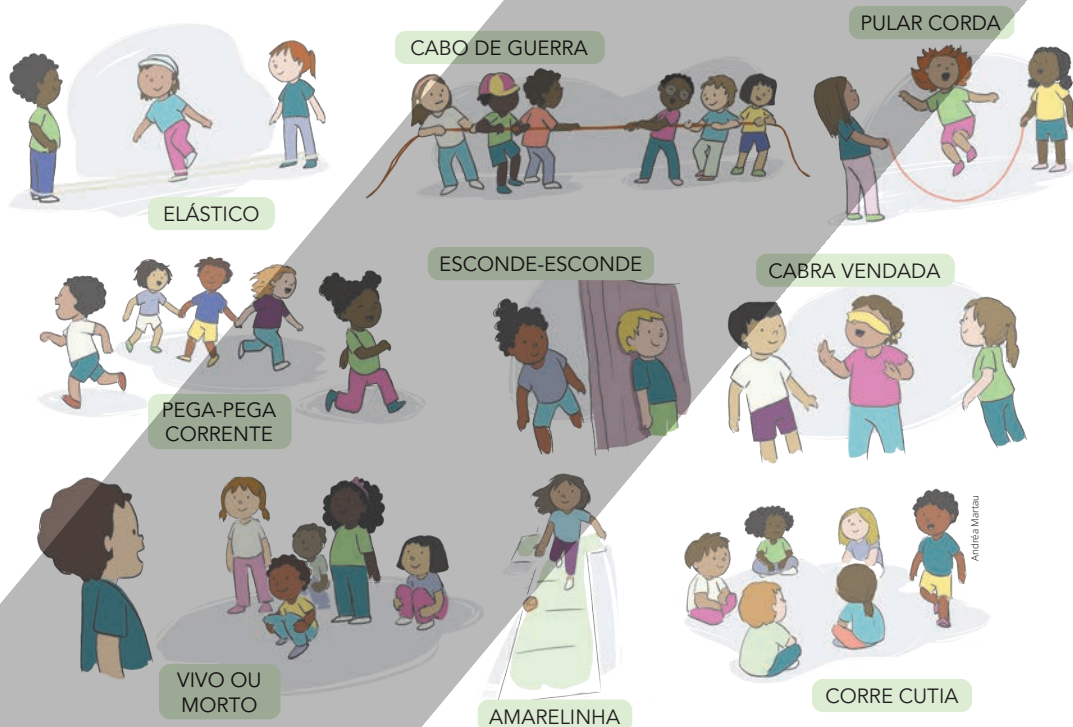
O MUNDO QUE NOS CERCA

MOVIMENTOS CORPORAIS



NÃO IMPORTA QUAL É O TIPO DE BRINCADEIRA, O CORPO SEMPRE ENTRA EM AÇÃO NESSES MOMENTOS!

VAMOS RECORDAR ALGUMAS BRINCADEIRAS EM QUE O MOVIMENTO CORPORAL SE DESTACA?



BRINCAR UTILIZANDO APENAS MOVIMENTOS CORPORAIS É TÃO LEGAL QUANTO BRINCAR COM BRINQUEDOS COMPRADOS EM LOJAS? POR QUÊ?

QUAIS SÃO AS VANTAGENS DE BRINCAR DE CORRER, PULAR E SE MEXER?

Atividade complementar

Em articulação interdisciplinar com Educação Física, esta atividade tem como objetivo reforçar a valorização das brincadeiras corporais como formas sustentáveis de lazer e de expressão artística, promovendo o desenvolvimento de habilidades físicas, como coordenação, flexibilidade e equilíbrio.

Para iniciar, pergunte aos estudantes que brincadeiras eles conhecem, além das apresentadas na seção, que não utilizam brinquedos industrializados ou que usam apenas objetos simples. Nesse momento, reforce a ideia de que o corpo é a principal ferramenta para brincar.

Em seguida, retome os planos de dança: alto, com movimentos como pular e se esticar; médio, com caminhadas e danças; e baixo, com agachamentos e deslo-

camentos rastejantes. Para tornar esse momento mais divertido, você pode propor brincadeiras como “Estátua”, em que os estudantes congelam o corpo em posições artísticas, ou “Mestre mandou”, em que um colega cria um movimento e os outros imitam.

Na sequência, solicite a eles que criem uma nova brincadeira que utilize principalmente o corpo, podendo incluir acessórios simples, como cordas, elásticos, panos ou giz para marcar o chão. Nessa etapa, incentive-os a refletir sobre como o corpo cria formas e linhas no espaço, como se estivesse desenhando no ar.

Por fim, proponha que cada grupo apresente sua brincadeira ao restante da turma e incentive a turma toda a participar das criações dos colegas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL





ATITUDES QUE TRANSFORMAM

FEIRA DE TROCAS



O QUE VAMOS FAZER?

ORGANIZAR UMA FEIRA DE TROCA DE BRINQUEDOS.



COM QUEM FAZER?

COM A COMUNIDADE ESCOLAR.



PARA QUE FAZER?

INCENTIVAR A REUTILIZAÇÃO DE OBJETOS EM BOM ESTADO.



COMO FAZER?

1. ESCOLHA COM OS COLEGAS UMA DATA E UM LOCAL DA ESCOLA PARA ORGANIZAR A FEIRA.
2. EM CASA, ESCOLHA UM BRINQUEDO QUE VOCÊ NÃO USA MAIS, MAS QUE ESTEJA EM BOM ESTADO, LIMPO E FUNCIONANDO, PARA TROCAR NA FEIRA.
3. CONVIDE OS COLEGAS DE OUTRAS TURMAS PARA PARTICIPAR DA FEIRA TRAZENDO TAMBÉM BRINQUEDOS PARA TROCAR.
4. COM OS COLEGAS, ORGANIZE OS OBJETOS SOBRE AS MESAS. CADA ESTUDANTE DEVE FICAR PERTO DO BRINQUEDO QUE TROUXE.
5. NA FEIRA, CADA ESTUDANTE PODE AVALIAR OS BRINQUEDOS TRAZIDOS E PROPOR UMA TROCA. LEMBRE-SE DE QUE O COLEGA PODE OPTAR POR NÃO ACEITAR A TROCA.
6. CONVERSE COM O INTERESSADO EM SEU BRINQUEDO, EXPLIQUE COMO SE BRINCA COM ELE E APRENDA A USAR OS OUTROS QUE VOCÊ NÃO CONHECE!



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
VOCÊ JÁ DOOU UM BRINQUEDO QUE NÃO
USAVA MAIS PARA OUTRA CRIANÇA BRINCAR?
DA EDITORA DO BRASIL**

91

Orientações

A realização de uma feira de troca de brinquedos é uma excelente oportunidade para trabalhar com os estudantes, de forma lúdica e prática, o TCT **Meio Ambiente** (Educação Ambiental e Educação para o consumo).

O processo de troca permite ainda que eles entendam que os objetos têm valor não apenas pelo dinheiro que foi gasto para comprá-los, mas também pelas memórias e pelas histórias que eles carregam. Além disso, o projeto desenvolve a ideia de reutilizar e doar brinquedos que não são mais usados, criando um engajamento para diminuir a produção de lixo e ressignificar objetos. Contudo, é importante ressaltar que nem todos podem ter disponível um brinquedo em bom estado para doação no momento da feira. Sendo assim, a depender das necessidades e da negociação com a turma, é possível adaptar a ideia para troca de outros objetos que podem ser ressignificados. Por exemplo, que tal trocar acessórios usados na dança? Os estudantes podem trocar um figurino ou acessório que usaram nas aulas. É possível, ainda, participar trazendo brinquedos artesanais ou feitos com materiais recicláveis.

A proposta possibilita conectar o aspecto emocional ao material, incentivando os estudantes a refletir sobre suas escolhas de consumo de forma mais consciente e responsável. Ao integrar esse tipo de atividade ao cotidiano escolar, contribui-se para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos, criativos e conscientes.

Após a feira, promova uma conversa com a turma, retome situações ocorridas durante o evento e proponha reflexões sobre elas, ajudando-os a compartilhar o que sentiram durante a organização e a realização da feira. Além disso, peça a eles que comentem o questionamento final proposto na seção. Acolha e valorize as impressões dos estudantes.

Orientações

Como cada grupo vai utilizar dois balões para a criação de sua coreografia, providencie com antecedência material suficiente e tenha ainda alguns balões de reserva. Além disso, oriente os estudantes a providenciarem uma roupa confortável para a execução da atividade.

Leia a proposta para os estudantes e certifique-se de que todos a compreenderam.

Para iniciar a prática, organize com a turma o espaço para a dança e ajude na exploração dos movimentos nos planos alto, médio e baixo antes de incentivá-los a pensar na combinação deles para criar a coreografia. No caso de estudantes com mobilidade reduzida, esclareça que eles podem dançar sentados, só com os braços ou com apoio de um colega. É fundamental adaptar a atividade para que todos participem da forma como se sentirem confortáveis.

Oriente os estudantes a trocar os balões entre si, de forma fluida, usando os movimentos altos, médios e baixos. Incentive-os a experimentar livremente os movimentos, perguntando, por exemplo: "O que acontece se vocês tentarem mover o balão com os pés? E com a cabeça?". Assim, eles podem explorar diferentes formas de movimento e ser criativos na dança.

Compartilhe com eles o áudio disponível e alerte-os de que será interessante perceber, ao final da atividade, como cada grupo criou uma apresentação única e singular, ainda que tenham partido de uma mesma trilha sonora.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



FAZENDO ARTE

DANÇAR COM BALÕES



1. PARA EXPERIMENTAR DANÇAR EM VÁRIOS PLANOS, VOCÊ VAI CRIAR UMA SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS COM BALÕES.

A) FORME UM GRUPO COM QUATRO INTEGRANTES. SUA EQUIPE TERÁ DOIS BALÕES PARA USAR NA DANÇA.

B) ANTES DE CRIAR A SEQUÊNCIA, O GRUPO VAI BRINCAR COM OS BALÕES E EXPERIMENTAR OS PLANOS DE DANÇA:

- PLANO ALTO
 - JOGUE O BALÃO PARA CIMA E TENDE PEGÁ-LO ANTES QUE ELE CAIA NO CHÃO.
 - ESTENDA O BRAÇO O MAIS ALTO POSSÍVEL SEGURANDO O BALÃO.
 - GIRE SEGURANDO O BALÃO ACIMA DA CABEÇA.
 - PASSE O BALÃO PARA O COLEGA COM O BRAÇO LEVANTADO.
- PLANO MÉDIO
 - FIQUE EM PÉ, COM OS PÉS NO CHÃO, E SEGURE O BALÃO COM UMA MÃO.
 - CAMINHE PELO ESPAÇO SEGURANDO O BALÃO NA ALTURA DA BARRIGA.
 - FIQUE EM PÉ E ANDE PELA SALA TROCANDO O BALÃO DE MÃO.
 - PASSE O BALÃO PARA O COLEGA ENQUANTO CORRE.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR11 A criação coletiva de uma sequência de dança com balões favorece a improvisação e a invenção de gestos em grupo. O processo de ensaio e apresentação promove a colaboração, permitindo que os estudantes articulem estrutura, dinâmica e expressividade, em consonância com os princípios da BNCC para a dança.

- PLANO BAIXO
 - AGACHE E APOIE O BALÃO NO CHÃO, DEVAGAR.
 - ROLE O BALÃO NO CHÃO COM AS MÃOS.
 - DEITE-SE E EQUILIBRE O BALÃO NA BARRIGA OU NAS PERNAS.
 - PASSE O BALÃO PARA O COLEGA ENQUANTO ROLA NO CHÃO.

C) CADA GRUPO DEVE ESCOLHER DOIS MOVIMENTOS DE CADA PLANO PARA CRIAR SUA SEQUÊNCIA DE DANÇA.

D) ENSAIE COM OS COLEGAS OS MOVIMENTOS PARA MEMORIZAR A COREOGRAFIA. SOLTE O CORPO E A IMAGINAÇÃO.

E) O GRUPO DEVE USAR O ÁUDIO DISPONÍVEL NOS ENSAIOS E NA APRESENTAÇÃO.

F) PARA A APRESENTAÇÃO, ESCOLHA COM OS COLEGAS ROUPAS ADEQUADAS. LEMBRE-SE DE QUE ELAS DEVEM PERMITIR OS MOVIMENTOS E DAR DESTAQUE À DANÇA.



ÁUDIO 9



Andréa Martau

2. EM GRUPO, APRESENTE A DANÇA PARA OS COLEGAS DE TURMA.



3. APÓS AS APRESENTAÇÕES, CONVIDE TODOS PARA BRINCAR COM OS BALÕES!



4. CONVERSE COM A TURMA SOBRE A EXPERIÊNCIA.



A) O QUE VOCÊ ACHOU DE DANÇAR COM BALÕES?

4. a) Resposta pessoal.

B) GOSTOU DE EXPLORAR OS DIFERENTES PLANOS DURANTE A DANÇA?

4. b) Resposta pessoal.

C) QUAL FOI O MOVIMENTO MAIS FÁCIL DE REALIZAR E QUAL FOI O MAIS DIFÍCIL?

4. c) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

93

Atividades complementares

1. Em articulação interdisciplinar com Ciências, realize um experimento em que cada estudante receba um balão vazio. Primeiro, esclareça para a turma que todos devem apertá-lo para sentir a ausência de resistência interna. Em seguida, devem enchê-lo para perceber a diferença, observando que, agora, o balão oferece resistência ao toque por estar cheio de ar. Nesse momento, explique que, ao inflar o balão, o ar ocupa o espaço interno e exerce pressão contra as paredes de borracha, fazendo-o expandir. Para tornar o experimento mais dinâmico, peça aos estudantes que soltem os balões sem amarrá-los e observem como eles se movem de forma irregular en-

quanto o ar escapa, relacionando o fenômeno à ação da força exercida pelo ar em movimento – semelhante à força que empurra as pipas no céu.

2. Proponha uma brincadeira com os balões de ar em que os estudantes, em duplas ou trios, devem manter o balão no ar apenas com partes específicas do corpo (cabeça, joelhos, cotovelos), explorando movimentos criativos e controlados. Uma sugestão é apresentar uma cena de uma apresentação de dança ou coreografia, ou mesmo orientá-los a pesquisar uma coreografia de uma música que gostem, para que tentem executá-la mantendo os balões no ar.

Orientações

A **atividade 3** ajuda a desenvolver a coordenação motora, a expressão corporal e o trabalho em equipe de forma lúdica e divertida.

O trabalho com a coordenação motora e a expressão corporal, assim como o desenvolvimento da consciência corporal realizado na proposta, a mobilizam o TCT



Saúde. Incentive os estudantes a brincar livremente com os balões para celebrar coletivamente a finalização da tarefa e procure perceber se também nesse momento eles fazem uso criativo dos planos de dança. Oriente-os, por exemplo, a pensar em histórias a fim de dar sentido ao movimento com os balões.

As respostas ao questionamento que finaliza a atividade são pessoais e devem ser compartilhadas com acolhimento. Organize com os estudantes uma roda de conversa e faça a mediação para incentivá-los a manter uma escuta ativa enquanto os colegas se expressam. Oriente a troca de ideias de forma acolhedora e divertida, a fim de que os estudantes possam refletir sobre a própria experiência.

Objeto digital

Para promover os ensaios e a apresentação das sequências de movimentos criadas, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 9** disponível no Livro Digital do Estudante.



Desenvolvendo a BNCC

EF15AR12 Nas conversas realizadas após as apresentações de dança com balões, os estudantes podem compartilhar como foi a experiência de compor e apresentar em grupo. Essa troca fortalece a construção de repertórios próprios a partir de experiências coletivas, em um ambiente de respeito e valorização das diferenças.

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É crucial, nesse momento, falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento o estudante deve se apresentar e em outro ele será espectador dos colegas.

Com os estudantes, organize a sala, de modo a abrir espaço para a autoavaliação, e convide a turma para formar um círculo ou semicírculo. A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões que vão mobilizar a discussão.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a lembrar as atividades propostas e os conteúdos abordados (brincadeiras populares, danças, jogos com planos de movimento). Valorize qualquer resposta que revele descoberta e consciência de movimento ou que tenha relação com o meio ambiente. Auxilie-os a colocar em palavras o que vivenciaram com o corpo na unidade, incentivando que expliquem oralmente suas ideias. Incentive-os a expressar quais foram os sentimentos e as sensações corporais que tiveram, como alegria, liberdade, cansaço ou entusiasmo. Reforce que não há resposta certa ou errada, que o importante é reconhecer como o corpo reage ao se movimentar de forma criativa.

Na **atividade 2**, ajude-os a relacionar a resposta à experiência usando frases como: "Você gostou de esticar os braços (plano alto)? De se arrastar no chão (baixo)? De andar ou correr (médio)?" Essa questão ajuda no desenvolvimento de vocabulário de dança e de percepção espacial e pode orientar você em futuras propostas com base nas preferências da turma.

Na **atividade 3**, incentive-os a descrever detalhadamente a atividade prática de dança em grupo, mencionando tanto os aprendizados durante a criação dos movimentos para compor a coreografia como as sensações que puderam experimentar durante o processo finalizado e depois dele.

NESTA UNIDADE, VIMOS

- BRINCAR DANÇANDO É UMA FORMA DE EXPLORAR O CORPO E SE EXPRESSAR DE FORMA CRIATIVA E DIVERTIDA.
- PODEMOS USAR MOVIMENTOS EM DIFERENTES PLANOS PARA DANÇAR.
- ISADORA DUNCAN FOI UMA ARTISTA QUE INSPIROU A DANÇA MODERNA COM MOVIMENTOS LIVRES, FLUIDOS E EXPRESSIVOS.
- PODEMOS USAR BALÕES E OUTROS OBJETOS EM BRINCADEIRAS E DANÇAS.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE O USO DO CORPO EM BRINCADEIRAS E PARA SE EXPRESSAR? **1. Resposta pessoal.**
2. EM QUE PLANO VOCÊ GOSTOU MAIS DE SE MOVIMENTAR: ALTO, MÉDIO OU BAIXO? **2. Resposta pessoal.**
3. CONTE PARA OS COLEGAS O QUE VOCÊ APRENDEU DURANTE A PREPARAÇÃO DAS DANÇAS EM GRUPO. **3. Resposta pessoal.**

PARA IR MAIS LONGE



LIVRO

- **ELEFANTES NÃO DANÇAM!**, DE MO WILLEMS, COMPANHIA DAS LETRINHAS, 2022. CONHEÇA A HISTÓRIA DE GERALDO, UM ELEFANTE QUE GOSTA DE A DANÇAR COM SUA AMIGA PORQUINHA E DESCUBRA QUE A DANÇA É PARA TODO MUNDO.



Companhia das Letrinhas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

94

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL. COM AJUDA DO PROFESSOR, COMPLETE O MAPA COM UM DESENHO.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são **formativas** no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte e são **somativas** no sentido de sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter

punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com os estudantes a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é preciso celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais se destinam, portanto, tanto à autoavaliação dos estudantes como a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade.

Orientações

Explique aos estudantes que a seção traz ilustrações e textos interativos que compõem um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar a avaliação na unidade. O aspecto lúdico auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências mobilizadas, de uma perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes a inserir a própria intervenção nesse mapa mental é propiciar uma aprendizagem ativa e interativa. Ao optar por essa estratégia com a turma, oportuniza-se a negociação de ideias e significados relacionados, de forma dialógica, ao conteúdo.

Após a inserção do desenho por parte dos estudantes, propicie um momento de socialização de suas intervenções. Valorize as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam e destacando detalhes de certos desenhos que chamaram a atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo da unidade. Essa é uma etapa que permite aos estudantes compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros aspectos.

Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Apreciar e compreender o teatro de animação com bonecos e objetos.
- Compreender como se constrói uma narrativa utilizando objetos do cotidiano.
- Ampliar a noção de contação de histórias e de teatralidade com base em experiências na sala de aula e nos contextos comunitários dos estudantes.
- Produzir experiências criativas nas quais os estudantes possam aplicar as motivações e executar os procedimentos aprendidos.
- Agregar referências artísticas no processo de aprendizagem acerca da linguagem teatral.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Nesta unidade serão usados objetos do cotidiano dos estudantes, como materiais escolares. Disponha de outros objetos também, como chaleira, bola, brinquedos etc.

Orientações

Nesta unidade, os estudantes são convocados a refletir sobre recursos teatrais que existem no cotidiano. Para auxiliar nessa reflexão, ao propor atividades e tarefas e apresentar explicações, comente que o teatro também está presente no cotidiano e que a teatralidade pode ser encontrada em objetos cuja utilidade pode ser subvertida poeticamente em um ato criativo.

UNIDADE

7

EXISTE TEATRO NO DIA A DIA?



Hebia Bortz/Abril Comunicações S.A.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

OS PORQUINHOS, DA CIA. FURUNFUNFUM, COM BONECOS DE SERGIO SERRANO E DIREÇÃO DE MARCELO E PAULA ZURAWSKI, 2012.

96

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: **1, 3, 4, 9 e 10.**

Competências específicas de Linguagens: **1, 2, 3, 5 e 6.**

Competências específicas de Arte: **1, 2, 3, 4, 6 e 8.**

Habilidades: **EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22 e EF15AR24.**

Os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** abordados nesta unidade são **Multiculturalismo, Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia.**



1. O QUE VOCÊ OBSERVA NA PRIMEIRA IMAGEM?
2. NA SEGUNDA IMAGEM, QUAIS SÃO OS OBJETOS UTILIZADOS PELOS ATORES?
3. QUE HISTÓRIAS VOCÊ ACHA QUE PODEM SER CONTADAS COM ESSES OBJETOS?



Renato Stockler/Folhapress

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- EXPLORAR AS POSSIBILIDADES CRIATIVAS COM O USO DE BONECOS E OBJETOS PARA CONTAR HISTÓRIAS.
- APRECIAR ESPETÁCULOS DE TEATRO DE BONECOS E OBJETOS.
- CONHECER O TRABALHO DE GRUPOS E DE ARTISTAS QUE FAZEM TEATRO DE ANIMAÇÃO.
- CRIAR UMA HISTÓRIA USANDO OBJETOS.

BONECO PREPARADO POR ATOR CLAUDIO SALTINI, DA CIA. DAS COISAS, NO TEATRO ALFA, EM SÃO PAULO. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Ao analisar as imagens com os estudantes, explore as formas e as cores que se revelam em cada fotografia. Na primeira imagem, é possível observar o teatro de bonecos com destaque nos personagens e no cenário, sem a presença visível dos manipuladores. Incentive os estudantes a imaginar como esses bonecos são sustentados no cenário e como se mexem na cena, de modo que eles resgatem conhecimentos prévios ou levantem possibilidades. Convide-os a pensar sobre os aspectos que precisam ser desenvolvidos para que um ator possa manipular um boneco ou um objeto a fim de contar uma história. A manipulação de bonecos e objetos pode ser usada para criar uma variedade de efeitos, desde a representação realista de personagens até a criação de seres fantásticos ou simbólicos. Com treinamento e prática, os atores podem desenvolver a habilidade de dar vida aos bonecos e objetos, criando uma experiência teatral única e cativante para o público.

Na segunda imagem, podemos observar formas geométricas arredondadas e objetos domésticos sendo utilizados na composição de uma cena, como uma pá. A análise dessa imagem com os estudantes possibilita abordar o uso criativo de materiais do cotidiano e a transformação de objetos comuns em elementos cênicos. Podem ser citados como exemplos utensílios domésticos, brinquedos e até materiais reciclados que são recontextualizados para contar histórias e criar atmosferas.

Essa abordagem ressalta a importância da criatividade e da sustentabilidade na produção teatral, mostrando que a arte pode ser encontrada em todos os lugares e realizada com os mais diversos materiais, dialogando assim com os TCTs **Multiculturalismo** e **Meio Ambiente**.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem a presença de bonecos e de um cenário, inferindo que se trata de uma encenação teatral.
2. Os objetos são duas bexigas com desenhos de olhos e duas pás sobrepostas, que formam uma boca.
3. Resposta pessoal. Recomenda-se incentivar respostas que tenham relação com o processo de interpretação das imagens com base nos objetos que constituem o jogo cênico. Organize uma breve conversa reunindo as ideias que surgirem.

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam conjuntamente elementos que permitem o exercício da **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada um deles. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens

apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção seguinte, **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento do estudante e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

As atividades da seção **Aquecendo** podem ser feitas coletivamente para que os estudantes compartilhem as respostas a fim de verificar semelhanças e diferenças no entendimento sobre a funcionalidade atribuída aos objetos e suas possibilidades criativas, isto é, a reorganização do significado dos objetos com base na elaboração imaginativa da turma.

A ressignificação de objetos do cotidiano é um exercício produtivo para o desenvolvimento das habilidades criativas e expressivas dos estudantes. Esses objetos são fundamentais para a modalidade de teatro de animação estudada na unidade, pois permitem a materialização de ideias e de personagens de maneira tangível e compartilhável.

As **atividades 1 e 2** envolvem a funcionalidade cotidiana dos objetos representados. Em um primeiro momento, incentive os estudantes a observar os objetos e a descrevê-los falando sobre formato, cor, volume, tamanho, textura etc. O objetivo é que eles reflitam sobre essas características para depois imaginar como esses objetos poderiam ser utilizados em um contexto teatral. Então, primeiro os estudantes devem avaliar o uso cotidiano dos objetos, para depois subvertê-los na proposta seguinte, transformando, por exemplo, um copo, um pedaço de pano ou uma dobradura em um personagem falante.

A **atividade 3** é um exercício de inventividade que convoca os estudantes a criar histórias que tangenciem e/ou ultrapassem as características funcionais dos objetos. O objetivo do exercício é a elaboração de uma história que associe os três objetos em um mesmo eixo narrativo. Os estudantes devem ser orientados a ter a máxima liberdade em seu compromisso com a imaginação.

A **atividade 4** é o registro da história que os estudantes imaginaram na atividade anterior. Peça a eles que desenhem os objetos e a cena da história, colocando mais elementos cênicos, como o local onde se passa a narrativa e as características dos personagens. Deixe-os livres para criar e incentive sua imaginação.



AQUECENDO

FAZ DE CONTA COM OBJETOS

1. PARA COMEÇAR, PENSE NOS OBJETOS QUE VOCÊ TEM EM CASA E QUE PODEM SER USADOS EM UMA CENA TEATRAL.
 - DESENHE TRÊS DESSES OBJETOS NOS ESPAÇOS A SEGUIR.

OBJETO 1

OBJETO 2

OBJETO 3

2. COMO OS OBJETOS QUE VOCÊ DESENHOU SÃO USADOS EM SUA CASA NO DIA A DIA? [2. Resposta pessoal.](#)



3. AGORA, IMAGINE QUE ESSES OBJETOS TÊM VIDA. QUE HISTÓRIA ELES PODEM CONTAR? [3. Resposta pessoal.](#)



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

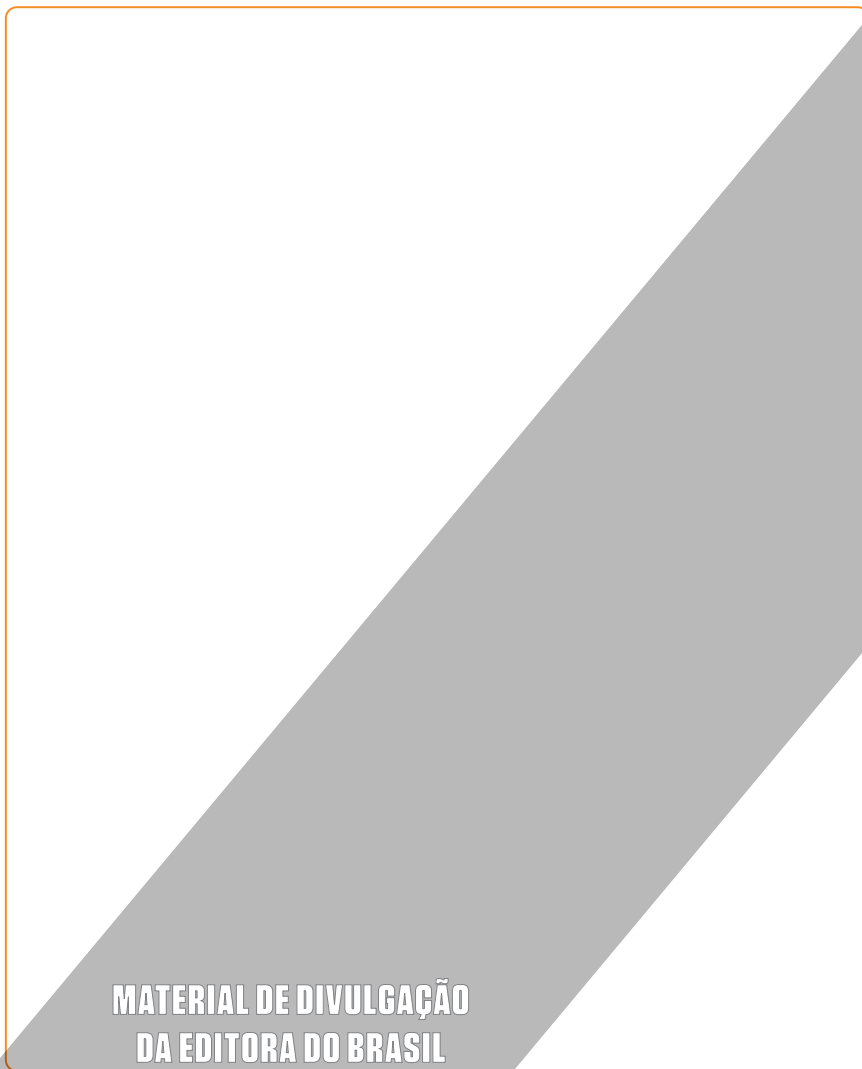
98

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR19 e **EF15AR21** A proposta de imaginar objetos do cotidiano como personagens de uma cena teatral incentiva os estudantes a perceberem teatralidades na vida diária, como entonações de voz e diferentes fisicalidades. Ao mesmo tempo, o exercício do "faz de conta" ressignifica objetos comuns, estimulando a experimentação de papéis e a construção de narrativas cênicas de forma criativa e reflexiva.

4. DESENHE A HISTÓRIA QUE VOCÊ IMAGinou USANDO OS OBJETOS COMO PERSONAGENS.

LEMBRE-SE DE DESENHAR CENÁRIO E ELEMENTOS QUE COMPLEMENTEM A HISTÓRIA CONTADA PELOS OBJETOS. DEPOIS, PINTE A CENA!



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

A seção **Aquecendo** tem por objetivo iniciar a unidade com os estudantes por meio de uma atividade prática com uma sensibilização dirigida. As atividades vão permitir que eles tenham uma vivência prática logo no início do trabalho com a unidade, de modo a ficar ativamente envolvidos e engajados com o restante do conteúdo.

Orientações

A seção **Conhecendo arte** tem por objetivo introduzir o conteúdo principal da unidade, podendo focar uma manifestação artística, uma expressão cultural, um artista específico ou uma obra de arte. As imagens escolhidas para esta seção compõem, com o texto expositivo, uma experiência típica da apreciação e da fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com sua realidade.

Nesta seção, trabalhamos o teatro de animação e sua relação com bonecos ou objetos do cotidiano que podem ser encontrados no contexto escolar e comunitário dos estudantes. Para desdobramento do conteúdo, é interessante partilhar com o grupo perguntas sobre as possibilidades que os objetos da sala de aula podem oferecer para a realização de um espetáculo teatral ou para uma contação de histórias envolvendo a animação.

O teatro de animação organiza e reúne as modalidades de teatro de bonecos e teatro de objetos. Também nesta categoria podemos encontrar o teatro de sombras e o teatro de marionetes. Todas essas manifestações estéticas partem do princípio da animação como atribuição de signos, sentimentos e vivacidade lúdica a elementos inanimados. Nesse sentido, alguns aspectos do teatro de animação podem gerar questões reflexivas para a turma e, por isso, é interessante abordá-las coletivamente.

Objeto digital MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Para ampliar o estudo do teatro de animação, solicite aos estudantes que acessem o **infográfico clicável** disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR18 A apresentação do teatro de animação realizada pela Cia. Pequod, utilizando bonecos e objetos para narrar histórias, oferece aos estudantes o contato com manifestações teatrais em contextos variados. Essa apreciação favorece o cultivo do imaginário e amplia o repertório ficcional, permitindo que compreendam como o teatro dramatiza diferentes narrativas.

CONHECENDO ARTE

TEATRO DE ANIMAÇÃO

NO TEATRO DE ANIMAÇÃO OS ARTISTAS UTILIZAM BONECOS, SOMBRAS, MÁSCARAS E OBJETOS DO DIA A DIA PARA CONTAR UMA HISTÓRIA.

A PALAVRA **ANIMAÇÃO** TEM ORIGEM NA PALAVRA **ANIMA**, QUE SIGNIFICA “ALMA”, OU SEJA, ANIMAR UM BONECO OU UM OBJETO É O MESMO QUE DAR VIDA A ELE!

INFOGRÁFICO CLICÁVEL



Renato Mangolin

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

JULIO PLUFT, O FANTASMINHA, APRESENTADO PELA COMPANHIA PEQUOD NO SESC TIJUCA, NO RIO DE JANEIRO, 2023.

100

A VIDA DOS BONECOS E OBJETOS, ASSIM COMO SUA PERSONALIDADE, É DEFINIDA PELOS ARTISTAS, TAMBÉM CHAMADOS DE **MANIPULADORES**.

NO TEATRO, MANIPULADOR É A PESSOA QUE MOVIMENTA OS OBJETOS E OS BONECOS UTILIZANDO AS MÃOS E, POR VEZES, ATÉ OUTRAS PARTES DO CORPO, COMO PERNAS E PÉS.

NO ESPETÁCULO *PLUFT, O FANTASMINHA*, OS ARTISTAS DA COMPANHIA PEQUOD CONTAM AS AVENTURAS DA MENINA MARIBEL E DE PLUFT, UM FANTASMA QUE TEM MEDO DE GENTE. ELES SE TORNAM GRANDES AMIGOS E JUNTOS ENFRENTAM UM PIRATA MALVADO.



ARTISTAS MANIPULADORES DA CIA. PEQUOD, DURANTE O ESPETÁCULO *PEQUODEUX*, NO FESTIVAL DE TEATRO DE ANIMAÇÃO, EM UBERLÂNDIA (MG), 2014.

Saiba mais

- Para conhecer melhor a Cia. Pequod, visite sua página na internet. Disponível em: <http://www.pequod.com.br/2015/>. Acesso em: 31 maio 2025.
- Se considerar pertinente, você pode sugerir aos estudantes que assistam à adaptação da peça *Pluft, o fantasminha* para o cinema. Explique que a peça foi escrita em 1955 pela mineira Maria Clara Machado (1921-2001). *Pluft, o fantasminha* vem sendo encenada desde então, por diversas companhias teatrais, e já foi adaptada para o cinema e para a televisão. Em 2022, foi lançado um filme homônimo, com classificação livre. Ele está disponível em plataformas de streaming.

QUEM É A COMPANHIA PEQUOD?

A **COMPANHIA PEQUOD** FOI CRIADA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, EM 1999, POR UM GRUPO DE ARTISTAS INTERESSADOS EM MONTAR ESPETÁCULOS TEATRAIS DE ANIMAÇÃO.



ALGUNS INTEGRANTES DA COMPANHIA PEQUOD, EM 2004.

A COMPANHIA PEQUOD ORGANIZA UMA MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE ANIMAÇÃO QUE CONTA COM A PARTICIPAÇÃO DE VÁRIOS PAÍSES. COM ISSO, ELES CRIAM UMA TROCA ENTRE DIVERSAS CULTURAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de avaliação formativa. A avaliação do engajamento nas atividades tem a função de promover e averiguar a integração dos estudantes e a regulação de suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada criança. Sugerimos que faça registros escritos para acompanhamento dos estudantes, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

A **atividade 1** é um dos muitos jogos teatrais de expressão e percepção corporal em grupo. Defina um tempo para que cada integrante do grupo possa experimentar o papel de boneco vivo e o de manipulador. Os movimentos vão sendo aprimorados paulatinamente, conforme o grupo se organiza internamente na sequência das ações. É importante frisar o cuidado que os integrantes precisam ter uns com os outros para que não se machuquem e para que respeitem os limites de cada um. Se for necessário, antes da prática, converse com a turma sobre isso.

Na **atividade 2**, incentive os estudantes a compartilhar sensações e percepções corporais geradas pela prática. Eventualmente, também poderão surgir relatos sobre dificuldades em relação à execução dos movimentos e opiniões sobre a integração do grupo na atividade. Enfatize o autocuidado e a responsabilidade como atitudes necessárias para a realização da tarefa e converse com a turma sobre a importância dessas atitudes na construção de relações saudáveis.



PENSANDO ARTE

BONECO VIVO

1. VOCÊ VAI BRINCAR DE BONECO VIVO COM OS COLEGAS. SIGA AS ORIENTAÇÕES.



- A)** ORGANIZE-SE COM OS COLEGAS EM GRUPOS DE CINCO OU SEIS PESSOAS. DEPOIS, FORME UMA RODA COM SEU GRUPO.
- B)** UM DOS INTEGRANTES DO GRUPO SERÁ O BONECO E DEVE FICAR NO MEIO DA RODA.
- C)** O OBJETIVO É MANIPULAR O BONECO. POR EXEMPLO, UM COLEGA PODE MOVER A PERNA ESQUERDA DO BONECO, OUTRO PODE MEXER A PERNA DIREITA, ENQUANTO OS DEMAIS MOVEM OS BRAÇOS.
- D)** CUIDADO PARA NÃO MACHUCAR O COLEGA AO MOVIMENTÁ-LO!



Kléia Trentini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

102

- E) O BONECO VIVO PRECISA FICAR EQUILIBRADO. ENTÃO, NÃO SE PODE EXAGERAR NOS MOVIMENTOS. RESPEITE OS LIMITES DO COLEGA.
- F) CADA AÇÃO DE BRAÇOS E PERNAS PRECISA SER REALIZADA LENTAMENTE E EM SEQUÊNCIA, ISTO É, UM MOVIMENTO DE CADA VEZ.



- G) DEPOIS, OS INTEGRANTES DO GRUPO DEVEM SE REVEZAR ATÉ QUE TODOS TENHAM SIDO O BONECO AO MENOS UMA VEZ.

2. AGORA, CONVERSE COM A TURMA E O PROFESSOR SOBRE AS QUESTÕES A SEGUIR.

- A) COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE FAZER O EXERCÍCIO DO BONECO VIVO? 2. a) Resposta pessoal.
- B) COMO FOI TRABALHAR EM GRUPO PARA DAR VIDA AO BONECO? 2. b) Resposta pessoal.
- C) DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NA ATIVIDADE? 2. c) Resposta pessoal.
- D) VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FÁCIL OU DIFÍCIL DAR VIDA A UM BONECO EM UMA PEÇA TEATRAL? 2. d) Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

A seção **Universo digital** tem como objetivo explorar com os estudantes a cultura e o letramento digitais. Provavelmente eles já tiveram contato com o universo digital, seja por celular, seja por computador. Portanto, antes de fazer a leitura compartilhada do texto, converse com a turma sobre o que eles sabem a respeito desses dispositivos e da internet. Pergunte-lhes se eles gostam de usar dispositivos digitais, quando e onde fazem isso. Incentive-os a refletir sobre o alcance que a internet tem no que diz respeito ao compartilhamento de ideias e de informações. Deixe que falem livremente sobre o assunto e, em seguida, faça a leitura do texto, apresentando o espetáculo *Coração de barro*.

Se possível, escolha alguns trechos dessa peça para mostrar aos estudantes. Assista ao vídeo em etapas, com a possibilidade de efetuar pausas para explorar os quadros em suas nuances materiais: claros e escuros, elementos usados para representar situações cênicas, postura do ator nas movimentações. Você pode convocar os estudantes a complementar a narrativa com as próprias ideias a propósito do que é apresentado visualmente.

Incentive os estudantes a refletir sobre as diferenças entre uma cena teatral apresentada virtualmente e uma apresentada presencialmente, considerando os diferentes efeitos de seu impacto sobre o público.

O teatro produzido em meio digital é uma forma de arte que combina tecnologia e *performance* teatral, permitindo a criação de experiências imersivas e interativas. Por meio do uso de recursos como projeções, efeitos visuais e plataformas *on-line*, o teatro digital pode expandir os limites da narrativa teatral tradicional. Essa modalidade também possibilita a colaboração entre artistas de diferentes locais e a criação de espetáculos que podem ser vistos por pessoas que não têm acesso a apresentações presenciais.

Esta seção, ao explorar o uso da internet como ferramenta de difusão cultural, dialoga com o TCT **Ciência e Tecnologia**, ampliando o repertório dos estudantes por meio da exibição de espetáculos teatrais pela internet e promovendo reflexões sobre o acesso à arte por meios digitais.

TCT

UNIVERSO DIGITAL

TEATRO NA INTERNET

A INTERNET É UMA REDE DE COMPUTADORES INTERLIGADOS PELO MUNDO TODO. POR MEIO DELA, É POSSÍVEL TRANSMITIR TEXTOS, IMAGENS, SONS E VÍDEOS, DE UM LOCAL PARA OUTRO, MESMO QUE ELES SEJAM MUITO DISTANTES.

A INTERNET PODE SER UM ESPAÇO PARA CRIAÇÃO, APRESENTAÇÃO E **COMPARTILHAMENTO** DE PEÇAS TEATRAIS.

UM ESPETÁCULO TRANSMITIDO PELA INTERNET PODE ALCANÇAR PESSOAS QUE ESTÃO EM LUGARES DIFERENTES, BEM LONGE DE ONDE A APRESENTAÇÃO ESTÁ ACONTECENDO.

AS TRANSMISSÕES QUE ACONTECEM AO VIVO PERMITEM QUE O PÚBLICO INTERAJA COM OS ATORES, MANDANDO MENSAGENS PARA QUEM ESTÁ EM CENA! ALÉM DISSO, PODEM SER GRAVADAS E GUARDADAS PARA SEREM VISTAS DEPOIS.

UM EXEMPLO É O ESPETÁCULO DIGITAL *CORAÇÃO DE BARRO*, QUE FOI CRIADO POR CLEBER CAJUN PARA SER TRANSMITIDO PELA INTERNET.

COMPARTILHAMENTO:
DISTRIBUIÇÃO DE UM CONTEÚDO POR MEIO DA REDE DE COMPUTADORES.



CENA DO ESPETÁCULO *CORAÇÃO DE BARRO*, DE CLEBER CAJUN, APRESENTADO NA INTERNET.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

104






CENA DO ESPETÁCULO
CORÇÃO DE BARRO,
DE CLEBER CAJUN.

NESSE ESPETÁCULO, O ARTISTA CONTA UMA HISTÓRIA DE UM TEMPO EM QUE A ENERGIA ELÉTRICA NÃO HAVIA CHEGADO À AMAZÔNIA.

AS VELAS ERAM A ÚNICA FORMA DE ILUMINAR O ENCONTRO DAS PESSOAS NAS REUNIÕES EM QUE OS MAIS VELHOS CONTAVAM SUAS MEMÓRIAS.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que sim, pois, por meio da internet, a troca de informações ocorre de maneira muito mais rápida.

1. VOCÊ ACHA QUE A INTERNET É IMPORTANTE? JUSTIFIQUE. 
2. QUE ARTE VOCÊ GOSTARIA DE VER NA INTERNET? 

2. Resposta pessoal.
3. EM SUA OPINIÃO, PEÇAS DE TEATRO TRANSMITIDAS PELA INTERNET SÃO UMA BOA OPÇÃO PARA QUE AS PESSOAS TENHAM MAIS ACESSO À ARTE? POR QUÊ? 

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam que a internet é uma forma de democratizar a arte, levando as manifestações artísticas a todos que tiverem acesso à rede.

PARA IR MAIS LONGE

VÍDEOS

- APROVEITE PARA ASSISTIR ÀS PEÇAS:
CORÇÃO DE BARRO, COM CLEBER CAJUN. DISPONÍVEL EM: <https://youtu.be/YZO9ofIxlLQ>.
BATENDO PERNAS, COM OS ATORES REGINALDO MENEGAZZO E CAIO MAGALHÃES. DISPONÍVEL EM: <https://youtu.be/pZEGH5VoFIk>.
ACESSO EM: 14 JUL. 2025.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Saiba mais

A pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2024* apresenta os dados mais recentes sobre uso de tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes. Nessa pesquisa, há artigos que falam a respeito do uso de redes sociais por esse público e sobre mediação parental. Sugerimos a leitura desses textos para aprofundar seus conhecimentos relacionados ao uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) especialmente pelas crianças. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20250512154312/tic_kids_online_2024_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 31 maio 2025.

Orientações

Recomenda-se a exploração das seguintes minutas do espetáculo digital *Corção de barro*, promovendo a análise de elementos como objetos cênicos utilizados, sons da cena e narrativa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YZO9ofIxlLQ>. Acesso em: 31 maio 2025.

- 2'03" – apresentação do espaço onde a história se desenrola, com seus elementos de fauna e flora.
- 4'31" – *performance* do narrador chorando cera de velas.
- 7'43" – *performer* faz o traslado de um barco.
- 18'3" – *performer* faz uma cena com casinhas de papelão nas costas.

Após a leitura do texto e a apreciação do vídeo, oriente os estudantes a se organizar em círculo ou semicírculo e leia as questões apresentadas uma primeira vez. Depois, leia cada uma delas e explique o que se pretende com a reflexão. Incentive a turma a responder usando argumentos, seja do texto lido, seja das vivências que os estudantes têm com a internet.

Na **atividade 2**, estimule-os a comentar se já fizeram algum *tour* virtual em museus, se já assistiram a uma peça de teatro ou a uma apresentação musical pela internet. Deixe-os livres para pensar no que gostariam de ver.

Na **atividade 3**, reforce o caráter democratizante da internet para a arte. Comente, por exemplo, que durante a pandemia de covid-19, como os espaços culturais estavam fechados, muitas instituições disponibilizaram eventos *on-line* para que as pessoas continuassem tendo acesso à arte.

A seção visa ao eixo Cultura digital, mobilizando a seguinte habilidade da BNCC de computação: (EF01CO06) Reconhecer e explorar artefatos computacionais voltados a atender necessidades pessoais ou coletivas.

Orientações

Ao fazer a leitura coletiva do texto da subseção **Maleta de artista**, realize com os estudantes um levantamento de materiais recicláveis e reutilizáveis que podem compor a elaboração de um boneco. Questões como a importância de se reciclar e reutilizar materiais devem ser propostas para a turma, pois expandem a compreensão coletiva sobre o reaproveitamento e a transformação de materiais na arte. As ideias de sustentabilidade e de conscientização ambiental podem ser trabalhadas por meio da prática de construção dos bonecos. Ao reutilizar materiais que seriam descartados, os estudantes ajudam a reduzir o impacto ambiental danoso e inspiram outras pessoas a fazer o mesmo.

Essa abordagem dialoga com o TCT **Meio Ambiente**.



Verifique o que os estudantes sabem sobre preservação do meio ambiente e se já criaram brinquedos com materiais reutilizáveis e recicláveis. Deixe que eles falem livremente sobre suas experiências.

Saiba mais

Ao apresentar a Cia. Truks, se possível, mostre trechos de alguns de seus espetáculos. Na página oficial do grupo, há vídeos e informações das apresentações. Disponível em: <https://www.truks.com.br/>. Acesso em: 31 maio 2025.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR24 O estudo das bonecas de palha de milho, de origem ucraniana, e das bonecas abayomi, inspiradas em tradições afro-brasileiras, valoriza brinquedos e objetos relacionados a diferentes matrizes culturais. A contextualização dessas práticas possibilita compreender como diferentes povos produzem e utilizam objetos para brincar e contar histórias, ampliando o repertório cultural dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

106

CONHECENDO MAIS ARTE

MALETA DE ARTISTA

CONTAR HISTÓRIAS USANDO BONECOS É UMA TRADIÇÃO MUITO ANTIGA. EM ALGUNS LUGARES, É MUITO COMUM AS PESSOAS FAZEREM OS PRÓPRIOS BONECOS PARA BRINCAR E CONTAR HISTÓRIAS. A BONECA DE PALHA DE MILHO É UM EXEMPLO DISSO.

PARA FAZER ESSA BONECA, A PALHA DO MILHO É SEPARADA E AMACIADA, FACILITANDO A REALIZAÇÃO DOS TRANÇADOS.

EM HOMENAGEM AO POVO IORUBÁ, QUE VIVE NA ÁFRICA, A ARTISTA MARANHENSE LENA SERRA MARTINS CRIOU AS **BONECAS ABAYOMI**. A PALAVRA *ABAYOMI* SIGNIFICA “ENCONTRO PRECIOSO”.



BONECAS FEITAS DE PALHA DE MILHO, NA UCRAÍNIA, 2022.



BONECAS ABAYOMI CRIADAS POR LENA MARTINS, EM SÃO PAULO, 2022.

ESSAS BONECAS SÃO FEITAS SEM COSTURA, APENAS COM AMARRAÇÕES EM UM TECIDO PRETO. EM GERAL, EM SUA PRODUÇÃO SÃO USADOS RETALHOS E MATERIAIS QUE SERIAM DESCARTADOS.

VOCÊ CONHECE OUTRAS FORMAS DE CRIAR BONECOS? QUE MATERIAIS PODEM SER USADOS PARA A CONFECÇÃO DELES?

EXPRESSÃO DE ARTISTA



Arquivo Cia. Truks

INTEGRANTES DA CIA. TRUKS DURANTE ESPETÁCULO ACAMPATÓRIO, EM SÃO PAULO (SP), 2016.

A CIA. TRUKS EXISTE DESDE 1990 E É FAMOSA POR APRESENTAR SEUS ESPETÁCULOS DE TEATRO DE ANIMAÇÃO EM ESCOLAS, INSTITUIÇÕES E ESPAÇOS ALTERNATIVOS.

ESSE GRUPO JÁ VIAJOU POR TODO O BRASIL E TAMBÉM SE APRESENTOU EM OUTROS PAÍSES DO MUNDO.

OS TEMAS ABORDADOS EM SEUS ESPETÁCULOS SÃO AS AVENTURAS DA INFÂNCIA, AS BRINCADEIRAS, OS SONHOS E A CONVIVÊNCIA ENTRE CRIATURAS DIFERENTES.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividade complementar

Como atividade complementar, você pode propor a confecção de bonecos com materiais reutilizáveis. Para isso, disponha de garrafas PET, jornais, fita-crepe, tintas, retalhos, lã, cola, entre outros materiais.

Para criar a cabeça do boneco, peça aos estudantes que façam uma bola de papel usando jornal. Depois, eles devem envolvê-la com a fita-crepe para que fique uniforme. Eles também devem fazer dois pequenos rolos com o jornal, que serão os braços. Peça-lhes que façam mais dois rolos, agora um pouco maiores, para serem as pernas. Em seguida, solicite aos estudantes que colemb braços, pernas e cabeça na garrafa PET já limpa e seca. Se preferir, faça pequenos furos no corpo da garrafa dos estudantes para que eles insiram as pernas e os braços de jornal, ajustando-os com a fita-crepe.

Com o corpo do boneco pronto, oriente os estudantes a pintar com tinta, desenhar o rosto e criar expressões para que ele ganhe vida. Para finalizar, você pode fazer uma exposição com os bonecos.

Orientações

Para realizar a atividade da seção **Fazendo arte**, ajude a turma a se organizar em grupos e explique que cada estudante deverá selecionar um objeto disponível na sala de aula para criar um personagem. Leia coletivamente as etapas da atividade e esclareça as possíveis dúvidas. Em seguida, reserve um momento para que observem o ambiente e escolham seu objeto. Comente que não há problema em repetir os materiais, desde que tenham personalidades diferentes.

Incentive os estudantes a procurar objetos que comportem novas funcionalidades. Materiais escolares podem ser ressignificados em termos fantásticos e poéticos a fim de que a capacidade imaginativa da turma possa ser estimulada e expandida.

O registro das histórias é importante para a formulação de um histórico de criação e organização das tarefas. Por meio desse material, é possível resgatar cada etapa da unidade e do processo de aprendizado como um todo. Para o registro, deixe os estudantes à vontade caso queiram escrever (como souberem) ou desenhar.

Para as apresentações, organize a sala de aula afastando as mesas e as cadeiras a fim de criar um espaço em que a atividade possa ser realizada. Enfatize os acordos que envolvem a concentração e a atenção como gestos solidários com os colegas que se apresentam. A posição de espectador deve ser praticada tanto quanto o papel de manipulador.

Ao final das apresentações, recomenda-se a realização de uma conversa em roda a fim de promover a discussão, elaboração e reflexão acerca dos materiais apresentados. A repetição de objetos usados em cena, mas gerando personagens e narrativas distintas, pode ser um interessante disparador para que questões como criatividade e imaginário sejam abordadas de maneira didática e assertiva.



FAZENDO ARTE

HISTÓRIAS COM OBJETOS

1. AGORA, VOCÊ VAI INVENTAR UMA HISTÓRIA E CONTÁ-LA USANDO OBJETOS. LEIA AS ORIENTAÇÕES.



- FORME UM GRUPO COM CINCO INTEGRANTES.
- CADA INTEGRANTE DEVE ESCOLHER UM OBJETO DA SALA DE AULA PARA CRIAR UMA HISTÓRIA.
- PARA ESCOLHER OS OBJETOS, PENSE NO SEGUINTE: QUE PERSONAGEM ESSE OBJETO PODE SER? COMO É A PERSONALIDADE DELE? COMO É A VOZ DELE? QUAL É O SEU NOME?
- PENSE TAMBÉM SOBRE COMO O OBJETO SE MOVIMENTA PARA GANHAR VIDA. ELE ANDA, CORRE OU VOA?
- REFLITA COM O GRUPO SOBRE COMO OS PERSONAGENS PODEM INTERAGIR UNS COM OS OUTROS.



Júlio Arenhart



Júlio Arenhart

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

108

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22 A criação coletiva de histórias com objetos mobiliza a improvisação e o trabalho colaborativo, permitindo que os estudantes desenvolvam o senso autoral nas encenações. O faz de conta com objetos que ganham personalidade, voz e movimento fortalece a experimentação de diferentes papéis, enquanto a definição de características dos personagens abre espaço para refletir criticamente sobre estereótipos e ampliar possibilidades criativas de interpretação.

- F)** COM OS COLEGAS, INVENTE A HISTÓRIA. CADA UM DEVE FICAR RESPONSÁVEL POR UMA PARTE DELA.
- G)** USE O ESPAÇO A SEGUIR PARA REGISTRAR A HISTÓRIA IMAGINADA PELO GRUPO.



2. CHEGOU O MOMENTO DA APRESENTAÇÃO.

- A)** COMBINE COM OS COLEGAS SOBRE COMO VOCÊS VÃO APRESENTAR A HISTÓRIA.
- B)** ENSAIE COM O GRUPO.
- C)** APRESENTE A HISTÓRIA PARA A TURMA!



3. APÓS AS APRESENTAÇÕES, CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR.

- A)** VOCÊ GOSTOU DO PERSONAGEM QUE CRIOU COM O OBJETO DA SALA DE AULA? 3. a) Resposta pessoal.
- B)** COMO FOI CRIAR UMA HISTÓRIA USANDO OBJETOS? 3. b) Resposta pessoal.
- C)** DO QUE VOCE MAIS GOSTOU NAS HISTÓRIAS DOS COLEGAS? 3. c) Resposta pessoal.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Na seção **Nesta unidade vimos**, os estudantes são convidados a revisar os diversos papéis que assumiram ao longo da unidade. Para isso, organize a sala de aula com eles, criando um círculo ou semicírculo que possibilite a conversa sobre suas vivências. Faça a leitura compartilhada do texto, retomando os principais conceitos e experimentações. Lance as questões e deixe que eles reflitam e opinem livremente, sempre de modo respeitoso.

Faça a mediação da conversa para que os estudantes consigam responder à pergunta título da unidade. É importante que eles percebam a teatralidade que existe no cotidiano, seja por meio de objetos, seja por meio de gestos, da voz etc. Converse com eles também sobre as singularidades que contribuem para a diversidade artística, criativa, social e emocional da sala de aula.

Embora as respostas sejam pessoais, elas trazem informações que ajudam a verificar os conhecimentos que os estudantes adquiriram até agora a respeito da linguagem teatral. Anote essas informações para que você possa adaptar, modificar e melhorar sua prática didática com a turma.



NESTA UNIDADE, VIMOS

- COMPANHIAS QUE REALIZAM APRESENTAÇÕES DE TEATRO DE ANIMAÇÃO.
- TEATRO DE ANIMAÇÃO FEITO COM BONECOS E OBJETOS.
- A TRADIÇÃO ANTIGA DE CONTAR HISTÓRIAS COM BONECOS E OBJETOS.
- A POSSIBILIDADE DE FAZER BONECOS COM MATERIAIS REUTILIZÁVEIS E RECICLÁVEIS, O QUE AJUDA A PRESERVAR O MEIO AMBIENTE.
- OBJETOS DO DIA A DIA TRANSFORMADOS EM PERSONAGENS DE HISTÓRIAS COM O USO DA CRIATIVIDADE.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

1. O QUE VOCÊ ACHOU DO TEATRO DE ANIMAÇÃO? [1. Resposta pessoal.](#)
2. COMO FOI BRINCAR DE BONECO VIVO? [2. Resposta pessoal.](#)
3. VOCÊ GOSTOU DOS BONECOS QUE CONHECEU NESTA UNIDADE? [3. Resposta pessoal.](#)
4. O QUE VOCÊ ACHOU DA POSSIBILIDADE DE O TEATRO SER APRESENTADO PELA INTERNET? [4. Resposta pessoal.](#)



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

110

VEJA COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL DA PÁGINA. COM A AJUDA DO PROFESSOR, COMPLETE O MAPA COM SEUS DESENHOS.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração desta seção interativa trata-se de um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final da unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar conceitos, habilidades e competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela conjunção dos elementos estudados, criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

Faça a leitura dos textos com os estudantes e oriente-os a desenhar ou registrar do modo como preferirem o que eles entenderam sobre cada tópico.

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são **formativas** por ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São **somativas** por sistematizar processos individuais e coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas e exercitar com os estudantes a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. As duas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso alguma criança tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente com a turma toda o que foi visto e compartilhe com os estudantes o portfólio, para análise dos registros feitos durante o percurso.

Objetivos da unidade

- Expandir as possibilidades de pensar e experimentar a linguagem do desenho.
- Estudar os elementos da linguagem visual: linha, ponto, textura e forma.
- Conhecer grafismos de alguns povos indígenas.
- Ampliar o repertório artístico dos estudantes por meio do conhecimento de diferentes artistas.
- Experimentar o desenho gestual.

Dicas de organização

- Procure deixar os materiais previamente separados para as propostas que envolvem criação artística.
- Nesta unidade, serão usados giz de cera, giz de lousa, giz pastel seco, papel A4 branco, papel pardo e lápis 6B. Se não houver esses materiais, você pode usar tintas, pincéis e lápis grafite normal.
- Tenha na sala de aula panos e materiais para limpeza.
- Reserve um equipamento para reprodução de música.
- Oriente os estudantes a trazer os materiais para a realização da proposta da seção **Fazendo arte**.

Orientações

As experimentações no campo das artes visuais se dão em diferentes vieses: é possível adentrar o universo das artes por meio do uso dos materiais, com liberdade para criar diferentes técnicas e linguagens artísticas, mas também é possível adentrar um universo muito amplo, quando mergulhamos nos significados das obras. Isso acontece quando exploramos as temáticas abordadas pelos artistas e quando nos colocamos em diálogo com elas. Por isso, os caminhos de ensinar, aprender e experimentar em artes visuais podem ser bem mais significativos quando compreendemos que as técnicas artísticas são importantes, mas só ganham sentido quando expressamos aquilo que temos a dizer e mostrar ao mundo.

Nesta unidade, as propostas estão centradas na ampliação das noções de desenho, a fim de experimentá-lo como gesto e criação no espaço por meio de materiais e de movimentos do corpo.

UNIDADE 8

É POSSÍVEL DESENHAR COM O CORPO?

© SHIOTA, Chiharu, AUTUMN, Brasil, 2025. BagianShioteerock.com



CHIHARU SHIOTA.
COLETANDO
SENTIMENTOS, 2024.
CORDA
VERMELHA E PAPEL.
DIMENSÕES.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

112

De olho na BNCC

As competências e habilidades da BNCC desenvolvidas nesta unidade estão relacionadas a seguir.

Competências gerais: 1, 3, 4, 7, 8, 9 e 10.

Competências específicas de Linguagens: 1, 2, 3, 4 e 5.

Competências específicas de Arte: 1, 2, 3, 4, 5 e 9.

Habilidades: EF15AR01, EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR07, EF15AR23 e EF15AR25.

Os **Temas Contemporâneos Transversais** (TCT) abordados nesta unidade são **Multiculturalismo**, **Meio Ambiente** e **Cidadania e Civismo** (Vida familiar e social).

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR01 A apreciação das instalações de Chiharu Shiota, que utilizam linhas como elemento expressivo, possibilita aos estudantes reconhecer manifestações da arte contemporânea. Essa vivência estimula a percepção e amplia o repertório imagético, favorecendo a construção de sentidos simbólicos por meio da observação artística.

1. O QUE VOCÊ VÊ NAS IMAGENS?
2. O QUE HÁ DE COMUM NAS DUAS FOTOS?
3. DE QUE FORMA AS DUAS IMAGENS SE RELACIONAM?



© SHIOTA, Chiharu / AUMG, Brasil, 2025.
Focus Photography/Shutterstock.com

CHIHARU SHIOTA. MEMÓRIA DA ÁGUA, 2021. INSTALAÇÃO, BARCO DE MADEIRA E LÃ VERMELHA. SEM DIMENSÕES.

NESTA UNIDADE, VOCÊ VAI

- CONHECER ARTISTAS E OBRAS DE ARTE QUE USAM LINHAS E GRAFISMOS COMO MEIOS DE EXPRESSÃO.
- APRECIAR OBRAS FEITAS COM LINHAS E COM MOVIMENTOS DO CORPO.
- PRATICAR DESENHO COM LINHAS E DESENHO COM MOVIMENTOS DO CORPO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

113

Sobre a avaliação

A abertura e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem a **avaliação diagnóstica**. Essa avaliação objetiva mapear o que os estudantes já construíram como repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Dessa forma, você pode direcionar o trabalho com o conteúdo subsequente da unidade buscando contemplar características individuais de cada estudante. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas fotografias apresentadas.

A descrição dos elementos das fotografias, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético, e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade. Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração dos temas da unidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático das crianças e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Orientações

As obras escolhidas para abrir a unidade são da artista japonesa Chiharu Shiota (1972-) e nos mostram como as linhas dispostas no espaço expositivo podem se converter em desenho. Além disso, trazem de modo muito delicado e sutil possibilidades temáticas bastante abrangentes para trabalhar com as crianças. Por isso, é recomendável que os estudantes possam fruir as imagens e dialogar sobre o que apreciam. Com sua condução, os sentidos podem ser construídos coletivamente e compartilhados entre a turma.

Deixe que os estudantes observem e inventem possibilidades de situações que poderiam ser atribuídas às obras. Pergunte sobre a função dos elementos das imagens: “O que são os papéis pendurados? E as cordas? E o barco?”, “Por que eles estão pendurados?”, “O que vocês acham que está escrito neles?”. Após as considerações, converse sobre o que os estudantes gostariam de escrever ou desenhar nos papéis que fazem parte da obra e para quem escreveriam uma mensagem ou fariam um desenho. A segunda obra também é uma instalação da mesma artista, com um barco e algo que parece uma névoa produzida com um emaranhado de fios vermelhos. Os fios são elementos bastante presentes e marcantes nos trabalhos de Shiota. É como se, por meio dessas tramas, ela criasse grandes desenhos no espaço, elaborando formas tridimensionais usando linhas. No contexto da alfabetização, podemos pensar também nas infinitas possibilidades que a palavra, a leitura e a escrita oferecem e no quanto são capazes de produzir outros mundos.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que nas duas fotografias é possível ver as obras da artista Chiharu Shiota e que ambas são constituídas por inúmeros fios que ocupam uma grande parte do espaço expositivo.
2. Respostas possíveis: as obras são compostas de fios; elas não são pinturas; as duas estão instaladas em um espaço grande.
3. As respostas são subjetivas, ainda que possamos sugerir algumas possibilidades. Podemos estabelecer relações entre escrita, papel e cartas. Na primeira imagem, notamos os papéis brancos suspensos, dando uma ideia de todas as palavras e mensagens que ainda podem ser escritas. Na segunda, temos uma grande trama formada por fios vermelhos próxima ao barco, como se, depois de escritas as mensagens da primeira imagem, as cartas estivessem prontas para serem enviadas.

Orientações

As propostas da seção **Aquecendo** buscam promover relações entre desenho e escrita, a fim de que, aos poucos, os estudantes em processo de alfabetização compreendam que escrever é também uma forma de desenhar. A ideia é sensibilizá-los para o que será apresentado na unidade, ampliando seu repertório sobre diferentes técnicas de desenho e motivações para criar, conforme temáticas variadas.

Para desenvolver a motricidade, é importante praticar movimentos de desenho por meio da experimentação gráfica, explorando diferentes direções e sentidos no desenho de linhas sobre o papel. Esses exercícios possibilitarão maior domínio técnico e segurança no manuseio de diferentes materiais, como lápis, giz e canetas, entre outros.

Pratique com os estudantes cruzamentos de linhas, pontilhados, linhas fortes e fracas etc. Para isso, use o lápis 6B, que garantirá maior variedade de espessuras e tonalidades, ou outro material que tiver disponível, como lápis grafite normal.

Na **atividade 1**, a turma vai se concentrar no reconhecimento de vogais e consoantes, prática que contribui para o processo de alfabetização.

Na **atividade 2**, incentive os estudantes a experimentar hachuras (traçados) para testar possibilidades de criação diversificadas, seguindo os exemplos dados e inventando outros.

A ideia da **atividade 3** é iniciar a prática do preenchimento em desenho. Incentive a turma a criar de acordo com seus interesses, o preenchimento com linhas pontilhadas e tracejadas e produzindo variações de planos e texturas no trabalho.

Para as atividades, auxilie os estudantes quando necessário e incentive-os a buscar os referenciais do livro sempre que surgir alguma dúvida ou que o conteúdo não seja compreendido.



AQUECENDO

VAMOS TESTAR AS LINHAS?

AS LETRAS NOS AJUDAM A FORMAR AS PALAVRAS QUE DÃO SENTIDOS ÀS NOSSAS IDEIAS. NA ARTE, TAMBÉM É POSSÍVEL CRIAR POR MEIO DE PALAVRAS.

1. VAMOS BRINCAR DE CAÇAR AS LETRAS?

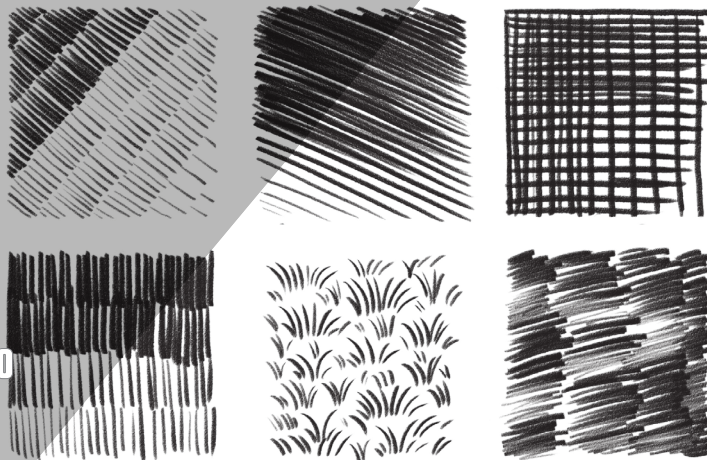
A) PRIMEIRO, CIRCULE AS **VOGAIS** DAS PALAVRAS.

MUNDO • INFINITO • BARCO
MESA • PAPEL • ARTISTA • ESCREVER

B) AGORA, SUBLINHE AS **CONSOANTES** DAS PALAVRAS.

LINHAS • VERMELHO • PRETO
CARTAS • PALAVRAS • INSTALAÇÃO • CADEIRA

2. É HORA DE TESTAR AS LINHAS. OBSERVE OS EXEMPLOS.



Keza Terenti

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

114

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR02 As atividades práticas de criação com linhas lado a lado, cruzadas ou sobrepostas permitem aos estudantes experimentar um dos principais elementos das artes visuais. Essa exploração fortalece a percepção de como o ponto e a linha se organizam na construção de formas, cores e texturas.

- FAÇA O TESTE, DESENHANDO LINHAS DE VÁRIAS MANEIRAS: LADO A LADO, CRUZADAS, SOBREPOSTAS ETC.



3. COLOQUE EM PRÁTICA O QUE TESTOU E USE AS LINHAS PARA PREENCHER O DESENHO A SEGUIR.



115

Sobre a avaliação

A seção tem por objetivo iniciar o trabalho com a unidade por meio de atividades práticas e lúdicas, que sensibilizam os estudantes com o intuito de suscitar o engajamento deles.

Na proposta apresentada, avalie o desenvolvimento da turma em relação à manifestação de suas ideias e de seus sentimentos durante o processo de criação. Observe se compreenderam os grafismos e se a proposição recebeu interesse por parte deles. Avalie se houve transformação quanto ao domínio dos materiais e na gestualidade deles enquanto realizavam os desenhos.

Orientações

A seção **Conhecendo arte** tem por objetivo ampliar as referências gráficas, trazendo exemplos de grafismos indígenas para os estudantes e estabelecendo diálogo com as obras da artista Chiharu Shiota, apresentadas na abertura.

Ao abordar as manifestações indígenas, procure valorizar a diversidade desses povos, desconstruindo preconceitos e visões estereotipadas. Comente com os estudantes que, segundo o censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há 305 etnias indígenas espalhadas pelo Brasil, o que significa grande diversidade de riquezas culturais, linguísticas, intelectuais e espirituais das diferentes etnias que habitam o território brasileiro. Além dos grafismos das pinturas corporais, os trajes e ornamentos utilizados no corpo (cocar, adereços com penas e colares de sementes e palha), a cestaria, a cerâmica e os objetos representam graficamente, de modo estilizado, os diferentes povos indígenas e aspectos de sua cultura e cosmovisão, dando ênfase ao que há de mais sagrado e importante para cada povo.

É preciso falar sobre as culturas e os legados indígenas em diferentes períodos do planejamento escolar, e não restringir ao mês de abril, em comemoração ao Dia dos Povos Indígenas. Olhar para as produções desses povos oferece pistas sobre como podemos fomentar, entre as crianças, o cuidado com a natureza e como podemos conhecê-la mais profundamente. Valorizar os saberes dos povos indígenas ajuda a compreender que não há separação entre a natureza, os seres humanos e, por isso, é imprescindível transformar nossas atitudes perante o mundo.

Tais problematizações dialogam com os TCTs **Meio Ambiente, Multiculturalismo e Cidadania e Civismo**.



CONHECENDO ARTE



LINHAS E GRAFISMOS

AS LINHAS SÃO UM ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA O DESENHO, PORQUE TODO DESENHO COMEÇA COM UMA LINHA, UM TRAÇO SOBRE O PAPEL.

MUITAS OUTRAS MODALIDADES DAS ARTES VISUAIS USAM LINHAS. AS OBRAS DA ARTISTA JAPONESA CHIHARU SHIOTA, QUE VOCÊ APRECIOU NA ABERTURA DESTA UNIDADE, SÃO RECONHECIDAS PELO USO DE LINHAS, QUE, EM GRANDE QUANTIDADE, CRIAM DIVERSOS EFEITOS VISUAIS, COMO O DE CHUVA.

AS LINHAS TAMBÉM CRIAM GRAFISMOS, UM IMPORTANTE MEIO DE IDENTIFICAÇÃO PARA DIFERENTES POVOS. UM EXEMPLO DISSO SÃO OS GRAFISMOS USADOS PELOS INDÍGENAS BRASILEIROS.

INDÍGENA DA ETNIA MAXAKALI PINTANDO O ROSTO NA ALDEIA RESERVA DA JAQUEIRA, EM PORTO SEGURO, BAHIA, 2024.



Luciana Whitaker/Pulsar - Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

116

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR01, EF15AR03 e EF15AR25 A apreciação dos grafismos indígenas evidencia como os elementos da natureza inspiram práticas artísticas transmitidas entre gerações. Essa análise permite reconhecer e valorizar o patrimônio cultural imaterial dos povos indígenas brasileiros, relacionando tradição e identidade cultural. A proposta amplia o repertório imagético e mostra a influência de diferentes matrizes estéticas na arte produzida regional e nacionalmente.

EXPRESSIONE DE ARTISTA



OS POVOS INDÍGENAS CRIAM GRAFISMOS QUE SE RELACIONAM COM SEUS HÁBITOS E COM OS LUGARES EM QUE VIVEM. OS ELEMENTOS DA NATUREZA SÃO SUA PRINCIPAL INSPIRAÇÃO.

ALÉM DE CRIAR DESENHOS NO CORPO, MUITOS POVOS INDÍGENAS USAM GRAFISMOS EM CESTOS, VASOS E OBJETOS DE DECORAÇÃO.

ESSAS CRIAÇÕES AJUDAM A CULTIVAR SUAS TRADIÇÕES, MOSTRANDO A RIQUEZA CULTURAL E ARTÍSTICA DESSES POVOS, QUE É PASSADA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO.

MUITOS DESSES OBJETOS RETRATAM DIFERENTES ESPÉCIES ANIMAIS E VEGETAIS.



OBJETO DE CERÂMICA FEITO PELO POVO KADIWÉU, QUE VIVE NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. FOTO DE 2025.



ESCULTURA EM MADEIRA DO POVO GUARANI, QUE VIVE NO ESTADO DE SÃO PAULO. FOTO DE 2017.



PERGUNTA EM CASA

CONVERSE COM AS PESSOAS DA FAMÍLIA SOBRE SUAS TRADIÇÕES E PREFERÊNCIAS.

PERGUNTE SOBRE OBJETOS, PLANTAS, ANIMAIS E CORES DE QUE MAIS GOSTAM.

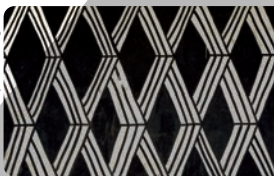
FAÇA UM DESENHO EM LIMA FOLHA À PARTE PARA REGISTRAR AS RESPOSTAS E COMPARTILHE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR NA PRÓXIMA AULA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL



Renato Soares/Pulsar Imagens

GRAFISMO DO POVO INDÍGENA KAYAPÓ, QUE VIVE NOS ESTADOS DO PARÁ E DE MATO GROSSO. FOTO DE 2016.



Cassandre Curry/Pulsar Imagens

GRAFISMO DO POVO INDÍGENA KAMAYURÁ, QUE VIVE EM MATO GROSSO. FOTO DE 2019.

Orientações

Uma estratégia fundamental para a apreensão dos conteúdos é o estudo das imagens disponíveis no livro. Sempre que possível, retome-as, fazendo descrições detalhadas de forma oral e coletiva com a turma, para reforçar os aspectos visuais presentes em cada uma delas.

A atividade do boxe **Pergunta em casa**, se bem desdobrada em sala de aula, vai envolver muitos conteúdos subjetivos e afetivos, que podem trazer um bom panorama sociocultural de cada núcleo familiar. Incentive as trocas entre os estudantes, o desejo por saber mais sobre a história familiar e os pertencimentos geográficos. Nesta proposta, é possível conhecer parte da história das famílias que compõem a comunidade escolar. Quando conhecemos melhor essas realidades e esses sujeitos, criamos vínculos mais fortes, que contribuem para a qualidade da permanência e dos processos de aprendizagem dos estudantes na escola.

Por fim, por meio dessas trocas é possível estabelecer espaços de escuta, respeito às diferenças e compreensão das diferentes visões de mundo e, desde cedo, construir um ambiente de mútua colaboração entre as crianças.

O trabalho com os grafismos indígenas mobiliza também o desenvolvimento do TCT **Meio Ambiente**.



Orientações

A seção **Pensando arte** apresenta uma proposta para trabalhar os conceitos vistos na seção **Conhecendo arte**. A atividade requer um desenvolvimento em etapas; por isso, fique atento às dificuldades que podem surgir no processo de criação dos estudantes. É importante dar exemplos e fazer retomadas, mostrando, quando for necessário, as atividades com linhas e as imagens dos grafismos indígenas já trabalhadas no livro.

Caso os estudantes não tenham realizado a atividade com os familiares previamente, tente adaptá-la, pedindo que eles mesmos definam os objetos e as preferências da família e auxiliando-os nas interpretações.

Esta proposta tem por objetivo mapear como vamos criando nossas identidades e marcas identitárias. Tais marcas dizem respeito às características de um povo, um estado ou um país (como as bandeiras, os brasões e uma série de símbolos que acabam correspondendo às diferentes nações e grupos étnicos). Sendo assim, ainda que de modo simplificado, a atividade aborda conteúdos que explicam como certos grafismos podem identificar determinadas etnias e, assim, pretende chegar à ideia de como essas marcas identitárias acabam sendo definidoras de muitos elementos que demarcam a cultura de um núcleo familiar. Paulatinamente e por meio de exemplos, essas concepções vão sendo incorporadas e aprendidas pelos estudantes.

Esse trabalho mobiliza o desenvolvimento do TCT (Cidadania e Civismo) e social).

TCT

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04 A criação de grafismos a partir de preferências familiares convida os estudantes a experimentar o desenho de linhas e formas com materiais simples, como lápis e giz de cera. Essa atividade estimula a expressão artística vinculada a referências pessoais e culturais, além de valorizar o uso sustentável dos recursos disponíveis.



PENSANDO ARTE



GRAFISMOS

AGORA QUE VOCÊ JÁ CONVERSOU COM AS PESSOAS DE CASA SOBRE SUAS PREFERÊNCIAS, É HORA DE CRIAR OS GRAFISMOS DE SUA FAMÍLIA.

MATERIAL

- FOLHAS DE PAPEL A4 BRANCO
- LÁPIS GRAFITE
- BORRACHA
- LÁPIS DE COR OU GIZ DE CERA

A) ESCOLHA E DESENHE UM OBJETO DE QUE SUA FAMÍLIA GOSTA. POR EXEMPLO, UMA XÍCARA.

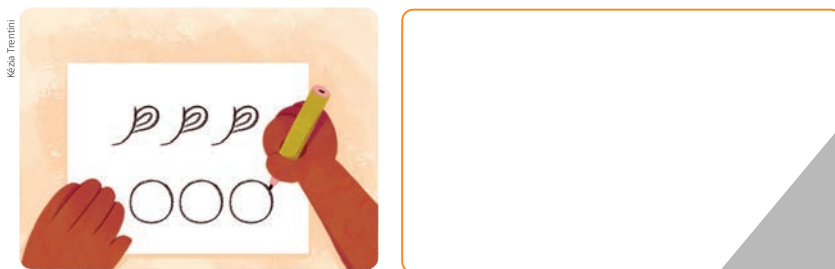


B) AGORA, PARA CRIAR O GRAFISMO, DESENHE AS LINHAS PRINCIPAIS DESSE OBJETO.



118

- C) REPITA O DESENHO DAS LINHAS, COLOCANDO-AS LADO A LADO E PROCURANDO PREENCHER COM ELAS TODO O ESPAÇO DO QUADRO A SEGUIR.



- D) CRIE SEUS GRAFISMOS SEM MEDO DE PREENCHER O ESPAÇO, MAS LEMBRE-SE DE DEIXAR PARTES VAZIAS NO QUADRO.



- E) COM O GRAFISMO PRONTO, USE AS CORES. NA FOLHA DE PAPEL, DESENHE NOVAMENTE OS GRAFISMOS QUE VOCÊ CRIOU E ESCOLHA AS CORES DE QUE SUA FAMÍLIA MAIS GOSTA PARA PINTÁ-LOS!



Saiba mais

Para ampliar as ideias sobre o ensino do desenho nos contextos educativos, você pode ler o texto “Quando se ensina ou não o desenho?”, da autora Susana Rangel. Disponível em: https://www.amarelovanogogh.online/_files/ugd/23fff0_ae178185d7574e939df10df21ca7b697.pdf. Acesso em: 3 jun. 2025.

Para aprofundar os conhecimentos sobre as diferentes etnias indígenas, seus modos de vida, identidades e culturas, o *site* Povos Indígenas no Brasil oferece um rico material de pesquisa. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 3 jun. 2025.

Sobre a avaliação

A seção **Pensando arte** é indicada como um momento de **avaliação formativa**. A avaliação das questões e do engajamento nas atividades práticas tem a função de incluir os estudantes e regular suas aprendizagens. Dessa forma, você pode sistematicamente ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada um. Recomendamos que faça registros escritos do acompanhamento dos estudantes no **diário de bordo**, pois essas anotações oferecem fundamentação para os ajustes das estratégias de ensino.

Orientações

A seção **Artes integradas** destaca a obra da artista estadunidense Heather Hansen e a concepção de desenho feito por meio de movimentos do corpo – para além dos movimentos das mãos e dos braços, temos movimentos amplos que conduzem a grafia ou o registro do gesto corporal.

Outro ponto importante a ser abordado com os estudantes é o diálogo entre as linguagens artísticas da dança, da música e das artes visuais. Na produção dela, todos esses caminhos se cruzam para criar uma obra rica, aberta à experimentação e, por isso, diversa.

A obra de Heather Hansen nos convida ao movimento, a sair das posturas acomodadas e naturalizadas nos espaços que normalmente ocupamos. Trabalhar tendo suas obras como referência pode ser um importante fator para que os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental (ainda acostumados em suas dinâmicas mais livres da Educação Infantil) não se esqueçam do prazer de se movimentar. Em uma sociedade cada vez mais apegada às telas e a tudo o que as engloba, valorizar o movimento do corpo é uma forma de deixar os estudantes atentos às coisas do mundo.

Uma aula de artes visuais é um momento para a liberdade de criação e experimentação. Nesse sentido, explorar o desenho gestual é uma maneira de instigar o pensamento dos estudantes e de convidá-los à ação.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR07 e **EF15AR2** Heather Hansen, que integra dança, música e artes visuais, exemplifica como artistas e instituições articulam diferentes linguagens em processos criativos. Essa abordagem possibilita aos estudantes compreender o papel do artista no sistema das artes visuais e perceber as interações entre linguagens na produção contemporânea.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

120



ARTES INTEGRADAS

OUTRAS FORMAS DE EXPERIMENTAR O DESENHO



A ARTISTA HEATHER HANSEN CRIA DESENHOS USANDO O CORPO TODO. ELA ESTUDOU DANÇA E TEATRO E UNIU ESSAS DIFERENTES ARTES PARA DESENHAR COM MOVIMENTOS DO CORPO.

NA SÉRIE *GESTOS VAZIOS*, A ARTISTA SE MOVIMENTA EM DIFERENTES DIREÇÕES AO SOM DA MÚSICA E USA O CORPO PARA DANÇAR E DESENHAR SOBRE GRANDES SUPERFÍCIES DE PAPEL.



Jason Kempni/Venice Family Clinic/Getty Images

GESTOS VAZIOS, DE HEATHER HANSEN. NA FOTO, A ARTISTA DURANTE PRODUÇÃO EM VENICE, CALIFÓRNIA, 2016.

ENQUANTO DESENHA, A ARTISTA FECHA OS OLHOS, ESCUTA A MÚSICA QUE ESTÁ TOCANDO E MOVIMENTA SEU CORPO, SE CONTORCENDO, MUDANDO DE POSIÇÃO, VIRANDO DE UM LADO PARA O OUTRO. ELA FAZ ISSO ENQUANTO SEGURA O CARVÃO E VAI RISCANDO O PAPEL.

Jason Kempni/Venice Family Clinic/Getty Images



GESTOS VAZIOS, DE HEATHER HANSEN. NA FOTO, A ARTISTA DURANTE PRODUÇÃO EM VENICE, CALIFÓRNIA, 2016.

A ARTISTA EXPLICA QUE A IDEIA DESSE TRABALHO É LIBERAR OS MOVIMENTOS DO CORPO DIRETAMENTE PARA O PAPEL, COMO SE ESTIVESSE SE ESVAZIANDO OU SE LIBERTANDO ENQUANTO DESENHA.

O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

QUEM É HEATHER HANSEN?

HEATHER HANSEN (1970-) É UMA ARTISTA QUE NASCEU NOS ESTADOS UNIDOS E É CONHECIDA POR CRIAR OBRAS USANDO OS MOVIMENTOS DO CORPO.

HEATHER HANSEN EM FOTO DE 2016.



Jason Kempin/Venice Family Clinic/Getty Images

MALETA DE ARTISTA

PARA CRIAR AS LINHAS DO DESENHO, HEATHER HANSEN USA CARVÃO E GIZ. O CARVÃO E O GIZ SÃO MATERIAIS MUITO COMUNS NO DESENHO E PODEM SER USADOS TANTO PARA FAZER LINHAS QUANTO PARA PREENCHER E CRIAR EFEITOS.

COM ESSES MATERIAIS, É POSSÍVEL DESENHAR SOBRE PAPEL, TECIDOS, CHÃO OU PAREDES.

O CARVÃO QUE OS ARTISTAS UTILIZAM PODE SER AQUELE QUE É UTILIZADO PARA FAZER FOGO NOS CHURRASCOS, POR EXEMPLO.



A ARTISTA HEATHER HANSEN DURANTE PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM VENICE, CALIFÓRNIA, 2016.

121

Saiba mais

- A artista Heather Hansen disponibiliza muitos trabalhos e projetos artísticos em seu *site*. Aproveite para navegar, conhecer mais sobre as produções dela e aprofundar as possibilidades de diálogo e a criação de propostas futuras para os estudantes. Disponível em: <https://www.studioheatherhansen.com/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- Aproveite a disponibilidade dos materiais visuais da artista e mostre à turma o vídeo com os registros da performance *Gestos vazios*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4oBc-o1npg>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- Sobre o tema do corpo, do movimento e do brincar na infância, indicamos o documentário *Tarja branca* (Direção de Cacau Rhoden, 2014). Você o encontra facilmente em plataformas de *streaming*.

Orientações

Preferencialmente, reserve um espaço amplo da escola para desenvolver a proposta da seção **Fazendo arte**. Se não for possível, realize-a em sala de aula com os estudantes. Para a atividade, comece pedindo previamente que a turma traga os materiais para a escola. Solicite a ajuda de todos para organizar o espaço em que vão trabalhar, pois isso auxilia no desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos estudantes.

Durante a reprodução da música, aproveite para propor um aquecimento, convidando os estudantes a realizar movimentos amplos e simples. Tente incentivar as crianças para que se movam e sintam braços, pernas, músculos do rosto com movimentos faciais bem exagerados etc. Faça você também movimentos que possam servir de inspiração para a turma.

Por fim, enfatize a importância dos processos mais do que os resultados. Em artes visuais, os bons trabalhos e a aquisição dos saberes específicos da área são derivados de muita experimentação, acolhendo os erros, os conflitos e os equívocos que abarcam a prática artística. Nesse sentido, incentive os estudantes a ter confiança e persistência nos processos.

Objeto digital

Para subsidiar o estudo do desenho feito por meio de movimentos nesta unidade, solicite aos estudantes que acessem o **áudio 10** disponível no Livro Digital do Estudante.

Desenvolvendo a BNCC

EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR23 Inspirados pelo trabalho de Heather Hansen, os estudantes desenharam com o corpo ao som de uma música, utilizando carvão e giz sobre grandes folhas de papel. A prática coletiva favorece a colaboração e a troca de experiências entre colegas, enquanto o diálogo após a atividade possibilita múltiplas interpretações sobre os resultados. Essa integração entre movimento, som e desenho exemplifica a articulação de diferentes linguagens artísticas em um mesmo processo criativo.



FAZENDO ARTE

DESENHO E MOVIMENTO



1. INSPIRADO PELA ARTISTA HEATHER HANSEN, VOCÊ VAI EXPERIMENTAR DESENHAR POR MEIO DE MOVIMENTOS.

MATERIAL

- FOLHAS DE PAPEL *KRAFT*
- GIZ DE CERA, GIZ DE LOUSA E GIZ PASTEL SECO
- CARVÃO

A) COM A TURMA, AFASTE AS MESAS E CADEIRAS DA SALA DE AULA. NO ESPAÇO VAZIO, COLOQUE OS PAPÉIS NO CHÃO.



João Azevedo

B) SENTE-SE SOBRE O PAPEL E ESCUTE A MÚSICA QUE SERÁ REPRODUZIDA PELO PROFESSOR.



ÁUDIO 10

C) RESPIRE FUNDO, FECHÉ OS OLHOS E TENDE ACALMAR SEUS PENSAMENTOS. É PRECISO FICAR ATENTO E CONECTADO À MÚSICA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

122

- D)** ESCUTE E SINTA A MÚSICA COM O CORPO TODO: QUE SENSAÇÕES ELA PROVOCA EM VOCÊ? ALEGRIA, TRANQUILIDADE, SONO, VONTADE DE RIR E DE DANÇAR?
- E)** COM OS MATERIAIS DISPONÍVEIS, DESENHE ESSAS SENSAÇÕES NO PAPEL.
- F)** FAÇA GESTOS AMPLOS E CONTIDOS, TORÇÕES ETC. SINTA O RITMO DA MÚSICA E SE MOVIMENTE DE ACORDO COM O QUE ELA EXPRESSA PARA VOCÊ. IMAGINE DESENHOS RELACIONADOS AO QUE VOCÊ SENTE.



- G)** QUANDO A MÚSICA PARAR, LEVANTE-SE, SAIA DE CIMA DO PAPEL E APRECIE O RESULTADO DE SEU DESENHO.

2. APÓS FINALIZAR OS DESENHOS, FIXE O PAPEL NO MURAL DA SALA DE AULA E CONVERSE COM OS COLEGAS.

- A)** VEJA O QUE SEUS COLEGAS DESENHARAM. OS DESENHOS DA TURMA SE PARECEM? **2. a) Resposta pessoal.**
- B)** O QUE VOCÊ SENTIU ENQUANTO OUVIA A MÚSICA? **2. b) Resposta pessoal.**
- C)** QUAIS FORAM OS MOVIMENTOS QUE VOCÊ FEZ? **2. c) Resposta pessoal.**
- D)** COMO FICOU O PAPEL DEPOIS DE A TURMA DESENHAR NELE? **2. d) Resposta pessoal.**
- E)** COMO VOCE SE SENTIU FAZENDO ESSE TRABALHO? **2. e) Resposta pessoal.**

Atividade complementar

Registrar os processos por meio de tecnologias e recursos digitais também é uma parte interessante do ponto de vista das criações e, por vezes, acaba gerando outro tipo de produção. No caso da artista Heather Hansen, sua obra é composta de diferentes etapas e características, como a *performance*, o desenho e a produção audiovisual como um terceiro encaminhamento criativo.

É possível enriquecer a atividade desta seção incluindo a etapa de registros por meio de fotos e vídeos, uma oportunidade para trabalhar o TCT **Ciência e Tecnologia**. Enquanto os estudantes realizam as etapas indicadas (escutar a música, dançá-la e desenhar os movimentos), busque realizar esse tipo de registro audiovisual, capturando os percursos deles e, depois, por meio de algum programa de edição, finalize o vídeo.

Uma etapa que poderia agradar a turma seria realizar uma mostra desses registros em sala de aula, criando um momento especial para isso, como se fosse uma sessão de cinema ou uma exposição videográfica. Dessa forma, você realiza com os estudantes a experiência completa conforme a produção de Heather Hansen, incluindo a experimentação das diferentes etapas e linguagens artísticas, tal qual a artista cria em suas séries.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações

Nesta seção, os estudantes são convidados a rever a trajetória que fizeram ao longo da unidade. Eles participaram de atividades reflexivas, de experimentação e de criação. É importante, nesse momento, falar com eles sobre atitude empática, paciência e alternância de papéis, processo de grande incidência nas aulas de Arte, em que em dado momento o estudante deve se apresentar e, em outro, deve ser espectador dos colegas.

Com a turma, organize a sala de aula afastando as carteiras, de modo a abrir espaço para autoavaliação, e convide todos para formar um círculo ou semicírculo. A seguir, são apresentadas algumas possibilidades de encaminhamento para as questões apresentadas.

Na **atividade 1**, retome as obras da artista Chiharu Shiota, mostrando-as e descrevendo-as, assim os estudantes poderão relembrar detalhes e poderão manifestar suas preferências. Nessa questão, recorde a ideia do desenho como algo expandido, isto é, como criação no espaço como um todo, para além do desenho feito somente no papel.

Na **atividade 2**, escute as respostas dos estudantes, deixando-os contar sobre suas experiências. Retome partes das propostas para que eles possam rememorar-las e, assim, trazer aspectos mais vívidos sobre o que foi trabalhado com as famílias. Enfatize questões que associam os grafismos às marcas identitárias das diferentes etnias indígenas, bem como os grafismos como expressão cultural.

Na **atividade 3**, escute as respostas com relação a seus sentimentos e suas percepções sobre a experiência de movimentar o corpo enquanto desenhavam. Com base nas colocações, analise: Que questões sobre o corpo surgem? As crianças demonstram algum tipo de dificuldade ou timidez e retração? O que acharam de dançar e desenhar diante dos colegas? Você percebeu se, durante a proposta, os estudantes conseguiram se concentrar na música e desenvolveram o trabalho conforme o proposto? Com base nessas observações, conduza uma conversa em coletivo, mostrando que a sala de aula pode ser um espaço seguro para trocas de ideias, exposições e manifestações, mesmo quando dissonantes.

NESTA UNIDADE, VIMOS

- A LINHA COMO UM DOS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO DESENHO.
- DIFERENTES TIPOS DE GRAFISMO COM LINHAS.
- GRAFISMOS E PINTURAS CORPORAIS CRIADAS PELOS POVOS INDÍGENAS.
- A RELAÇÃO DOS GRAFISMOS INDÍGENAS COM A CULTURA DESSES POVOS E COM OS LOCAIS ONDE VIVEM.
- O MODO DE CRIAÇÃO DA ARTISTA HEATHER HANSEN, QUE DESENHA FAZENDO MOVIMENTOS COM O CORPO.
- A IMPORTÂNCIA DO GIZ E DO CARVÃO NAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS.
- OBRAS DE ARTE VISUAIS CRIADAS EM DIÁLOGO COM OUTRAS LINGUAGENS, COMO A MÚSICA E A DANÇA.
- A POSSIBILIDADE DE DESENHAR MOVIMENTANDO O CORPO.

PARA FINALIZAR, RESPONDA:

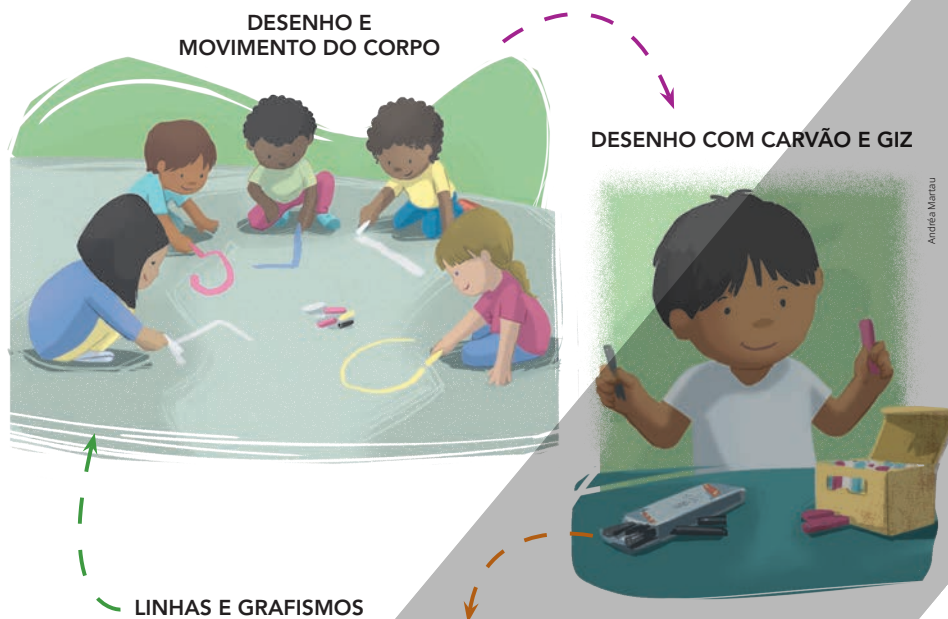
1. DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NAS OBRAS DA ARTISTA JAPONESA CHIHARU SHIOTA? [1. Resposta pessoal.](#)
2. COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE CRIAR GRAFISMOS INSPIRADOS NAS TRADIÇÕES E PREFERÊNCIAS DE SUA FAMÍLIA? [2. Resposta pessoal.](#)
3. COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE CRIAR DESENHOS MOVIMENTANDO O CORPO? [3. Resposta pessoal.](#)

1. QUE OUTRA MÚSICA VOCÊ ESCOLHERIA PARA DANÇAR E DESENHAR? [4. Resposta pessoal.](#)

Na **atividade 4**, aproveite para conhecer mais sobre os repertórios das crianças. As músicas citadas se repetem entre os colegas? De que estilos e temáticas tratam as canções? Quando possível, tente realizar novamente a proposta, variando os materiais para desenhar (é possível usar tintas, giz de cera e canetas hidrocor, entre outros) e utilizando as músicas citadas por eles. Essa é uma forma de valorizar seus repertórios e interesses prévios.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

OBSERVE COMO AS IMAGENS E AS PALAVRAS SE LIGAM UMAS ÀS OUTRAS NO MAPA MENTAL DESTA PÁGINA. COM A AJUDA DO PROFESSOR, COMPLETE O MAPA COM DESENHOS.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sobre a avaliação

As seções **Fazendo arte, Nesta unidade, vimos e Mapa da arte** são destinadas a uma etapa de avaliação formativa e somativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Elas são **formativas** no sentido de ter a função de sustentação dos percursos de aprendizagem e de ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados no componente Arte. São **somativas** no sentido de sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas e exercitar com os estudantes a reflexão continuada de seus processos. Nessa etapa, é fundamental celebrar o sensível, o criativo, a colaboração,

o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária. Essas seções finais são destinadas à autoavaliação dos estudantes e a uma avaliação dos conhecimentos adquiridos após a unidade. Caso algum estudante tenha dificuldade em completar o mapa, retome oralmente o que foi visto com a turma toda e compartilhe a consulta do portfólio para analisar os registros feitos durante o percurso.

A cada proposta de criação, reveja as produções dos estudantes, observando suas transformações. Se necessário, apresente novas referências artísticas, trocando os materiais, criando outras dinâmicas de trabalho etc.

Orientações

Comunique aos estudantes que a ilustração interativa é um mapa mental. Esse dispositivo permite organizar informações e conceitos de forma visual, utilizando recursos próprios do componente Arte, como a visualidade, a apreciação e a intervenção prática, para concretizar uma avaliação final na unidade. O aspecto lúdico do mapa mental auxilia os estudantes a consolidar os conceitos, as habilidades e as competências da unidade pela perspectiva da ligação de saberes, que busca conectar e construir significado nos processos de aprendizagem pela junção dos elementos estudados criando um sentido maior do que a soma de suas partes isoladas.

O objetivo de convidar os estudantes a inserir as próprias intervenções no mapa mental é propiciar um ambiente de aprendizagem ativa. Ao optar por fazer isso com a turma toda ou ao organizar os estudantes em grupos, é possível oportunizar a negociação de ideias e de significados sobre o conteúdo, de forma dialógica entre os estudantes.

Após a inserção dos desenhos por parte dos estudantes, é importante dispor de um momento de socialização de suas intervenções. Comunique a eles as relações positivas entre suas criações, informando como elas se complementam ou destacando detalhes de certos desenhos que chamaram mais atenção, seja pelo aspecto estético, seja pela assimilação do conteúdo estudado. Essa é uma etapa em que os estudantes podem compartilhar oralmente o que pensaram ao fazer seus desenhos e justificar suas escolhas de composição da imagem, de cores e de dimensões dos objetos, entre outros.

Promova a atividade da seção **Mapa da arte** de forma coletiva. Leia com a turma as imagens e os textos e oriente-os a completar as lacunas do mapa, incentivando que se expressem livremente por meio de desenhos ou palavras. Enquanto os estudantes completam o mapa no livro, você pode fazer o mesmo na lousa.



REFERÊNCIAS COMENTADAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR*. BRASÍLIA, DF: MEC, 2018. DISPONÍVEL EM: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. ACESSO EM: 12 AGO. 2025.

A BNCC DEFINE AS COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM QUE DEVEM ORIENTAR O ENSINO EM TODAS AS ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, INCLUINDO O COMPONENTE CURRICULAR ARTE.

MÚSICA

BRITO, TECA ALENCAR DE. *QUANTAS MÚSICAS TEM A MÚSICA? OU ALGO ESTRANHO NO MUSEU!* SÃO PAULO: PEIRÓPOLIS, 2009.

COMO UM PASSEIO POR UM MUSEU, O LIVRO FAZ UM PANORAMA MULTICULTURAL EM QUE É POSSÍVEL LER E OUVIR MÚSICAS DE DIVERSOS PAÍSES, INCLUINDO ALGUMAS FEITAS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS. A AUTORA DESTACA INSTRUMENTOS CARACTERÍSTICOS DE CADA MÚSICA TRABALHADA.

BRITO, TECA ALENCAR DE. *UM JOGO CHAMADO MÚSICA: ESCUTA, EXPERIÊNCIA, CRIAÇÃO E EDUCAÇÃO*. SÃO PAULO: PEIRÓPOLIS, 2019.

NESSE LIVRO, BRITO FAZ REFLEXÕES SOBRE O FAZER MUSICAL COM CRIANÇAS A PARTIR DA ESCUTA FEITA DAS PRODUÇÕES SONORAS E DAS IDEIAS DE MÚSICAS QUE AS PRÓPRIAS CRIANÇAS TÊM SOBRE O QUE ELAS PRODUZEM, COMPREENDENDO A MÚSICA COMO UM JOGO.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

FONTELLA, MARISA TRENCH DE OLIVEIRA. *DE PRIMITIVOS E FIOS: UM ENSAIO SOBRE MÚSICA E EDUCAÇÃO*. 2. ED. SÃO PAULO: UNESP, 2008.

NESSE LIVRO REFERÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL, A AUTORA APRESENTA AS ABORDAGENS EDUCACIONAIS DE PENSADORES DA EDUCAÇÃO MUSICAL, SOBRETUDO AO LONGO DO SÉCULO XX, DE FORMA A TRAÇAR UM PANORAMA

HISTÓRICO, VALORIZANDO UMA PRÁTICA MUSICAL CRIATIVA E FAZENDO UMA CRÍTICA AO ENSINO DE MÚSICA TRADICIONAL.

LOUREIRO, MARISTELA; TATIT, ANA. *BRINCADEIRAS CANTADAS DE CÁ E DE LÁ*. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 2018. (COLEÇÃO BRINCO E CANTO).

LOUREIRO, MARISTELA; TATIT, ANA. *FESTAS E DANÇAS BRASILEIRAS*. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 2016. (COLEÇÃO BRINCO E CANTO).

CADA LIVRO DA COLEÇÃO BRINCO E CANTO TRABALHA UM TEMA (CONFORME DESCRITO PELO PRÓPRIO TÍTULO) E VEM ACOMPANHADO DE PARTITURAS, CD E DVD, COM UMA DESCRIÇÃO DE POSSIBILIDADES DE COMO BRINCAR COM CADA MÚSICA.

SCHAFFER, MURRAY. *EDUCAÇÃO SONORA*. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 2011.

SÉRIE DE 100 PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE ESCUTA E REFLEXÃO SONORA, QUE SÃO VIÁVEIS DE FAZER COM DIVERSAS FAIXAS ETÁRIAS. O AUTOR INSTIGA O REFINAMENTO DA ESCUTA, COM ATIVIDADES QUE PODEM SER CONDUZIDAS POR EDUCADORES ESPECIALISTAS OU NÃO.

DANÇA

ALMEIDA, FERNANDA DE SOUZA (ORG.). *DANÇARELANDO: ARTE, EDUCAÇÃO E INFÂNCIA*. CURITIBA: SUMMUS, 2022.

OBRA COLABORATIVA QUE APRESENTA INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS REALIZADAS COM CRIANÇAS EM AMBIENTES ESCOLARES, INTEGRANDO DANÇA, MÚSICA, POESIA, CULTURA POPULAR E TECNOLOGIAS.

BERTAZZO, IVALDO. *GESTO ORIENTADO: REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO*. SÃO PAULO: SENAC, 2014.

NESSE LIVRO, O AUTOR EXPLORA A IMPORTÂNCIA DO GESTO NA COMUNICAÇÃO E PROPÕE EXERCÍCIOS PARA A REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO, VISANDO APRIMORAR A EXPRESSÃO CORPORAL.

CORRÊA, JOSIANE FRANKEN; SANTOS, VERA LÚCIA BERTONI DOS. *DOCÊNCIA EM DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR: MOVIMENTOS EM REDE*. CURITIBA: APPRIS, 2024.

A OBRA OFERECE SUBSÍDIOS PARA CONSOLIDAR A DANÇA COMO COMPONENTE CURRICULAR AUTÔNOMO EM ESCOLAS, APRESENTANDO RELATOS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE.

FIGUERÔA, KATIUSCIA MELLO; VARGAS, PAULINE IGLESIAS; CORREIA, EVELYNE. *DANÇA DA ESCOLA: DA TEORIA À PRÁTICA*. CURITIBA: INTERSABERES, 2023.

A OBRA APRESENTA FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, RELACIONANDO ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS E PEDAGÓGICOS.

FRANCK, CECY. *DANÇA MODERNA: MOVIMENTOS FUNDAMENTAIS ORGANIZADOS SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DA TÉCNICA DE MARTHA GRAHAM*. PORTO ALEGRE: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2013.

A OBRA APRESENTA E SISTEMATIZA OS MOVIMENTOS ESSENCIAIS DA DANÇA MODERNA A PARTIR DA TÉCNICA DE MARTHA GRAHAM, UMA DAS FIGURAS MAIS INFLUENTES DA DANÇA NO SÉCULO XX.

LABAN, RUDOLF. *DOMÍNIO DO MOVIMENTO*. SÃO PAULO: SUMMUS, 1978.

CLÁSSICO DA TEORIA DO MOVIMENTO, O LIVRO ABORDA OS PRINCÍPIOS DO SISTEMA DE LABAN, AMPLAMENTE USADO NO ENSINO DA DANÇA.

MARQUES, IMATÉRIAS. **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL**
SÃO PAULO: COPTÉZ, 2018.
ESSA OBRA BUSCA FUNDAMENTAR A TEORIA E A PRÁTICA PARA A INSERÇÃO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR.

RENGEL, LENIRA PERAL *ET AL.* *ELEMENTOS DO MOVIMENTO NA DANÇA*. SALVADOR: UFBA, 2017.

A OBRA INTRODUZ CONCEITOS DE RUDOLF LABAN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A

DANÇA, ALÉM DE OFERECER PROPOSTAS PARA AULAS, IMPROVISAÇÕES, OFICINAS E PROCESSOS CRIATIVOS.

TEATRO

ARTE NEGRA NA ESCOLA: TEATRO. PORTO ALEGRE, V. 3, N. 1, SET. 2022. DISPONÍVEL EM: <https://www.ufrgs.br/deds/wp-content/uploads/2023/01/Arte-Negra-na-Escola-Teatro-2022.pdf>. ACESSO EM: 11 AGO. 2025.

ARTE NEGRA NA ESCOLA É UM PROJETO DE EXTENSÃO DA UFRGS QUE TEM A PRETENSÃO DE FUNCIONAR COMO MATERIAL DIDÁTICO DE APOIO AO CUMPRIMENTO DA LEI Nº 10.639/2003, PARA USO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR. O TERCEIRO VOLUME TEM POR OBJETIVO CONTRIBUIR PARA O CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DO TEATRO NEGRO E ESTIMULAR PRÁTICAS ANTIRRACISTAS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS.

FERREIRA, T.; FALKEMBACH, M. F. *TEATRO E DANÇA NOS ANOS INICIAIS*. PORTO ALEGRE: MEDIAÇÃO, 2012.

ESSE LIVRO, QUE FOI PARTE INTEGRANTE DO ACERVO DO PROFESSOR DO PLANO NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE/2014) E TEVE DISTRIBUIÇÃO EM TODAS AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS PÚBLICAS DO PAÍS, É UMA INTRODUÇÃO AO TEATRO E À DANÇA COM CRIANÇAS, APRESENTANDO PROPOSITIVAMENTE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, JOGOS E EXERCÍCIOS DIVERSOS E FUNDAMENTADOS EM ARTES DA CENA.

HARTMANN, L. *CRIANÇAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS*. BRASÍLIA, DF: EDITORA DA UNB, 2020. DISPONÍVEL EM: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/110>. ACESSO EM: 11 AGO. 2025.

NESSE LIVRO, CRIANÇAS DE DIFERENTES NACIONALIDADES E CULTURAS SÃO APRESENTADAS COMO POTENTES CONTADORAS DE HISTÓRIAS, NÃO SÓ COMO AQUELAS QUE ESCUTAM HISTÓRIAS. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, TAMBÉM COMO PROPOSIÇÃO DIDÁTICA DAS ARTES DA PERFORMANCE, É O CENTRO DESTA OBRA SENSÍVEL QUE COLOCA AS CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS E AUTORAS.

MÓIN-MÓIN: REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS. FLORIANÓPOLIS: UDESC, 2005-. DIVERSOS NÚMEROS. DISPONÍVEL EM: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/issue/archive>. ACESSO EM: 11 AGO. 2025.

ESSA PUBLICAÇÃO ABERTA E GRATUITA DA UDESC É A MAIS IMPORTANTE REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA EM TEATRO DE FORMAS ANIMADAS NO BRASIL. TEMÁTICAS QUE ABORDAM TEATRO DE BONECOS NA ESCOLA, TEATRO DE FORMAS ANIMADAS E SUSTENTABILIDADE, TEATRO DE SOMBRAS, ENTRE TANTAS OUTRAS, PODEM SER ENCONTRADAS EM UMA BUSCA ENTRE OS ARTIGOS.

SPOLIN, V. JOGOS TEATRAIS: O FICHÁRIO DE VIOLA SPOLIN. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2008.

MAIS DO QUE UM LIVRO COM ORIENTAÇÕES PRECISAS SOBRE O MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE TEATRO DESTA AUTORA, ESSE FICHÁRIO É UM RIQUESSÍMO MATERIAL DIDÁTICO QUE PODERÁ SER DE GRANDE VALOR ÀS PRÁTICAS TEATRAIS COM PESSOAS DE TODAS AS IDADES, ORIENTANDO O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO SABER-FAZER DA LINGUAGEM TEATRAL.

ARTES VISUAIS

CARERI, FRANCESCO. WALKSCAPES: O CAMINHAR COMO PRÁTICA ESTÉTICA. SÃO PAULO: EDITORA G. GILI, 2013.

NESSA OBRA, APRENDEMOS COM FRANCESCO CARERI SOBRE A IMPORTÂNCIA DE EXPERIMENTAR OS ESPAÇOS DA CIDADE A PARTIR DA CAMINHADA COMO UMA PRÁTICA ARTÍSTICA E ATIVA.

CUNHA, SUSANA RANGEL VIEIRA DA. MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO DE ARTE SOBRE O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL. IN: MARTINS, RAIMUNDO. TOURINHO, IRÊNE (ORG.). *CULTURAS DA IMAGEM: DESAFIOS PARA A ARTE E A EDUCAÇÃO.* SANTA MARIA: EDITORA DA UFSM, 2012, P. 99-123.

NESSA OBRA, A AUTORA SUSANA RANGEL RELATA SUA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DE ARTES E APRESENTA A TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA DOS

REPERTÓRIOS ARTÍSTICOS, CULTURAIS E IMAGÉTICOS QUE CULTIVAMOS EM NOSSA VIDA.

DERDYK, EDITH. FORMAS DE PENSAR O DESENHO: DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO INFANTIL. PORTO ALEGRE: ZOUK, 2015.

NESSA OBRA, A AUTORA E ARTISTA EDITH DERDYK NOS MOSTRA DIFERENTES POSSIBILIDADES DE EXPERIMENTARMOS E CONHECERMOS O UNIVERSO DO DESENHO ENQUANTO LINGUAGEM E EXPRESSÃO NAS ARTES VISUAIS.

HERNÁNDEZ, FERNANDO. CATADORES DA CULTURA VISUAL: PROPOSTA PARA UMA NOVA NARRATIVA EDUCACIONAL. PORTO ALEGRE: MEDIAÇÃO, 2007.

O AUTOR ESPANHOL FERNANDO HERNÁNDEZ APRESENTA POSSIBILIDADES DE CONHECER, APRENDER E EXPERIMENTAR A ARTE A PARTIR DAS DIFERENTES IMAGENS QUE NOS CERCAM, SEJAM ELAS ARTÍSTICAS, SEJAM DE DIFERENTES REPERTÓRIOS, COMO PUBLICIDADE, ANIMAÇÃO, FILMES ETC.

KRAUSS, ROSALIND. SCULPTURE IN THE EXPANDED FIELD. OCTOBER, V. 8, SPRING, 1979. P. 30-44. TÍTULO EM PORTUGUÊS, EM TRADUÇÃO LIVRE: A ESCULTURA NO CAMPO EXPANDIDO.

NESSA OBRA, A AUTORA ROSALIND KRAUSS APRESENTA OUTROS MODOS DE COMPREENDER A LINGUAGEM DA ESCULTURA, MOSTRANDO O QUANTO ESSA LINGUAGEM ARTÍSTICA VAI ALÉM DOS MATERIAIS TRADICIONAIS, EXPANDINDO-SE EM OUTROS FORMATOS, MEIOS E MODOS DE APRESENTAÇÃO.

RICHTER, IVONE MENDES. INTERCULTURALIDADE E ESTÉTICA DO COTIDIANO NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS. SÃO PAULO: MERCADO DE LETRAS, 2003.

NESSA OBRA, A PESQUISADORA IVONE RICHTER NOS MOSTRA A IMPORTÂNCIA DOS FAZERES ESPECIAIS, OU SEJA, DAS PRODUÇÕES REALIZADAS A PARTIR DOS MÉTODOS ARTESANAIS E TRADICIONAIS, UTILIZADOS POR PESSOAS COMUNS, MAS QUE TÊM GRANDE IMPORTÂNCIA ESTÉTICA E SIMBÓLICA.

**MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



MANUAL DO PROFESSOR

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

CARO PROFESSOR,

Construir uma caminhada na docência na Educação Básica é uma das tarefas mais desafiadoras e belas que alguém pode enfrentar. Ela convoca pensamento, criação e movimento de saberes e fazeres dos diferentes campos disciplinares.

Inspirada nessa ideia de movimento, esta coleção convida estudantes e docentes a deslocar e ampliar experiências, pensamentos e modos de estar no mundo e de vê-lo. Os processos artísticos das quatro linguagens do Componente Curricular Arte – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro –, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientam esse percurso.

Propõe caminhos para que os professores e as crianças vivenciem juntos a alegria e o desafio de conhecer e aprender arte, uma arte viva, presente no movimento das pessoas, na transformação dos espaços, nos ciclos da natureza e nas culturas do Brasil e do mundo.

A coleção promove diálogos com artistas de diferentes partes do planeta, destacando sempre a diversidade identitária do Brasil e o caráter universal da arte, capaz de provocar, questionar e sensibilizar independentemente de sua origem.

Acreditamos na arte como forma de expansão do sujeito e de contribuição para o desenvolvimento humano. As propostas exploram a reflexão, a criatividade, a comunicação, o desenvolvimento motor e a expressividade, desafiando positivamente os estudantes e tornando-os protagonistas de suas aprendizagens, com a mediação generosa do professor.

Que esta coleção seja um convite alegre à experimentação, à criação e à fruição.

Boa leitura e boas práticas!

As autoras, o autor e a equipe editorial

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As capas desta coleção reúnem o talento vibrante de ilustradores de **todas as regiões do Brasil**, oferecendo um mosaico visual da **cultura** e da **criatividade brasileira**.

CONHEÇA SEU MANUAL

Para facilitar seu dia a dia na sala de aula, este Manual do Professor está organizado em diferentes partes que trazem informações relevantes. A seguir, conheça as seções e os boxes que o compõem.

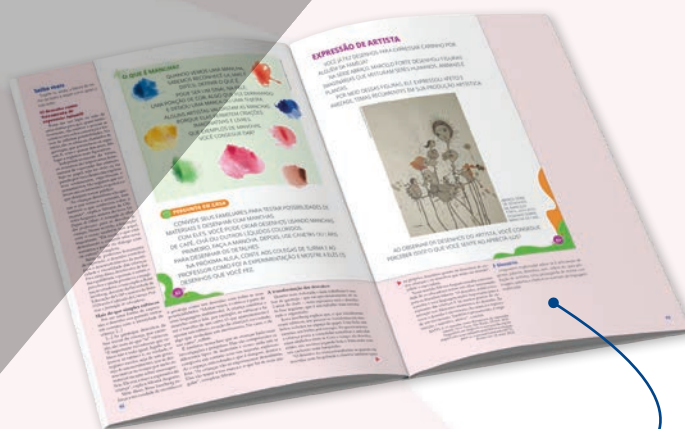


As **orientações gerais** são dedicadas a informações relevantes sobre os principais documentos que norteiam a coleção, textos que contribuem para a prática docente e apresentação da proposta metodológica e da estrutura da coleção.

Ainda nas orientações gerais, você encontra os **quadros de conteúdos** dos volumes e **sugestões de cronograma** para inserir a organização da coleção no planejamento da escola.



No Manual em formato U, nas **aberturas de unidade**, você encontra os **objetivos da unidade**, boxe com **dicas de organização** para as aulas e as indicações de que competências gerais, específicas de Linguagens e de Arte, habilidades e Temas Contemporâneos Transversais são trabalhados no decorrer das páginas. Você também encontra **orientações didáticas** para o trabalho com as imagens de abertura, as **expectativas de resposta** às questões apresentadas no Livro do Estudante e informações sobre como proceder com a **avaliação**.



No decorrer das unidades, além das orientações didáticas, você encontra **sugestões de bibliografia** para ampliar seus conhecimentos em Arte e para apoiar os conteúdos do Livro do Estudante, contribuindo para sua formação docente. Você também pode se deparar com **glossários** que explicam termos do mundo da arte para facilitar a leitura.

No Manual do Professor, também há sugestões de **atividades complementares** diversas que podem envolver a família e a comunidade escolar. No boxe **Desenvolvendo a BNCC**, são apresentadas as articulações entre as habilidades de Arte e os conceitos e procedimentos trabalhados nas páginas. Neste Manual, você também encontra os ícones **TCT** e **objeto digital**, que destacam momentos em que os Temas Contemporâneos Transversais são trabalhados e onde estão os objetos digitais que apoiam as aulas de Arte.



SUMÁRIO

I. Introdução	V
A BNCC.....	V
II. Pressupostos teórico-metodológicos	VIII
Concepção da área.....	VIII
Proposta das linguagens artísticas.....	IX
Concepção de aprendizagem.....	XI
Diferentes formas de organização.....	XII
III. Inclusão	XIII
Metodologias diferenciadas e adaptações curriculares.....	XIII
Ambientes acessíveis.....	XIV
IV. Avaliação	XIV
Avaliação diagnóstica.....	XVI
Avaliações formativa e somativa.....	XVI
Portfólio e diário de bordo.....	XVII
Autoavaliação.....	XVIII
V. Matriz de planejamento	XVIII
Matriz de planejamento de rotina.....	XVIII
Matriz de sequência didática.....	XIX
VI. Planejamento anual	XIX
VII. Organização da coleção	XX
Proposta pedagógica.....	XX
Quadro de conteúdos.....	XXI
Estrutura da coleção.....	XXVI
VIII. Referências comentadas	XXVIII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

I. Introdução

Esta coleção foi elaborada de acordo com o marco da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo como referência o trabalho com competências, habilidades, atitudes e valores para a construção da cidadania plena do estudante e de uma sociedade democrática e justa. Nela, além dos conteúdos específicos de artes integradas, as linguagens das **artes visuais**, da **dança**, da **música** e do **teatro** são trabalhadas de forma paritária, sendo cada uma delas contemplada duas vezes por volume, com diálogo entre si.

Os objetivos estruturantes dessa coleção são:

- apresentar uma trajetória de aprendizagem introdutória aos saberes e experiências da Arte, em artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas;
- construir junto à comunidade escolar uma visão de mundo de ligação de saberes (interdisciplinar), intercultural, sensível, lúdica, democrática e antirracista;
- desenvolver competências e habilidades estipuladas pela BNCC;
- contribuir para o letramento, associado à interpretação e compreensão do mundo sensível, imagético, sonoro, corporal, narrativo e simbólico dos estudantes.

Com base nos fundamentos da Arte-Educação e da Educação, entremeados com os saberes e práticas específicos de cada linguagem artística, organizados em eixos transversais e poéticos, esta coleção convida professores e estudantes a vivenciar as práticas artístico-pedagógicas propostas de forma integrada com a vida, o indivíduo e a sociedade. Inspirada no pensador francês Edgar Morin, que em sua obra *O método* (2011-2013) utiliza termos que voltam a si mesmos, convidando-nos a refletir sobre eles mais uma vez, esta coleção se estrutura nos seguintes eixos: no 1º ano, **Vida da vida**; no 2º ano, **Sentido do sentido**; no 3º ano, **Terra da terra**; no 4º ano, **Ideias das ideias**; no 5º ano, **Humanidade da humanidade**.

Morin dá ao Volume 1 de *O método* o subtítulo de *Natureza da natureza*, buscando evidenciar a conexão necessária e transversal que liga a física, a biologia e a antropossociologia. Ele segue nomeando

outros volumes de sua obra com subtítulos que homenageamos, como *A vida da vida* e *A humanidade da humanidade* (respectivamente, os Volumes 2 e 5 da obra moriniana). Para além do projeto epistemológico de ligação de saberes que é proposto em sua obra, há uma dimensão poética e lúdica no jogo de palavras que desperta a imaginação, a indagação, a curiosidade, que consideramos valiosos recursos para construir esta coleção de Arte.

Compreendemos que a criança não é apenas um sujeito de direitos, mas também um agente social, com protagonismo e interlocução com seus pares e com o mundo adulto, protagonizando brincadeiras, jogos, experimentações e criações em cooperação com os colegas.

Assim, os conteúdos e as propostas de produção artística apresentados nesta coleção são contextualizados socioculturalmente, buscando traçar paralelos com a vida familiar e comunitária dos estudantes, bem como com as práticas artísticas de seu entorno, considerando as mais diversas realidades das escolas brasileiras.

Ao longo deste Manual do Professor, apresentaremos de forma mais detalhada cada uma dessas propostas e entendimentos sobre educação, além de mostrar formas de se trabalhar com a coleção, com planejamento e avaliação, inclusão e acessibilidade.

A BNCC

A BNCC é um documento de caráter normativo que define as **aprendizagens essenciais** a que todos os estudantes da Educação Básica têm direito.

Competências gerais

Para assegurar esses direitos, o documento propõe o desenvolvimento de dez **competências gerais** como norteadoras das decisões pedagógicas. Essas competências articulam-se de forma integrada ao longo de toda a coleção, a fim de promover o desenvolvimento dos estudantes (Brasil, 2018, p. 65).

Na BNCC, **competência** é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas de Linguagens e de Arte

Em articulação com as **competências gerais** propostas, a área de Linguagens e, por consequência, o componente curricular Arte devem garantir aos estudantes o desenvolvimento de seis **competências específicas de Linguagens** e nove **competências específicas de Arte**, contempladas na coleção (Brasil, 2018, p. 198).

As competências específicas de Linguagens ressaltam a construção do conhecimento como prática social, colocando o indivíduo em interação com o outro, com o seu ambiente e com o mundo.

Já as competências específicas de Arte consideram as especificidades do fazer artístico e sua aplicação em contextos diversos, promovendo uma formação integral que respeita a diversidade dos estudantes e os contextos locais.

Destacamos que a indicação de competências, com ênfase no “saber” e no “saber-fazer”, orienta a definição das **aprendizagens essenciais**, e não apenas dos conteúdos mínimos a serem ensinados.

Pelo fato de o componente curricular Arte ser composto das linguagens artísticas artes visuais, dança, música e teatro e de sua interação na forma de artes integradas, a BNCC propõe seis dimensões do conhecimento com a finalidade de articular e caracterizar a experiência artística, que são a **criação**, a **crítica**, a **estesia**, a **expressão**,

a **fruição** e a **reflexão** (Brasil, 2018, p. 194-195), contempladas na obra.

Unidades temáticas

Para garantir o desenvolvimento das competências específicas do componente curricular Arte por meio das linguagens artísticas, a BNCC considera cinco unidades temáticas: **artes visuais**, **dança**, **música**, **teatro** e **artes integradas**. Essa organização reflete uma visão não linear, rígida ou cumulativa com relação a cada linguagem” (Brasil, 2018, p. 197), respeitando tanto a especificidade de cada campo quanto suas inter-relações construídas socialmente.

As **unidades temáticas** definem um arranjo dos **objetos de conhecimento** adequados às especificidades dos diferentes anos do Ensino Fundamental. Os objetos de conhecimento, que devem ser entendidos como conteúdos, conceitos e processos, relacionam-se com um número variável de habilidades.

É importante salientar que nesta coleção há o cuidado para que as unidades temáticas não sejam tratadas de forma isolada – ou seja, buscou-se favorecer as inter-relações entre elas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Por sua vez, as **habilidades** expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos estudantes nos diferentes contextos escolares.

Objetos de conhecimento e habilidades (1º ao 5º ano)

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Artes visuais	Contextos e práticas	EF15AR01 Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
	Elementos da linguagem	EF15AR02 Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
	Matrizes estéticas e culturais	EF15AR03 Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
	Materialidades	EF15AR04 Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Processos de criação	EF15AR05 Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. EF15AR06 Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
	Sistemas da linguagem	EF15AR07 Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores, etc.).

Dança	Contextos e práticas	EF15AR08 Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
	Elementos da linguagem	EF15AR09 Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. EF15AR10 Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
	Processos de criação	EF15AR11 Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. EF15AR12 Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.
Música	Contextos e práticas	EF15AR13 Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
	Elementos da linguagem	EF15AR14 Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
	Materialidades	EF15AR15 Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Notação e registro musical	EF15AR16 Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
	Processos de criação	EF15AR17 Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.
Teatro	Contextos e práticas	EF15AR18 Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
	Elementos da linguagem	EF15AR19 Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.).
	Processos de criação	EF15AR20 Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. EF15AR21 Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. EF15AR22 Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Artes integradas	Processos de criação	EF15AR23 Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
	Matrizes estéticas e culturais	EF15AR24 Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
	Patrimônio cultural	EF15AR25 Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
	Arte e tecnologia	EF15AR26 Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

(Brasil, 2018, p. 200-203).

Temas Contemporâneos Transversais

Direcionados pela BNCC, os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) constituem um conjunto de assuntos relevantes para a formação cidadã que permeiam a sociedade e a vida dos estudantes, demandando um olhar integrado da escola (Brasil, 2019). A organização desses assuntos configura-se em quinze temas agrupados em seis macroáreas: **Meio Ambiente** (Educação Ambiental e Educação para o Consumo); **Economia** (Trabalho, Educação Financeira e Educação Fiscal); **Saúde** (Saúde e Educação Alimentar e Nutricional); **Cidadania e Civismo** (Vida Familiar e Social, Educação para o Trânsito, Educação em Direitos Humanos, Direitos da Criança e do Adolescente e Processo de Envelhecimento, Respeito e Valorização do Idoso); **Multiculturalismo** (Diversidade Cultural e Educação para Valorização do Multiculturalismo nas Matrizes Históricas e Culturais Brasileiras); **Ciência e Tecnologia** (Brasil, 2018, p. 13).

Compreendemos que a educação em Arte é um poderoso instrumento para a formação cidadã, capaz de dialogar criticamente com o mundo que nos cerca. Nesse sentido, os TCTs constituem uma importante contribuição para a proposta pedagógica deste material. Por isso, esta coleção mobiliza suas macroáreas de maneira orgânica e intencional, favorecendo um trabalho inter e transdisciplinar, que articula os conteúdos de Arte com Geografia, História, Língua Portuguesa e Ciências. Essa integração ocorre de duas maneiras principais. A primeira se dá pela relação espontânea entre as práticas artísticas escolares e a vida social, sendo sinalizada pontualmente nas unidades no Manual do Professor em formato U. A segunda acontece de modo mais formalizado por meio de seções especiais como **O mundo que nos cerca** e **Atitudes que transformam**, que identificam questões contemporâneas – como a diversidade cultural, a sustentabilidade ou o uso crítico das tecnologias – e as vinculam ao universo da Arte, promovendo não apenas a reflexão, mas também um convite à ação e à transformação social. Dessa forma, a coleção posiciona a Arte como uma linguagem essencial para interpretar, questionar e intervir na realidade, formando estudantes mais sensíveis, críticos e participativos.

II. Pressupostos teórico-metodológicos

Nessa seção, apresentamos os objetivos estruturantes e a proposta teórico-metodológica da coleção, situando as referências que fundamentam o nosso trabalho no campo da Educação e da Arte. Compartilhamos aqui uma reflexão sobre infância e exemplificamos algumas das principais maneiras de organizar o espaço de sala de aula durante o trabalho com esse componente curricular.

Concepção da área

Esta coleção é construída no encontro de fundamentos de áreas como a Arte-Educação e a Educação, sendo permeada pelas particularidades disciplinares de cada linguagem artística e das artes integradas. As linguagens artísticas dialogam entre si por meio de saberes e práticas específicas e situadas, possibilitando revisitar certas manifestações culturais sob diferentes perspectivas e enquadramentos conceituais.

O professor é o ponto de confluência dessa multiplicidade, fazendo com que os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os valores mobilizados nas atividades sejam considerados no contexto mais amplo da vida escolar, da vida social, das individualidades dos estudantes e da interação com a família e a comunidade. Isso significa que o professor carrega uma responsabilidade ética que se desdobra a cada decisão, planejamento, avaliação e comunicação com os estudantes.

O estudante está no centro do processo educativo, e é a quem o professor dedica uma atitude ética e responsável. Essa atitude implica oferecer, constantemente, condições para o desenvolvimento da autonomia. Quando pensamos em crianças do 1º ao 5º ano, pode ser tentador sugerir que elas precisam de mais experiência prévia e disciplina comportamental para depois poderem tomar as próprias decisões, mas Paulo Freire argumenta o contrário:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na

experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (Freire, 2008, p. 107).

Dessa forma, é no processo das tomadas de decisão individual e coletiva, vivenciando o impacto dessas decisões no bem-estar coletivo e nas produções artísticas realizadas, que os estudantes vão construindo a autonomia como um aspecto atitudinal central de sua ação responsável no mundo.

Essa construção da autonomia, no entanto, não é isolada. Ela se dá em meio a um complexo tecido de relações. Considerar as múltiplas relações entre as linguagens artísticas e os saberes escolares, entre o papel do professor e as potencialidades dos estudantes e entre a inserção social, familiar, comunitária e o cuidado individualizado requer uma visão sistêmica de educação e de sociedade. Apoiamo-nos no aparato conceitual desenvolvido por Edgar Morin, em sua busca pela superação de um modo fragmentado de construção do conhecimento, no ensino da condição humana e na construção de um futuro planetário comum, de superação das misérias sociais e ambientais (Morin, 2000).

Além disso, adotamos uma perspectiva que questiona a colonização do saber e compreende a diversidade cultural sob o ponto de vista da ferramenta pedagógica da interculturalidade crítica, “que põe em questionamento contínuo a racialização, subalternização e inferiorização e seus padrões de poder, torna[ndo] visíveis maneiras distintas de ser, viver e saber” (Walsh, 2009, p. 13). Por exemplo, na Unidade 1 do Volume 3, sobre música e cultura dos povos originários brasileiros, são apresentados os instrumentos musicais tendo como protagonistas as culturas e os indivíduos que fazem música, identificados em suas particularidades e reunidos em sua diversidade, evidenciando seus saberes e práticas como legítimas e fundamentais de serem estudadas. Na Unidade 2, do Volume 2, o trabalho com

a ciranda envolve a valorização dessa prática da cultura infantil e sua relação com a cultura popular tradicional brasileira. A representação de pessoas, práticas e obras ocorre por meio dessa perspectiva, oportunizando a legitimação de seus saberes na construção dos conhecimentos sobre Arte.

Levando em conta a história do ensino de Arte no Brasil, tomamos como ponto de partida a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2014), que foi adaptada na construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e ainda hoje é um plano compartilhado por pedagogos, licenciados e comunidade escolar. As reflexões da autora sobre Arte-Educação originam-se das artes visuais, questionando tendências históricas de seu ensino na escola e evidenciando os movimentos e as tensões gerados pela inserção da Arte na Educação Básica. A abordagem triangular consiste em (1) compreender o contexto histórico de produção da obra; (2) fazer uma interpretação, no sentido de um diálogo frente à obra, também chamada de leitura ou apreciação; (3) produzir a arte, no sentido de fazer, implicando também a subjetividade da pessoa e o aspecto criativo desse fazer. Eventualmente, a etapa do fazer foi chamada de releitura, apesar de o termo estar em desuso (Barbosa, 2012, 2014). Por exemplo, na Unidade 5, do Volume 2, a seção **Conhecendo arte** contextualiza a percussão corporal na cultura brasileira, com exemplos da catira, do xaxado e do coco. Em **Pensando arte**, os estudantes podem apreciar as faixas de áudio, interpretando o exemplo de escuta em função do contexto estudado. Em **Fazendo arte**, a turma experimenta o canto, com percussão corporal e movimentos corporais.

Proposta das linguagens artísticas

Por meio de uma abordagem contemporânea do ensino de artes visuais, compreendemos que as relações entre o fazer, o experimentar e o conhecer das diferentes linguagens, técnicas e materialidades são processos indissociáveis da reflexão sobre essa área de conhecimento (Hernández, 2007; Cunha, 2012), reverberando diretamente sobre nossas visões de mundo e o modo como nos posicionamos diante da vida. Para tanto, os estudantes

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

são convidados a perceber como as artes visuais estão presentes no cotidiano e nos mais variados âmbitos da sociedade. Nesta coleção, a linguagem do desenho é tomada como um ponto de partida, dada sua potencialidade como meio de expressão e comunicação (Derdik, 2015), além de se fazer presente nas demais áreas de conhecimento, sobretudo nos processos que permeiam a alfabetização. Em uma perspectiva contemporânea, aprender os diferentes conteúdos das artes visuais é um caminho para a sensibilização, a escuta e o respeito às múltiplas narrativas que constituem as mais distintas culturas e cosmovisões. Por meio do desenho, diferentes possibilidades de experimentação são acionadas, suscitando criações que dialogam com o espaço, espraiando-se para outros suportes e materiais. Nesse sentido, o desenho é compreendido como forma, ação e movimento, favorecendo a aproximação com outras linguagens artísticas.

Para a educação musical, Teca Alencar de Brito (2019) e Marisa Fonterrada (2008) são autoras brasileiras de referência, com abordagens que integram improvisação, criatividade e escuta, aspectos que valorizam as expressões das crianças. Ao compreender a prática musical como um jogo (sem competição, mas com ênfase na construção coletiva), é possível valorizar a música que emerge no momento presente – a improvisação. Assim, reconhece-se a reflexão das crianças sobre o fazer musical que produzem, suas ideias de música, bem como sobre o processo criativo (Brito, 2019). O trabalho da oralidade em música é incentivado por meio de atividades de ouvido entre pares e em grupo, explorando repertórios e práticas no decorrer do fazer musical (Queiroz, 2010). Ideias como materiais, expressão e forma são adaptadas com base no trabalho de Keith Swanwick (1994), entendidas também em suas relações com as demais linguagens artísticas e artes integradas. Essa adaptação ocorre nas subseções **Maleta de artista**, que explora de modo amplo a noção de materiais, e em **Expressão de artista**, que busca trazer para o vocabulário dos estudantes, de acordo com sua maturidade, a concepção de expressão na Arte.

A linguagem da dança está diretamente relacionada aos gestos e movimentos cotidianos, estabelecendo conexões entre a expressividade

corporal e a vivência prática (Bertazzo, 2014). Estudar dança também implica compreender a estrutura dos movimentos e suas dinâmicas, conforme propõe Laban (1978), e fomentar a criação de sequências corporais que estimulem a percepção de si e o cuidado com o próprio corpo (Frank, 2013). No ambiente escolar, torna-se essencial refletir sobre como os elementos da dança se articulam com os diferentes contextos educacionais e com a multiplicidade de corpos presentes na escola, reconhecendo tanto as particularidades físicas quanto os marcadores sociais e étnico-raciais que atravessam as experiências de cada estudante (Rengel, 2017). Nesse sentido, as unidades de dança desta coleção foram desenvolvidas com base nos estudos de Figuerôa, Vargas e Correia (2023), buscando integrar os processos de experimentação, apreciação e criação em dança. A proposta pedagógica contempla não apenas o desenvolvimento motor e expressivo das crianças do 1º ao 5º ano, mas também a ampliação do repertório cultural e corporal, por meio de brincadeiras, danças populares, jogos rítmicos e coreografias simples. Além de promover a construção da autonomia e do trabalho coletivo, as unidades têm como um de seus princípios o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, incorporando diferentes manifestações da dança como formas legítimas de expressão e identidade. A dança é abordada como prática artística, experiência sensível e meio de construção de relações inclusivas e respeitadas no espaço escolar.

No que concerne ao teatro, a proposta aborda metodologias clássicas caras à pedagogia teatral no Brasil (Spolin, 1978; Koudela, 1984; Boal, 1998; Pupo, 2015; Cabral, 2012), articulando-as às diversas manifestações cênicas populares brasileiras, às *performances* culturais tradicionais e contemporâneas, ao audiovisual, entre outros. As noções de teatro são ampliadas, considerando-se desde as relações performáticas cotidianas até aquelas espetaculares organizadas, passando pelas práticas cênicas afro-referenciadas e por aquelas ligadas aos povos originários. A abordagem é processual e experimental, tendo os estudantes como protagonistas na exploração de seu corpo-voz e dos elementos constituintes da linguagem teatral, por meio do jogo, das práticas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

e de sua reflexão, alternando os lugares de espectador e de jogador na construção de espaços lúdicos criativos, dialógicos e formativos.

Concepção de aprendizagem

A transição do estudante da Educação Infantil para o Ensino Fundamental necessita de processos pedagógicos de acolhida e de continuidade, tendo como centro o protagonismo infantil e as culturas da infância, para que ele se sinta respeitado naquilo que acumulou de repertório e saberes, sendo incentivados a realizar atividades que são efetivamente capazes de fazer. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 59), nessa fase da criança:

- ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, a história, a cultura, as tecnologias e o ambiente;
- o ponto de partida para se pensar o papel do professor é o estudante que adentra o espaço escolar. Nesse sentido, é importante que o professor se pergunte como esse espaço e os profissionais que ali atuam vão construir relações éticas e saudáveis com os estudantes. Considerar os estudantes como seres capazes de encarar os desafios e as aprendizagens que se vislumbram nessa fase é essencial. Conforme afirma Paulo Freire sobre o papel do professor, “uma das maneiras de trabalhar com os alunos é a ‘pedagogia da aproximação’, uma abordagem metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis” (Freire, 2008, p. 26);
- ao professor, cabe mediar as aprendizagens eticamente, de modo a propiciar que o estudante aprenda. A responsabilidade por esse processo exige um compromisso com o seu fazer profissional, além de contínuo aprimoramento. Como afirma Paulo Freire, “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2008, p. 39).

Uma forma de encarar a cultura da infância é compreender que as crianças são agentes sociais, com gostos e interesses, e que estabelecem com seus pares e com o mundo adulto uma constante interlocução. Assim, ao articular a concepção de aprendizagem com a infância, é fundamental reforçar a importância de escutá-las e conduzir ações pedagógicas mediadas por essa escuta, que deve ser entendida amplamente, com base em questionamentos, verbalizações, construções de sentido, movimentação corporal, sons, silêncios e comunicação visual. Além disso, deve-se considerar a criança, em sua dimensão cidadã, como um sujeito ativo, competente e com direitos.

Esta coleção foi elaborada com a intenção de contribuir para a formação integral dos estudantes, articulando a experiência artística com o desenvolvimento de competências fundamentais, como a leitura, a escrita, o letramento matemático e o uso social desses saberes. O trabalho com a oralidade, por meio de cantigas de roda com versos e rimas, reforça a consciência fonológica, o ritmo da linguagem e amplia o vocabulário. A participação em cirandas e a criação de improvisações, de enredos e narrativas assumem papel central no processo de leitura e escrita, pois fortalecem a expressão verbal, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento, ampliando o repertório linguístico e cultural dos estudantes. O uso de imagens e símbolos e a criação de produções gráficas auxiliam na decodificação e compreensão de signos, estabelecendo pontes entre a linguagem visual e a escrita.

Ao promover a observação, a escuta, a expressão e a análise de diferentes formas simbólicas, a Arte amplia a capacidade de leitura do mundo e de interpretação crítica da realidade (Freire, 1989). A leitura e a produção de imagens, por exemplo, desenvolvem habilidades cognitivas semelhantes às envolvidas na alfabetização verbal, favorecendo o pensamento simbólico, a atenção e a memória (Vygotsky, 1998; Piaget, 1971). Nesse sentido, as atividades artísticas atuam na construção do conhecimento do estudante, auxiliando na formação de estruturas mentais essenciais para a linguagem oral e escrita.

No campo do letramento matemático, o movimento corporal explora conceitos de espaço, formas, sequências e ritmos, favorecendo a compreensão de padrões, simetrias e noções

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

temporais. O trabalho com ritmo, métrica, contagem, percepção de proporções sonoras também atua para esse fim. A organização de cenas teatrais e a movimentação no espaço promovem a construção do raciocínio lógico e a noção de ordem, tempo e medidas espaciais. O trabalho com formas geométricas, escalas, proporções e padrões visuais amplia a percepção espacial e a capacidade de medir e comparar.

Como enfatiza Magda Soares (2016), o letramento envolve práticas sociais de linguagem, e a Arte, ao integrar práticas de leitura visual, de escuta e de produção simbólica, potencializa esses processos em contextos significativos. Assim, é possível afirmar os benefícios de abordagens integradas como as presentes nesta coleção, que valorizam a cultura, a linguagem e o pensamento crítico.

Isso pode ser observado no Volume 1, Unidade 6 – **Dançar também é brincar**, que trata da relação entre o brincar e o dançar. Essa unidade apresenta a brincadeira popular infantil “Corre cutia”, possibilitando o trabalho de acompanhamento da leitura da cantiga e a identificação dos verbos que marcam a ação de correr na brincadeira.

Em meio ao desvendar do código verbal escrito, os estudantes dos anos iniciais podem descobrir uma nova relação com palavras, imagens, sonoridades e gestos por meio das linguagens artísticas. Nesses primeiros anos, o desafio de acessar o conteúdo do livro didático enquanto se aprende a ler requer uma atenção especial do educador em ponderar o que se espera que os estudantes assimilem conceitualmente e as formas pelas quais eles podem externalizar esse conhecimento durante o contínuo processo avaliativo. Ao longo do conteúdo expositivo, são apresentados conceitos e jargões da área de Arte com os quais os estudantes vão se relacionar intelectual e praticamente. Por exemplo, eles vão construir para si a ideia de melodia na música, cantando, variando, criando e apreciando exemplos musicais selecionados. O saber-fazer uma melodia, do ponto de vista experiencial e em primeira pessoa, deve ser reconhecido em sua potencialidade, frente a um tipo de definição conceitual típica do mundo dos adultos. É comum na formação em Arte que conceitos basilares tenham multiplicidade de usos e contextos, e é no acúmulo desse repertório, vivenciado de modo ativo e

reflexivo, que os estudantes vão saber colocar em palavras e analisar criticamente as explicações culturalmente herdadas dos elementos formais das linguagens artísticas.

Para auxiliar nesse percurso, recomenda-se considerar a ludicidade e a narratividade na relação pedagógica com a criança. O aspecto lúdico remete à ideia de jogo, da intensidade da presença e das interações, de sua potência criativa, de seu aspecto colaborativo (sem classificação como perdedor ou ganhador) e da cultura compartilhada entre pares que caracteriza essa continuidade da vida na infância.

O aspecto da narratividade é trazido à tona no encontro entre educador e educando, trabalhando a contextualização, a historicização, a problematização e a imaginação. Pensar o conteúdo expositivo como uma história a ser narrada, que desperta perguntas, imagens, sons, movimentos, gestos, encenação, traz para o mundo das crianças seu modo mais assentado de construção de conhecimentos. Alternar a exposição com perguntas, atividades, acionando o corpo em movimento, estimulando a criação e o próprio recontar da história é um caminho que mostra para o estudante que a Arte está a seu redor, seja nas experiências informais, seja naquelas mediadas pela escola.

Diferentes formas de organização

A forma como o professor organiza a turma e o espaço da sala de aula constitui fator determinante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando se valoriza a inclusão, a diversidade e a adoção de metodologias ativas. Neves (2014) destaca que o ambiente físico escolar precisa ser repensado para “quebrar a rotina” e favorecer aprendizagens mais significativas e participativas. Ainda, conforme a autora, a disposição do mobiliário e o uso de recursos didáticos vêm carregados de valores e intencionalidades, expressando concepções pedagógicas, visões sobre os estudantes e expectativas de aprendizagem. A disposição dos estudantes pode reforçar práticas de exclusão, daí a necessidade de fazer a adequação do espaço aos diferentes perfis e aos objetivos das atividades propostas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Uma disposição com espaço livre no centro, por exemplo, com cadeiras e mesas encostadas na parede, é ideal para práticas corporais artísticas, como as da seção **Aquecendo**. Esse espaço livre também pode ser usado para que os estudantes estejam em roda, em pé ou sentados no chão. Essa disposição pode ser usada nos trabalhos da **abertura, Nesta unidade, vimos e Mapa da arte**, que oportunizam momentos de diálogo, reflexão e negociação de interpretações em grupo.

A disposição em U ou em círculo estimula o debate e a participação ativa, pois todos podem ver uns aos outros e ao professor. As configurações em U, em círculo ou em grupos pequenos promovem interações mais horizontais, favorecendo a escuta, o diálogo e o trabalho em equipe, pilares das metodologias ativas. Elas são ideais para discussões, levantamento de ideias e avaliações coletivas, como em **Conhecendo arte, Pensando arte, Nesta unidade, vimos e Mapa da arte**.

A disposição em ilhas de trabalho é ideal para trabalho em grupo de artes visuais ou na construção de elementos cênicos, como nas atividades da seção **Fazendo arte**.

Assim, você deve refletir sobre seu estilo de ensino e sobre como o ambiente pode apoiar diferentes estratégias. Essa flexibilidade é fundamental para atender às singularidades dos estudantes e consolidar uma prática pedagógica inclusiva.

III. Inclusão

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A Política Nacional de Educação Especial no Brasil está sustentada por um conjunto expressivo de documentos legais que reafirmam o compromisso com o direito de todos à educação. Entre eles, destacam-se: a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 (Brasil, 1996), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência n. 13.146 (Brasil, 2015) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

A proposta de uma **educação inclusiva** ultrapassa o simples acesso ao ensino regular. Ela se sustenta na **garantia do direito à aprendizagem, à participação ativa e ao pertencimento**

de todos, independentemente de suas necessidades ou condições físicas, cognitivas, sensoriais, sociais ou culturais (Mantoan, 2015). Trata-se, portanto, de proposta que exige das escolas o compromisso com práticas pedagógicas que assegurem **equidade de oportunidades**, reconhecendo e acolhendo a diversidade como princípio formativo. Isso implica a adoção de metodologias diferenciadas, adaptações curriculares, ambientes de aprendizagem acessíveis e formação continuada dos professores.

Para compreender plenamente esse compromisso, é crucial superar visões ultrapassadas que ainda permeiam o imaginário educacional. Tradicionalmente, percorremos um caminho que vai da exclusão (no qual o estudante é completamente impedido de acessar a escola), passando pela segregação (estudantes com deficiência são atendidos, mas em ambientes especializados e separados dos demais) e pela integração (quando o estudante pode acessar a escola regular, mas é ele quem deve se adaptar ao ambiente e ao currículo preestabelecidos, muitas vezes sem o suporte necessário). O paradigma para o qual convergimos é o da inclusão, que inverte essa lógica: é o sistema educacional que se modifica para acolher a diversidade de seus estudantes, eliminando barreiras físicas, atitudinais, comunicacionais e pedagógicas para garantir a participação plena de todos.

Portanto, a verdadeira inclusão vai além da matrícula e da integração física. Ela se efetiva quando reconhecemos que cada estudante aprende de maneira única e, com base nesse princípio, planejamos ações pedagógicas intencionais e criativas que permitam múltiplas formas de participação, expressão e representação do conhecimento, assegurando que todos tenham condições equitativas de aprender e se desenvolver no coletivo.

Metodologias diferenciadas e adaptações curriculares

É fundamental compreender que as adaptações curriculares podem ser classificadas em diferentes níveis: adaptações de acesso ao currículo (modificações no ambiente físico, recursos

materiais e comunicação) e curriculares propriamente ditas (modificações nos objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação e temporalidade).

Nesse sentido, princípios como os do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), presentes nos debates contemporâneos sobre inclusão, oferecem caminhos para eliminar barreiras à participação e à aprendizagem.

O DUA é uma abordagem pedagógica que busca tornar o ensino acessível para todos os estudantes, reconhecendo suas diferenças como ponto de partida para o planejamento. Baseado em evidências neurocientíficas sobre como as pessoas aprendem, fundamenta-se em três princípios fundamentais que dizem respeito ao **engajamento**, à **representação** e à **ação e expressão**.

Considerando as **adaptações curriculares**, os princípios do DUA orientam a oferecer múltiplas formas de engajamento dos estudantes, múltiplas formas de representação das informações por diferentes canais sensoriais (visuais, auditivos, táteis, etc.) e múltiplas formas de ação e expressão do conhecimento, como relatos orais, produções visuais, recursos audiovisuais e encenações (Cast, 20--).

No contexto das **metodologias diferenciadas** ou **estratégias pedagógicas inclusivas**, elas devem garantir a adaptação do ambiente, de métodos e recursos didáticos para a participação e a aprendizagem de todos (Sasaki, 2006), destacando-se:

- a implementação de tecnologias assistivas quando necessário;
- a organização flexível de espaços e tempos de aprendizagem.

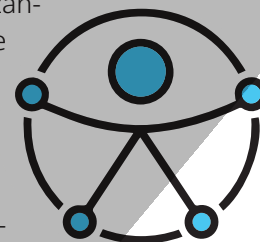
Ambientes acessíveis

A construção de ambientes educativos acessíveis e responsivos às diferentes necessidades dos estudantes passa pelo reconhecimento da diversidade e permite que cada um deles aprenda, respeitando-se sua singularidade.

A adaptação do ambiente escolar envolve modificações na infraestrutura para torná-lo acessível a todos, como sinalização tátil e auditiva, construção de rampas, instalação de elevadores, salas com recursos multifuncionais, adaptação de mobiliário, adequação de banheiros, criação de

espaços sensoriais, entre outras medidas que promovam a autonomia dos estudantes.

Nesse contexto, vale destacar o **Símbolo Internacional da Acessibilidade Universal**, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, que propõe a substituição do símbolo tradicional representado por uma figura de cadeirante, criado em 1986, pois busca a inclusão plena de todas as pessoas com deficiência física, auditiva, visual, intelectual e psicossocial, simbolizando autonomia, participação e igualdade de acesso para todos. Esse novo símbolo representa movimento, progressão e possibilidades, em contraposição à imagem estática anterior.



Eli_Oz/Shutterstock.com

No Brasil, sua adoção vem ocorrendo de forma progressiva em instituições públicas, escolas, universidades, documentos educacionais, materiais didáticos e sinalizações de espaços adaptados, especialmente após a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015).

IV. Avaliação

A avaliação e o planejamento são etapas dependentes no processo de formação curricular e na organização didática das aulas de Arte na Educação Básica. Uma boa avaliação necessita de um planejamento prévio e de uma comunicação assertiva com os estudantes sobre o que se espera deles em cada atividade e momento da progressão pedagógica. Comunicar como eles estão sendo avaliados e a que domínios específicos de cada linguagem artística aquele fazer se dirige é papel do professor. É por isso que se considera que a avaliação tende a direcionar o processo pedagógico, pois estabelece um acordo entre estudantes e professores sobre os principais pontos que devem ser desenvolvidos nas ações educativas conceituais, atitudinais e comportamentais. Para tanto, um aspecto a ser considerado sobre a avaliação é que ela sempre estará diretamente relacionada aos objetivos em qualquer processo pedagógico. Ou seja, avaliar é ter como premissa retornar e responder às questões que são colocadas como objetivos de aprendizagem.

A avaliação propicia uma atitude crítica e reflexiva do estudante, mas também permite acesso, por parte do professor, à dimensão sensível, afetiva e expressiva individualizada de cada educando. Por isso, o objetivo da avaliação é convidar os estudantes a pensar os sentidos de se fazer arte na escola e como a arte transforma a experiência de estar na escola e de fazer parte da comunidade do entorno.

Dessa forma, em Arte, avaliam-se não apenas as produções artísticas dos estudantes, em observações técnicas e de repertório de cada linguagem, nas suas dimensões sonoras, visuais, de movimento e cênica, mas também os aspectos valorativos e atitudinais que permeiam as relações dele consigo mesmo, dele com seus pares e dele com o professor. Não obstante, é possível avaliar outras dimensões da presença da arte na escola por meio de suas reverberações atitudinais com relação à apropriação dos espaços: a ocupação, por meio de exposições e apresentações cênicas e musicais, por exemplo, amplia a noção de pertencimento dos estudantes, que se veem implicados em transformar os modos como a escola os recebe.

Historicamente, o ensino de Arte no Brasil foi marcado pela noção de livre expressão, em que se entendia a produção artística do estudante como fruto de sua mais pura subjetividade, o que dificultava ou impossibilitava uma avaliação objetiva por parte do professor (Barbosa, 2012). Mais do que isso, avaliar, nesse caso, era uma intervenção desnecessária na subjetividade do outro. Esse equívoco na concepção do fazer artístico e do desenvolvimento da linguagem artística tem consequências atitudinais que os autores revelam dificuldade em avaliar os estudantes no componente Arte. Um argumento em favor da avaliação, nesse caso, é compreendê-la como parte da formação integral do estudante e entender que a Arte é também uma prática social, contextualizada e que põe em diálogo aqueles que dela participam, construindo-se, assim, uma comunidade de aprendizagem artística, em que conhecimentos e valores são trocados, negociados e discutidos. Afinal, por ser uma prática educacional, o ensino e a aprendizagem de arte podem ser avaliados.

Outro caminho tomado na educação tem sido o de buscar objetividade na avaliação recorrendo a parâmetros mensuráveis, geralmente relacionados

às técnicas de cada prática artística. Isso leva ao problema de reduzir a amplitude da Arte àquilo que é observável e controlável. Por exemplo, pode-se avaliar o canto pela afinação, pela rítmica e pela correta pronúncia das palavras. Por mais que estes sejam importantes, perde-se de vista, nesse caso, outros aspectos do fazer musical, como o envolvimento pessoal, o sentimento de pertencimento a um coletivo, o aspecto expressivo de se cantar, o sentido daquela música para cada pessoa, a motivação, o engajamento, entre outros. Portanto, a objetividade na avaliação tem o papel de evitar arbitrariedades e de comunicar efetivamente o que se espera do estudante, deixando margem para a escuta atenta de seu processo individual e da construção de significados pelo coletivo.

Ao compreendermos a complexidade dos processos que envolvem conhecer, aprender e experimentar em Arte, pautados tanto pela necessidade de aquisição de vocabulário próprio e instrumentalização para aprendizagem de técnicas específicas quanto pela necessidade de criar e experimentar elementos simbólicos e materiais que escapam à lógica prescritiva e padronizada, possibilitamos aos estudantes a confluência de outras formas de experimentar o mundo. Nesse sentido, ao compreendermos tal complexidade, percebemos a importância de adotar métodos variados para avaliar em Arte, entendendo que os processos dos estudantes são sempre singulares.

Ao longo da coleção, lançamos mão de diferentes caminhos que podem ser combinados, a fim de respeitar os diferentes tempos de aprendizagem e aquisição de conhecimentos por parte dos estudantes. Nas propostas apresentadas, há abertura para que conteúdos sejam aprofundados, ampliados e desdobrados em outras práticas, buscando atender tanto os estudantes que necessitam de maior suporte (por meio de dicas e materiais de apoio indicados no MPU) como aqueles que têm necessidade de processos mais dinâmicos e variados (por meio das práticas que oferecem variações e acréscimos de materiais, técnicas ou referências artísticas adicionais). Com base nesse modo de organizar a apresentação dos conteúdos teóricos e de propor os exercícios de criação e experimentação, levamos em conta a singularidade dos estudantes em seus processos próprios de conhecer,

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

se apropriar ou se interessar pelas variadas linguagens artísticas, fomentando a autonomia em seus percursos formativos.

Outro ponto que corrobora para que a avaliação seja mais plural, abrangente e menos tecnicista ou meritocrática é a consideração e a valorização do contexto. Sabemos, comprovadamente, que avaliar é um ato complexo, mas necessário. Uma avaliação que não olha, em alguma medida, para as especificidades do contexto contribui para os processos de evasão escolar (Tourinho, 2010). Para tanto, a presente coleção não se restringe às contextualizações artísticas ou históricas, próprias de suas diferentes áreas, outrossim, aposta na contextualização social e cultural, que são imprescindíveis para a compreensão dos conteúdos artísticos e o entendimento de sua relevância pelos estudantes da Educação Básica. Destacamos as proposições do box **Pergunta em casa** como um exemplo que abarca tais preocupações em contextualizar os conteúdos estudados, buscando fortalecer vínculos com os familiares e a comunidade e construindo os saberes de modo compartilhado e indissociável da vida.

Os diversos instrumentos de avaliação reunidos nesta coleção visam apontar para o teor qualitativo da avaliação em Arte, o que significa considerar descritivamente o desenvolvimento de cada indivíduo e da turma como um todo, respeitando processualmente particularidades e acompanhando a progressão das aprendizagens.

Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica objetiva mapear o que os estudantes já sabem e o seu repertório próprio de conhecimento, suas dúvidas, seus interesses e suas fragilidades. Ela está geralmente vinculada ao início de um processo pedagógico ou de uma aula, em que se busca conhecer os estudantes em sua relação com o componente curricular Arte. Durante a avaliação diagnóstica, o professor se concentra em observar respostas corporais e sonoras, desenhos, relatos e a disponibilidade da turma para abarcar o tema proposto. França (2014, p. 100) escreve que, mesmo em uma atividade corriqueira, o professor pode se perguntar: “O que [as ações da criança] revelam sobre o que ela já internalizou e, portanto, expressa de maneira autônoma? Que lacunas a serem

cuidadas elas sinalizam? Quais necessidades são apontadas para a construção de novos conhecimentos?”. Dessa forma, o professor pode direcionar o trabalho com o conteúdo a ser estudado na unidade, buscando contemplar características individuais de cada um dos estudantes.

A **abertura da unidade** e a seção **Aquecendo** apresentam elementos que permitem o exercício da avaliação diagnóstica. Na abertura, a avaliação diagnóstica se dá com base na apreciação e na análise comparativa entre as duas imagens apresentadas. A descrição dos elementos das imagens, de seu conteúdo lúdico, estético ou poético e a reflexão do papel da criança e da cultura da infância permitem observar o desenvolvimento de cada estudante em sua individualidade.

Na seção **Aquecendo**, a avaliação diagnóstica ocorre por meio de atividades práticas de sensibilização e exploração do corpo e da ludicidade. Assim, é possível identificar o conhecimento prático da criança e suas disposições atitudinais no que diz respeito à participação em atividades coletivas e de criação.

Avaliações formativa e somativa

A avaliação formativa ocorre ao longo do processo educacional, gerando novas ações pedagógicas que retroalimentam novas propostas de aferição. Esse processo contínuo e em espiral visa à continuidade das aprendizagens e ao constante diálogo entre professor e estudantes. Outra de suas funções é a inclusão dos estudantes e a regulação das aprendizagens. Dessa forma, o professor pode, sistematicamente, ajustar suas práticas pedagógicas às necessidades de cada criança. Recomendamos que faça registros por meio da escrita, gravação em áudio, vídeo, fotografias do desenvolvimento dos estudantes para que o acompanhamento seja sistemático. De acordo com Alves e Acevedo:

A avaliação deve levar em consideração as demandas, os interesses e os problemas do educando avaliado, por considerar que ele está em uma situação de exigência especial, mas que, entretanto, visa seu benefício. A partir das possibilidades que oferece

o meio, o avaliador deve confrontar seu critério com o do avaliado. Na medida em que o docente tiver construído suas considerações, ele estabelece trocas com o estudante para negociar suas conclusões e recomendações. Esta ação comunicativa faz parte da avaliação, já que contribui para as construções de aprendizagem significativas social e culturalmente, com uma posição crítica que permite uma transformação real, tanto do avaliado como do avaliador (Alves; Acevedo, 2002, p. 68).

As autoras comentam que o estudante, durante a avaliação, está em uma situação especial, que pode gerar um sentimento incômodo de ser observado, mas que essa ação visa a seu crescimento pessoal. De certa forma, o estudante também deve se abrir para os processos avaliativos para tirar o maior proveito deles, no sentido de ter um retorno individualizado sobre sua trajetória formativa que aponte os próximos caminhos a seguir. Alves e Acevedo (2002) apontam também para o fato de que a avaliação visa à ação comunicativa com o estudante, que inclui negociações e reflexão crítica, permitindo que ambas as partes sejam transformadas por esse processo.

No componente Arte, mesmo em uma etapa de fechamento do conteúdo estudado, a avaliação formativa permanece relevante por ter a função de sustentar os percursos de aprendizagem e proporcionar ajustes contínuos que se estenderão aos próximos conteúdos trabalhados. Isso significa que há continuidade no processo avaliativo mesmo quando se trata de uma avaliação artística para outra, quando se trata de uma avaliação interdisciplinarmente ou com artes integradas.

A avaliação somativa, por sua vez, visa sistematizar processos individuais, coletivos, de natureza conceitual e prática. É crucial evitar o caráter punitivo na atribuição de notas ou conceitos e exercitar com o estudante a reflexão de seus processos. Nessa etapa, é importante celebrar o sensível, o criativo, a colaboração, o ajuste de conduta atitudinal, a prática de valores democráticos e cidadãos e a conquista de competências e habilidades no nível adequado para cada faixa etária.

Na etapa final da unidade, as seções **Fazendo arte**, **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte** são destinadas à etapa de avaliação formativa e

somativa dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos durante os estudos. Destinam-se ainda à autoavaliação dos estudantes dos conhecimentos adquiridos ao término da unidade.

Portfólio e diário de bordo

Ao realizar as atividades práticas, estabeleça uma rotina de criação de registros para a formação de um portfólio, que poderá servir de instrumento avaliativo no decorrer do ano letivo. Essa é uma ferramenta útil para acompanhar o desenvolvimento de habilidades e competências. Funcionando como um arquivo pessoal que demanda curadoria, você pode registrar as atividades de aquecimento, de leitura de imagens, de projetos em grupo e de produções artísticas. Durante as produções, é interessante registrar o processo criativo e colaborativo, não apenas a produção final.

Periodicamente, é recomendável compartilhar trechos selecionados de seu portfólio com os estudantes, em uma proposta de avaliação formativa. O portfólio também pode ser um recurso valioso caso a turma passe por um momento difícil de mediação ou de desinteresse, resgatando processos e produtos bem-sucedidos que tragam de volta a motivação e a colaboração entre todos.

Em tempos de excessiva exposição nas redes sociais, tenha o cuidado de diferenciar o portfólio da cultura das redes, mesmo aproveitando a familiaridade dos estudantes com dispositivos tecnológicos e com o ser fotografado e filmado. Considere, quando for o caso, fazer a discussão sobre exposição da vida pessoal, redes sociais e preservação de direitos da criança e do adolescente, principalmente o direito à intimidade e privacidade.

O diário de bordo pode auxiliar no processo de documentação contínua, trazendo descrições, reflexões e problematizações do processo pedagógico sob seu ponto de vista. Registrar as dificuldades e potencialidades para, com o tempo, observar a evolução da turma e do processo pedagógico é valioso não só para a avaliação dos estudantes como também para a autoavaliação do professor. Com o diário de bordo, você pode manter anotações individualizadas sobre casos que necessitam de sua atenção, bem como registrar a construção de uma relação mediada com os familiares nas reuniões pedagógicas de encontro com a família.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Autoavaliação

Na autoavaliação, o estudante é o sujeito que faz a avaliação, com base na mediação do professor. Esse é um recurso poderoso para dar voz aos estudantes, e para isso eles precisam se sentir seguros de que suas opiniões e visões de mundo sejam acolhidas. Esse procedimento desencadeia não apenas um processo reflexivo crítico, mas também a dimensão sensível, afetiva e corporal. Relembrar a própria participação nos processos artísticos formativos, como aqueles experimentados em **Fazendo arte**, leva os estudantes a reviver aquelas experiências, agora com um olhar apreciativo e de resignificação.

Quando utilizada durante o processo, a autoavaliação pode facilitar mudanças atitudinais e no percurso de aprendizagem. Por exemplo, em **Aquecendo**, o aspecto atitudinal é bastante relevante, pois o trabalho com o conteúdo está apenas no início e já é possível ajudar os estudantes a dar sentido àquela experiência de forma positiva, lúdica e sensível. Após as produções artísticas, a roda de conversa é uma boa oportunidade de autoavaliação e compartilhamento de processos individuais. Além do **Fazendo arte**, são oportunidades para essa autoavaliação as seções **Nesta unidade, vimos** e **Mapa da arte**.

V. Matriz de planejamento

O planejamento pedagógico é um elemento central para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. As matrizes de planejamento funcionam como ferramentas organizacionais que ajudam a estruturar suas práticas de forma sistemática e intencional, garantindo que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados de maneira progressiva e coerente.

A matriz de planejamento de rotina orienta a organização das atividades cotidianas, estabelecendo uma sequência lógica que favorece a aprendizagem e otimiza o tempo pedagógico.

Já a matriz de sequência didática permite o desenvolvimento aprofundado de conteúdos específicos ao longo de várias aulas, articulando diferentes estratégias e recursos para consolidar conhecimentos.

Ambas devem ser flexíveis e adaptáveis às necessidades da turma, considerando os diferentes ritmos de aprendizagem, as particularidades do contexto escolar e as diretrizes da BNCC.

A seguir, apresentamos modelos estruturais dessas matrizes que podem ser personalizados conforme a realidade de cada escola.

Matriz de planejamento de rotina

Período	Atividade/momento	Objetivos	Recursos	Duração	Observações
Acolhida	Roda de conversa inicial	Promover integração e diagnóstico inicial	Espaço circular, materiais de apoio	15 min	Verificar presença e estado emocional
Ativação	Aquecimento corporal e sensibilização	Ativar conhecimentos prévios	Jogos, desafios rápidos	10 min	Adaptar ao nível da turma
Desenvolvimento	Apresentação do conteúdo	Introduzir/sistematizar conceitos e práticas	Livro didático, materiais concretos	25 min	Utilizar diferentes estratégias
Prática	Atividades dirigidas	Consolidar aprendizagem	Exercícios, atividades práticas	20 min	Acompanhar individualmente
Sistematização	Síntese e registro	Organizar conhecimentos	Caderno, quadro, roda de conversa	10 min	Garantir compreensão
Fechamento	Avaliação do dia	Verificar aprendizagem	Autoavaliação, <i>feedback</i>	10 min	Preparar próxima aula

Matriz de sequência didática

Componente	Descrição	Detalhamento
Identificação	Dados gerais da sequência	Ano, componente curricular, duração total, número de aulas
Tema/conteúdo	Objeto de conhecimento central	Conteúdo principal e subtemas relacionados
Justificativa	Relevância pedagógica	Por que trabalhar este conteúdo neste momento
Objetivos	Geral: meta ampla da sequência	O que se pretende alcançar ao final
	Específicos: metas de cada etapa	Objetivos parciais de cada aula/momento
Habilidades BNCC	Códigos e descrições	Competências e habilidades a serem desenvolvidas
Conhecimentos prévios	Pré-requisitos necessários	O que os estudantes já devem saber
Recursos necessários	Materiais e equipamentos	Lista completa de recursos didáticos
Desenvolvimento	Aula 1: problematização inicial	Atividades de sensibilização e diagnóstico
	Aula 2: desenvolvimento I	Apresentação e exploração do conteúdo
	Aula 3: desenvolvimento II	Aprofundamento e prática dirigida
	Aula 4: sistematização	Organização e registro dos conhecimentos
	Aula 5: avaliação/aplicação	Verificação da aprendizagem
Avaliação	Instrumentos e critérios	Como e quando avaliar o processo
Produtos esperados	Resultados da aprendizagem	O que os estudantes produzirão
Bibliografia	Referências utilizadas	Fontes teóricas e materiais de apoio
Adaptações	Estratégias inclusivas	Adequações para diferentes necessidades

VI. Planejamento anual

O planejamento de um cronograma, de acordo com as necessidades de cada escola, é algo fundamental para que as aulas sejam bem aproveitadas e os estudantes tenham tempo suficiente para a realização das propostas. A seguir, sugerimos um planejamento que pode ser semestral, trimestral ou bimestral. Essa flexibilidade permite organizar as unidades da coleção da forma mais adequada ao seu contexto escolar.

	Cronograma		Unidades
Bimestre	1º bimestre	1ª a 10ª semana	1 e 2
	2º bimestre	11ª a 20ª semana	3 e 4
	3º bimestre	21ª a 30ª semana	5 e 6
	4º bimestre	31ª a 40ª semana	7 e 8
Trimestre	1º trimestre	1ª a 13ª semana	1, 2 e 3
	2º trimestre	14ª a 26ª semana	3, 4, 5 e 6
	3º trimestre	27ª a 40ª semana	6, 7 e 8
Semestre	1º semestre	1ª a 20ª semana	1, 2, 3 e 4
	2º semestre	21ª a 40ª semana	5, 6, 7 e 8

VII. Organização da coleção

O livro didático é uma ferramenta estratégica de apoio no processo de ensino-aprendizagem de Arte. No âmbito do ensino, deve auxiliar na organização e no planejamento das aulas e, no âmbito da aprendizagem, atuar como um interlocutor qualificado para o estudante, contribuindo efetivamente para sua formação integral e seu desenvolvimento de práticas e saberes artísticos. Nesta coleção, essa ferramenta é articulada em torno de eixos transversais e poéticos que conferem unidade e profundidade aos cinco volumes.

Proposta pedagógica

Os volumes são estruturados com base em um **eixo transversal e poético**, composto de uma palavra de amplo significado que retroage sobre si mesma, possibilitando um jogo de linguagem que oportuniza a experiência sensorial, lúdica e simbólica da aprendizagem em Arte. A inspiração para a utilização desse sentido recursivo vem do filósofo e educador Edgar Morin (2011-2013), que propõe a construção em movimento dos sentidos e dos conhecimentos com base na palavra que olha para si mesma. Esse tipo de estrutura permite uma ampla gama de procedimentos pedagógicos organizados progressivamente, além de possibilitar a concatenação de expressões culturais e artísticas entre os diversos campos da Arte, de diferentes tempos e localidades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Volume	Eixo
1º ano	Vida da vida
2º ano	Sentido do sentido
3º ano	Terra da terra
4º ano	Ideias das ideias
5º ano	Humanidade da humanidade

O significado do tema **Vida da vida**, no Volume 1, pode ser entendido como aquilo que faz tudo existir, crescer e se transformar. É a parte invisível, mas importante, que está em tudo o que é vivo. Os artistas muitas vezes tentam mostrar a

vida da vida em suas obras: nas cores que escolhem, nas formas que criam, nos movimentos de uma dança, na música que emociona ou nas esculturas que parecem respirar. Na Unidade 2 – **O que o meu corpo expressa?**, enfatizamos essa relação na atividade proposta para a seção **Aquecendo**, que ativa a percepção corporal por meio dos movimentos do corpo com base na intervenção de elementos da natureza.

No Volume 2, o eixo **Sentido do sentido** direciona o trabalho para a exploração dos cinco sentidos, bem como para os aspectos sensório-motor de deslocamento do espaço e da qualidade de movimento do corpo. A Unidade 1 – **Que sons estão ao redor?** convida o estudante a explorar e vivenciar o conceito de paisagem sonora, propondo uma atividade de escuta do ambiente na seção **Aquecendo**, por exemplo. Na Unidade 3 – **Qual é o som do teatro?**, trabalha-se também o som, mas para compreender os elementos sonoros de uma obra teatral.

O eixo que estrutura o Volume 3 é **Terra da Terra**, no qual podemos explorar a materialidade dos objetos artísticos; sons, movimentos, cores e narrativas da natureza e dos animais; além da Terra como um patrimônio humano comum, que deve ser cuidada. Na Unidade 4 – **Quando a arte encontra a terra?**, os estudantes vão conhecer o movimento artístico Arte da Terra (*Land Art*) e experimentar uma caminhada para observar elementos pelo caminho.

O eixo **Ideias das ideias** é apresentado no Volume 4, permitindo uma reflexão sobre a própria criação artística, estabelecendo um jogo entre ideia, imaginação, valores e práticas artísticas. Na Unidade 3 – **Vamos jogar com o corpo e com a voz?**, são exemplificadas as variações da noção de atuação, ressaltando algumas das diferenças entre o trabalho dos atores no Oriente e no Ocidente. Na Unidade 2 – **Como se cria um movimento?**, contextualiza-se o *hip-hop*, que reúne diversas linguagens artísticas em torno de um protagonismo cultural periférico, como uma forma de expressão e convivência. Ao estudar os valores específicos das manifestações artísticas, é possível acessá-los por meio da interculturalidade crítica e abrir novos horizontes de sentido para os estudantes em suas práticas artísticas.

No Volume 5, cujo eixo transversal é **Humanidade da humanidade**, é oportunizada uma reflexão sobre condição humana, convivência, coletividade, histórias de vida e de família, referenciada em manifestações artísticas e culturais relevantes. Na Unidade 4 – **Que histórias você deixa no mundo?**, os estudantes são convidados a refletir sobre as histórias familiares e as tradições ancestrais por meio de obras de Jaider Esbell, Helena Coelho e Julian Germain.

Além dos eixos que norteiam os volumes, a coleção se organiza de modo sistemático. Cada volume contém oito unidades; cada uma delas dedicada a uma linguagem artística, na seguinte ordem: música, dança, teatro e artes visuais; com a repetição das linguagens nessa mesma sequência. As artes integradas estão contempladas em seções específicas dentro das unidades. Conteúdos tradicionalmente construídos como interlinguagens – por exemplo, *hip-hop*, *performance*, audiovisual, manifestações tradicionais brasileiras –, bem como elementos de sonoplastia, cenário e figurino, são tratados por meio de uma linguagem artística específica e ampliados para as demais conforme o escopo do trabalho. A progressão em espiral dos conteúdos e práticas artísticas

eventualmente leva uma mesma manifestação cultural ou prática artística a ser abordada em mais de uma unidade de linguagens artísticas diferentes, ampliando os modos como ela pode ser estudada e contextualizada.

As unidades são elaboradas em consonância com as competências gerais da Educação Básica, as competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades mencionadas na BNCC para os anos iniciais do componente curricular Arte. Adicionalmente, são consideradas as competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, no papel que as diversas coleções do segmento têm em auxiliar o letramento “de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (Brasil, 2018, p. 67-68).

As unidades incluem de três a seis habilidades de Arte da BNCC. Além disso, são incluídas propostas artístico-pedagógicas que garantam, ao longo dos volumes, a abordagem das competências gerais e das específicas de Linguagens e de Arte.

Quadro de conteúdos

Os quadros a seguir trazem as competências gerais e as específicas de Linguagens e de Arte, as habilidades e os TCTs, de modo a facilitar a visualização dos eixos temáticos e da organização da BNCC na coleção.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Volume 5 DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 1 – O que toca sua vida?			
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer referências de tradição narrativa na música. • Explorar as possibilidades lúdicas de músicas e das letras de canções. • Conhecer e explorar a cantiga popular. • Conhecer e praticar a técnica do canto responsório. • Criar e praticar música em grupo. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16 e EF15AR17		
Competências gerais	1, 3, 4 e 6	Competências específicas de Arte	1, 3, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 2 – O que meu corpo expressa?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e nomear as partes do corpo. • Compreender como utilizar o corpo como forma de expressão. • Reconhecer a linguagem corporal utilizada no dia a dia e nas expressões artísticas. • Apreciar formas diferentes de dançar. • Experimentar movimentos corporais diversos, para ter consciência de sua linguagem corporal. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4 e 8
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 3 – Como contar histórias?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar e conhecer referências de tradição narrativa. • Explorar as possibilidades de contação de histórias com base em experiências individuais e coletivas. • Conhecer o papel dos griôs e analisar a importância dessas figuras tradicionais para a comunidade em que estão inseridas. • Identificar e experimentar possibilidades de intersecção entre o gesto de contar histórias e a ideia de teatralidade. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22		
Competências gerais	3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo.

Unidade 4 – Como se expressar por meio do desenho?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as potencialidades da linguagem do desenho para além de estereótipos ou cânones. • Explorar possibilidades de criação em desenho, usando materiais não convencionais. • Ampliar o repertório imagético dos estudantes por meio de produções de artistas contemporâneos e imagens diversas. • Trabalhar concepções de arte e criação por meio da apresentação de diferentes artistas, bem como de práticas orientadas. • Fruir as imagens artísticas e os trabalhos produzidos em sala de aula. 		
Habilidade	EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05 e EF15AR06		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 7, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente.

Unidade 5 – Qual é o som da fala?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar um passeio sonoro multicultural por idiomas diversos. • Reconhecer as direções do som – ascendente e descendente. • Apresentar a propriedade do som altura – grave e agudo. • Ampliar o repertório musical e cultural dos estudantes. • Valorizar diferentes culturas. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16, EF15AR17, EF15AR23, EF15AR24, EF15AR25 e EF15AR26		
Competências gerais	1 e 4	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 6 – Dançar também é brincar

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar diferentes formas de movimentação corporal. • Reconhecer manifestações da dança presentes em brincadeiras tradicionais brasileiras, valorizando saberes culturais diversos. • Compreender de maneira introdutória a contribuição de Isadora Duncan para a dança, identificando aspectos de sua proposta artística que valorizam a liberdade do corpo e a expressividade individual. • Vivenciar a dança como prática lúdica e expressiva, favorecendo a integração entre movimento, emoção e imaginação no contexto escolar. • Criar e experimentar movimentos corporais nos planos alto, médio e baixo, desenvolvendo a percepção espacial e a expressividade por meio da improvisação e da composição criativa. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Meio Ambiente; Saúde.

Unidade 7 – Existe teatro no dia a dia?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Apreciar e compreender o teatro de animação com bonecos e objetos. • Compreender como se constrói uma narrativa utilizando objetos do cotidiano. • Ampliar a noção de contação de histórias e de teatralidade com base em experiências na sala de aula e nos contextos comunitários dos estudantes. • Produzir experiências criativas nas quais os estudantes possam aplicar as motivações e os procedimentos aprendidos. • Agregar referências artísticas no processo de aprendizagem acerca da linguagem teatral. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR22 e EF15AR24		
Competências gerais	1, 3, 4, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 6 e 8
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 5 e 6	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente; Ciência e Tecnologia.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Unidade 8 – É possível desenhar com o corpo?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Expandir as possibilidades de pensar e experimentar a linguagem do desenho. • Estudar os elementos da linguagem visual: linha, ponto, textura e forma. • Conhecer grafismos de alguns povos indígenas. • Ampliar o repertório artístico dos estudantes por meio do conhecimento de diferentes artistas. • Experimentar o desenho gestual. 		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR03, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR07, EF15AR23 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 5 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente; Cidadania e Civismo.

Volume 2

Unidade 1 – Que sons estão ao redor?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a intensidade sonora. • Diferenciar sons fortes de sons fracos. • Compreender o que é o silêncio. • Compreender e identificar o conceito de paisagem sonora. • Experimentar a criação em música. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16, EF15AR17 e EF15AR26		
Competências gerais	1, 3, 4, 7, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 5, 7 e 8
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Meio Ambiente; Saúde; Cidadania e Civismo.

Unidade 2 – Para que lado você dança?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os aspectos histórico, simbólico e cultural da ciranda como manifestação tradicional brasileira, reconhecendo suas origens, seus significados e sua importância como expressão coletiva de identidade e de pertencimento. • Investigar e explorar os elementos constitutivos da ciranda, como o ritmo, o canto, a circularidade e a interação entre os participantes. • Desenvolver, de forma colaborativa, uma sequência coreográfica inspirada na ciranda, valorizando a criação coletiva, a escuta do grupo e a experimentação de movimentos no espaço circular. • Vivenciar a dança em grupo, experimentando a escuta sensível, o respeito ao tempo do outro, o contato visual e corporal, a coordenação motora e o senso de coletividade proporcionados pela dança em roda. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11 e EF15AR12		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 3 – Qual é o som do teatro?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Abordar experiências de som e musicalidade da linguagem teatral. • Refletir sobre possibilidades de combinação das atividades musical e teatral, por meio de exemplos de artistas e de composições cênico-musicais. • Experimentar exercícios de sensibilização como forma de aprofundar a percepção estética, utilizando recursos existentes em sala de aula. <p>Para os estudantes que a música e a composição sonora são elementos fundamentais para o teatro, pois favorecem a emoção das narrativas teatrais.</p>		
Habilidades	EF15AR17, EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21, EF15AR23 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Cidadania e Civismo; Ciência e Tecnologia.

Unidade 4 – Quais são as cores da sua vida?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer artistas visuais, enfatizando suas relações com as cores. • Reconhecer e valorizar a importância das festas tradicionais no mundo e no Brasil, em especial o Carnaval, tratando de sua importância histórica e cultural. • Realizar experimentações artísticas que despertem o senso cromático dos estudantes, explorando diferentes materiais. • Ampliar o repertório visual dos estudantes por meio do estudo de imagens de diferentes linguagens artísticas. 		
------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06 e EF15AR07		
Competências gerais	1, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente.

Unidade 5 – Tem música aqui?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer três manifestações culturais brasileiras que utilizam a percussão corporal: a catira, o coco e o xaxado. Apreciar essas manifestações culturais como práticas que integram canto, dança e sons feitos com partes do corpo e com instrumentos musicais específicos. Compreender duração, propriedade do som. Conhecer e experimentar as técnicas da manufatura e da alternância de pés. Experimentar a manifestação artística coco utilizando sons do corpo. 		
Habilidades	EF15AR13, EF15AR14, EF15AR15, EF15AR16, EF15AR17, EF15AR23, EF15AR24 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4 e 9	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 6 – Quem samba na roda?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender o samba de roda enquanto manifestação cultural. Experimentar movimentos improvisados com o corpo. Refletir sobre a importância da cultura popular e do pertencimento. 		
Habilidades	EF15AR08, EF15AR09, EF15AR10, EF15AR11, EF15AR12 e EF15AR25		
Competências gerais	1, 3, 4, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 7, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCT	Multiculturalismo.

Unidade 7 – Quais são os espaços do teatro?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender o uso dos espaços como elemento significativo da construção da cena e da relação entre palco e plateia. Conhecer e identificar espaços cênicos relevantes ao longo da história do teatro: os anfiteatros gregos, o palco italiano renascentista (que se mantém como formato de cena até os dias atuais), o Teatro Oficina (SP) e seu espaço de passarela, projetado por Lina Bo Bardi e Edson Elito, referência no teatro brasileiro nacional, entre outros, convencionais e não convencionais, comentados ao longo da unidade. Explorar e perceber os espaços possíveis da sala de aula, relacionando-os com os espaços da cena. Experimentar o corpo-voz no espaço como elemento básico da linguagem teatral. Apreciar e conhecer o trabalho do Grupo Galpão, percebendo a criação de diversos espaços cênicos em seus espetáculos. Introduzir os conceitos de materialidades da cena para além das sonoridades, do corpo-voz dos atores e do espaço cênico: o que é cenário, objeto cênico, figurino, maquiagem e iluminação. Criar e investigar ludicamente, dando novos usos a materiais recicláveis, de sucata e da natureza, compondo com essas materialidades espaços cênicos de brinquedo e cenas imaginárias de peças teatrais. 		
Habilidades	EF15AR18, EF15AR19, EF15AR20, EF15AR21 e EF15AR22		
Competências gerais	1, 3, 4, 7, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 3, 4, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3 e 5	TCTs	Multiculturalismo; Meio Ambiente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 8 – Como eu me vejo?

Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Identificar os gêneros retrato e autorretrato em diferentes linguagens das artes visuais.• Refletir sobre aspectos identitários e estilísticos relacionados às produções artísticas.• Apreciar manifestações das artes visuais tradicionais e contemporâneas.• Explorar as possibilidades de acessar museus e outros aparelhos culturais de modo virtual.• Experimentar a pintura com o corpo e a pintura em um suporte não convencional.• Explorar a monocromia.		
Habilidades	EF15AR01, EF15AR02, EF15AR04, EF15AR05, EF15AR06, EF15AR07 e EF15AR26		
Competências gerais	1, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10	Competências específicas de Arte	1, 2, 3, 4, 5, 8 e 9
Competências específicas de Linguagens	1, 2, 3, 4, 5 e 6	TCT	Multiculturalismo.

Estrutura da coleção

Para oportunizar a realização da proposta artístico-pedagógica da coleção, ela foi organizada em seções, subseções e boxes. Por meio das seções, é possível planejar o espaço das atividades e segmentar os conteúdos e práticas vivenciados a cada encontro. As subseções dão apoio conceitual, pois nelas o conteúdo é trabalhado de modo mais aprofundado. Os boxes entram como indicações complementares, dicas, orientações, ampliação de repertório, para facilitar a sistematização de conhecimento. Ao utilizar a mesma estrutura organizacional para todas as linguagens artísticas, além de contemplar a integração entre as artes ao longo das unidades e em seções específicas identificadas como **Artes integradas**, torna-se possível estabelecer rotinas de trabalho que tenham por um roteiro familiar e construtivo, facilitando aos estudantes o reconhecimento de padrões e as progressões didáticas em cada unidade.

Abertura

O título que conduz a unidade é apresentado com duas imagens e atividades de avaliação diagnóstica, com ênfase na descrição das imagens, no levantamento de repertório prévio dos estudantes e na associação com a vida cotidiana, familiar e escolar. As imagens incluem obras de arte, além de registros de expressões artísticas e culturais e de práticas das culturas infantis. O exercício comparativo na leitura de imagens oferece aos estudantes a oportunidade de exercitar a interpretação, a crítica, a contextualização

e a apuração dos elementos visuais. A abertura conta também com o box **Nesta unidade, você vai**, que indica os objetivos de aprendizagem da unidade.

Aquecendo

Apresenta uma atividade de experimentação, desenvolvida passo a passo. A prática pode ser de aquecimento, de sensibilização, de preparação do corpo, de exploração do espaço, de jogo, entre outras, para chamar a atenção sobre o assunto estudado. É elaborada tendo em vista sua repetição, com variações, a fim de consolidar as habilidades em seus aspectos práticos (considerando que a prática só se desenvolve por experiências continuadas).

Conhecendo arte

Apresenta texto expositivo, com análise de imagens, contextualização, elementos da linguagem artística estudada, contemplando as habilidades teóricas da BNCC mobilizadas na unidade. As obras de arte e as imagens escolhidas compõem com o texto expositivo uma experiência de apreciação e fruição artística, contextualizando fenômenos de acordo com a vivência dos estudantes e propondo reflexões conectadas com a realidade deles. Pode ser conduzida como uma narração, com a participação ativa dos estudantes. Incluir perguntas pontuais que estimulem a participação dos educandos e que possibilitem o acompanhamento formativo deles é uma boa ideia. Quando há uma continuação após o **Pensando arte**, a seção retorna com o nome **Conhecendo mais arte**.

Pensando arte

Seção de atividades, com questões dissertativas, discussões em grupo e atividades práticas. As atividades podem ser feitas individualmente ou em grupo, oralmente ou por meio da escrita e do desenho. Nelas, são trabalhadas as habilidades da BNCC, o contexto social dos estudantes e os aspectos práticos da linguagem artística em foco. As atividades permitem a condução de uma avaliação formativa, relacionando conhecimentos conceituais e práticos.

Maleta de artista

Subseção que apresenta um descritivo da materialidade e seu uso em uma expressão artística. O material pode ser algo comumente associado à produção artística. Material é tudo aquilo que pode ser “manipulado”. Não necessariamente é algo físico, palpável. Por exemplo, é possível manipular as alturas do som, uma parte do corpo, uma relação com o espaço, um enquadramento de imagem ou uma composição imagética. O trabalho consistente com a materialidade da prática artística e sua manipulação permite aos estudantes formar uma base de recursos para a construção de sua expressão.

Expressão de artista

Subseção que descreve um aspecto expressivo de um artista, uma obra ou uma manifestação artística. Inclui a análise de um gesto corporal, de um trecho musical, de um recorte imagético. Um aspecto expressivo é aquele que pode ser relacionado também a um sentimento, como saudade, alegria, tristeza e surpresa, ou a algum aspecto afetivo de sociabilidade, como enraizamento, pertencimento, ancestralidade, entre outros.

Artes integradas

Texto expositivo, com imagens e contextualização de uma abordagem integradora entre as linguagens artísticas, seja em uma visão da arte contemporânea, seja em uma interpretação da cultura popular e dos saberes tradicionais.

O mundo que nos cerca

Abrange temas que propiciam a reflexão dos estudantes sobre princípios éticos, democráticos e inclusivos, com base nos TCTs. Apresenta imagens que relacionam questões contemporâneas, vida social dos estudantes e conteúdos estudados.

Atitudes que transformam

De caráter interdisciplinar, possibilita práticas reflexivas e ações voltadas para a cidadania, relacionadas ao TCT trabalhado na seção **O mundo que nos cerca**. Propõe uma ação social com protagonismo dos estudantes, envolvendo comunidade escolar e/ou entorno.

Universo digital

Com foco no letramento digital, traz assuntos relevantes para os estudantes e propostas práticas ou de reflexão que envolvem as tecnologias de informação e comunicação, seus limites, benefícios e cuidados que devem ser tomados.

Fazendo arte

Atividade de produção artística que retoma conceitos da unidade de forma ampla e evidencia a criação artística. Envolve avaliação do processo e da produção, levando os estudantes a refletir sobre trabalho coletivo, sobre a produção dos colegas e sobre a própria atuação. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Nesta unidade, vimos

Retoma os principais conceitos e conteúdos trabalhados na unidade. É finalizada com questões que possibilitam verificar o entendimento dos estudantes sobre temas estudados. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Mapa da arte

Atividade de síntese e avaliação da unidade. Combina palavras-chave com ilustrações. É uma apresentação gráfica do percurso de aprendizagem que relaciona os diversos conteúdos em uma proposta de ligação de saberes. O estudante toma parte ativa do mapa mental, completando com as próprias perspectivas e se colocando como

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

protagonista no universo da arte. Propicia a avaliação formativa e somativa.

Boxes

Quem é/foi...?

Texto biográfico sobre o artista ou grupo artístico em que se busca valorizar a pessoa por trás da produção artística, mostrando sua fotografia, sua trajetória e sua importância no cenário artístico.

O que é...?

Traz conceitos-chave que os estudantes devem compreender ao estudar a unidade.

Pergunta em casa

Atividade que propõe a interação com a família e a comunidade. Os estudantes registram impressões das pessoas com que convivem e retornam para a sala de aula, para compartilhar com os colegas de turma. Essa troca de repertório busca incluir o entorno dos estudantes no processo educacional e despertar neles as potencialidades e aprendizagens que podem ter em casa e na comunidade, seja com saberes formalizados, seja por acúmulo de vivências.

Para ir mais longe

Sugestões de sites, livros, vídeos, filmes, músicas e visitas guiadas para ampliação de repertório.

Dica

Contém dicas para auxiliar os estudantes a entender algum conceito ou fazer alguma atividade.

VIII. REFERÊNCIAS DA EDITORA DO BRASIL comentadas

ALMEIDA, F. S. *Dança relando: arte, educação e infância*. Curitiba: Summus, 2022.

Obra colaborativa que apresenta intervenções pedagógicas realizadas com crianças em ambientes escolares, integrando dança, música, poesia, cultura popular e tecnologias.

ALVES, E.; ACEVEDO, R. *La evaluación cualitativa: reflexión para la transformación de la realidad educativa*. Caracas: Petroglifo Producciones, 2002.

Na obra, as autoras apresentam uma visão sistemática de avaliação no contexto escolar. Com foco na avaliação qualitativa, elas apresentam definições pertinentes para os principais tipos de avaliação utilizados no ensino formal.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

A autora comenta a abordagem triangular para o ensino da Arte, fazendo um balanço de sua trajetória desde as primeiras implementações em 1980. Referência na área, essa abordagem tem sido ponto de partida para construção de políticas públicas e currículos na área de Arte.

BARBOSA, A. M. *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Na obra, a autora revisita as principais tendências do ensino de Arte no Brasil, desde o século XIX até a implementação da ideia de Arte-Educação no Brasil.

BERTAZZO, I. *Gesto orientado: reeducação do movimento*. São Paulo: Senac, 2014.

A obra explora a importância do gesto na comunicação e propõe exercícios para a reeducação do movimento, visando aprimorar a expressão corporal.

BOAL, A. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

No livro, organizado em forma de manual, é possível compreender os contextos de criação do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e acompanhar diversas sequências de jogos teatrais que podem ser realizados por qualquer pessoa, envolvendo noções importantes para o saber-fazer teatral.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 28 maio 2025.

A BNCC define as competências, habilidades e objetivos de aprendizagem que devem orientar o ensino em todas as etapas da Educação Básica, incluindo o componente curricular Arte. No campo da dança, o documento valoriza a experimentação, a apreciação e a reflexão sobre diferentes manifestações corporais, considerando a diversidade cultural brasileira.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. [Brasília, DF]: MEC: CNE, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

O documento aborda os processos avaliativos a serem realizados pelos professores, traz a seção "As múltiplas infâncias e adolescências" e apresenta as características dos estudantes da faixa etária.

BRASIL. *Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 maio 2025.

Por meio do link informado, você pode acessar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação decretada em 20 de dezembro de 1996, que rege a Educação Básica no país.

BRASIL. *Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 9 ago. 2025.

A lei busca assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB n. 7, de 14 de dezembro de 2010*. [Brasília, DF]: MEC: SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

Estabelece diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, promovendo acesso, inclusão, qualidade e equidade na Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 9 ago. 2025.

O documento detalha os TCTs, analisando o desenvolvimento histórico desse aparato conceitual da Educação Básica e direcionando as possibilidades de se trabalhar com ele em articulação com os demais conteúdos definidos pela BNCC.

BRITO, T. A. de. *Quantas músicas tem a Música? ou Algo estranho no museu!* São Paulo: Peirópolis, 2009.

O livro faz um panorama multicultural em que é possível ler e ouvir músicas de diversos países, incluindo algumas feitas por crianças brasileiras. A autora destaca instrumentos característicos de cada música trabalhada.

BRITO, T. A. de. *Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Bruto faz reflexões sobre o fazer musical baseado na escuta das produções sonoras e das ideias de músicas que as próprias crianças têm sobre o que elas produzem, compreendendo a música como um jogo.

CABRAL, B. Â. V. *Drama como método de ensino*. São Paulo: HUCITEC, 2012.

Nesta obra, podemos acompanhar uma das muitas possibilidades metodológicas de trabalho com ensino-aprendizagem de teatro desenvolvida no Brasil, aqui com origem no drama inglês. Processos de drama são descritos minuciosamente e os elementos que o compõem também.

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

A obra aborda a importância de experimentar os espaços da cidade por meio da caminhada como uma prática artística e ativa.

CAST. *Universal Design for Learning*. Lynnfield: Cast, [20--]. Disponível em: <https://www.cast.org/what-we-do/universal-design-for-learning/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Traz informações sobre o *Design Universal* para a Aprendizagem (DUA), que tem por finalidade criar ambientes de aprendizagem inclusivos.

CORRÊA, J. F.; SANTOS, V. L. B. dos. *Docência em dança no contexto escolar*. Curitiba: Appris, 2024.

A presente obra oferece subsídios para consolidar a dança como componente curricular autônomo em escolas, com relatos, práticas pedagógicas e reflexões sobre a formação e atuação docente.

CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Por meio da sociologia da infância, o autor compreende que as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, cuja ação no mundo contribui não só para sua cultura de pares, mas também para a cultura dos adultos.

CUNHA, S. R. V. da. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). *Culturas da imagem: desafios para a arte e a educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 99-123.

O capítulo trata da vivência da autora como professora de Arte e apresenta a transformação histórica dos repertórios artísticos, culturais e imagéticos que cultivamos em nossas vidas.

DERDIK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2015.

A obra é um guia de experimentação para o universo do desenho, tratando-o como uma linguagem artística fundamental nas artes visuais.

FALKEMBACH, M. F.; FERREIRA, T. *Teatro e dança nos Anos Iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

Distribuído pelo PNBE/2014 para escolas públicas, o livro é um guia prático de teatro e dança para crianças. Ele reúne sequências didáticas, jogos e exercícios cênicos fundamentados pedagogicamente.

FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 41, p. 347-372, 2008. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ea/arquivos/1454/1454.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Nesse artigo, o autor destaca a avaliação como instrumento de regulação pedagógica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

FERNANDES, D. *Rubricas de avaliação: folha de apoio à formação – Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica* (Maia). Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (Portugal), 2021. Disponível em: https://afc.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-04/Folha%205_Rubricas%20de%20Avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

O documento apresenta as rubricas de avaliação como apoio a práticas avaliativas formativas.

FIGUERÔA, K. M.; VARGAS, P. P. I.; CORREIA, E. *Dança da escola: da teoria à prática*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2023.

O livro explora o uso da dança como ferramenta pedagógica na Educação Básica, com embasamento nos contextos históricos, legais e metodológicos do ensino dessa linguagem.

FONTEERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

A autora traz as abordagens educacionais de pensadores da educação musical, sobretudo ao longo do século XX, de forma a traçar um panorama histórico, valorizando uma prática musical criativa e fazendo uma crítica ao ensino de música tradicional.

FRANÇA, C. C. Sentidos da avaliação diagnóstica. *Música na Educação Básica*. Londrina, v. 6, n. 6, 2014.

No artigo, voltado para professores de música da Educação Básica, a autora explora o tema da avaliação diagnóstica, mostrando exemplos práticos e como desenvolver esse tipo de avaliação nas salas de aula.

FRANK, C. *Dança moderna: movimentos fundamentais organizados segundo os princípios da técnica de Martha Graham*. Porto Alegre: Acervo do Centro de Memória do Esporte, 2013.

A obra apresenta a dança moderna com bases técnicas essenciais da dança moderna, com base na técnica de Martha Graham, uma das figuras mais influentes da dança no século XX.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Esse livro é um guia ético e político que destaca a necessidade de se adotar uma postura crítica, dialógica e humanizadora nas práticas pedagógicas. Contribui para a compreensão de que ensinar envolve respeito ao saber do estudante, compromisso com a transformação social e valorização da autonomia.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

A obra ressalta a leitura como prática de liberdade e compreensão do mundo. É um texto que inspira práticas de leitura vinculadas à realidade dos

estudantes, reconhecendo o ato de ler como instrumento de conscientização e emancipação.

HARTMANN, L. *Crianças contadoras de histórias*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2021.

O livro apresenta crianças de diversas nacionalidades e culturas não apenas como ouvintes, mas como contadoras das próprias histórias. Com foco na narração como uma forma de arte performática, a obra coloca as crianças no papel de protagonistas e autoras.

HERNÁNDEZ, F. *Catadores da cultura visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

A obra propõe uma imersão na arte por meio das imagens que nos rodeiam, incluindo referências da publicidade, animação e cinema.

KOUDELA, I. D. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

Essa é uma autora-chave para a área de pedagogia do teatro no Brasil, pelas traduções de Viola Spolin e por experimentações práticas em teatro e educação realizadas e descritas, como neste livro. Aqui a prática teatral com crianças pequenas é desenvolvida por meio de jogos.

KRAUS, R. *The Expanded Field of Sculpture*. *October*, Cambridge, v. 8, 1978.

O ensaio discute a linguagem da escultura, argumentando que ela se expande para além dos materiais tradicionais, abrangendo novos formatos, meios e modos de apresentação.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

A obra propõe uma visão de mundo em que os seres humanos se compreendem como parte da natureza, assumindo assim a responsabilidade de cuidar dela.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

Clássico da teoria do movimento, o livro aborda os princípios do sistema de Laban, amplamente usado no ensino da dança.

LOPES, V. N., RICARDO, D. Educação das relações étnico-raciais [...]. *Arte negra na escola: teatro*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, set. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/deds/wp-content/uploads/2023/01/Arte-Negra-na-Escola-Teatro-2022.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Arte Negra na Escola é um projeto de extensão da UFRGS que tem a pretensão de funcionar como material didático de apoio ao cumprimento da Lei n. 10.639/2003, para uso na Educação Básica e Ensino Superior. O terceiro volume tem por objetivo contribuir para o conhecimento da história do Teatro Negro e estimular práticas antirracistas em contextos educativos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LOUREIRO, M.; TATIT, A. *Brincadeiras cantadas de cá e de lá*. São Paulo: Melhoramentos, 2018. (Coleção Brinco e canto).

A coleção traz diversas canções e brincadeiras musicais, agrupadas por temas (indicados pelo título de cada exemplar; nesse caso, brincadeiras) e complementadas com partituras, CD, DVD e uma descrição de possibilidades de como brincar com cada música.

LOUREIRO, M.; TATIT, A. *Festas e danças brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 2016. (Coleção Brinco e canto).

No caso desse volume da coleção, são oferecidos exemplos de festas e danças brasileiras.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus Editorial, 2015.

Nesse livro, a autora explica o que é educação inclusiva e fala sobre os passos para implantá-la.

MARQUES, I. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2018.

Essa obra busca fundamentar a teoria e a prática para a inserção da dança no contexto escolar.

MORIN, E. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2011-2013. v. 1-6.

Considerado o principal trabalho desse autor, a obra apresenta um ambicioso projeto intelectual que busca situar, no diálogo entre filosofia e ciência, as grandes questões humanas, partindo do objetivo de articular saberes, refletir sobre a condição humana e defender a construção de uma sociedade ética e plural.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

Respondendo a uma encomenda da Unesco, o autor desenvolve sete pilares para se pensar a educação na contemporaneidade, com foco no entendimento da condição humana e na complexidade do saber.

NEVES, M. *Material de divulgação da editora do Brasil*: “quebrar a rotina”. 2011. Relatório Final (Anexo em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico) – Escola Superior de Educação Jean Piaget/Arcozelo, Vila Nova de Gaia, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/24091>. Acesso em: 20 maio 2025.

A pesquisa de Neves investiga como a reorganização intencional do espaço educativo, especialmente a sala de aula, pode favorecer aprendizagens mais significativas e participativas. O estudo destaca a importância da flexibilidade espacial como estratégia pedagógica inclusiva.

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

A obra aborda o desenvolvimento cognitivo na infância, mostrando como a inteligência se constrói por meio das interações com o meio. Oferece fundamentos para compreender os estágios do desenvolvimento infantil e respeitar os ritmos de

aprendizagem, favorecendo metodologias que partem da experiência concreta do estudante.

PINHEIRO, B. C. S. *Como ser um educador antirracista: para familiares e professores*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

A autora propõe uma reflexão sobre como a educação pode ser pensada em perspectivas não ocidentalizadas e racializadas. O livro é resultado dos anos de experiência da autora como educadora e idealizadora da Escola Maria Felipa, primeira escola afro-brasileira registrada em uma Secretaria de Educação no Brasil.

PUCCI, M.; ALMEIDA, B. *Cantos da floresta. Iniciação ao universo musical indígena*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

As autoras fazem um compilado de materiais de culturas indígenas brasileiras, trazendo contextos, jogos e brincadeiras, costumes, tradições, músicas, instrumentos, etc. O livro é acompanhado de CD, partituras e indicações de QR code, que possibilitam acesso ao conteúdo sonoro de forma *on-line*.

PUPO, M. L. de S. B. *Para alimentar o desejo de teatro*. São Paulo: Hucitec, 2015.

A obra é um compilado de artigos escritos por esta relevante autora da pedagogia do teatro no país, nos quais ela aborda questões de mediação cultural e formação de espectadores, entre outras concernentes ao ensino de teatro.

QUEIROZ, L. R. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010.

Com base em referencial da antropologia e da etnomusicologia, o autor busca diferenciar e conceituar a música popular urbana da cultura de tradição popular, mostrando ideias e pedagogias que respeitem a diversidade de abordagens possíveis na educação musical.

RENGEL, L. P. et al. *Elementos do movimento na dança*. Salvador: UFBA, 2017.

A obra introduz conceitos de Rudolf Laban e suas contribuições para a dança, além de oferecer propostas para aulas, improvisações, oficinas e processos criativos.

RICHTER, I. M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

A obra destaca o valor estético e simbólico dos fazeres artesanais e tradicionais, realizados por pessoas comuns.

SABINO, J.; LODY, R. G. da M. *Danças de matriz africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

A obra aborda as danças de matriz africana sob a ótica da antropologia do movimento, destacando sua importância como patrimônio cultural imaterial e ferramenta pedagógica.

SANTOS, J. M. da S. *As toadas de bumba-meu-boi: sobre enunciados de um gênero discursivo*. Curitiba: CRV, 2024.

Essa obra analisa as toadas do bumba-meu-boi para compreender sua estrutura e circulação linguística.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

O livro faz uma análise do desenho universal para ambientes físicos e das leis e políticas inclusivas.

SCHAFER, M. *Educação sonora*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

Série de 100 propostas de atividades de escuta e reflexão sonora que são viáveis de se fazer com diversas faixas etárias. O autor instiga o refinamento da escuta, com atividades que podem ser conduzidas por educadores especialistas ou não.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

O autor aborda a ideia de paisagem sonora, discutindo uma educação musical possível tendo como premissa a escuta ativa e reflexiva de sons do cotidiano.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

O livro amplia a noção de alfabetização ao incluir as práticas sociais de leitura e escrita. Auxilia na compreensão de que ensinar a ler e escrever envolve não apenas ter habilidades técnicas, mas também inserir o estudante em práticas culturais de letramento.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Tal qual outros trabalhos da autora, este livro está na base das metodologias colocadas em ação no ensino--aprendizagem de teatro no Brasil, no trabalho com crianças, jovens e adultos e na formação de atores. Está organizado de forma didática como um manual e há um capítulo sobre os conceitos trabalhados pela autora em toda a sua obra.

SPOLIN, V. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Mais do que um livro com orientações precisas sobre o método de ensino-aprendizagem de teatro, esse fichário é um riquíssimo material didático que poderá ser de grande valor para as práticas teatrais com

pessoas de todas as idades, orientando o processo de aquisição do saber-fazer da linguagem teatral.

STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. *Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança*. Campinas: Papirus, 2006.

O livro apresenta uma reflexão sobre a formação do professor de dança e os desafios de unir arte e pedagogia.

SWANWICK, K. *Musical knowledge: intuition, analysis and music education*. Londres: Nova York: Routledge, 1994.

O livro aborda a visão do autor sobre a relação de conhecimento musical e sua teoria espiral do desenvolvimento musical, em que ele associa os termos materiais, expressão, forma e valor como camadas de significado da música.

TOURINHO, I. Retomando um tema delicado: avaliação e ensino de arte. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS "ENTRE TERRITÓRIOS", 19., 2010, Cachoeira. *Anais [...]*. Cachoeira: ANPAP, 2010. p. 2094-2106. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/irene_maria_fernandez_silva_tourinho.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

O texto é um apoio para entender questões relevantes sobre avaliação em arte, apresentando problemáticas que professores enfrentam sobre o assunto e que impactam as práticas de ensino.

YIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

A obra é importante para compreender a aprendizagem como processo social culturalmente mediado. Oferece subsídios para pensar a importância da interação, da linguagem e da mediação pedagógica no desenvolvimento dos estudantes, valorizando o papel ativo do professor na criação de contextos de aprendizagem significativos.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e educação intercultural. In: SEMINARIO INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL, 2009, La Paz. *Anais [...]*. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 9-11 mar. de 2009. p. 13.

A autora apresenta diferentes perspectivas de interculturalidade na educação e justifica sua escolha pela interculturalidade crítica, defendendo a construção de práticas pedagógicas críticas, decoloniais e interculturais.